



Revista Brasileira de
Ontopsicologia

Brazilian Journal of Ontopsychology



Revista Brasileira de Ontopsicologia

Brazilian Journal of Ontopsychology

Antonio Meneghetti Faculdade

Vol. 5. n. 08. 2025.

Restinga Sêca, RS.



Revista Brasileira de Ontopsicologia - Faculdade Antonio Meneghetti

Estrada Recanto Maestro, nº 338 | Distrito Recanto Maestro

Restinga Sêca- RS | Cep: 97200-000

Tel. (55) 3289-1141 | (55) 3289-1139

revista.brasileira.ontopsicologia@faculdadeam.edu.br

<https://revbo.emnuvens.com.br/revbo/index>

Fundação Antonio Meneghetti Programa de Difusão da Ciência Ontopsicológica

Licença Creative Commons



Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional.

É permitida a reprodução dos artigos desde que citada a fonte.

Os conceitos emitidos em cada artigo são de responsabilidade de seus respectivos autores.

Apoio:



Corpo Editorial

Editores-Chefe

Dra. Patrícia Wazlawick, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Ms. Bruno Fleck da Silva, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil;
Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, Santa Maria-RS, Brasil.

Editor Gerente

Ms. Bruno Fleck da Silva, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil;
Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, Santa Maria-RS, Brasil.

Editor de Layout

Bel. Breno Prado da Silva, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Consultoria SEER/OJS

Lepidus Tecnologia, Brasil.

Conselho Editorial

Dra. Annalisa Cangelosi, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Ms. Bruno Fleck da Silva, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dra. Carmen Ivanete D'Agostini Spanhol, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dra. Claudiane Weber, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil;
Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, Santa Maria-RS, Brasil.

Ms. Claudio Correa Carrara, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dra. Constança Terezinha Marcondes Cesar, Universidade Federal de Sergipe-UFS; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC SP, São Paulo-SP, Brasil.

Dra. Fernanda Goulart Martins, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Esp. Horácio Chikota, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dr. Josemar Sidinei Soares, Universidade do Vale do Itajaí, UNIVALI, Itajaí-SC, Brasil.

Dr. Marcelo Pastoriza Tatsch, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dra. Patrícia Wazlawick, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dr. Paolo Zenorini, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dr. Rafael Padilha dos Santos, Università degli Studi di Perugia-UNIPG, Perugia-PG, Itália; Universidade Estatal de São Petersburgo-SPBU, São Petersburgo-Distrito Federal do Noroeste, Rússia; Universidade do Vale do Itajaí, UNIVALI, Itajaí-SC, Brasil.

Dr. Ricardo Schaefer, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Ms. Wesley Lacerda, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Assessores Científicos/Avaliadores

Dra. Annalisa Cangelosi, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Ms. Bruno Fleck da Silva, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dra. Carmen Ivanete D'Agostini Spanhol, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dra. Claudiane Weber, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil; Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, Santa Maria-RS, Brasil.

Ms. Claudio Correa Carrara, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dra. Constança Terezinha Marcondes Cesar, Universidade Federal de Sergipe-UFS; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC SP, São Paulo-SP, Brasil.

Dra. Fernanda Goulart Martins, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Esp. Horácio Chikota, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dr. Josemar Sidinei Soares, Universidade do Vale do Itajaí, UNIVALI, Itajaí-SC, Brasil.

Dr. Marcelo Pastoriza Tatsch, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dra. Patrícia Wazlawick, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dr. Paolo Zenorini, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Dr. Rafael Padilha dos Santos, Università degli Studi di Perugia-UNIPG, Perugia-PG, Itália; Universidade Estatal de São Petersburgo-SPBU, São Petersburgo-Distrito Federal do Noroeste, Rússia; Universidade do Vale do Itajaí, UNIVALI, Itajaí-SC, Brasil.

Dr. Ricardo Schaefer, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Ms. Wesley Lacerda, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF, Restinga Sêca-RS, Brasil.

Revista Brasileira de Ontopsicologia

Brazilian Journal of Ontopsychology

Faculdade – Vol. 5, n. 08 – Restinga Sêca:

Antonio Meneghetti Faculdade, 2025.

Semestral

Modo de acesso World Wide Web:

<https://revbo.emnuvens.com.br/revbo/issue/current>

Editorial

Prezado Leitor,

Com satisfação, a Revista Brasileira de Ontopsicologia, Revista Científica pertencente à Antonio Meneghetti Faculdade (AMF), vinculada ao Curso de Bacharelado em Ontopsicologia e, em parceria com a Fundação Antonio Meneghetti de Pesquisa Científica Humanista Cultural e Educacional, bem como com a Associação Brasileira de Ontopsicologia (A.B.O.), tem a satisfação de apresentar à comunidade academia e público em geral sua edição de Volume 5 e número 8 (2025.2).

A presente edição é aberta com o artigo intitulado: *Conexões entre o desenvolvimento de soft skills e aspectos psicoemocionais em saúde mental: um estudo entre Ontopsicologia, Psicologia Positiva, Educação Positiva e Pedagogia Ontopsicológica*, de autoria de Patrícia Wazlawick. O artigo delinea-se em colocar em discussão alguns aspectos relacionados as (inter)conexões e interrelações que podem existir entre o desenvolvimento de *soft skills* e a promoção de saúde mental nos sujeitos, mais especificamente, em jovens profissionais na área de Tecnologia da Informação, destacando aspectos psicoemocionais a partir dos constructos da Ontopsicologia e Pedagogia Ontopsicológica em interface interdisciplinar entre a Psicologia Positiva e Educação Positiva. Os resultados da pesquisa apontam que quanto maior e expressivo o desenvolvimento de *soft skills* em jovens menor a incidência de dificuldades relacionadas aos aspectos psicoemocionais, com pleno desenvolvimento de saúde integral.

O segundo artigo é intitulado *Desafios contemporâneos e soluções inovadoras da Antonio Meneghetti Faculdade para a formação universitária de jovens da Geração Z*, de autoria de Ricardo Schaefer, Breno Prado da Silva e Patrícia Wazlawick. O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada nos últimos dois anos com professores, gestores e jovens ingressantes na Antonio Meneghetti Faculdade (AMF), fundamentada em bibliografia recente sobre essa geração. Em especial, apresenta os desafios e as contribuições inovadoras da AMF na formação universitária de jovens da Geração Z.

O terceiro artigo é intitulado *Do relativismo dos estereótipos à obtenção de melhores resultados na advocacia*, de autoria de: Jeferson Ubatuba, Ricardo Schaefer e Rafaela Tagliapietra. O estudo consistiu em investigar a correlação entre estereótipos e advocacia e os seus impactos no exercício da profissão sob a perspectiva de análise ontopsicológica.

O quarto artigo é intitulado *Educar a quem? A visão antropológica como elemento subjacente ao ato educativo na Pedagogia Ontopsicológica*, de autoria de autoria de Bruno Fleck da Silva. O estudo reflete a problemática de ausência de uma visão de homem presente na Ciência Pedagógica. Em resposta a essa problemática, reflete a perspectiva específica da Pedagogia Ontopsicológica baseada na categoria de Em Si ôntico e individuação do sujeito educando.

O quinto artigo, de autoria de José Solon da Silva Júnior e Annalisa Cangelosi é intitulado: *Análise ontopsicológica do pensamento de sucesso em jovens de 11 a 18 anos de uma escola pública*. A pesquisa investigou se alunos de uma escola pública no Rio Grande do Sul, com idades entre 11 e 18 anos, têm uma mentalidade orientada para o pensamento de sucesso e sensibilidade liderística. A partir do questionário adaptado das Características Comportamentais do Empreendedor (CCE) de McClelland e da teoria da Ontopsicologia de Antonio Meneghetti aprofundou-se a compreensão acerca da mentalidade humana e dos estereótipos associados à juventude.

O sexto artigo, de autoria de Camille Hilgemann Almança, Karina Schuch Brunet e Annalisa Cangelosi, intitulado: *Competência do Sistema Judiciário em avaliar a capacidade dos pais em exercer o poder familiar: o auxílio prático da Ontopsicologia para os agentes estatais a partir do caso Bernardo*. O estudo consiste numa análise quanto acerca da capacidade do sistema judiciário em relação à sua competência em avaliar a aptidão dos pais em exercer o poder familiar com o auxílio prático da Ciência Ontopsicológica para os agentes estatais.

O sétimo artigo é intitulado *Sucesso empresarial: um olhar sobre as quatro autonomias na vida do empresário*, de autoria de Ribamar Watthier, Elenir Veit Dummel, Clarissa Mazon Miranda e Vônia Engel. O artigo tem como objetivo correlacionar o sucesso empresarial com o desenvolvimento de autonomia de escolhas por parte do empresário. O sucesso de uma pessoa pode estar intrinsecamente ligado ao desenvolvimento de resultados empresariais, bem como uma gradual conquista de

autonomia de gerir a suas decisões nas várias facetas de sua vida.

O oitavo artigo, de autoria de Amar Watt, Elenir Dummel, Kaylane Vielmo, Lázaro Santos e Mami Ueno, está intitulado: *A expressão da informação e da intencionalidade na prática grupal de treinamento e desenvolvimento de equipes: uma aplicação do conhecimento ontopsicológico*. O estudo analisa a expressão dos conceitos ontopsicológicos de intencionalidade e informação no contexto de treinamento e desenvolvimento de equipes, a partir da vivência da dinâmica de grupo “Torre de Papel”. A pesquisa, de natureza qualitativa, exploratória e aplicada, foi realizada com três equipes organizacionais e utilizou como método a observação participante e descritiva, com análise interpretativa dos dados.

O nono artigo é intitulado *Estilo de vida e alimentação saudável: a cozinha viva como práxis de sanidade e função inteligente*, de autoria de: José Luiz Richetti, Elenir Dummel e Marcio Sudati Rodrigues. O estudo investiga possibilidade de aplicação desse novo paradigma científico no campo da alimentação. A Cozinha Viva, assim como definida por Antonio Meneghetti, responde a essa indagação, eis que afirma que Cozinha Viva não se estuda, se faz e se é. Por isso, sugere boas práticas para se fazer Cozinha Viva. Em base a este novo paradigma científico, este pequeno trabalho apresenta o que se entende por alimentação saudável para o ser humano, de modo a prestigiar a identidade, a utilidade e a funcionalidade como forma de sustento, prazer e inteligência em reforço às premissas biológicas por como a natureza constituiu o ser humano. Nesse sentido, o Em Si ôntico de cada ser humano individualizado é o critério de verificação e validação do alimento.

O décimo artigo é intitulado *A influência do temperamento na escolha de classes em jogos multiplayer*, de autoria de Thales Cogo. O artigo analisa a relação entre perfis comportamentais, à luz do modelo DISC, e as preferências de escolha de classe em jogos eletrônicos multiplayer com composição de equipe. O objetivo principal é investigar se determinados traços de personalidade se associam a funções específicas dentro de jogos competitivos online, tomando como referência títulos como Overwatch 2 e Battlefield 6. A pesquisa adotou abordagem qualitativa de caráter exploratório, combinando revisão bibliográfica sobre personalidade e comportamento em games com uma pesquisa de campo aplicada a 47 jogadores, majoritariamente jovens adultos do sexo masculino, com alta frequência de jogo.

O décimo primeiro, artigo de autoria de Arielly Di Cássia Silva dos Santos e Eveline De Oliveira Lima, é intitulado: *Entre a forma e o viver: reflexões sobre o princípio vital no paradigma aristotélico e na visão da Ciência Ontopsicológica*. estudo insere-se no campo da filosofia e da Ontopsicologia, com o objetivo de analisar comparativamente a concepção de alma em Aristóteles e a noção de Em Si Ôntico formulada por Antonio Meneghetti. Para tanto, utiliza-se como método a análise teórico-bibliográfica, a partir da obra *De Anima*, de Aristóteles, e das obras de Meneghetti, com ênfase na fundamentação teórica e nos aspectos conceituais. Como resultado, identifica-se convergências entre os autores, sobretudo quanto à compreensão da vida como princípio formal que orienta e atualiza o ser vivo, mas também divergências, já que Aristóteles adota uma perspectiva de ordem natural, enquanto Meneghetti enfatiza uma dimensão existencial personalizada, centrada na identidade e no projeto essencial

do indivíduo. Conclui-se que o diálogo entre a filosofia clássica e a Ontopsicologia contribui não apenas para ampliar o entendimento sobre a vida, mas também para legitimar e enriquecer uma ciência contemporânea em expansão, evidenciando sua relevância social, prática e científica.

Por fim, a presente edição é concluída com uma tradução original, de Tommy Akira Goto, intitulada: *Entre a psiquiatria e a parapsicologia. testemunho experimental de von Schrenck-Notzing, Bleuler e Jung nas sessões de Rudi Schneider*. O artigo traz uma introdução e uma tradução de Albert Freiherr von Schrenck-Notzing (1862–1929), médico bávaro e pioneiro da investigação psíquica, ocupa posição central na passagem do “ocultismo científico” para a parapsicologia experimental no início do século XX. Formado pela Universidade de Munique, destacou-se por sua tese sobre hipnose (1888) e pela fundação, em 1886, da Sociedade Psicológica de Munique, espaço que reuniu importantes nomes da psicologia e da futura fenomenologia alemã.

Desejamos à comunidade acadêmica, uma profícua leitura e estudo. Por fim, nosso agradecimento especial aos autores que submeteram seus textos e que os terão agora publicados.

Cordiais Saudações!

Prof. Dr. Bruno Fleck da Silva

Prof^a. Dr^a. Patrícia Wazlawick

Editores-Chefe

Revista Brasileira de Ontopsicologia

Brazilian Journal of Ontopsychology

CONEXÕES ENTRE O DESENVOLVIMENTO DE SOFT SKILLS E ASPECTOS PSICOEMOCIONAIS EM SAÚDE MENTAL: UM ESTUDO ENTRE ONTOPSICOLOGIA, PSICOLOGIA POSITIVA, EDUCAÇÃO POSITIVA E PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA

Patrícia Wazlawick¹

Resumo: Esta pesquisa teórica nasce dentro das discussões e resultados de uma pesquisa de Pós-Doutorado em Informática em Saúde, intitulada “Modelagem Ontológica de Soft Skills em TI: Impactos na formação profissional e na Saúde Mental”. O objetivo geral delinea-se em colocar em discussão alguns aspectos relacionados as (inter)conexões e interrelações que podem existir entre o desenvolvimento de *soft skills* e a promoção de saúde mental nos sujeitos, mais especificamente, em jovens profissionais na área de Tecnologia da Informação, destacando aspectos psicoemocionais. A fundamentação teórica baseia-se em constructos da Ontopsicologia e Pedagogia Ontopsicológica em interface interdisciplinar entre a Psicologia Positiva e Educação Positiva, pela proximidade epistemológica clássica de ambas na Psicologia Humanista-Existencial, bem como por proximidade de aplicação prática na formação de jovens na contemporaneidade, com resultados visíveis de crescimento e desenvolvimento humano, bem como de florescimento (na Psicologia Positiva e Educação Positiva) e de realização existencial (na Ontopsicologia e Pedagogia Ontopsicológica). Os resultados da pesquisa apontam que quanto maior e expressivo o desenvolvimento de *soft skills* em jovens menor a incidência de dificuldades relacionadas aos aspectos psicoemocionais, com pleno desenvolvimento de saúde integral.

Palavras-chave: *soft skills*; saúde mental; Ontopsicologia e Pedagogia Ontopsicológica; Psicologia Positiva e Educação Positiva.

Connections between the development of soft skills and psychoemotional aspects in mental health: a study between Ontopsychology, Positive Psychology, Positive Education, and Ontopsychological Pedagogy

Abstract: This theoretical research emerges from the discussions and results of a Postdoctoral research project in Health Informatics, entitled “Ontological Modeling of IT Soft Skills: Impacts on Professional Training and Mental Health”. The general objective is to discuss aspects related to the (inter)connections and interrelations that may exist between the development of soft skills and the promotion of mental health in individuals, more specifically, in young Information Technology professionals, highlighting psycho-emotional aspects. The theoretical foundation is based on constructs from Ontopsychology and Ontopsychological Pedagogy, interfacing interdisciplinarily with Positive Psychology and Positive Education. This is due to the classical epistemological proximity of both to Humanistic-Existential Psychology, as well as their practical application in the education of young people today, yielding visible results in terms of human growth and development, as well as flourishing (in Positive Psychology and Positive Education) and existential fulfillment (in Ontopsychology and Ontopsychological Pedagogy). The research findings indicate that the greater and more significant the development of soft skills in young people, the lower the incidence of difficulties related to psycho-emotional aspects, leading to the full development of integral health.

Keywords: soft skills; mental health; Ontopsychology and Ontopsychological Pedagogy; Positive Psychology and Positive Education.

Conexiones entre el desarrollo de habilidades blandas y aspectos psicoemocionales en salud mental: un estudio entre Ontopsicología, Psicología Positiva, Educación Positiva y Pedagogía Ontopsicológica

¹Doutora em Psicologia com Pós-Doutorado em Informática da Saúde pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora e coordenadora na Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). E-mail: patriciawazla@gmail.com

Resumen: Esta investigación teórica surge de las discusiones y resultados de un proyecto de investigación postdoctoral en Informática de la Salud, titulado "Modelado ontológico de habilidades blandas en TI: Impactos en la formación profesional y la salud mental". El objetivo general es discutir algunos aspectos relacionados con las (inter)conexiones e interrelaciones que pueden existir entre el desarrollo de habilidades blandas y la promoción de la salud mental en las personas, más específicamente, en jóvenes profesionales en el campo de las Tecnologías de la Información, destacando los aspectos psicoemocionales. El marco teórico se basa en constructos de la Ontopsicología y la Pedagogía Ontopsicológica en una interfaz interdisciplinaria entre la Psicología Positiva y la Educación Positiva, debido a la proximidad epistemológica clásica de ambas en la Psicología Humanista-Existencial, así como a su proximidad en la aplicación práctica en la educación de jóvenes en la actualidad, con resultados visibles de crecimiento y desarrollo humano, así como de florecimiento (en la Psicología Positiva y la Educación Positiva) y plenitud existencial (en la Ontopsicología y la Pedagogía Ontopsicológica). Los resultados de la investigación indican que cuanto mayor y más expresivo sea el desarrollo de las habilidades blandas en los jóvenes, menor será la incidencia de dificultades relacionadas con los aspectos psicoemocionales, con pleno desarrollo de la salud integral.

Palabras clave: soft skills; salud mental; Ontopsicología y Pedagogía Ontopsicológica; Psicología Positiva y Educación Positiva.

1 Introdução

Esta pesquisa teórica nasce dentro das discussões e resultados de uma pesquisa de Pós-Doutorado em Informática em Saúde, intitulada “Modelagem Ontológica de Soft Skills em TI: Impactos na formação profissional e na Saúde Mental”². O objetivo geral delinea-se em colocar em discussão alguns aspectos relacionados às (inter)conexões e interrelações que podem existir entre o desenvolvimento de *soft skills* e a promoção de saúde mental nos sujeitos, mais especificamente, em jovens profissionais na área de Tecnologia da Informação, por ser o foco da pesquisa de Pós-Doutorado.

Para isto, parte-se da análise e discussão de trabalhos relacionados, com pesquisas atuais na área e direciona-se a discussão, aprofundando-a nas áreas da Psicologia Positiva, da Educação Positiva, da Ontopsicologia e da Pedagogia

Ontopsicológica, por serem áreas que concebem a saúde de um modo integral, holístico. Isto é, estas são áreas que possuem propostas de desenvolvimento de pessoas focadas no desenvolvimento de uma concepção de saúde que reúne (e propõe um amálgama) entre aspectos físicos, biológicos, fisiológicos, psíquicos, emocionais, socioemocionais, relacionais e interrelacionais, cognitivos, e, principalmente, dando a ênfase à saúde mental como cerne do desenvolvimento do bem-estar e qualidade de vida, principalmente na contemporaneidade.

Como visto na literatura estudada ao longo da pesquisa de Pós-Doutorado, Primi, Santos, John e De Fruit (2015) destacam que as *soft skills* são preditivas de desempenho futuro, pois preparam a pessoa para os desafios que encontrarão na vida adulta, influenciando resultados importantes, tais como a aprendizagem, educação, trabalho, remunerações, saúde, cidadania, liderança, entre diversos outros. Além disso, os autores complementam que as pessoas/profissionais com *soft skills* mais desenvolvidas apresentam maior facilidade para aprender novos conhecimentos, autoconhecer-se e conviver em sociedade, além de experienciar situações de forma mais positiva.

² A pesquisa foi realizada entre os anos de 2021-2025, fazendo parte do Programa de Pós-Graduação em Informática em Saúde (PPGINFOS), do Centro de Ciências da Saúde, na Área de Concentração: Informática na Saúde e Linha de Pesquisa: Tecnologia da Informação e Comunicação em Saúde/eSaúde, autoria da Prof.^a Dr.^a Patrícia Wazlawick e supervisão do Prof. Dr. Raul Sidnei Wazlawick, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Parte-se agora a verificar as temáticas principais deste estudo à luz da Ontopsicologia e da Psicologia Positiva, bem como da Pedagogia Ontopsicológica e da Educação Positiva.

2 Psicologia Positiva e Saúde

Uma pesquisa realizada por Mina e Barzola (2020), em contexto ibero-americano realizou um mapeamento sistemático das *soft skills* nas áreas da educação e da empresa. Os autores estudaram diversos artigos científicos que demonstram que se está implementando as *soft skills* na educação atual e quais são as mais requeridas para a inserção dos jovens profissionais no mundo do trabalho. No contexto das empresas, as mesmas buscam colaboradores que sejam pessoas dinâmicas, que tenham capacidade de adaptabilidade, empoderamento e com capacidade de reagir favoravelmente diante das adversidades. No entanto, verificaram que não existe evidência da medição de *soft skills* e também de que não se pode determinar se serão adequadas e únicas para os próximos anos.

Para os autores, as *soft skills*:

...marcam a diferença entre duas pessoas, o desfrutar de empatia, bons modos, capacidade de negociação, espírito de colaboração, pontualidade e uma boa dose de otimismo, dão um valor especial. Estas habilidades permitem apreciar as próprias emoções e expressá-las adequadamente, entender também as emoções dos demais; estas características ajudam a orientar o pensamento e o comportamento até metas plausíveis. Muitas empresas consideram que os atributos descritos facilitam a interação com outras pessoas, o que gera um ambiente de trabalho mais grato e, em última análise, favorece um clima organizacional de entendimento e cooperação (Mina e Barzola, 2020, p. 47).

Outro aspecto importante do estudo de Mina e Barzola (2020) foi que também verificou que o desenvolvimento de *soft skills* no ensino superior ajudam e contribuem para que os estudantes sejam protagonistas de sua aprendizagem, de forma que isto começa a gerar benefícios para seu desenvolvimento integral e, assim, também contribuindo para sua saúde.

No estudo de Mastrandonakis *et al.* (2022), sobre as *soft skills* dos cirurgiões plásticos e suas equipes, em comparação a outras ocupações em ambiente de pandemia de Covid-19, é importante destacar os seguintes resultados e discussão:

As “*Soft Skills*”, capacidades comportamentais baseadas na inteligência emocional, como garantia do fator relacional médico-paciente e de qualidade de atendimento, devem ser exercitadas e desenvolvidas por toda a cadeia produtiva de atendimento ao paciente. Consequentemente, mostra-se relevante o recrutamento de pessoal com estas capacitações já em desenvolvimento. Nesse contexto, as “*Soft Skills*” possibilitam o controle emocional, a aderência ao tratamento e o melhor gerenciamento de conflitos e crises, que por sua vez levam a uma diminuição dos índices de judicialização e ao aumento da proporção de cura (Mastrandonakis *et al.*, 2022, p. 140).

Na área da Enfermagem, de acordo com Watts e Watts (2008) e Mastrandonakis *et al.* (2022) é sabido que as *soft skills* são responsáveis por 85% do sucesso profissional. Na área da Medicina verifica-se que médicos com boas capacidades de comunicação identificam os problemas dos pacientes com maior precisão, de acordo com o estudo de Reed *et al.* (2014). E os estudos publicados pela Global Talent Trends na rede social LinkedIn, bem como o estudo de Chanler *et al.* (2019) apresentam que as habilidades mais requeridas pelo mercado de trabalho são:

criatividade, colaboração, adaptabilidade, agilidade, gestão de time, altruísmo, resiliência, comunicação e atitude positiva.

Nas considerações finais de um dos estudos realizados na análise das *soft skills* com jovens universitários na área de Engenharia, Herrera e Torres (2020), apontaram a possibilidade de se implementar uma cultura positiva nas instituições de ensino superior e de se trabalhar em parceria com centros de Psicologia Positiva.

Mina e Barzola (2020) verificaram que existe uma colaboração e cocriação entre empresas privadas e públicas no contexto socioeconômico atual com o objetivo de construir e criar espaços colaborativos para o desenvolvimento de *soft skills*. Como se pode ver:

Nos centros educativos se busca alcançar que os estudantes sejam conscientes do que pensam, sentem e vivem durante suas aulas e a relação disto com o conteúdo; colocar a atenção na dimensão interpessoal, promovendo o trabalho em equipe, criando equipes para desenvolvimento de projetos, assim como também, colocar ênfase na dimensão social, refletindo sobre o contexto no qual atuam, empoderando-os para que assumam desafios a serviço de sua comunidade (Mina e Barzola, 2020, p. 43).

Neste sentido de construir centros e espaços de desenvolvimento de competências e habilidades humanas, para a vida, interpessoais, socioemocionais, enfim, as *soft skills*, existem também os centros de Educação Positiva, estimulados e frutos do desenvolvimento da Psicologia Positiva, desde o início dos anos 2000.

Verificando os registros científicos acerca do movimento da Psicologia Positiva, nos Estados Unidos, datam de um determinado marco nos anos 2000 que foi a publicação do artigo intitulado “*Positive Psychology: an*

introduction”, de autoria de Martin E. P. Seligman e Mihaly Csikszentmihalyi, no periódico científico norte-americano *American Psychology*. Neste, fundamentalmente, os autores explicam que a partir da II Guerra Mundial (1939-1945), a preocupação principal da Psicologia é a de “...curar e reparar os danos. Esse foco, quase exclusivamente curativo, fez com que se olhasse pouco para os aspectos positivos que também são parte do sujeito e das comunidades...” (Pacico e Bastianello, 2014, p. 13). Dessa forma, seguem as autoras, os aspectos positivos foram por muito tempo negligenciados e tornaram a visão da psicologia incompleta. Ainda, Paludo e Koller (2007) salientam que, nos aspectos históricos, de modo geral, no mundo, a Psicologia preocupou-se mais em investigar as patologias, negligenciando os aspectos saudáveis das pessoas³. A Psicologia Positiva, seria, partindo dessa seara, “uma nova ciência das forças humanas” (Cintra e Guerra, 2017, p. 506).

Seligman e Csikszentmihalyi (2000), no artigo citado acima, propõem que o objetivo da Psicologia Positiva seria promover um ajuste no foco da Psicologia, para incluir o estudo científico dos aspectos saudáveis do ser humano. Não excluir e deixar de considerar a Psicologia direcionada à cura e à reparação do

³ “No entanto, a Psicologia Positiva não pretende criticar as tradicionais correntes da psicologia ou negar a patologia, o sofrimento humano e os aspectos ‘negativos’ de suas experiências, características e instituições. Propõe, sim, que também seja abordado o outro lado, os seus aspectos positivos, proporcionando um equilíbrio na abordagem psicológica da experiência humana (Gable & Haidt, 2005; Linley, Joseph, Harrington & Wood, 2006). Nas palavras de Seligman e Csikszentmihalyi (2000), ‘o objetivo da Psicologia Positiva é começar a catalisar uma mudança no foco da psicologia da preocupação somente com o reparo das piores coisas da vida para a construção, também, de qualidades positivas’” (Cintra e Guerra, 2017, p. 506). [Nota inserida pelos autores].

que precisa ser mais bem ajustado, e apenas focar no estudo das qualidades e das características positivas do ser humano, mas sim, considerar ambos os aspectos como essenciais e merecedores de atenção nos focos de estudo da psicologia (Pacico e Bastianello, 2014), estimulando o crescimento das boas qualidades que a pessoa já possui (Seligman, 2019a). Assim, a palavra “positiva”, em Psicologia Positiva, refere-se “ao estudo dos aspectos saudáveis do indivíduo, aspectos capazes de fazer com que ele e sua comunidade prosperem e se desenvolvam de forma saudável” (Pacico e Bastianello, 2014, p. 15).

A partir deste movimento científico e profissional descrito por Seligman (2019a), Christopher, Richardson e Slife (2008), destacam que a Psicologia Positiva inicia realmente neste momento, quando então, Seligman, como Presidente da APA⁴, lança principalmente aos psicólogos norte-americanos, o desafio de criar uma psicologia das virtudes e forças de caráter humanos, incluindo nutrir e desenvolver o que há de melhor em cada pessoa.

Martin Seligman (2002), a partir do início do movimento da Psicologia Positiva nos Estados Unidos, tinha claro para si que a Psicologia deveria possibilitar muito mais que unicamente reparar o que estava errado no ser humano. Ela deveria, contrariamente e indo além, identificar e fortalecer o que estava e era bom nas pessoas; seu objetivo deveria ser fortalecer competências, muito mais que corrigir deficiências. Esta seria uma mudança

de abordagem a ser empreendida pela Ciência Psicológica.

Retomando e analisando novamente o percurso histórico, Paludo e Koller (2007), trazem pontos fundamentais para se entender a guinada que se propõe na Psicologia, com o advento da Psicologia Positiva:

...É chegado o momento para a Psicologia Positiva. Sua principal preocupação é ampliar o campo e modificar o foco dos estudos, ou seja, a Psicologia não estar restrita apenas a reparar o que está errado ou ruim, mas (re)construir qualidades positivas; ele afirma que o tratamento psicológico e as pesquisas não devem pretender apenas consertar ou descobrir o que está “quebrado” ou não funciona, mas fomentar e nutrir o que existe de melhor nos indivíduos. (...) A Psicologia não é apenas uma filial da Medicina, preocupada com a doença e a saúde, mas é muito mais do que isso, envolvendo também o trabalho, a educação, o afeto, a superação e o crescimento, fatores que estão intimamente ligados às possibilidades cotidianas e comuns que passam despercebidas diante das investigações empíricas. Estudar o comum e o positivo pode propiciar o entendimento do que adoeceu ou não vai bem. Porque, caso contrário, parece que a Psicologia “se esquece” de sua premissa básica, uma vez que a atividade profissional indica ou deveria indicar essa consciência dos aspectos positivos e ordinários no desenvolvimento dos seres humanos, porque a própria atuação dos psicólogos traz a crença nas habilidades e fatores saudáveis das pessoas, pois, para que existiriam tratamentos se eles não acreditassem na possibilidade de recuperação da boa qualidade de vida? Assim, afirma-se que essa mudança de perspectiva não é exclusiva da Psicologia Positiva, bem como não se trata de algo novo ou diferente na Ciência Psicológica, mas que resgata aspectos que, até então, eram considerados secundários (Paludo e Koller, 2007, p. 12).

A lógica da compreensão apresentada na citação acima é essencial e fundamental para a existência da Psicologia Positiva, de sua emergência e de sua necessidade como área, prática e configuração de intervenções humanas e institucionais no momento hodierno vivido no mundo e no Brasil. É uma mudança

⁴ APA: *American Psychological Association*, associação que representa a Psicologia nos Estados Unidos da América e no Canadá. Foi fundada em 1892 por 26 membros, na Universidade de Clark, e seu primeiro Presidente foi G. Stanley Hall.

de visão e de paradigma necessárias na atuação e trabalho com as pessoas, que deve ser levada a cabo em todos os detalhes propostos por essa nova área na Psicologia. A Psicologia não pode se propor a fazer apenas metade do trabalho, é necessário corrigir os déficits e também desenvolver as forças (Seligman, 2019a).

Avançando em seus estudos e pesquisas, Seligman desenvolve a Teoria do Bem-Estar para além da compreensão da Teoria da Felicidade Autêntica, transcendendo a compreensão do tema da felicidade, nesta, para o tema do bem-estar, naquela. Isto faz com que mudem também os padrões de mensuração de uma teoria a outra, bem como mudem de foco os próprios objetivos em uma teoria e outra.

Adentrando a Teoria do Bem-Estar, o autor esclarece que este passa a ser o tema principal

da Psicologia Positiva, sendo o “florescimento” o principal critério da mensuração do próprio bem-estar e que o objetivo da Psicologia Positiva seria aumentar o florescimento (Seligman, 2019a). A Teoria do Bem-Estar passa a ter cinco elementos e cada um deles está relacionado a três propriedades definidas pelo autor. É justamente por possuir e responder a estas três propriedades que cada um dos cinco elementos pode ser considerado um elemento desta teoria. As três propriedades são: “1. Ele contribui para a formação do bem-estar; 2. Muitas pessoas o buscam por ele próprio, e não apenas para obter algum dos outros elementos; 3. É definido e mensurado independentemente dos outros elementos (exclusividade)” (Seligman, 2019a, p. 27).

Quadro 1 - Cinco elementos da Teoria do Bem-Estar (Seligman)

Cinco elementos da Teoria do Bem-Estar	
	1) <i>Emoção positiva (positive emotion - P)</i> : conota a vida agradável, envolve a felicidade e a satisfação com a vida. Abrange todas as variáveis subjetivas do bem-estar: prazer, êxtase, conforto, afeição, etc. Requer-se, na vida, o equilíbrio adequado entre as emoções positivas e as negativas, uma vez que para sentir bem-estar é importante que se tenha mais emoções positivas que negativas. Podem ser estudadas por meio de medidas subjetivas.
	2) <i>Engajamento (engagement - E)</i> : É um estado mental disposicional positivo de intenso prazer e conexão profunda com a atividade. Relacionado ao <i>flow</i> (fluxo). Favorece o desenvolvimento das forças particulares, justamente por meio de atividades que provoquem o engajamento. É um estado de foco em que a pessoa imerge completamente em uma tarefa satisfatória. Pode ser estudado por meio de medidas subjetivas.
	3) <i>Relacionamentos positivos/significativos (relationships - R)</i> : o ser humano precisa de contato com seus semelhantes para se sentir bem. “As outras pessoas são o melhor antídoto para os momentos ruins da vida e a fórmula mais confiável para os bons momentos”. Relações de confiança e relações autênticas são vitais para o bem-estar. Os relacionamentos positivos geralmente são acompanhados de emoção positiva, engajamento, sentido ou realização. Os seres humanos possuem característica social, geralmente “conseguem e efetivamente solucionam problemas sociais durante o dia todo”.
	4) <i>Sentido (meaning - M)</i> : está relacionado a pertencer e servir a algo que se acredita ser maior do que o eu do sujeito. É a sensação de que a vida tem um norte, um direcionamento que dá sentido à existência, algo maior que o próprio indivíduo. É um estado subjetivo, mas coligado também à uma visão objetiva, lógica e coerente que podem contradizer o estado subjetivo. Diz respeito à vida significativa.
	5) <i>Realização (achievement - A)</i> : a realização (ou conquista) é buscada por ela própria, mesmo quando não produz emoção positiva, sentido ou relacionamentos positivos. Na Teoria do Bem-Estar a ‘realização’ é a forma momentânea e a ‘vida realizadora’ é a forma ampliada. “As pessoas que levam uma vida realizadora estão frequentemente absorvidas no que fazem, muitas vezes buscam o prazer avidamente e sentem emoção positiva (embora evanescente) quando ganham, e vencem a serviço de algo maior”. São as conquistas pessoais, as metas, o autoaperfeiçoamento. As realizações elevam a autoestima. Para isto, devem ser realistas. Seligman (2019a), salienta que “o acréscimo da vida realizadora também enfatiza que a tarefa da psicologia positiva é <i>descrever</i> , em vez de <i>prescrever</i> , o que as pessoas efetivamente fazem para obter o bem-estar”. A realização, na Teoria do Bem-Estar, está relacionada com a descrição das “coisas que os seres humanos decidem fazer apenas por fazer, quando isentos de coerção”.

Fonte: adaptado de Seligman (2019a, p. 27-34).

Com estes cinco elementos, Seligman (2019a) apresenta a contemporânea Teoria do Bem-Estar como um constructo, tendo o próprio bem-estar como o tema da Psicologia Positiva e não a felicidade (como na teoria anterior). Estes elementos são mensuráveis e formam a sigla PERMA, composta pelas iniciais de cada um deles, nesta ordem conforme apresentado acima. Segundo Seligman, “alguns aspectos desses cinco elementos são avaliados subjetivamente pelo relato de uma pessoa, mas outros aspectos são mensurados objetivamente” (2019a, p. 35).

Alguns pesquisadores acrescentam a “vitalidade” (*health*), como o sexto elemento também importante do bem-estar, dando origem, assim, ao modelo PERMA-V ou PERMA-H (se for considerar o termo em inglês). A vitalidade é a saúde geral da pessoa, obtida por meio de exercícios físicos regulares, alimentação saudável, sono, meditação e outros aspectos necessários à criação e manutenção da saúde, compreendida em um sentido maior do que unicamente a ausência de doença, avançando para uma compreensão em sentido integral de saúde.

As seis virtudes e as 24 forças pessoais sustentam os cinco elementos da Teoria do Bem-Estar. Conforme Seligman (2019a) aponta, “o emprego de maiores forças leva a mais emoção positiva, mais sentido, mais realização e melhores relacionamentos” (p. 36), e se pode acrescentar, mais saúde, ou melhor, à construção de uma vida saudável, à criação e manutenção da vitalidade.

Seligman (2019a), preocupado com a cientificidade da Psicologia Positiva e trazendo direcionamentos em relação aos métodos de pesquisa na área, aborda que são

necessários os parâmetros e critérios de pesquisa para a Psicologia Positiva, pois, no fazer científico, o “bem-estar não pode existir apenas na nossa cabeça” (p. 37). A felicidade e a satisfação com a vida, segundo ele, são parâmetros subjetivos úteis para a vida e para a pesquisa, mas os cinco elementos descritos anteriormente devem e precisam ser medidos objetivamente, até porque o escopo é que existam parâmetros úteis para a construção de políticas públicas com um conjunto de medidas subjetivas e objetivas, que possam ser aplicados em diversos países do mundo.

A teoria do bem-estar é plural no método, bem como na substância: a emoção positiva é uma variável subjetiva, definida por aquilo que você pensa e sente. O engajamento, o sentido, os relacionamentos e a realização têm componentes subjetivos e objetivos, já que você pode acreditar que tem engajamento, sentido, bons relacionamentos e alta realização e estar *errado*, ou até iludido. A conclusão é que o bem-estar não pode existir apenas na sua cabeça: ele é uma combinação de sentir-se bem e efetivamente ter sentido, bons relacionamentos e realização. O modo como escolhemos nossa trajetória de vida é maximizando todos esses cinco elementos (Seligman, 2019a, p. 36).

Nesta seara, a compreensão e efetivação do bem-estar deve ser medido por uma combinação de sentir-se bem, ter sentido na vida, construir e desenvolver bons relacionamentos e historicizar uma estrada de realização humana. Dessa forma, com o esse novo enfoque, o objetivo da Psicologia Positiva é “aumentar a quantidade de *florescimento* na vida das pessoas e no planeta” (Seligman, 2019a, p. 37). Florescer ou florescimento (*flourishing*), o processo que se dá a partir do desenvolvimento das forças de caráter e das virtudes das pessoas, é um

conceito fundamental da Psicologia Positiva e configura-se em uma condição que estimula/permite o desenvolvimento pleno, saudável e positivo dos aspectos psicológicos, biológicos e sociais dos seres humanos, de acordo com Keyes e Haidt (2003) e Fredrickson (2013).

Para florescer a pessoa precisa ter as seguintes características essenciais: emoções positivas, engajamento, interesse, sentido e propósito; e pelo menos três das seis características adicionais, a saber: autoestima, otimismo, resiliência, vitalidade, autodeterminação e relacionamentos positivos⁵. E estas características realmente se encontram e se objetivam no ato e processo de florescer, como se pode verificar aqui:

É comum uma pessoa não estar mentalmente doente, mas estar travada e definhando na vida. A saúde mental positiva é uma presença: a presença de emoção positiva, a presença de engajamento, a presença de sentido, a presença de bons relacionamentos e a presença de realização. O estado de saúde mental não é apenas estar livre de transtornos; antes, é a presença do florescimento (Seligman, 2019a, p. 202).

O que verificamos, a partir da compreensão do conceito e dos trabalhos de intervenções na Psicologia Positiva, para que as pessoas desenvolvam o próprio florescimento, é uma nova visão e compreensão do que vem a ser a saúde humana, de modo mais integral, com um conhecimento de base que ajude a desenvolver hábitos e boas práticas que propiciem a saúde

física e psicológica, comportamentos saudáveis que desenvolvam um estilo de vida saudável. De acordo com Cintra e Guerra (2017), o florescimento (*flourishing*):

...se refere à experiência de que ‘a vida está indo bem’, uma combinação de sentir-se bem (componente hedônico) e funcionar de forma eficaz (componente eudaimônico), conotando um elevado nível de bem-estar psicológico, o que indica saúde mental. Assim, pode-se dizer que uma pessoa está florescendo quando percebe que sua vida está indo bem: ela está se sentindo bem (mais emoções positivas do que emoções negativas), funcionando bem (realização de seu potencial individual) e vivendo uma vida com propósito (fazer o bem) (Cintra e Guerra, 2017, p. 506-507).

Na concepção teórica, epistemológica, metodológica e de aplicações da Psicologia Positiva, a saúde, de modo integral – e em especial a saúde mental – é compreendida a partir do constructo e da lógica do *flourishing*, em português, florescimento. Nesta compreensão, uma pessoa possui saúde e vitalidade não apenas quando não apresenta nenhuma condição patológica e de doença, mas sim quando vive e apresenta a evidência, percepção e sensação de que a vida está indo bem – aqui entra a compreensão hedonista de saúde no que diz respeito ao prazer e a satisfação.

Junto disto, a pessoa vive e experimenta, tendo a evidência também, de que está funcionando de forma eficaz em todos os aspectos de sua vida. Ao passo que, enquanto possui esse resultado de estar funcionando de forma eficaz, está realizando o seu potencial, a sua inteligência – adentrando aqui a compreensão eudaimônica de saúde, com a realização do potencial individual, efetivando uma vida com propósito, com sentido e com objetivos de realização.

⁵ Também identificado por Felicia Huppert e Timothy So, da Universidade de Cambridge que avaliaram o florescimento em 23 países da União Europeia. So, T.; Huppert, F. “*What percentage of people in Europe are flourishing and what characterizes them?*” (2009). Disponível em: www.isqols2009.istitutodeglinnocenti.it/Content_en/Huppert.pdf.

Ainda isto não basta, na compreensão de saúde na Psicologia Positiva. Pois, além da lógica hedonista, junto à lógica eudaimônica de bem-estar, é necessário ainda a ação, ou seja, fazer, realizar, concretizar, colhendo resultado de todos estes pontos apresentados neste conceito de saúde. Dessa forma, pode-se produzir um elevado nível de bem-estar psicológico, o que indica produção e realização de saúde mental. Assim, na Psicologia Positiva, a saúde é a presença do *flourishing* – presença do processo de florescer/florescimento.

A Psicologia Positiva é definida como o estudo científico das experiências e aspectos positivos do ser humano, suas potencialidades e motivações, bem como das condições que contribuem para a promoção do florescimento de pessoas, de grupos, comunidades e instituições (ibid., 2017).

A partir do trabalho de Seligman e Csikszentmihalyi, com o início e desenvolvimento da Psicologia Positiva, desde 1998/2000, três pilares para a estruturação e a investigação na área foram configurados: 1) a experiência positiva; 2) a personalidade positiva; 3) as instituições positivas (Seligman, 2003; 2019a; 2019b). Conjuntamente a estes três pilares somam-se os três aspectos de desenvolvimento do conteúdo (teoria) da Psicologia Positiva, criação e elaboração de métodos e construção de infraestruturas para o desenvolvimento e aplicação prática.

Não serão analisados agora os dois primeiros pilares – a saber, a experiência positiva e a personalidade positiva, mas sim o terceiro pilar, as instituições positivas – pelo foco de estudo desta pesquisa. As instituições positivas empregam estudos acerca das próprias instituições e comunidades, a

democracia, a família, a liberdade, que por sua vez, dão suporte às virtudes, que apoiam, conseqüentemente, as emoções positivas. Também o funcionamento dos grupos, as virtudes que possibilitam mudanças nas pessoas para se tornarem melhores cidadãos, com foco em responsabilidade, altruísmo, tolerância, ética no trabalho, etc. (Paludo e Koller, 2007).

A possibilidade de se trabalhar com uma cultura positiva nas instituições de ensino superior, ou seja, nas faculdades e universidades, no século XXI, e nos contextos contemporâneos, é mais que necessária. E de se trabalhar em parceria com centros de Psicologia Positiva, como apontado por Herrera e Torres (2020), são ideias e propostas que convergem para a lógica das instituições positivas, como apresentado, brevemente também, até então, pela aplicação da emergente Psicologia Positiva. Pois, estas instituições configuram-se como locais, espaços e propostas de desenvolvimento das pessoas de um modo mais integral, no qual existe a ênfase do desenvolvimento e construção de *soft skills*, para além, unicamente, de *hard skills*. Neste ponto se faz necessário estudar e compreender um pouco mais sobre o que é a Educação Positiva, proposta e área de atuação que nasce a partir da Psicologia Positiva.

3 Educação Positiva, Pedagogia Ontopsicológica, *Soft Skills* e Aspectos Psicoemocionais em Saúde Mental

Antes de adentrarmos na análise e discussão de como a Educação Positiva e a Pedagogia Ontopsicológica podem auxiliar no desenvolvimento de *soft skills* para promoção de saúde mental, é importante verificar uma das problemáticas encontradas na vida e realidade dos inúmeros jovens na sociedade contemporânea pós-moderna.

Este é um esquema para entender a problemática dos jovens, para compreender como acontece o procedimento de perda da própria originalidade, e neste sentido é indispensável clarear alguns pontos-chaves desse processo, como destaca Meneghetti (2019). Este esquema vai desde o fenômeno crescente, por parte das famílias, da hipergratificação na infância, que acarreta uma preguiça caracterial⁶, gerando frustração sucessiva, agressividade e depressão e, posteriormente, as situações de medo e incapacidade.

Quadro 2 - Problemática dos jovens/perda da própria originalidade

Esquema	Descrição/características
1) Hipergratificação na infância	As crianças, por meio da hipergratificação, são substituídas, impelidas a prazeres, a consumações, a pequenos vícios. Habitadas a isso não podem ser impedidas, não podem receber a bofetada terapêutica, portanto, não podem ser reprovadas em modo leal, mas é preciso sempre perguntar a sua majestade a criança o que ela decidiu, o que vai querer. Desse modo aprende a astúcia da chantagem: fingindo inocência e incapacidade, usa a manipulação sobre o adulto. Dessa estratégia efetua-se sua impotência ou frustração: ao final autossabotagem existencial. A criança é colocada como um deus sobre o altar mesmo antes de ser uma criança verdadeira. Com essa hipergratificação a criança perde a aprendizagem a realizar as próprias satisfações, como os brinquedos, os companheiros, o estudo, e se objetifica totalmente: mais tem gratificações, mais tem objetos e mais ela julga-se objeto privilegiado. Os jovens foram objetificados no consumismo. Hoje são objetos aos adultos que não os conhecem: sobretudo se sentem objetos extremos do pior social.
2) Preguiça caracterial	A hipergratificação na infância determina a preguiça caracterial. Os jovens dirigem-se à preguiça, à não reação, à passividade, à não se empenhar. De modo geral, não se empenham, não têm vontade, parecem viver uma apatia em relação ao estudo e ao trabalho.
3) Frustração sucessiva	Essa preguiça caracterial gera a frustração sucessiva da vida.
4) Agressividade e depressão	Deslocamento de agressividade e depressão. A criança hipergratificada entra incapaz na dialética da vida, não sabe ganhar a estima para si, um verdadeiro sentimento, um amor, isto é, qualquer coisa de valor, de mérito, portanto encontra-se derrotada, humilhada e como compensação a essa frustração existencial, e não social, sente-se perdida: fora tem tudo, mas dentro de si está fechada dentro de uma lata. Reage até quando é vivo, e externa-se contra os outros em modo agressivo, hiperativo, ou então cai em depressão, autossabotagem para acusar a sociedade.
5) Medo e incapacidade	Enquanto vive, a criança, o adolescente experimentará todas essas situações que suscitarão nele medo. Tem medo de não ser capaz de fazer, não estuda porque se sente incapaz e não porque não tem vontade. Escondendo essa incapacidade a aprender, após longos estereótipos de preguiça e hipergratificação social, torna-se uma pessoa, de certa forma, incapaz diante da vida. Escondendo o próprio medo de incapacidade com infinitos teatros, que os psicólogos, os médicos emblemam em cartelas sanitárias, ele descobre que também a sociedade é deficiente.

Fonte: Meneghetti (2019, p. 227-228)⁷.

Um dos pontos fundamentais é verificar onde – se em todos os itens do esquema acima ou em alguns deles – o jovem está fixo, compreender e imediatamente começar a trabalhar para modificar tanto a mentalidade, as informações que sustentam o agir este esquema, bem como as ações que podem ser atuadas para modificar esta situação. Enquanto se continua repetindo esse esquema, esse *script*, o jovem não cresce, não evolui, não tem ambição, não resolve sua vida, apenas executa uma coação a repetir.

⁶ Este termo é utilizado no sentido de um sujeito que apresenta perturbações de carácter. Diz-se da criança, adolescente ou jovem inadaptado não por debilidade intelectual, mas por perturbações do carácter.

⁷ Parte da Conferência realizada na Sede da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em Paris, França, no dia 13 de junho de 2007. A Conferência do Acad. Prof. Antonio Meneghetti foi intitulada “Pedagogia Contemporânea: responsabilidade e formação do líder para a sociedade futura”. In: Meneghetti, A. Pedagogia Contemporânea: responsabilidade e formação do líder para a sociedade futura. p. 215-229. Pedagogia Ontopsicológica. 6. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019.

Em contrapartida, e para ajudar a solucionar fenômenos como este, vividos por uma quantidade gritante de adolescentes e jovens na sociedade contemporânea, chega-se a um movimento importante que nasce dos trabalhos científicos, teóricos e metodológicos com aplicação da própria Psicologia Positiva, que é a Educação Positiva⁸ (Cintra e Guerra, 2017; Schiavon, Teixeira, Gurgel, Magalhães e Reppold, 2020). No estudo realizado por Cintra e Guerra (2017), a Educação Positiva é compreendida como a área da Educação, com ênfase em Psicologia Positiva, configurando propostas de formação já desde a educação infantil, passando por todos os níveis de formação escolar até o ensino superior, que têm por objetivo “não só o desempenho acadêmico, mas também o florescimento dos estudantes e demais integrantes da comunidade escolar, preparando jovens para se tornarem indivíduos realizados e cidadãos responsáveis” (p. 505).

Portanto, é importante verificar estes pontos sobre a Educação Positiva e seu nascimento a partir da aplicação da Psicologia Positiva na área da educação e do ensino:

...a Educação Positiva pode ser definida, de modo geral, como a Psicologia Positiva aplicada à educação (isto é, a instituições educacionais), preconizando que as habilidades para o bem-estar podem e devem ser ensinadas nas escolas junto às tradicionais

⁸ “O termo ‘Educação Positiva’ surgiu no início de 2008, durante um encontro entre Seligman e membros da equipe da Geelong Grammar School (GGS), escola australiana que foi a primeira no mundo a implementar os princípios da Psicologia Positiva em toda a instituição de ensino (Norrish, 2015). Na literatura, entretanto, o termo aparece pela primeira vez em 2009, no artigo *Positive Education: Positive Psychology and classroom interventions*, de Seligman, Ernst, Gillham, Reivich e Linkins (2009), no qual foi definida como educação tanto para as habilidades tradicionais como para a felicidade” (Cintra e Guerra, 2017, p. 507).
Website Geelong Grammar School: <https://www.ggs.vic.edu.au/>.

habilidades para a qualificação e realização profissional (Green 7 cols., 2011; Norrish & cols., 2013; Waters, 2011). Desse modo, além de bem-estar, resiliência e florescimento, a Educação Positiva propicia caminhos para o que talvez seja um dos mais importantes aprendizados – o de conhecer a si mesmo (Norrish, 2015) (Cintra e Guerra, 2017, p. 507).

O resultado desta formação é, em primeiro lugar, o conhecimento de si mesmo, responsável, em grande parte, para o desenvolvimento dos potenciais e da inteligência de cada pessoa, de modo que resulte também, em produção de saúde mental, ainda mais, em produção de saúde de modo integral, abrindo caminho para a realização de cada sujeito.

Pois, é fato, identificado em vários estudos científicos e acompanhado por todos, nas evidências humanas e sociais do dia a dia, que, ao longo dos últimos anos, desde o final do séc. XX e início do XXI, em diversas gerações, e, praticamente em todos os países do mundo, há “um crescimento dos índices de depressão, ansiedade, distúrbios alimentares, abuso de substâncias, entre outros problemas de saúde mental ou física, especialmente entre os jovens” (Cintra e Guerra, 2017, p. 507), além de um índice elevado de suicídio⁹.

O que se acentuou ainda mais, como se pode ver em diversas estatísticas verificadas com a situação da pandemia de Covid-19, a partir do ano de 2020, principalmente entre os jovens. Criou-se e instituiu-se, assim, uma juventude desfasada (fora de fase)¹⁰, ou seja, distante do próprio projeto de vida, da própria força, de suas potencialidades e inteligências, orientada sobre informações e dados (consumindo em modo demasiado informações, imagens, dados) que, na grande

⁹ Que em muitas vezes não é nem sequer divulgado.

¹⁰ Meneghetti (2014).

maioria das vezes, não condizem com a realidade de como, exatamente estão as coisas, a vida, não possuem reversibilidade com o real da vida.

Adentra-se e vive-se um período em que qualquer tecnologia será conhecida, será conhecido qualquer tipo de computador com digitação infinita, o que é excelente em termos de desenvolvimento tecnológico, de conhecimento, econômico, além de tantos outros âmbitos de vida, nas mais diversas áreas de conhecimento e de atuação profissional. No entanto, ao mesmo tempo, verifica-se um aumento de características como preguiça, acomodação, falta de atenção, excesso do “distrair-se”, um certo estado de “torpor” ou “estar anestesiado”, assim como as patologias citadas acima, sobretudo, ansiedade, depressão e diversos transtornos mentais, principalmente entre adolescentes, jovens e adultos (Meneghetti, 2014).

Seria importante que a formação dos jovens, à nível de todas as fases na Escola e de Ensino Superior abordasse também uma postura crítico-reflexiva para tomada de consciência diante do que a sociedade hodierna vive e de seu devir histórico-social-tecnológico, uma vez que:

É importante *entender e dominar o mundo digital*, porque é um enorme facilitador: maior é a informação utilizada, como é justamente a informação digital (porque se pode elaborá-la, escolhê-la, etc.), maior é a utilidade que se pode obter, mas ao mesmo tempo é maior o perigo se se entra nesse mundo sem uma preparação adequada (Meneghetti, 2013a, p. 110).

Essa preparação diz respeito a tantos aspectos. Um deles é que o jovem, não tendo uma preparação global integral de como estão as coisas, de fato, de modo real, corre o risco de se formar de modo superficial, vivendo e

agindo dentro de uma *fiction*. A imensa maioria de informações e imagens veiculadas e bombardeadas a cada milionésimo de segundo nas redes sociais e na internet pode não possuir reversibilidade com o real, isto é, o sujeito crê, mas as coisas estão em outro lugar, ou então ele – como a realidade – está em outro lugar. Além disso, o mundo informático é um instrumento muito potente, com a supremacia do poder digital, pois consente a contemporaneidade da informação, porém, precisa-se verificar que informação é esta. É informação ou desinformação? É real? É *fakenews*? (Santos, 2017; Wazlawick, 2017).

Santaella (2022), em uma extensa e relevante pesquisa sobre as fases de revolução cognitiva do ser humano, em relação ao momento atual vivido da sétima revolução cognitiva, a saber, a cultura de dados, muito reflete e discute sobre o que vem a ser definido e considerado como realidade, no cerne premente desse momento. Para a autora:

Antes do frenesi informacional do metaverso¹¹, que começou a ferver depois da mudança do Facebook para Meta¹², mas tendo em vista a reemergência da questão

¹¹ Metaverso é a terminologia utilizada para indicar um tipo de mundo virtual que tenta replicar a realidade através de dispositivos digitais. É um espaço coletivo e virtual compartilhado, constituído pela soma de realidade virtual, realidade aumentada e Internet. O metaverso é a representação da possibilidade de se ingressar em uma espécie de realidade paralela, como se fosse um tipo de outro universo e vida. Em alguns casos ficcionais, em que uma pessoa pode ter uma experiência de imersão. Tecnicamente, o metaverso não é algo real, mas busca passar uma sensação de realidade, e possui toda uma estrutura no mundo real para isso. O termo foi cunhado na obra *Nevasca* (Snow Crash), de autoria de Neal Stephenson, publicada/lançada em 1992. Alguns exemplos mais atuais e recentes são os jogos VRChat, Second Life, Roblox e Fortnite. O Facebook, atual Meta, anunciou a intenção de adotar o metaverso em sua plataforma (Disponível em: [www.https://pt.wikipedia.org/wiki/Metaverso](https://pt.wikipedia.org/wiki/Metaverso) Acesso em 15 dez. 2022) [Nota inserida pelos autores].

¹² Anunciado publicamente em outubro de 2021 [Nota inserida pelos autores].

sobre os desdobramentos da realidade, já em 2019 (...) retomei (...) o tema desconcertante das várias realidades imiscuídas na realidade física. Estava, então, imbuída do pressentimento de que, se as coisas continuarem nesse caminho, o ser humano estará fadado a ficar mergulhado em incertezas quanto àquilo que poderia chamar de “realidade”, em um mundo no qual isso até poderá não importar mais. Para comprovar que o pressentimento estava no caminho certo, recentemente foi lançado o livro *Reality +*, de D. J. Chalmers (2022), dedicado a repensar filosoficamente o que costumávamos chamar de “realidade” (Santaella, 2022, p. 243).

Com a introdução da tecnologia da informação o mundo mudou a maneira como as pessoas se relacionam, como constroem sua identidade, como vivem sua intimidade, sua privacidade e como vivem sua imaginação e criatividade – que passam a ser geridas pelas nuances do mundo digital (Gardner e Davis, 2014).

Diante de todas estas mudanças, inovações tecnológicas e nos modos de viver, de agir, de ser e de fazer, inspirados em Cintra e Guerra (2017), questiona-se: os modelos educacionais existentes estão equipados, adequados, preparados para responder a estas novas e atuais demandas? As autoras vão ainda um pouco mais a frente ao refletirem e questionarem se existe “...a necessidade de novas abordagens que possam fazer mais e melhor para ajudar os jovens a lidar com os desafios e prosperar em nossa complexa sociedade, além de experienciar mais propósito, realização, engajamento e relações significativas em suas vidas” (p. 507). Acredita-se que sim, a resposta seria, existe esta necessidade.

Para corroborar a necessidade intensa e urgente de novas abordagens que possam fazer mais e melhor para ajudar na formação de jovens universitários, tal como a ideia e

proposta de desenvolver aspectos da Educação Positiva conjuntamente ao ensino superior universitário, Schiavon e cols. (2020), implementaram uma investigação, no Brasil, acerca das inovações em intervenções educacionais baseadas na Psicologia Positiva, apresentando a ênfase na Educação Positiva. Para as autoras, a escola e a universidade configuram-se como um espaço social que pode contribuir essencialmente para a evolução cognitiva e emocional dos sujeitos aprendentes e dos futuros profissionais que ali se formam e iniciam suas carreiras universitárias, bem como, suas vidas.

A revisão sistemática que teceram, Schiavon e cols. (2020), utilizou as bases de dados para a pesquisa, a saber Medline, Lilacs, Psycinfo, SciELO e Scopus, a partir dos termos Educação Positiva e Intervenção. Foi realizada uma análise descritiva dos estudos encontrados e foram relatadas as características das intervenções. Dentre os estudos, quatorze atenderam aos critérios de elegibilidade propostos e foram incluídos. Como resultado, “nove estudos tiveram como foco a educação positiva de crianças e adolescentes, três foram direcionados a estudantes universitários e dois exclusivamente a professores e dirigentes escolares” (ibid., p. 1). Dessa forma, as autoras evidenciaram, pelo estudo realizado, a importância de estimular o desenvolvimento das forças de caráter entre os alunos.

Um dos estudos encontrados e analisados na pesquisa mencionada acima, por Schiavon e cols. (2020), foi o estudo de Shoshani e Steinmetz (2014), que avaliou uma intervenção projetada na área da educação para melhorar a saúde mental de 537 alunos da sétima à nona série de um centro educacional

em Israel. Este programa de intervenção foi realizado por um ano e teve o objetivo principal de fortalecer a autoestima, a autoeficácia e o otimismo dos estudantes. A intervenção implementada dividiu os sujeitos participantes em dois grupos, e a prática aconteceu da seguinte forma: o grupo de intervenção participou de duas fases paralelas, na primeira os professores participaram de atividades e oficinas de treinamento com psicólogos integrantes da intervenção e na segunda fase, os professores ministraram um programa aos alunos em sala de aula, incluindo poemas, histórias, discussões, vídeos, filmes e atividades que tratam do tema de gratidão e experiências positivas. Por sua vez, o grupo de controle seguiu o currículo regular. “Os autores notaram que houve reduções nas pontuações dos sintomas de ansiedade e depressão” (p. 5).

No entanto, apesar de se encontrar diversos estudos e investigações em países diferentes do mundo, incluso o Brasil, e de apresentar resultados significativos nas áreas em que se propõe, assim como verificado por Schiavon e cols. (2020), ainda existem poucos estudos que objetivam avaliar, por exemplo, os efeitos de intervenções com base na área da Educação Positiva, seja em escolas, que em universidades. Para as autoras, dentre as intervenções descritas em sua investigação, percebem “a importância de estimular o desenvolvimento das forças de caráter entre os alunos e outros construtos específicos como satisfação com a vida, gratidão e resiliência” (p. 7).

Estes fatos, como verificados pelas autoras, resultam em “maiores atributos psicológicos positivos e mudanças cognitivas, emocionais e comportamentais positivas,

refletindo assim, nas relações sociais entre os próprios alunos, professores e pais” (ibid.). Verifica-se, pelos relatos dos resultados das pesquisas na área da Educação Positiva que as práticas de intervenções estudadas contribuem para o desenvolvimento e a construção de *soft skills* nos adolescentes e jovens de escolas e de universidades sujeitos das pesquisas.

Estes estudos, com ênfase em Educação Positiva, convergem, em suas conclusões, para a necessidade da realização de mais pesquisas na área para avaliar a eficácia das intervenções propostas em diversos ambientes, tais como do ensino fundamental até a universidade, envolvendo todas as faixas etárias neste período, e principalmente, jovens e adultos. A tônica fundamental de formação é de que “os sujeitos constroem suas vidas mais felizes por meio do desenvolvimento de forças, não da remediação de fragilidades” (Schiavon e cols., 2020, p. 7), o que é uma forte evidência para o desenvolvimento da saúde de modo integral, e, sobretudo, quando se fala de saúde mental. Dessa forma, as autoras concluem que a Educação Positiva “implica uma abordagem teórico-metodológica e uma política de olhar o ser humano de forma holística/integral, promovendo uma educação que possibilite o desenvolvimento de todo o seu potencial e bem-estar” (Schiavon e cols., 2020, p. 7).

Indo na mesma direção e ênfase da Educação Positiva, diversos estudos na área da metodologia ontopsicológica (Priebe, 2022; Abich, 2020; Wazlawick e Schaefer, 2020; Wazlawick, 2020a, 2020b; Moreira, 2019; Spanhol, 2019; Schaefer, 2019, 2018; Weber, 2018; Azevedo, 2017; Spanhol e Boer, 2015; Wazlawick, 2014; Spanhol, 2013) apontam que a Pedagogia Ontopsicológica contribui para a formação pessoal e profissional de

jovens no ensino universitário, assim como verificam a formação de professores/docentes também, tendo como seu principal referencial teórico as propostas pedagógicas construídas por Meneghetti e colaboradores (2005, 2006, 2010a, 2010b, 2013, 2019).

É uma proposta de formação de jovens na contemporaneidade, considerando a categoria da responsabilidade como eixo principal, que se reflete como uma inovação no ensino universitário por amalgamar formação pessoal e profissional com resultados concretos no cotidiano do jovem, especificados pelos valores humanos de ser-saber-fazer. Desenvolvendo a responsabilidade, como competência humana e comportamental que é, a aplicação de atividades e intervenções da Pedagogia Ontopsicológica favorece e estimula o desenvolvimento de diversas *soft skills* para a formação integral de jovens (Schaefer, Silva e Wazlawick, 2022).

O primeiro valor é a pessoa (ser), no sentido ontológico, a identidade de natureza do sujeito e o que possibilita a sua realização, onde a melhoria da eficiência em qualquer campo é obtida cultivando o potencial de natureza de cada sujeito. O segundo valor é o saber, que envolve o processo de busca pelo conhecimento histórico, cultural, técnico e profissional em conjunto com o conhecimento dos valores e da cultura humanista, bem como o saber e conhecer a si mesmo, o projeto que se é. O fazer é o terceiro valor. Isto porque o sujeito tem a possibilidade de realizar-se quando se auto oportuniza a prática operativa e de trabalho e produz resultados que lhe gratificam com ampliação de si mesmo.

Fundamentalmente a Ciência Ontopsicológica analisa o valor positivo e criativo presente em cada ser humano. Ela é o

estudo da lógica do homem real, sadio, responsável e artífice positivo de bem-estar e socialidade. Deste ponto de partida é possível levar adiante a intenção de formalizar uma estratégia orientada verso à formação e a realização de personalidades criativas que possam dar uma contribuição à evolução do contexto social e civil (Meneghetti, 2019).

Desta feita, o escopo da Pedagogia Ontopsicológica é “educar o sujeito a fazer e a saber a si mesmo: fazer uma pedagogia de si mesmo como pessoa líder no mundo, educar um Eu lógico-histórico com capacidades e condutas vencedoras” (Meneghetti, 2019, p. 14). A partir do momento em que o sujeito conhece a lógica da própria existência e a atua na história, progressivamente seu projeto de vida pode estar em função da construção de si mesmo como pessoa integral, capaz de ação com responsabilidade no contexto social no qual está inserido e constrói dialeticamente por meio de sua atividade.

Assim, seria possível um desenvolvimento de modo mais integral, que envolva as potencialidades, a inteligência, saúde mental e saúde integral, competências e habilidades técnicas, humanas, comportamentais e interrelacionais, para o bem-estar das pessoas e do contexto no qual se encontram inseridas e atuam.

4 Resultados e Discussão

Levando em conta as propostas teóricas e metodológicas, porém, mais ainda, antes, o aspecto do viés epistemológico em relação à discussão e diálogo juntamente à Psicologia Humanista, a Educação Positiva e a Pedagogia Ontopsicológica, verifica-se que possuem convergências que sustentam a possibilidade

de realização de pesquisas em aspectos semelhantes e relevantes para o desenvolvimento do ser humano, e que muito têm a contribuir para o estudo e a formação integral (considerando sobremaneira aí a sua saúde mental) de jovens no ensino superior universitário.

Da mesma forma como a ênfase tratada neste tópico, o estudo de Said-Hung, Rodríguez-Peral e Corredor (2022), a respeito da gestão e ansiedade acadêmica produzida nos estudantes ibero-americanos, realizado de 6 a 24 de abril de 2020 com 523 estudantes de cursos superiores pesquisados em universidades ibero-americanas mediu o nível de ansiedade, depressão e estresse. Segundo os resultados encontrados, um dos pontos fundamentais é reforçar o desenvolvimento e treinamento de *soft skills* nos estudantes para ajudar a resolver os sintomas encontrados. As *soft skills* mostram relevância na superação de situações inesperadas que afetaram os estudantes e o próprio sistema educacional por conta da pandemia de Covid-19, sendo um elemento de proteção contra a ansiedade produzida neste período, destacando-se a necessidade de, por meio do desenvolvimento de *soft skills* promover atividades que favoreçam uma atitude positiva – sendo as principais *soft skills* elencadas, para tal, no estudo, a empatia, a escuta ativa, a inteligência emocional, a autorregulação, a autoconsciência. Principalmente, considerando, conforme apontado pelo estudo, que “os pesquisadores têm notado que essa pandemia afetará, em geral, muito tempo depois de o vírus ser finalmente controlado” (ibid., p. 4).

Macqual, Sallen e Zulnaidi (2021) mencionam, conforme pesquisa realizada que

avaliou a implementação do currículo de habilidades sociais de futuros professores, o estudo de States, Detrich e Kevworth (2018), que é difícil incorporar *soft skills* no ensino, é um desafio. Para eles, os formadores de professores precisam servir como modelos para ajudar os alunos a desenvolverem suas próprias habilidades e competências humanas, comportamentais e sociais ao observá-las. É esta ação, na visão dos autores, que vai servir como diferencial na implementação de *soft skills* no currículo de cursos no ensino superior, bem como diferencial para a formação de *soft skills* nos estudantes. Ou seja, para, de fato ocorrer o desenvolvimento e formação de *soft skills* nos jovens, é necessário o contato e a interação com professores que, por sua vez, também possuam já suas *soft skills* e as coloquem em prática. Como as *soft skills* contribuem para uma maior promoção da saúde mental e com elas se podem enfrentar melhor os problemas e situações adversas da vida, por consequência, são necessários professores que estejam vivendo um nível de saúde mental considerável, que vivam, em todas as características os aspectos do bem-estar psicológico e que estejam em um processo de autorrealização.

Macqual, Sallen e Zulnaidi (2021) também destacam, como conclusões de seu estudo que:

Para os professores servirem como conselheiros e guias para os alunos, eles também exigem habilidades sociais. Por exemplo, se o professor esteve envolvido na aprendizagem ao longo da vida ou tem uma boa formação, esse professor aconselhará os alunos sobre a necessidade de perseverar, pois assim podem superar as dificuldades. Os professores devem sempre ser acessíveis aos alunos, especialmente quando os alunos encontram problemas. É muito importante que os professores tenham *soft skills* porque essas competências irão ajudá-los a serem

sensíveis às necessidades dos alunos. Pesquisas mostram que a personalidade de um professor tem um efeito positivo no desempenho de seus alunos. Hattie (2015) realizou uma meta-análise que mostrou que a personalidade de um professor tem um tamanho de efeito maior (0,16) no desempenho dos alunos do que o conhecimento da matéria (hard skills) em 0,09) (Macqual, Sallen e Zulnaidi, 2021, p. 2).

Segundo o estudo de Macqual, Sallen e Zulnaidi (2021), as *soft skills* mais importantes que deveriam ser competências de cada professor formador de outros professores e de outros profissionais para o mercado de trabalho, que impactam também no desenvolvimento de sua saúde mental são: comunicação, trabalho em equipe, aprendizagem colaborativa, criatividade, resolver problemas complexos, autoconsciência, responsabilidade, integridade, excelência, comprometimento e postura ética.

Munir (2021) em uma relevante pesquisa sobre a formação de Engenheiros e a importância de *soft skills*, pesquisa esta realizada com profissionais na área, além dos diversos dados estatísticos consideráveis que demonstram a necessidade e urgência de inserir a formação de habilidades e competências humanas, comportamentais e sociais em paralelo à formação técnica, destaca, em relação à questão fundamental da saúde mental, em uma das conclusões de seu estudo que: “inclua *soft skills* em seu currículo se você quiser produzir e formar um ser humano equilibrado que também seja um excelente engenheiro” (p. 176).

Junto de todos estes aspectos apresentados em relação à compreensão da importância do florescimento para a promoção da saúde mental, vale não esquecer que a pandemia de Covid-19 causou também uma intensificação

em casos de depressão e ansiedade. Conforme relatam Araki, Martins e Bittencourt (2020), segundo a Associação Brasileira de Psiquiatria, no segundo semestre do ano de 2020, um levantamento realizado com médicos psiquiatras em 23 estados brasileiros e no Distrito Federal, apresenta que quase 90% deles percebeu um agravamento nos quadros de seus pacientes por conta da pandemia, e 67,8% afirmaram que começaram a atender pacientes que não tinham nenhum quadro depressivo anterior às quarentenas realizadas. Os autores também relatam que, antes da pandemia, o Brasil já era o país com maior número de casos de transtorno de ansiedade e o segundo com maior número de transtornos depressivos, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS). A OMS também contabiliza cerca de 800 mil casos de suicídio por ano em um nível mundial.

Segundo a OMS o conceito principal de saúde mental é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, não sendo, deste modo, apenas a ausência de doenças ou enfermidades. Neste sentido, a OMS considera fundamental a qualidade de vida, sendo esta um fator relevante para a saúde. Cuidar da saúde mental e a promover gera um elevado impacto no bem-estar e na qualidade de vida das pessoas.

Dessa forma, pesquisas atuais, como de Nascimento (2021) demonstram que desenvolver e utilizar no dia a dia *soft skills* fortalece e prepara o profissional de modo mais completo para as exigências do mercado de trabalho contemporâneo, contribuindo para a promoção e melhoria da saúde mental. E, por sua vez, as condições favoráveis de saúde mental também auxiliam o desenvolvimento de *soft skills* e do florescimento.

Conforme destaca Nascimento (2021):

O cuidado com a saúde mental no ambiente de trabalho torna-se fundamental, na era *tech*, para se lidar com pessoas, estabelecer trocas de forma responsável e competente. Dentro desse conceito “ser competente” não é somente possuir conhecimentos técnicos e operacionais, é também saber se relacionar com qualidade e inteligência, estabelecendo trocas com os outros de forma saudável. Isto demanda percepção do ambiente, percepção de si mesmo e percepção do outro. Essas percepções são fundamentais para preservação da saúde mental (Nascimento, 2021, p. 82).

Na citação do parágrafo acima identifica-se que “lidar com pessoas”, “estabelecer trocas de forma responsável e competente”, “saber se relacionar com qualidade e inteligência”, “estabelecer trocas com os outros de forma saudável”, “percepção do ambiente”, “percepção de si”, “percepção do outro” são todas competências humanas, comportamentais, interrelacionais que fazem parte do que são as *soft skills* estudadas nesta pesquisa. Verifica-se que existe uma relação direta entre o desenvolvimento e uso de *soft skills* e o cuidado e promoção de saúde mental nas pessoas.

A tríade cognitiva que compõe a interrelação entre cognição, emoção e comportamento destaca fatores que podem ser tocados pelas percepções ou interpretações que as pessoas constroem dos eventos ambientais/de contexto. Este fenômeno tem impacto direto sobre como as pessoas se sentem e se comportam¹³ (Nascimento, 2021). No entanto, o que se verifica é que muitas vezes podem ocorrer distorções nos processos

¹³ “O modo como as pessoas se sentem está associado ao modo como elas interpretam e pensam sobre uma situação. A situação em si não determina diretamente como eles sentem; sua resposta emocional é intermediada por sua percepção da situação” (Nascimento, 2021, p. 86).

de pensamento e das emoções, conforme pode ser compreendido na citação a seguir:

Quando ocorrem distorções do pensamento ou emoções disfuncionais por conta da forma de perceber os acontecimentos, consequentemente, tem-se base para a ativação dos transtornos emocionais que impactam na saúde mental e resultam, futuramente, em transtornos psicológicos como depressão, ansiedade, Burnout, Borderline e outras doenças ocupacionais (F48) havendo aqui nexo de causalidade constantes no grupo de doenças relacionadas no CID-10 Grupo V da portaria nº 1339, de 18 de novembro de 1999 (Nascimento, 2021, p. 82).

Psicologicamente falando, as distorções na forma do pensamento, das emoções e sentimentos que podem decorrer em pensamentos e emoções disfuncionais também estão relacionadas a uma específica *forma mentis*, mentalidade, *mindset* e atitude mental¹⁴ que as pessoas constroem e, por consequência, têm. Na grande maioria das vezes ter uma mentalidade/*mindset* rígido, fixo e não de crescimento (Dweck, 2017), e viver sempre dentro da lógica complexual (Meneghetti, 2010a; 2021c) é o que favorece, em grande parte, a distorção, a alteração na forma de perceber a si mesmo, as relações, os acontecimentos – como visto na citação anterior – tendo-se aí uma base para a ativação de transtornos psicológicos que irão impactar na saúde mental.

Portanto, neste ponto é fundamental compreender que para o sujeito poder ter e construir possibilidades de crescimento e de realização de modo integral em sua vida, o desenvolvimento de *soft skills* é relevante, bem como o seu uso. No entanto, junto disto, é

¹⁴ Considera-se que, mesmo com abordagens teóricas e epistemológicas diferentes, os constructos de forma mentis/mentalidade, *mindset* e atitude mental possam ser sinônimos na literatura científica.

mister verificar qual a *forma mentis*, a mentalidade, o *mindset*, as atitudes mentais nas quais estas *soft skills* estão embasadas. É a mudança da *forma mentis* que irá contribuir para o desenvolvimento e o uso funcional e responsável de *soft skills* que auxiliem de modo integral o desenvolvimento da saúde mental que impacta em todos os aspectos de saúde na vida de uma pessoa.

Em certo sentido, as *soft skills* não são ferramentas apenas. Elas demonstram o modo de ser, de pensar, de agir, de fazer e de se relacionar de uma pessoa, na vida pessoal e em todos os aspectos da dimensão profissional, no mundo do trabalho¹⁵, e é isto que conta, ou seja, elas demonstram a mentalidade também de um sujeito. Por este motivo, muitas vezes se diz e se considera que uma pessoa é contratada em uma organização pela sua capacidade técnica e demitida pelas suas *soft skills*, ou melhor, pela falta delas, pelo modo como se relaciona com os demais, consigo, com o próprio trabalho.

Indo um pouco mais adiante na relação entre *soft skills* e saúde mental, Nascimento (2021) destaca que os programas de prevenção que orientam as ações de atenção à saúde no trabalho, dentro das empresas, deveriam envolver, para além da prevenção de riscos e de avaliações ambientais, a melhoria das condições e da divisão do processo de trabalho em relação à qualidade de vida no próprio trabalho. Tudo isto com um olhar biopsicossocial e com condições adequadas às boas relações socioprofissionais, compreendendo o reconhecimento do trabalho realizado e as possibilidades de crescimento

profissional. Dessa forma, as iniciativas passarão a buscar um equilíbrio entre as necessidades biológicas, psicológicas, sociais e organizacionais.

Ainda importante destacar a pesquisa de Resende *et al.* (2021) que estudou em revisão sistemática de literatura os efeitos das intervenções baseadas em *mindfulness* (IBM) na saúde mental de estudantes universitários, quando comparadas a outras intervenções testadas. Após a análise de todos os artigos selecionados na SRL, os dados apontaram que tais programas podem se tornar recursos importantes para a redução dos sintomas psicopatológicos e para a promoção da qualidade de vida dos estudantes. Estes aspectos “podem contribuir para uma formação profissional de maior excelência por contemplar também as necessidades emocionais dos indivíduos e aperfeiçoar as suas *soft skills*, que são habilidades essenciais no mundo contemporâneo” (ibid., p. 14).

Abrindo em mais detalhes os resultados da relação entre intervenções baseadas em *mindfulness*, saúde mental e *soft skills*, Resende *et al.* (2021) destacam que os desfechos primários avaliados nos diversos estudos presentes na SRL realizada foram, de forma geral, a ansiedade, depressão, estresse e *mindfulness*. Outras variáveis relacionadas à saúde mental também foram avaliadas, como saúde geral, ruminação, crenças irracionais, perfeccionismo e *burnout*. Os estudos também avaliaram medidas como autoeficácia, empatia, autocompaixão, altruísmo, resiliência, satisfação com a vida, perdão, esperança e bem-estar. Houve resultados significativos em suas intervenções com diminuição nos sintomas de depressão, estresse e ansiedade simultaneamente,

¹⁵ Estas não são dimensões separadas, porque as pessoas são um todo, uma unidade de ação, está tudo junto, não existe uma vida pessoal e uma vida profissional uma separada da outra.

aumento nos níveis de atenção plena e aumento moderado de saúde mental positiva na satisfação com a vida. Por fim, no estudo de Resende *et al.* (2021), os resultados apontam, de fato, a relação entre os programas de intervenções com *mindfulness* como recursos relevantes para a redução de sintomas psicopatológicos e de incremento na promoção da qualidade de vida de estudantes universitários.

Conjuntamente à pesquisa de Pós-Doutorado com os sujeitos participantes do estudo inicial, em relação à escolha e seleção das 30 *soft skills* mais importantes para o profissional de TI na atualidade, realizada junto a estudantes da área de Sistemas de

Informação e com professores e profissionais, também foi realizada uma busca acerca dos principais sintomas que os jovens estudantes apresentam nos aspectos de saúde mental, no período dos últimos 24 meses após a pandemia de Covid-19.

A principal pergunta aplicada a cada um deles foi: “nos últimos 24 meses após a pandemia eu senti que estou: ...” – onde, no espaço cada um deles deveria preencher com a descrição e/ou sintoma como estava/está se sentindo, caracterizando uma pergunta de resposta aberta. Dentre todos os sintomas elencados pelos jovens e que apareceram em suas respostas com maior frequência, pode-se apresentar:

Quadro 3 - Principais sintomas elencados pelos jovens decorridos 24 meses da pandemia de Covid-19

Sintomas elencados pelos jovens decorridos 24 meses da pandemia de Covid-19	
Timidez	Sensação de estar “perdido”
Introversão	Dificuldades de aprendizagem por desatenção
Perda de atenção e dificuldade de retornar ao foco	Dificuldades de socialização
Ansiedade	Dificuldades de continuar estudando e não desistir
Tristeza	Isolamento
Baixa autoestima	Distanciamento
Angústia	Problemas psicológicos
Dificuldades de comunicação	Falta de interesse
Dificuldades de falar em público	Estresse
Medo	
Solidão	
Decepção	
Depressão	
Procrastinação	
Desânimo	

Fonte: Informações coletadas na pesquisa.

Verifica-se, de certa forma, que no geral não são sintomas ou situações graves ou de instabilidade mais elevada, porém, são situações, dificuldades, fenômenos psicológicos que não configuram um bem-estar psíquico entre os jovens estudados. Portanto, todas estas situações devem ser consideradas para o trabalho de desenvolvimento pessoal com cada um deles,

uma vez que, certamente, impactam de modo direto no modo de ser, de agir, de pensar, bem como nos aspectos de estudo e de trabalho dos jovens participantes da pesquisa. Ou seja, configuram situações relacionadas à saúde mental, que devem levar a devida atenção.

Dessa forma, após toda a pesquisa realizada até aqui e verificada a importância fundamental das *soft skills* na dimensão da

educação/ensino superior na formação de jovens futuros profissionais e na dimensão da saúde mental, o estudo aponta para a necessidade do desenvolvimento não apenas das *soft skills*, mas conjuntamente, de *self skills*, as habilidades e competências de si mesmo.

5 Considerações Finais

Competências e habilidades para o bem-estar envolvem também as competências e habilidades humanas e comportamentais, as *soft skills*. Todas elas, junto à formação que já existe nas escolas e instituições de ensino superior, se bem conduzidas em uma nova proposta de formação que valorize os conhecimentos técnicos, *hard skills*, as competências e habilidades humanas e as forças de caráter, podem inaugurar e abrir caminhos e horizontes para uma formação inovadora, contemporânea e necessária aos jovens do século XXI, para que exista qualificação profissional e realização profissional, mas acima e antes de tudo, qualificação e realização humana, da(s) própria(s) pessoa(s), conjugada e amalgamada à formação que já existe.

Considerando as características descritas e analisadas ao longo desta pesquisa, em relação aos contextos emergentes de vida e de trabalho, bem como para acompanhar as mudanças velozes que acontecem no mundo corporativo, exige-se, de certo modo, que os profissionais estejam aptos para constantes mudanças, apresentando um perfil com conhecimentos mais amplos, múltiplas habilidades e, também se verifica a necessidade de estarem emocionalmente

preparados para fazer frente aos desafios da era *tech*.

É aí que entra, mais uma vez, a importância das *soft skills*. Estas habilidades e competências são uma tendência mundial, em todas as áreas de atuação humanistas-profissionais, bem como tecnológicas, que podem representar um grande diferencial pessoal em resposta às exigências de alta performance no ambiente de trabalho, no qual pode desencadear-se estresse, fadiga ou outras doenças ocupacionais, consideradas como Neurose profissional. E, fundamentalmente, abordagens em Educação Positiva e em Pedagogia Ontopsicológica desenvolvem em jovens *soft skills* necessárias e relevantes para a vida, contribuindo para a diminuição de diversos aspectos psicoemocionais, tais como citados no final do item Resultados e Discussão, melhorando de modo significativo os indicadores de saúde mental.

Referências

ABICH, J. T. **A importância do estilo de vida para desempenho no trabalho e na carreira profissional de jovens: um estudo na área da Administração e da Ontopsicologia**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração), Faculdade Antonio Meneghetti (AMF), Recanto Maestro, 2020.

ARAKI, G. S. da S.; MARTINS, F. W.; BITTENCOURT, V. G. Casos de depressão e ansiedade se intensificam na pandemia. **Comunicare**, 2020. Disponível em: <https://www.portalcomunicare.com.br/casos-de-depressao-e-ansiedade-se-intensificam-na-pandemia/>. Acesso em: 22 jan. 2023.

AZEVEDO, É. L. **O método ontopsicológico na clínica psicológica contemporânea**. 2017. 329f. Tese (Doutorado em Psicologia: Psicologia Clínica) – Programa de Estudos

Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.

CHANLER, M.; DYE, C.; COPPINGER, C.; NIEH, G.; MARIS, T. **Global Talent Global Trends**: The 3 trends transforming your workplace. LinkedIn 2019, p. 6-15. Disponível em: https://business.linkedin.com/content/dam/me/business/en-us/talent-solutions/resources/pdfs/global_talent_trends_2019_emea.pdf. Acesso em: 06 dez. 2022.

CINTRA, C. L.; GUERRA, V. M. Positive Education: The application of Positive Psychology to educational institutions. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 3, p. 505-514, set./dez. 2017.

DE FRUIT, F.; WILLE, B.; JOHN, O. P. Employability in the 21st Century: Complex (Interactive) Problem Solving and Others Essential Skills. **Industrial and Organizational Psychology**, v. 8, n. 2, p. 276-281, 2015.

DWECK, C. **Mindset**: A nova psicologia do sucesso. São Paulo: Objetiva, 2017.

FREDRICKSON, B. L. Update thinking on positivity ratio. **American Psychologist**, v. 68, p. 814-822, 2013.

GARDNER, H.; DAVIS, K. **La generación APP. Cómo los jóvenes gestionan su identidad, su privacidad y su imaginación en el mundo digital**. Buenos Aires: Paidós, 2014.

HERRERA, C. A. H.; TORRES, J. C. N. Soft skills in Engineering Students from three Public Higher Education Institutions. **Revista Iberoamericana para la Investigación y el Desarrollo Educativo**, v. 10, n. 20, jan./jun. 2020.

MACQUAL, S. M.; SALLEN, U. K. M.; ZULNAIDI, H. Assessing prospective teachers' soft skills curriculum implementation: Effects on teaching practicum

success. **South African Journal of Education**, v. 41, n. 3, p. 1-21, 2021.

MASTRANDONAKIS, M. F.; ARA, A. B.; FRANÇA, A. C. L.; JANUÁRIO, E. de C.; BORGES, M. B.; ARA, T. S.; LIMA, A. de F. K. T. de. As “soft skills” dos cirurgiões plásticos e suas equipes, em comparação a outras ocupações em ambiente de pandemia COVID-19. **Revista Brasileira de Cirurgia Plástica**, v. 37, n. 2, p. 133-142, 2022.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed., 2005.

MENEGHETTI, A. Una nuova pedagogia per la società futura. In: MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicologica**. Roma: Psicoedit, 2006.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed., 2010a.

MENEGHETTI, A. **I giovani e l'etica ontica**. Roma: Psicologica Editrice, 2010b.

MENEGHETTI, A. Superficialidade do poder digital. Os desvios da juventude mundial. p. 101-111. In: MENEGHETTI, A. **Os jovens e a ética ôntica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013a.

MENEGHETTI, A. A Autóctise histórica. p. 29-37. In: MENEGHETTI, A. **Os jovens e a ética ôntica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013b.

MENEGHETTI, A. A crise do humano. p. 7-27. In: MENEGHETTI, A. **Do Humanismo Histórico ao Humanismo Perene**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica**. 6. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019.

MENEGHETTI, A. **Psicologia do Líder**. 6. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2021.

- MINA, M. A. E.; BARZOLA, D. G. Habilidades blandas en la educación y la empresa: Mapeo Sistemático. **Revista Científica UISRAEL**, p. 41-57, 2020.
- MOREIRA, A. A. **Psicoterapia Ontopsicológica: a formação do ontoterapeuta**. 2019. 223f. Tese (Doutorado em Psicologia: Psicologia Clínica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.
- MUNIR, F. Do the engineering education institutions provide soft skills education? Views of South African Engineering professionals. **South African Journal of Higher Education**, v. 35, n. 4, p. 162-179, 2021.
- NASCIMENTO, C. do. Mental health in the work environment. **Revista Iberoamericana de Psicologia**, v. 2, n. 1, p. 80-88, 2021.
- PACICO, J. C.; BASTIANELLO, M. As origens da Psicologia Positiva e os primeiros estudos brasileiros. In: Hutz, C. S. (Org.). **Avaliação em Psicologia Positiva**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- PALUDO, S. dos S.; KOLLER, S. H. Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões. **Paidéia**, v. 17, n. 36, p. 9-20, 2007.
- PRIEBE, D. C. **Percepção dos egressos do Bacharelado em Administração sobre a contribuição da Metodologia FOIL na atuação profissional**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração), Faculdade Antonio Meneghetti (AMF), Recanto Maestro, 2022.
- PRIMI, R.; SANTOS, D.; JOHN, O. P.; DE FRUIT, F. D. Development of an inventory assessing social and emotional skills in Brazilian youth. **European Journal of Psychological Assessment**, v. 32, n. 1, p. 5-16, 2015.
- REED, S.; SHELL, R.; KASSIS, K., WALLIHAN, R.; SMITH, K. *et al.* Applying adult learning practices in medical education. **Curr. Probl. Pediatric Adolescent Health Care**, 2014, v. 44, n. 6, p. 170-181.
- RESENDE, K.; TEODORO, M.; BARROS, V. de; OHNO, P. The effects of Mindfulness-Based Interventions on the mental health of university students: a Systematic Review Study. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 17, n. 1, p. 02-15, 2021.
- SAID-HUNG, E.; RODRÍGUEZ-PERAL, E.; CORREDOR, C. M. Management and academic anxiety in Ibero-American higher institutions students during COVID-19. **Revista Texto Livre Linguagem e Tecnologia**, v. 15, p. 1-16, 2022.
- SANTAELLA, L. **Neo-Humano. A sétima revolução cognitiva do Sapiens**. São Paulo: Paulus, 2022.
- SANTOS, R. P. dos. The power of mobile phones, from the ontological, ontopsychological and social point of view (the individual and the society). p. 51-56. In: FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI. **Contemporary Pedagogy: Responsibility and Education of the Youth for Future Society**. International Symposium, UNESCO, Paris, set. 2017.
- SCHAEFER, R.; SILVA, B. P. da; WAZLAWICK, P. O passo adiante das hard e soft skills: a novidade da FOIL na formação universitária. **Revista Brasileira de Ontopsicologia**, v. 2, n. 2, p. 39-58, out. 2022.
- SCHAEFER, R. Em direção a novos paradigmas da ciência: contribuições da Ciência Ontopsicológica. p. 27-47. In: FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI. **Ontopsicologia Ciência Interdisciplinar**. Vol. 4. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2019.
- SCHAEFER, R. **Empreender como uma forma de ser, saber e fazer: o desenvolvimento da mentalidade e do**

comportamento empreendedores por meio da educação empreendedora. Tese (Doutorado em Administração). Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Brasil, 2018.

SELIGMAN, M. E. P.; CSIKSZENTMIHALYI, M. Positive Psychology: An Introduction. **American Psychologist**, v. 55, n. 1, p. 5-14, 2000.

SELIGMAN, M. E. P. Positive Psychology, positive prevention, and positive therapy. *In*: SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. L. (Eds.). **Handbook of Positive Psychology**. New York: Oxford University Press, 2002.

SELIGMAN, M. E. P. Foreword: the past and future of Positive Psychology. p. 11-20. *In*: KEYES, C. L. M.; HAIDT, J. (Eds.). **Flourishing: Positive Psychology and the life well lived**. Washington: American Psychological Association, 2003.

SELIGMAN, M. **Florescer**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019a.

SELIGMAN, M. **Felicidade autêntica**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019b.

SPANHOL, C. I. D. **Significados e sentidos da formação continuada segundo o Método Ontopsicológico: um estudo com professores do ensino superior**. 2013. 225f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidad del Mar, Chile, Viña del Mar, 2013.

SPANHOL, C. I. D.; BOER, N. Método Ontopsicológico: contribuições à formação continuada na perspectiva de professores do ensino superior. **Saber Humano**, v. 5, n. 7, p. 53-69, 2015.

SPANHOL, C. I. D. Formação, motivos e sentidos atribuídos ao método ontopsiológico por professores do Ensino Superior. p. 335-347. *In*: FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI. **Ontopsicologia Ciência Interdisciplinar**. Vol. 4. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2019.

WATTS, M.; WATTS, R. Developing soft skills in students. **International Journal Learning**, v. 15, n. 2, p. 1-10, 2019.

WAZLAWICK, P. **Dinâmica de desenvolvimento da personalidade no processo de aprendizagem: o exemplo da Faculdade Antonio Meneghetti**. 2014. 105f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia) – Programa Educacional de Pós-Graduação Profissional em Psicologia, Faculdade de Psicologia, Saint Petersburg State University (SPbU)/Universidade Estatal de São Petersburgo, São Petersburgo, Rússia, 2014.

WAZLAWICK, P. The life and world inside a fiction. *In*: FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI. **Contemporary Pedagogy: Responsibility and Education of the Youth for Future Society**. International Symposium, UNESCO, Paris, set. 2017a. p. 73-80.

WAZLAWICK, P. O método ontopsiológico para jovens. p. 105-130. *In*: FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI. **Ontopsicologia: Ciência Interdisciplinar**. Vol. V. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2020a.

WAZLAWICK, P. The Ontopsychological Method. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 4, p. 22370-22391, abr. 2020b.

WAZLAWICK, P.; SCHAEFER, R. Metodologias ativas e formação empreendedora e de liderança para jovens universitários: a contribuição da Metodologia FOIL. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v. 14, n. 3, p. 19-41, 2020.

WEBER, C. **A imagem fotográfica e seus usos: Aproximações da Ontopsicologia com a Ciência da Informação**. 2018. Tese (Doutorado em Ciências da Informação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Informação, Escola de Comunicação e Artes (ECA), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2018.

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS E SOLUÇÕES INOVADORAS DA ANTONIO MENEGHETTI FACULDADE PARA A FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE JOVENS DA GERAÇÃO Z

Ricardo Schaefer¹, Breno Prado da Silva², Patrícia Wazlawick³

Resumo: Atualmente é documentado pelas pesquisas acadêmicas e vivenciado pessoalmente por docentes que os modelos de ensino tradicionais não funcionam com a Geração Z como funcionaram com as gerações anteriores. As mudanças de mentalidade, comportamento e valores que ocorreram das gerações anteriores para esta a posicionam como um novo desafio aos profissionais da educação, bem como ao mercado de trabalho. Nesse contexto, este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada nos últimos dois anos com professores, gestores e jovens ingressantes na Antonio Meneghetti Faculdade (AMF), fundamentada em bibliografia recente sobre essa geração. Em especial, apresenta os desafios e as contribuições inovadoras da AMF na formação universitária de jovens da Geração Z. Para isso, foi realizada pesquisa qualitativa, com revisão bibliográfica e levantamento informal com alunos e profissionais da instituição, bem como pesquisa-ação em atividades formativas dentro e fora de sala de aula. Os resultados alcançados foram: (1) descrição do perfil da Geração Z; (2) descrição dos desafios de formá-los; (3) descrição das contribuições inovadoras da AMF para a sua formação universitária. Conclui-se que a AMF tem apresentado soluções aos problemas contemporâneos da formação universitária de jovens dessa geração, e que essas soluções podem ser replicadas ou instrumentalizadas por outras instituições e profissionais como contribuição ao aprimoramento do processo educativo desta geração no cenário contemporâneo.

Palavras-chave: Geração Z; ensino superior; pedagogia ontopsicológica; metodologia FOIL.

Contemporary challenges and innovative solutions from Faculdade Antonio Meneghetti for the university education of Generation Z youth

Abstract: Currently, academic research and teachers have documented and personally experienced that traditional teaching models do not work with Generation Z as they did with previous generations. The changes in mindset, behavior, and values that have occurred from previous generations to this one position them as a new challenge for education professionals, as well as for the job market. In this context, this article presents the results of research conducted over the past two years with teachers, managers, and young students entering the Antonio Meneghetti Faculty (AMF), based on recent literature on this generation. In particular, it presents the challenges and innovative contributions of AMF to the university education of Generation Z youth. To this end, qualitative research was conducted, with a literature review and informal surveys with students and professionals from the institution, as well as action research in formative activities inside and outside the classroom. The results achieved were: (1) description of the Generation Z profile; (2) description of the challenges of educating them; (3) description of AMF's innovative contributions to their university education. It can be concluded that AMF has presented solutions to contemporary problems in the university education of young people of this generation, and that these solutions can be replicated or implemented by other institutions and professionals as a contribution to improving the educational process of this generation in the contemporary scenario.

Keywords: Generation Z; higher education; ontopsychological pedagogy; FOIL methodology.

Desafíos contemporáneos y soluciones innovadoras de la Faculdade Antonio Meneghetti

¹ Doutor em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) com Pós-Doutorado em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Coordenador e professor na Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). E-mail: coordfoil@amf.edu.br

² Bacharel em Ontopsicologia pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF).

³ Doutora em Psicologia com Pós-Doutorado em Informática da Saúde pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Coordenadora e professora na Faculdade Antonio Meneghetti (AMF).

para la formación universitaria de los jóvenes de la Generación Z

Resumen: Actualmente, la investigación académica y los docentes han documentado y experimentado personalmente que los modelos de enseñanza tradicionales no funcionan con la Generación Z como lo hicieron con las generaciones anteriores. Los cambios de mentalidad, comportamiento y valores que se han producido de las generaciones anteriores a esta los posicionan como un nuevo desafío para los profesionales de la educación, así como para el mercado laboral. En este contexto, este artículo presenta los resultados de una investigación realizada en los últimos dos años con docentes, directivos y jóvenes estudiantes que ingresan a la Facultad Antonio Meneghetti (AMF), con base en la literatura reciente sobre esta generación. En particular, presenta los desafíos y las contribuciones innovadoras de AMF a la formación universitaria de los jóvenes de la Generación Z. Para ello, se realizó una investigación cualitativa, con una revisión de la literatura y encuestas informales a estudiantes y profesionales de la institución, así como investigación-acción en actividades formativas dentro y fuera del aula. Los resultados alcanzados fueron: (1) descripción del perfil de la Generación Z; (2) descripción de los desafíos de educarlos; (3) descripción de las contribuciones innovadoras de AMF a su formación universitaria. Se puede concluir que AMF ha presentado soluciones a problemas contemporáneos en la formación universitaria de los jóvenes de esta generación, y que estas soluciones pueden ser replicadas o implementadas por otras instituciones y profesionales como una contribución al mejoramiento del proceso educativo de esta generación en el escenario contemporáneo.

Palabras clave: Generación Z; educación superior; pedagogía ontopsicológica; metodología FOIL.

1 Introdução

A educação sempre contou com desafios ao longo da história, desde a Paideia na Grécia Antiga, passando pela Escolástica medieval e pelas escolas renascentistas e modernas até chegar aos dias de hoje. Em cada época, imperavam diferentes valores e comportamentos. Com o avançar das gerações e com a sucessão de movimentos sociais, políticos, econômicos, científicos, culturais e artísticos, a sociedade foi se moldando e adquirindo novos modos de organização. Não obstante as mudanças sociais e educacionais que ocorreram ao longo da história, um elemento é perene, *o ser humano*, e este se encontra no dever de se atualizar a cada novo tempo para obter e construir, em cada situação, o melhor para si.

Dentre os desafios da educação contemporânea, na segunda década do século XXI, há a mudança de mentalidade, comportamentos e valores da chamada Geração Z, impelida pelo movimento corrente das tecnologias digitais. Isto é, a atual inserção, disseminação e evolução das tecnologias digitais não apenas orientam a

sociedade a novos modos de produção, organização e lazer, mas a conduzem em uma nova direção, em um novo modo de ser, ou mais precisamente, de *existir* humano. Assim, para atualizar as estratégias de ensino e aprendizagem, é preciso conhecer o perfil dos jovens de hoje, isto é, o perfil da Geração Z.

A existência da Geração Z foi indicada pela pesquisa geracional de Strauss e Howe (1992) e aprofundada pela pesquisa de Prensky (2001). Este último os denominou “nativos digitais”, ou seja, nascidos e crescidos em meio às tecnologias digitais, em contraposição aos “imigrantes digitais”, aqueles que não conheceram ou não cresceram com essas tecnologias durante a sua infância. Trata-se de uma geração que atualmente compreende 22% da população e 27% da força de trabalho mundiais, com previsão de que ocupará 31% dos postos de trabalho no mundo até 2035 (McCrindle Research, c2025), o que reforça a relevância de se atualizarem as estratégias de ensino e aprendizagem direcionadas a ela.

Quanto ao perfil dessa geração, muitas são as pesquisas que investigam as

características dos jovens pertencentes à chamada Geração Z, convergindo e divergindo entre si em diversos aspectos. Não obstante, um ponto de encontro entre os pesquisadores é a concepção de que esses jovens “nasceram depois de 1995 e são conhecidos como nativos digitais, proficientes em usar tecnologia e redes sociais” (Jayatissa, 2023, p. 179, tradução nossa).

Segundo apresentam Silva, Schaefer e Wazlawick (2025) em análise bibliométrica que englobou 377 pesquisas sobre os nativos digitais publicadas no decênio 2013-2022, foram identificadas características universais nos jovens dessa geração, bem como características amplamente difundidas que, porém, demonstraram-se inconsistentes. A síntese realizada pelos autores é que

o principal ponto de encontro entre todas as pesquisas estudadas é a caracterização dos nativos digitais como uma geração constituída por indivíduos que cresceram em ambientes rodeados por dispositivos digitais, como celulares ou smartphones, computadores ou notebooks, de modo a terem construído uma competência com as tecnologias digitais notoriamente maior do que as gerações precedentes (Silva; Schaefer; Wazlawick, 2025, p. 765).

Nesse contexto geracional, o presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada nos últimos dois anos com professores, gestores e jovens ingressantes na Antonio Meneghetti Faculdade (AMF), localizada na região central do estado do Rio Grande do Sul, fundamentando-se em bibliografia recente sobre a Geração Z. Em especial, apresentam-se os desafios e as contribuições inovadoras da AMF na formação universitária de jovens dessa geração. Para isso, foi realizada pesquisa

qualitativa, com revisão bibliográfica e levantamento informal com alunos e profissionais da instituição, bem como pesquisa-ação em atividades formativas dentro e fora de sala de aula.

O levantamento informal foi realizado com cerca de 100 alunos, com idades entre 17 e 19 anos, ingressantes nos 8 cursos de graduação da instituição nos anos de 2024 e 2025, e também com 35 profissionais da instituição, dos quais 27 são professores, de todos os 8 cursos de graduação, correspondendo a cerca de um terço do quadro docente da instituição, e dos quais 8 gestores/coordenadores. As respostas obtidas foram categorizadas de modo *a posteriori*. A pesquisa-ação foi realizada dentro e fora de sala de aula, por meio de observação participante, e em atividades formativas realizadas nos anos de 2024 e 2025.

Nas seções seguintes, apresentam-se os resultados da pesquisa, relacionando bibliografia atualizada e dados obtidos empiricamente.

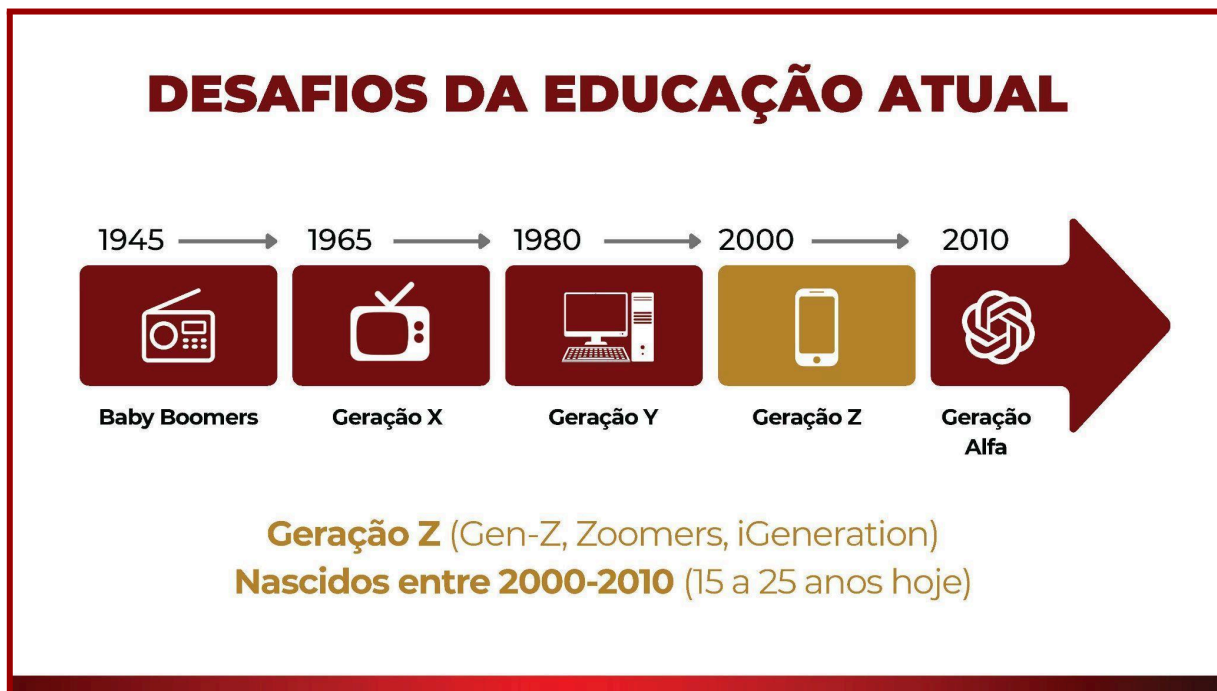
2 Os desafios contemporâneos da formação de jovens da Geração Z

Os jovens que estão ingressando atualmente no ensino universitário e no mercado de trabalho integram o que é chamado de Geração Z, também conhecida como Gen Z, *Zoomers* ou *iGeneration* (Jayatissa, 2023). É uma geração que sucede a Geração Y, ou *Millennials* (Strauss; Howe, 1992), que caracterizou a entrada no ambiente acadêmico e profissional na virada do milênio. As datas de início e fim de cada uma dessas gerações variam de autor para autor, bem como pelo contexto em que

ocorrem⁴, e são fortemente influenciadas pelas transformações tecnológicas que mudam o modo de comunicação, relação e formação, as diferentes esferas da vida em sociedade (em casa, no colégio, na universidade, no trabalho etc.) (Silva; Schaefer; Wazlawick, 2025). Para facilitar a visualização dessas gerações e situar o surgimento da Geração Z, a Figura 1 a seguir explicita esta classificação, arredondando as datas de início e término.

⁴ A virada geracional tende a ocorrer de modo mais tardio em cidades do interior, por exemplo.

Figura 1 - Classificação das gerações



Fonte: Schaefer (2025).

A Geração Z carrega traços comportamentais profundamente marcados pela era digital. São nativos tecnológicos, conectados desde cedo a múltiplas telas, redes sociais digitais e fluxos de informação (Desmurget, 2021; Jayatissa, 2023). Valorizam a autonomia e a flexibilidade, são sensíveis a pautas identitárias e sociais, mas enfrentam desafios importantes no que diz respeito à resiliência, à constância, ao foco e à relação com a autoridade (Desmurget, 2021; Jayatissa, 2023).

Esses jovens cresceram em um ambiente no qual o estímulo à gratificação instantânea, à cultura da comparação e ao medo do erro geraram insegurança diante de escolhas definitivas. Têm sede de algo, mas muitas vezes não investem em entender qual é a sua ambição, permanecendo sem clareza de onde canalizar sua energia. Desejam liberdade, mas frequentemente sem estrutura interna

para sustentar essa autonomia com responsabilidade.

A estrutura interna ou psicológica do jovem seria a base sobre a qual construir e sustentar a própria liberdade de modo material e concreto, não apenas ideológico. Entre os fatores que enfraquecem essa estrutura, constam a atenção curta (*short attention span*) ou dificuldade de atenção em conjunto com o desagrado com tarefas rotineiras ou monótonas, características apresentadas por Desmurget (2021) e Jayatissa (2023). Além disso, as facilidades tecnológicas e o bem-estar geral presentes na sociedade atual, conjuntamente a uma superproteção parental substitutiva da força e da iniciativa inatas ao jovem, dirimem o desenvolvimento da sua estrutura psicológica (Meneghetti, 2019; 2025).

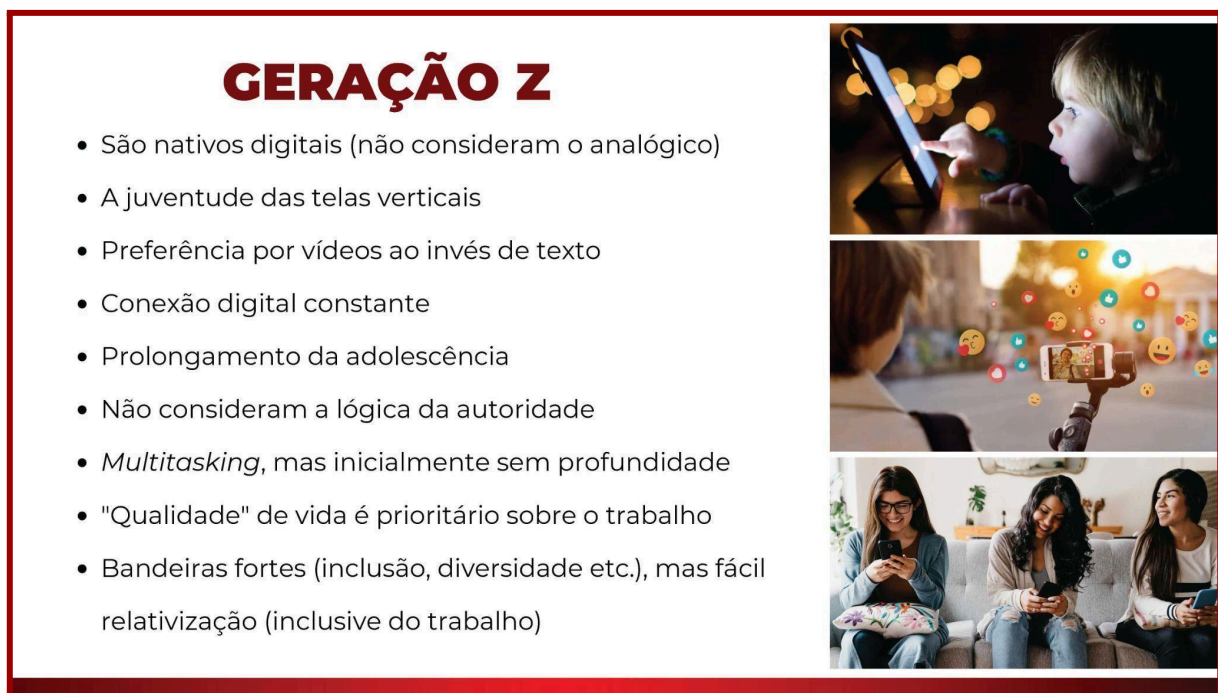
Essas características se tornam um ponto de desafio a ser superado em muitas tarefas

de estudo e trabalho que requerem atenção por períodos prolongados, ou ainda, que sejam monótonas ou rotineiras mas, não obstante, construtoras de realidade concreta. Algumas principais causas apontadas dessas características são o bombardeamento de informações que o jovem recebe por meio dos canais e dispositivos digitais (Jayatissa,

2023; Silva; Schaefer; Wazlawick, 2025), bem como a facilitação excessiva e a superproteção substitutiva pelos pais e/ou avós (Meneghetti, 2025).

Sintetizando, a partir da pesquisa de Schaefer (2025), o que tem sido investigado e falado sobre a Geração Z, destacam-se as seguintes características:

Figura 2 - Características da Geração Z



Fonte: Schaefer (2025).

Enquanto a Geração X aprendeu a usar o meio digital, mas prefere o analógico, e a Geração Y convive com ambos os ambientes, mas prefere o digital, a Geração Z nem considera o mundo analógico. É uma juventude de telas verticais: preferem e percebem o mundo pela perspectiva vertical – do momento de tirar uma foto a assistir um vídeo, ao modo como são impactados por uma publicidade. Têm preferência por vídeos em vez de textos, em uma conexão digital contínua por meio de dispositivos móveis e redes sociais (Desmurget, 2021; Silva; Schaefer; Wazlawick, 2025). Observa-se um

progressivo prolongamento da adolescência, com a extensão da permanência na casa dos pais e o adiamento dos compromissos da vida adulta, inclusive no que se refere a compreender a própria vocação e iniciar uma carreira profissional.

Não consideram a lógica da autoridade, por como a Geração X foi formada e por como a Geração Y, que foi uma geração de transição, conseguiu se adaptar (Jayatissa, 2023). Aprendem muito rápido novas tecnologias e desenvolvem várias tarefas digitais, porém inicialmente sem profundidade (Desmurget, 2021; Jayatissa,

2023; Silva; Schaefer; Wazlawick, 2025). A qualidade de vida em relação ao trabalho é prioridade na perspectiva dessa geração, porém com o seu conceito do que é “qualidade” e que difere das gerações anteriores. Assumem bandeiras fortes como inclusão, diversidade, sustentabilidade, assim como já fazia a Geração Y, porém diferentemente dela, as relativiza com facilidade, trocando de ideologias e valores de modo relativamente simples (algo difícil para a geração anterior) (Meneghetti, 2025). Essa relativização ocorre inclusive em relação a escolhas acadêmicas e profissionais, trocando ou desistindo fácil de percursos já iniciados.

Todas essas características são apresentadas por diversos autores que têm

estudado essa nova geração, como Desmurget (2021), Jayatissa (2023) e Silva, Schaefer e Wazlawick (2025) – citando suas recentes revisões da literatura, que perpassaram centenas de publicações científicas sobre o tema. Além dessas características, compreensões adicionais foram identificadas pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF) com base em observações realizadas por professores em sala de aula, pela equipe comercial e de relacionamento com o aluno – que realiza visitas a famílias de estudantes – e por meio de um novo trabalho de mentoria acadêmica universitária que, em pouco mais de um ano, realizou mais de 300 atendimentos individuais. Essas características adicionais estão apresentadas na figura a seguir:

Figura 3 - Características adicionais da Geração Z identificadas pela AMF

GERAÇÃO Z INGRESSANDO NA AMF

- Inteligentes, mas com dificuldade de foco e consistência
- Hiper-rapidez na aprendizagem digital, mas dificuldade de relações pessoais presenciais
- Poucas experiências prévias de trabalho (inclusive em família)
- Falta de conhecimento de si mesmo (e em relação à vocação) e falta de ambição
- Desistem com facilidade e sem motivo concreto do curso
- Desistem fácil de um estágio ou trabalho
- Perda do valor do estudo (universidade)
- Pais endossando escolhas ou comportamentos

Fonte: Schaefer (2025).

Conforme discutido por Schaefer (2025), trata-se de uma geração de jovens muito inteligentes, mas com dificuldade de foco, consistência e persistência. Apresentam hiper-rapidez na aprendizagem digital

(superando inclusive a Geração Y, que foi criada durante uma forte transformação digital), porém com grande dificuldade em criar e desenvolver relacionamentos pessoais presenciais. Se comparados às gerações

anteriores, possuem poucas experiências prévias de trabalho, sendo poupados inclusive, em ambientes familiares, de atividades domésticas ou laborais. Demonstrem falta de conhecimento de si mesmos, em relação à própria vocação, e inicialmente pouca ambição, o que faz com que desistam com facilidade e sem motivo concreto de um curso ou de uma oportunidade de estágio ou trabalho. Tanto nessa geração quanto nos contextos familiares de origem, observa-se uma progressiva perda do valor do estudo e do valor da universidade. E, o que mais preocupa aqueles que se propõem a educar essa geração, é que os pais estão endossando tais escolhas e comportamentos dos filhos.

Por meio de levantamento informal realizado com cerca de 100 alunos que ingressaram nos últimos dois anos na instituição, investigou-se o que busca essa nova geração em termos de futuro. A indagação proposta foi: “Se a Geração X, ao olhar para o futuro, busca construir uma carreira, e a Geração Y busca um propósito, o que busca a Geração Z?”. As respostas mais recorrentes puderam ser agrupadas em quatro dimensões:

1. Liberdade, autonomia e flexibilidade;
2. Reconhecimento, audiência, *status* e impacto;
3. Pertencimento e acolhimento;
4. Sentido e autenticidade.

Ainda que nessa busca existam valores humanos de grande importância, como autonomia, impacto e autenticidade, constata-se que o entendimento deles por parte desta geração possui significados próprios, hoje fortemente definidos e difundidos por influenciadores digitais. Em

grande parte, ou ao menos inicialmente, para essa juventude, reconhecimento, por exemplo, significa receber *likes* nas redes sociais, ou autenticidade é o modo como *influencers* se apresentam e relatam publicamente a própria vida.

3 As soluções da Antonio Meneghetti Faculdade para a formação universitária de jovens da Geração Z

Nesse cenário, a proposta pedagógica da AMF mostra-se não apenas pertinente, mas extremamente necessária. A Faculdade busca inserir, no cotidiano da Geração Z, um sentido profundo de ambição com propósito – não como imposição externa ou propaganda pela *trend* ou *hype* do momento, mas como descoberta interna de um projeto de vida. O desafio não é apenas formar tecnicamente, mas reativar a vontade de ser grande dentro de cada jovem, a partir de sua vocação natural e da conexão entre identidade e ação. Desse modo, o jovem pode construir uma competência competitiva em sua carreira baseado no seu potencial natural.

Para isso, a metodologia FOIL (Abich; Wazlawick, 2023; Meneghetti, 2020; Schaefer; Silva; Wazlawick, 2022; Silva; Wazlawick; Schaefer, 2025), empregada na instituição, tem sido qualificada e especificada para essa nova juventude. Novas *FOIL skills* foram criadas e antigas foram atualizadas para trabalhar com os pontos-fracos e com os pontos-força dessa geração. Em vez de moldar comportamentos, a FOIL busca promover amadurecimento interior, oferecendo à Geração Z não apenas ferramentas, mas tomada de consciência e

vontade (ambição) na construção de si mesmos.

O principal objetivo formativo dessa metodologia é identificar o potencial natural do estudante e desenvolvê-lo a fim de que se torne uma competência competitiva, isto é, para que o aluno se torne um profissional distinto baseado no seu talento ou vocação natural (Schaefer; Silva; Wazlawick, 2022).

A Figura 4, a seguir, ilustra esse ponto central da solução AMF, atualizado por meio da inclusão do estímulo à ambição, para a formação dos jovens da Geração Z. Espera-se com isso estimular os jovens a serem mais ativos construtores da própria vida, visto que têm apresentado um grau de passividade e facilidade em desistir, como anteriormente mencionado.

Figura 4 - Solução AMF



Fonte: Schaefer (2025).

Visando esse objetivo formativo, as últimas aberturas das aulas do semestre dos cursos de graduação da AMF foram realizadas com aulões FOIL específicos para cada curso, com destaque para o resgate do conceito de ambição, tal como formulado por Antonio Meneghetti (2025, p. 35): “Qual ação específica eu quero?”. Porém, não se trata apenas de saber o que se quer, mas de avaliar a intensidade desse querer: “O quanto eu quero?”. Essa dimensão envolve coragem,

escolha, vontade e ação histórica. A partir desses aulões, foi retomado o conceito criado por Antonio Meneghetti: “Você pode... se souber”, ampliado para: “Você pode, se souber... e fizer”. O objetivo é transformar a ambição, a vontade e o sonho em ação histórica. A Figura 5, a seguir, apresenta a atualização desse conceito, e na sequência a Figura 6 apresenta alguns registros fotográficos da realização dos aulões.

Figura 5 - Atualização do conceito da FOIL para a formação da Geração Z



Fonte: Schaefer (2025).

Figura 6 - Registros dos Aulões FOIL



Fonte: Schaefer (2025).

Desse modo, por meio da metodologia FOIL, que é baseada na pedagogia ontopsicológica (Meneghetti, 2019; 2022), esses jovens são progressivamente estimulados e auxiliados a, por exemplo:

- distinguir uma vontade genuína das tendências de massa;
- dar estrutura sem podar a liberdade;

- entender a autonomia como dimensões que são conquistadas primeiro internamente;
- pactuar metas sem recorrer à hierarquia impositiva;
- transformar inquietação em inovação;
- compreender que a audiência ou o reconhecimento externo é uma consequência natural da autoconstrução de si mesmo;
- estimular o compromisso através do propósito, reflexo do próprio projeto de natureza;
- reconhecer que esse projeto é justamente a base da autenticidade de todo ser humano.

Como discutido por Schaefer (2025), esses resultados são alcançados por meio de diversas ações integradas: metodologias ativas de ensino e aprendizagem em sala de aula, projetos de extensão complementares, programas de formação docente e formação FOIL de professores, conversas e trabalho conjunto com as famílias dos jovens, casas do estudante com uma proposta pedagógica além da moradia, participação em projetos da Fundação Antonio Meneghetti, bolsa Identidade Jovem, oportunidades de estágio e trabalho no Recanto Maestro⁵, monitoramentos periódicos realizados pelo setor de acompanhamento ao aluno, além de projetos específicos desenhados para essa nova geração, como o *Planner de Vida AMF*, a Mentoria Acadêmica Universitária e a

Central de Carreira, Propósito e Autenticidade. Consolida-se, assim, um ecossistema de mapeamento, acompanhamento e desenvolvimento de jovens na AMF.

⁵ O Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro é um dos centros desse tipo fundados por Antonio Meneghetti em diversos países. A localidade, formalizada como distrito municipal, é um polo de cultura, formação e desenvolvimento humanista, abrigando diversas iniciativas privadas de produção de bens e serviços e sendo sede do *campus* da Antonio Meneghetti Faculdade.

Figura 7 - Ações integradas desenvolvidas na AMF

Fonte: Schaefer (2025).

Essa proposta de formação não é aplicada apenas nos cursos de graduação. Nos cursos de pós-graduação e de formação empresarial da AMF, ela também é ensinada na formação de gestores e líderes, para capacitá-los a lidar com essa nova juventude. Executivos e empresários são preparados para identificar e desenvolver os pontos fortes da Geração Z, trabalhando ao mesmo tempo com os seus pontos fracos, em ambientes organizacionais cada vez mais complexos que reúnem colaboradores de diferentes gerações.

A AMF entende, portanto, que a Geração Z não precisa de menos exigência, mas de mais estrutura e orientação; não precisa de menos liberdade, mas de mais sentido e propósito. Trata-se, novamente, de uma questão de autenticidade conforme o próprio projeto de natureza presente em todas as

gerações. O que se atualiza agora é o modo de formação, não a essência. Abre-se, assim, a oportunidade para que os líderes de hoje aprendam novas formas de comunicação, relação e formação, a fim de cultivar, estimular e potencializar essa geração forte, que em breve começará a ocupar funções e posições de decisão e transformação em nossa sociedade.

Nesse contexto, o presente estudo se origina da compreensão de que esta é a cultura, filosofia, política e ação educacional necessária para o contínuo melhoramento e atualização da educação dos jovens e, a partir desta, do aprimoramento de toda a sociedade: educar o jovem para ser grande por si mesmo (Meneghetti, 2019). Assim, resgata-se uma premissa da conferência que Antonio Meneghetti proferiu na UNESCO, em 2006, apresentado na Figura 8, a seguir.

Figura 8 - Fala de Antonio Meneghetti na UNESCO em 2006

Fonte: Schaefer (2025).

4 Considerações Finais

Atualmente é documentado pelas pesquisas acadêmicas e vivenciado pessoalmente por docentes que os modelos de ensino tradicionais não funcionam com a Geração Z com a eficácia com que funcionaram com as gerações anteriores. As mudanças de mentalidade, comportamento e valores que ocorreram das gerações anteriores para esta a posicionam como um novo e distinto desafio aos profissionais da educação, bem como ao mercado de trabalho.

Nesse contexto, este artigo apresentou os resultados de uma pesquisa realizada nos últimos dois anos com professores, gestores e jovens ingressantes na Antonio Meneghetti Faculdade (AMF), fundamentada em bibliografia recente sobre a Geração Z. Em especial, apresenta os desafios e as contribuições inovadoras da AMF na

formação universitária de jovens da Geração Z.

Para isso, foi realizada pesquisa qualitativa, com revisão bibliográfica e levantamento informal com alunos e profissionais da instituição, bem como pesquisa-ação em atividades formativas dentro e fora de sala de aula. Os resultados alcançados foram: (1) descrição do perfil da Geração Z; (2) descrição dos desafios de formar a Geração Z; (3) descrição das contribuições inovadoras da AMF para a formação universitária da Geração Z.

As características e desafios identificados e elencados são trabalhados por meio de diversas ações integradas na AMF e no Recanto Maestro, que se consolidou um ecossistema de mapeamento, acompanhamento e desenvolvimento de jovens. Dentre essas ações, mencionam-se: metodologias ativas de ensino e aprendizagem em sala de aula, projetos de

extensão complementares, programas de formação docente e formação FOIL de professores, conversas e trabalho conjunto com as famílias dos jovens, casas do estudante com uma proposta pedagógica além da moradia, participação em projetos da Fundação Antonio Meneghetti, bolsa Identidade Jovem, oportunidades de estágio e trabalho no Recanto Maestro, monitoramentos periódicos realizados pelo setor de acompanhamento ao aluno, além de projetos específicos desenhados para essa nova geração, como o *Planner de Vida AMF*, a Mentoria Acadêmica Universitária e a Central de Carreira, Propósito e Autenticidade.

Finalmente, considera-se que a AMF tem desenvolvido soluções inovadoras para os problemas contemporâneos da formação universitária de jovens da Geração Z. Considera-se que essas soluções podem ser replicadas ou instrumentalizadas por outras instituições e profissionais, servindo como contribuição ao aprimoramento e atualização do processo educativo dessa geração no cenário contemporâneo.

Referências

DESMURGET, M. **A fábrica de cretinos digitais**: Os perigos das telas para as nossas crianças. São Paulo: Vestígio, 2021.

GONÇALVES, C. F.; MORO, W. A importância das disciplinas FOIL: Formação Ontopsicológica Interdisciplinar Liderística na Graduação de Direito. **Saber Humano: Revista Científica da Faculdade Antonio Meneghetti**, [S. l.], v. 1, n. 01, p. 06–16, 2024. DOI: <https://doi.org/10.18815/sh.v1i01.714>. Disponível em: <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/714>. Acesso em: 14 dez. 2025.

JAYATISSA, K. A. D. U. Generation Z – A New Lifeline: A Systematic Literature Review. **Sri Lanka Journal of Social Sciences and Humanities**, v. 3, n. 2, p. 179–186, 2023. DOI: <https://doig.org/10.4038/sljssh.v3i2.110>. Disponível em: <https://sljssh.sljol.info/articles/10.4038/sljssh.v3i2.110>. Acesso em: 30 nov. 2025.

MCCRINDLE RESEARCH. Gen Z and Gen Alpha Infographic Update. In: **McCrindle**, c2025. Disponível em: <https://mccrindle.com.au/article/topic/generation-z/gen-z-and-gen-alpha-infographic-update/>. Acesso em: 30 nov. 2025.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019.

MENEGHETTI, A. **Psicologia Empresarial**. Recanto Maestro: FOIL, 2020.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2022.

MENEGHETTI, A. **Os jovens e a ética ôntica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2025.

PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants, Part 1. **On the horizon**, MCB UP Ltd., v. 9, n. 5, 2001.

SCHAEFER, R.; SILVA, B. P.; WAZLAWICK, P. O passo adiante das hard e soft skills: a novidade da FOIL na formação universitária. **Revista Brasileira de Ontopsicologia - Brazilian Journal of Ontopsychology**, v. 2, n. 20, p. 39–58, 2022. Disponível em: <https://revbo.emnuvens.com.br/revbo/article/view/41>. Acesso em: 14 dez. 2025.

SCHAEFER, R. Formação, inovação e desenvolvimento humano: os desafios, a proposta e as contribuições da Antonio Meneghetti Faculdade. In: **Symposium Internacional Humanismo para o Futuro**:

Ontopsicologia e Educação para a formação de pessoas responsáveis e autônomas. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2025.

SILVA, B. P.; SCHAEFER, R.; WAZLAWICK, P. Who are the digital natives? Bibliometric analysis of the research on digital natives in international scope (2013-2022). **Cadernos de Educação Tecnologia e Sociedade**, v. 18, n. 3, p. 764–785, 2025. DOI: <https://doi.org/10.14571/brajets.v18.n3.764-785>. Disponível em: <https://brajets.com/brajets/article/view/1373>. Acesso em: 30 nov. 2025.

SILVA, B. P.; WAZLAWICK, P.; SCHAEFER, R. COMO FORMAR A GERAÇÃO Z NO ENSINO SUPERIOR? PERSPECTIVAS DE PROFESSORES DE METODOLOGIA FOIL. *In: Anais do Congresso Brasileiro Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia*. Diamantina (MG) Online, 2025. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/congresso-brasileiro-interdisciplinar-ciencia-tecnologia/1198031-como-formar-a-geracao-z-no-ensino-superior-perspectivas-de-professores-de-metodologia-foil/>. Acesso em: 30 nov. 2025.

STRAUSS, W.; HOWE, N. **Generations: the history of America's future, 1584 to 2069**. Morrow, 1992.

DO RELATIVISMO DOS ESTEREÓTIPOS À OBTENÇÃO DE MELHORES RESULTADOS NA ADVOCACIA

Jeferson Alexandre Ubatuba¹, Ricardo Schaefer², Rafaela Tagliapietra³

Resumo: Mesmo com diferentes visões, diversidade de estilos, perfis, áreas e modos de atuação dos advogados, o exercício da profissão implica a disseminação de valores e comportamentos comuns entre esses profissionais, que vêm a conformar um estereótipo característico. Nesta senda, o objetivo geral deste estudo consistiu em investigar a correlação entre estereótipos e advocacia e os seus impactos no exercício da profissão sob a perspectiva de análise ontopsicológica, enquanto os objetivos específicos consistiram em pesquisar sobre os elementos que compõem os estereótipos do advogado e como essas imagens estereotipadas exercem influência em sua atuação, analisar qual a percepção e como advogados que já possuem formação em Ontopsicologia lidam com esses estereótipos em suas estratégias de atuação e analisar quais os resultados obtidos pelos advogados que possuem formação em Ontopsicologia e buscam relativizar esses estereótipos. Nessa perspectiva, tem-se como propósito indagar se a relativização dos estereótipos para o desenvolvimento de estratégias de atuação profissional pode proporcionar melhores resultados na advocacia. Como metodologia, na primeira etapa, para construção de nosso referencial teórico, realizou-se uma revisão integrativa de literatura sobre o tema a partir de uma perspectiva interdisciplinar, enquanto na segunda etapa procedeu-se à realização de pesquisa empírica mediante a utilização de grupo focal. As conclusões obtidas indicam que os advogados que possuem formação em Ontopsicologia buscam relativizar os estereótipos e alcançam melhores resultados no plano pessoal e profissional, em sentido integral e global.

Palavras-chave: Direito; estereótipos; advocacia; Ontopsicologia.

From the relativism of stereotypes to achieving better results in law practice

Abstract: Despite the diversity of perspectives, styles, profiles, areas, and methods of practice among lawyers, the legal profession involves the dissemination of common values and behaviors, which ultimately shape a characteristic stereotype. In this context, the general objective of this study was to investigate the correlation between stereotypes and legal practice and their impacts on the profession from an ontopsychological perspective. The specific objectives were to examine the elements that constitute the stereotype of the lawyer and how these stereotyped images influence their professional performance, to analyze the perceptions of lawyers trained in Ontopsychology and how they deal with these stereotypes in their strategic approaches, and to assess the results achieved by lawyers with Ontopsychology training who seek to relativize such stereotypes. From this perspective, the study aims to explore whether relativizing stereotypes in the development of professional strategies can lead to improved outcomes in legal practice. As for methodology, in the first stage, we conducted an integrative literature review on the topic from an interdisciplinary perspective. In the second stage, we carried out empirical research through a focus group. The findings indicate that lawyers with training in Ontopsychology tend to relativize stereotypes and achieve better results both personally and professionally, in a comprehensive and holistic manner.

Keywords: Law; stereotypes; legal practice; Ontopsychology.

From the relativism of stereotypes to achieving better results in law practice

Resumen: A pesar de las diferentes perspectivas, estilos, perfiles, áreas de especialización y modalidades de ejercicio profesional de la abogacía, el ejercicio de la profesión implica la difusión de valores y

¹ Doutorando em Ciência Jurídica pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Professor na Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). E-mail: jeferson@ubatubaadvogados.com.br

² Doutor em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) com Pós-Doutorado em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor e coordenador na Faculdade Antonio Meneghetti (AMF).

³ Doutoranda em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora e coordenadora na Faculdade Antonio Meneghetti (AMF).

comportamientos comunes entre estos profesionales, que conforman un estereotipo característico. En este sentido, el objetivo general de este estudio fue investigar la correlación entre los estereotipos y la profesión jurídica, así como su impacto en el ejercicio profesional desde una perspectiva ontopsicológica. Los objetivos específicos fueron investigar los elementos que componen los estereotipos de los abogados y cómo estas imágenes estereotipadas influyen en su desempeño; analizar la percepción y la forma en que los abogados con formación en Ontopsicología abordan estos estereotipos en sus estrategias de desempeño; y analizar los resultados obtenidos por los abogados con formación en Ontopsicología que buscan relativizar estos estereotipos. Desde esta perspectiva, se pretende investigar si la relativización de los estereotipos para el desarrollo de estrategias de desempeño profesional puede conducir a mejores resultados en la profesión jurídica. Como metodología, en la primera etapa, para construir nuestro marco teórico, se realizó una revisión bibliográfica integradora sobre el tema desde una perspectiva interdisciplinaria, mientras que en la segunda etapa, se realizó una investigación empírica mediante un grupo focal. Las conclusiones obtenidas indican que los abogados con formación en Ontopsicología buscan relativizar los estereotipos y lograr mejores resultados a nivel personal y profesional, de forma holística y global.

Palabras clave: Derecho; estereotipos; abogacía; Ontopsicología.

1 Introdução

O tema deste trabalho surgiu a partir da constatação de que, não obstante a grande diversificação de áreas de atuação e diferentes visões sobre a forma e os objetivos da advocacia, o exercício desse mister enseja um tipo de formação, disseminação de valores e comportamentos comuns que vêm a conformar um estereótipo profissional.

Desde os bancos acadêmicos, o processo formativo dos operadores do Direito é voltado à estabilidade do ordenamento jurídico, à observância das leis e ao estudo das ferramentas de interpretação e aplicação das normas, dos fatos sociais que considera relevantes e dos valores da sociedade.

A dificuldade se apresenta quando, não obstante o arcabouço teórico, a preparação e os demais requisitos para o exercício profissional, mesmo adotando os padrões de comportamento, atitudes e valores esperados, seja observando leis, seus papéis, roteiros e 'ritos', os advogados não logram a obtenção de resultados satisfatórios.

Embora diversos fatores possam contribuir para essa realidade, o objetivo geral do presente estudo é investigar correlação entre estereótipos e advocacia e os seus impactos no exercício da profissão sob a perspectiva da análise ontopsicológica,

enquanto os objetivos específicos são a pesquisa sobre os elementos que compõem os estereótipos dos advogados e como essas imagens estereotipadas exercem influência na sua atuação, analisar qual a percepção e como advogados que já possuem formação em Ontopsicologia lidam com esses estereótipos em suas estratégias de atuação e analisar quais os resultados obtidos por esses advogados e como buscam relativizar esses estereótipos.

Por esse viés, a investigação sobre a relativização dos próprios papéis sociais e valores no exercício da advocacia, poderá contribuir para um ordenamento jurídico mais flexível, de maior e melhor função aos indivíduos e à sociedade, proporcionando a esses profissionais uma visão focada no fator humano, na paz social e na solução dos problemas.

Ademais, além de contribuir para a formação pessoal do próprio indivíduo atuante, a relativização dos estereótipos no exercício da advocacia lhe possibilitará também um aprimoramento profissional diferenciado, um traço distintivo capaz de contribuir para escolhas e estratégias assertivas e, conseqüentemente, aumentar a satisfação de seus clientes e seus próprios resultados.

2 Fundamentação Teórica

2.1 Estereótipos – Conceitualização

Pode-se afirmar que o surgimento de estereótipos remonta desde a antiguidade, pois tão logo formados, os agrupamentos humanos se diferenciavam conforme suas etnias, religiões, gênero e outras características em comum, conformando um contexto que lhe permitia simplificar, generalizar e categorizar determinadas realidades ou contextos.

Hodiernamente os estereótipos têm sido objeto de estudo da sociologia e da etnologia⁴, mas principalmente da psicologia social, que se preocupa com o modo em que os pensamentos, sentimentos e comportamentos do indivíduo são influenciados por terceiros (Aronson, 2015) e “cujas investigações sobre o tema possuem um viés empírico, mediante a realização de pesquisas de campo e experimentos” (Amossy, 2022, p. 39).

Segundo Johnson (2007), “a palavra (estereótipo) é tomada de empréstimo do processo de impressão gráfica, no qual uma única impressão é usada para produzir muitas cópias idênticas”, eis que, ainda no século XIX, definiam-se ‘obras estereotipadas’ aquelas impressas com placas cujos caracteres não eram móveis, e que poderiam servir para reproduzir novas tiragens.

O *corpus* doutrinário encontrado nesta pesquisa atribui a Walter Lippmann (1889-1974), jornalista, escritor e comentarista político radicado nos Estados Unidos, a introdução da noção de estereótipo enquanto

fórmula cristalizada e sua inclusão nas ciências humanas.

Lippmann, em seu livro *Opinião Pública* (2008), sustentava que o mundo exterior que o homem tinha a considerar estava politicamente fora de seu alcance, de sua visão e compreensão, por isso tinha que ser explorado, relatado e imaginado (Lippmann, 2008, p. 40).

Essas “pequenas imagens que carregamos dentro de nossas cabeças” (Lippmann, 2008, p. 90), fruto exatamente das ideias gerais do homem, apreendidas de seu ambiente circunstante, se formariam na sua mente e, mediante observações casuais e apreensão de alguns sinais de um determinado contexto, restaria preenchido seu ‘repertório de imagens’. Ao invés de ver aquela dada realidade, veria principalmente aquelas imagens em sua mente.

Tais imagens mentais seriam rígidas o suficiente para preservar a visão de mundo acolhida pelo indivíduo, ainda que suas concepções fossem colocadas em dúvida por novos fatos ou informações.

Para Pereira (2022, p. 239), os estereótipos são fenômenos que ensejam a generalização e padronização, “crenças, um constructo de base cognitiva e, como tal, fortemente associado aos nossos pensamentos, à nossa imaginação ou até mesmo às nossas fantasias”.

Os aspectos da *generalização* e *padronização* dos estereótipos também são destacados por Aronson (2015), para quem “o estereótipo é a generalização de um grupo de pessoas, em que características idênticas são atribuídas a praticamente todos os membros, sem se considerar a real variação entre eles”.

Em seu *Dicionário de Sociologia*, Johnson (2007, p. 93) diz que um estereótipo “é uma

⁴A sociologia e a etnologia fazem o uso da noção de estereótipo de um modo menos massivo e sistemático, sendo “significativo que o termo esteja muitas vezes ausente nos dicionários de sociologia e nos índices de palavras-chave” (Amossy, 2022, p. 39).

crença rígida, excessivamente simplificada, não raro exagerada, aplicada tanto a uma categoria inteira de indivíduos como a cada indivíduo na mesma” (Johnson, 2007, p. 93).

Recentemente, a partir de sua revisão sistemática do fenômeno em estudo, Jairo (2022) aduziu a seguinte definição de estereótipos

(...) estruturas cognitivas (crenças e esquemas) compartilhadas socialmente a respeito dos atributos de um grupo, usadas pelo observador para processar as informações coletadas do indivíduo alvo, de modo a promover associações que permitam a ele (o observador) inferir atributos do alvo apenas pelo enquadramento dele a determinado grupo ou categoria, ao passo que os pensamentos, ações, reações e as expectativas do observador em relação ao alvo sofrerão interferência dessas estruturas (...) (Jairo, 2022).

Nesse sentido, as pesquisas realizadas apontam para o surgimento dos estereótipos como fenômeno de estudo a partir do início do século passado, apresentando a *generalização*, *padronização*, *fixidez*, *rigidez* e a *repetição* como traços marcantes, ou seja, constructos mentais, visões pré-concebidas, imagens ou crenças sedimentadas e normalmente fechadas, resistentes à mudança, às quais o indivíduo se apega ou mesmo se identifica, definindo a partir dali seus valores, comportamentos e atitudes, independentemente de sua conexão com o real atual.

Vale, ainda referir que os estereótipos são altamente automatizados, ativando-se independentemente da consciência do sujeito, visão amplamente aceita na atualidade (Pereira, 2010), evidenciando que, muitas vezes, o sujeito é inconsciente sobre os estereótipos que utiliza.

Desse modo, cabe discutir como os estereótipos podem ser adotados em função de

determinado escopo, tema da próxima seção desta fundamentação teórica.

2.2 Sobre as funções dos estereótipos

Lippmann (2008) indicava nos estereótipos uma economia de comportamento, haja vista que apreender todas as coisas de uma nova maneira seria exaustivo e praticamente fora de questão no ritmo apressado da vida moderna. Ao invés, observados alguns traços que marcam um tipo conhecido, a completude da ideia se daria em nossas mentes por meio das imagens que carregamos (Lippmann, 2008, p. 91).

Além da economia de esforço, Lippmann (2008) sustentava que os estereótipos também servem à defesa das próprias tradições pessoais, da posição do indivíduo em sociedade. Haveria então, essa imagem do mundo, a partir da qual nossos hábitos, gostos, capacidades, confortos e esperanças se ajustariam: “são as fortalezas de nossa tradição, e atrás de nossas defesas podemos continuar a sentir-nos seguros na posição que ocupamos” (Lippmann, 2008, p. 97).

Amossy (2022) entende que os estereótipos implicam esquemas e categorizações, sendo indispensáveis à cognição, e mesmo que simplifiquem e generalizem demasiado, “temos necessidade de relacionar aquilo que vemos a modelos pré-existentes para compreender o mundo onde estamos, realizar previsões e regular nossas condutas” (Amossy, 2022, p. 36).

Perquirindo sobre as funções que os estereótipos desempenham na sociedade, Jairo (2022) observou aquelas *sociais* e as *individuais*. Dentre as *funções sociais* dos

estereótipos destacou ter encontrado as seguintes:

(1) influenciar a percepção das pessoas – interferência dos estereótipos na percepção do indivíduo sobre as pessoas e eventos sociais, e tendência a alocar o observado nas categorias preteritamente catalogadas, gerando atitudes preconceituosas, segregadoras e discriminatórias.

(2) explicar a realidade e a causalidade social – justifica a realidade social como algo autoexplicativo, favorecendo a naturalização de características de indivíduos ou grupos e a explicação sobre a ordem social instaurada.

(3) a função de diferenciação social – capacidade de distinguir positivamente seu grupo quando comparado a outro grupo.

Dentre as *funções individuais*, citado autor destacou as seguintes:

(1) a interferência nas expectativas e julgamentos - determinando o que esperar de situações específicas, sejam elas positivas ou negativas.

(2) profecias autorrealizadoras - quando o observador influencia o observado, a tal ponto de este adotar os comportamentos esperados por aquele.

(3) simplificação da realidade (economia cognitiva).

(4) automatização da realidade - execução sem que haja intenção consciente do indivíduo.

Além dessas quatro funções individuais, esse mesmo autor destacou ainda a função de defesa dos valores individuais do sujeito, ou seja, proteção do ‘eu’, a qual não foi relatada por nenhum autor em sua pesquisa, embora considere extremamente importante.

Diante das funções empregadas aos estereótipos, percebe-se que a utilização

desses modelos de comportamento pode ser vista de modo positivo, quando bem empregado pelo indivíduo, ou negativo, quando mal-empregado ou sofrido inconscientemente pelo indivíduo. A seção seguinte expõe essa discussão.

2.3 Sobre os aspectos positivos e negativos dos estereótipos

Não obstante as reflexões pioneiras de Lippmann (2008), com o surgimento de novos estudos, o tema desbordou para uma visão negativa dos estereótipos, a tal medida que o mesmo veio a ser usado como causa ou sinônimo de preconceito e discriminação (Amossy, 2022, p. 42).

Nos anos 1960 a psicologia social operou uma tripartição segundo a qual haveria uma distinção entre o *componente cognitivo* (estereótipo em si), o *componente afetivo* (preconceito ou hostilidade em relação a determinado estereótipo) e a *discriminação* (enquanto desfavorecimento por/pelo pertencimento a determinado estereótipo).

Posteriormente, foi novamente sublinhado o aspecto negativo do tema, impulsionado pela introdução da noção de *ameaça do estereótipo* por Claude Steele e Joshua Aronson em 1995, que colocou em evidência os efeitos negativos sobre a *performance* do indivíduo em decorrência dos julgamentos pejorativos sobre os estereótipos do grupo ao qual pertence, o que acarretaria um círculo vicioso de confirmação de preconceitos, tal como o fenômeno da ‘profecia autorrealizável’ (confirmação, pelo observado, das expectativas do observador), acima relatada (Amossy, 2022, p. 46).

Nesse sentido, verifica-se o viés negativo atribuído ao fenômeno em questão, segundo o qual um estereótipo é “uma crença socialmente compartilhada sobre as características de uma categoria social ou grupo de pessoas, que é necessariamente errônea (...)” (Torres, 2023, p. 85), justificando-se tal assertiva na medida em que o simples fato de uma pessoa fazer parte de um determinado grupo social não significa que ela tenha a mesma característica que as demais.

Pereira (2021) apresenta-nos aparente paradoxo ao afirmar que os estereótipos cumprem uma dupla função, organizando as experiências perceptivas e cognitivas (aspecto positivo), bem como oferecendo suporte para a construção de legitimações de hierarquias e desigualdades (aspecto negativo). Segundo esse autor, dentre as oito combinações cogitadas entre estereótipos, preconceitos e discriminação, haveria apenas uma possibilidade livre do preconceito e da discriminação: aquela onde o observador vislumbrasse somente estereótipos positivos no observado (alvo).

Noutra direção, Amossy (2022), lembra que “em vez de considerar os estereótipos como generalizações abusivas moralmente condenáveis, os estudos cognitivos veem o uso de estereótipos como um procedimento ‘normal’” (Amossy, 2022, p. 60), entendendo-se que importa atualmente a questão de como os estereótipos influenciam a vida social e as relações entre os grupos, ou seja, “os estereótipos não devem ser considerados como corretos ou incorretos, mas como úteis ou nocivos” (Amossy, 2022, p. 51).

A esse ponto, infere-se que o estereótipo pode ser entendido como um componente

cognitivo não necessariamente emocional, ou seja, que não tem em si uma carga de aceitação ou rejeição, a qual depende dos sujeitos envolvidos.

Segundo verificado no *corpus* doutrinário examinado, na medida em que é baseado na experiência e se confirme consentâneo à realidade, o estereótipo pode servir de instrumento adaptativo para lidar com situações cotidianas ou complexas. A estereotipagem, portanto, não acarreta necessariamente atitudes hostis ou negativas, sendo apenas um modo de simplificar uma ideia que formamos daquele objeto de conhecimento ou relação.

Todavia, se o estereótipo nos impede de identificar as diferenças individuais das pessoas, redundando em comportamentos de rejeição ou desaprovação sobre um grupo ou indivíduo com base em suas características, então pode transformar-se num condicionamento desajustado, injusto e nocivo tanto para a pessoa que o mantém como para o grupo de pessoas pertencentes àquela categoria.

Especificamente sobre a correlação entre os estereótipos e os operadores do direito, compreendidos profissionais e estudantes, Salgado (2012) buscou examinar os principais estereótipos atribuídos pela sociedade e pelas pessoas a esses grupos, segundo piadas a respeito desse segmento, fazendo a discussão de regras éticas.

Também se nota traços comuns da estereotipia do advogado em filmes como “O Advogado do Diabo” e “O Mentiroso”, além das séries “*Suits*” e “*The Good Wife*”, que a todo momento exploram os dilemas éticos e atribuem comportamentos desonestos, antiéticos e gananciosos aos profissionais,

reforçando estigmas tanto na sociedade quanto nos próprios advogados.

Não obstante a relevância e abrangência dos serviços prestados pelos advogados e seus papéis na sociedade, ainda que o ‘personagem’ do advogado seja abordado e explorado em livros e filmes, verificamos a ausência de trabalhos que correlacionem ou analisem especificamente os estereótipos e o exercício da advocacia, seja no plano teórico ou empírico.

Com o intuito de preencher a lacuna identificada, buscamos analisar teoricamente o conceito e a visão dos diversos aspectos deste fenômeno segundo a visão da ciência ontopsicológica, para em seguida proceder à investigação empírica sobre os estereótipos ligados a advocacia e os seus impactos no exercício da profissão. Nesse passo, a próxima seção tratará da abordagem ontopsicológica frente ao conceito de estereótipo e seus diversos aspectos.

2.4 Os estereótipos na visão ontopsicológica

A Ontopsicologia é uma ciência contemporânea que tem como objeto de estudo a atividade psíquica. Estuda os processos mentais do homem em primeira atualidade, em todos os seus aspectos e manifestações, compreendido também o problema ontológico, ou seja, ‘quem sou, de onde venho e para onde vou’. “Preocupa-se com o homem a partir de seu real fato antropológico e não de sua cultura ou reflexões” (Meneghetti, 2010, p. 19).

Dentre as contribuições da Ontopsicologia estão as suas três descobertas⁵, estruturas

elementares através das quais se constitui o inconsciente⁶, e dentre as quais destaca-se o monitor de deflexão, dada sua interseção com a temática abordada e objetivos do presente trabalho.

O monitor de deflexão apareceu diversas vezes na cultura do homem, seja na forma do mal, da angústia, da desgraça, da maldição ou outras (Meneghetti, 2017, p. 459), todavia Meneghetti evidencia e formaliza a passagem racional à compreensão desse mecanismo.

Meneghetti (2010, p. 187) explica que, enquanto a consciência é um *monitor de reflexão* que espelha o real e tem reversibilidade (correspondência) com o externo, o monitor de deflexão é “um dispositivo psicodélico que deforma as projeções do real à imagem”, um “programa que interfere nos processos perceptivos e voluntaristas do homem, alterando a imagem, defletindo (desviando) as projeções do real externo segundo a temática do sujeito receptor” (Meneghetti, 2021, p. 183-188).

Segundo Meneghetti (2017, p. 464-467), são ações específicas do monitor de deflexão: (1) estabelecer a coação a repetir sempre a mesma cena, as mesmas palavras, a mesma ideia predominante, que é circular e obsessiva, tornando o sujeito ausente do conjunto e fixado, pregado somente sobre um ponto; (2) associa a essa repetição tudo o que é fixo, estático, “o homem se torna pequeno, ineficiente, conhece o medo, se torna pequeno dentro de si e perde realidade”, ocorrendo uma monopolização da energia do sujeito; (3) o indivíduo começa a ter pequenas desgraças, acidentes, esquecimentos, *perde a orientação*

A. **Manual de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2022. p. 157.

⁶ O inconsciente é quântico de vida ativa que o homem é, mas ainda não conhece e não conscientiza (Meneghetti, 2006, p. 37).

⁵ Em Si ôntico, campo semântico e monitor de deflexão, conforme ‘As Três Descobertas’. In: MENEGHETTI,

de sua economia geral e (4) o indivíduo entra no monitor social externo, ou seja, ‘veste’ aquele modo, aquela mentalidade, a psicologia que a massa possui.

Sob o efeito do monitor de deflexão o “indivíduo tem uma racionalidade mecânica, um ‘chip’ ou programa que faz agir de modo automático produzindo sempre as mesmas ideias: 1) estimulação obsessiva em agressividade, 2) em sexualidade e 3) com resultado de complexo de culpa” (Meneghetti, 2013, p. 52).

O monitor de deflexão age através dos estereótipos, é o superego⁷, o organizador de todos os estereótipos adquiridos da sociedade (Meneghetti, 2013, p. 51). Os estereótipos são a base social de atuação do monitor de deflexão, o substrato externo que o monitor utiliza para agir, seja através da cultura, da moral, dos diversos comportamentos enraizados, que são convergidos para esse mecanismo (Machado e Schaefer, 2021). O superego é o conjunto desses estereótipos em âmbito social, “é a estrutura mais compacta e complexa sobre a qual se sustentam todas as concepções ideológicas, jurídicas e patológicas do social” (Meneghetti, 2012, p. 234).

No âmbito do superego social, Meneghetti (2013, pp.114-119) adverte a existência do *sistemismo legal*, ou seja, de um *mecanismo autônomo* que é o corpo social do monitor de

deflexão, qual seja, todo aquele aparato burocrático e estatal que, improvisamente, vai condicionando a sociedade. Diz-se ‘improvisamente’ porque, num primeiro momento, a perenidade das leis e criação das engrenagens estatais parecem ser vantajosas a todos, porém depois essas mesmas estruturas se mostram autônomas e inquiridoras, sobrepujando à sociedade.

La Rosa (2004) vai na mesma direção quando adverte sobre a existência de um *superego legal*, qual seja, uma espécie de estrutura-mecanismo pela qual, com o desenvolvimento das profissões jurídicas – advocacia, magistratura, promotoria, tabelionatos, dentre outras, se é levado a dar precedência ao conjunto de leis e valores sociais que integram o *corpus* normativo, o qual se faz prioritário em relação a outras formas de conhecimento que possam derivar de uma intuição experimental.

Vale lembrar que esse superego legal é cotidianamente vivido e alimentado pela contínua aprovação de novas leis e por uma imensa burocracia, a qual vai do balcão de atendimento das repartições públicas até os mais altos escalões do Poder Estatal (Judiciário, Executivo e Legislativo), e que os advogados fazem parte, podendo atuar condicionados, apenas como uma peça da engrenagem ou, ao invés, conceber passagens criativas e inovadoras, que impliquem soluções efetivas perenes e reforcem aos indivíduos e à sociedade.

La Rosa (2004) destacou que, estudando Ontopsicologia para seu interesse pessoal, com o tempo notou a diluição da influência do superego social, que assim tornou-se menos opressor e, dia após dia, aprendeu a analisá-lo ‘de fora’, distinguindo caso a caso em que era

⁷ Superego “é o eixo individual da doxa societária. Na primeira fase, é um conjunto funcional de grande vantagem para o pequeno em crescimento, uma vez que é a transmissão de conhecimentos (de como lavar-se à linguagem, etc.) que o social já adulto opera em vantagem do seu devir. O mal surge quando esse conjunto funcional é absolutizado, por isso se estrutura como informação prioritária ao real organísmico. Nesse modo, faz-se estrutura antecipatória sobre o conhecimento organísmico e consequente decisionalidade do Eu. A raiz última do superego é o monitor de deflexão, que se configura como estereotipia social (Meneghetti, 2021, p. 269).

absolutamente necessário usar os rígidos parâmetros da lei e onde, ao invés, se pode usar parâmetros de experiência, bom-senso, de qualquer modo sem desmentir a lei e a burocracia.

Etimologicamente, estereótipo significa: “torno estável, torna indivisível, endureço, sólido, duro, rígido” (Meneghetti, 2021, p. 107). Pode ser entendido como “uma conduta, um hábito geral, um modo mental comum a uma sociedade ou a um grupo” (Meneghetti, 2021, p. 29) ou ainda como “um modelo comportamental geral que se faz referência de outros semelhantes e que se torna valor de apoio para individuar segurança e razão dialética com a sociedade” (Meneghetti, 2021, p. 107).

Meneghetti, ao explicar sobre a *consumação da personalidade no interior do estereótipo*, assim o define:

Por “estereótipo” deve-se entender, qualquer conduta, comportamento, previsão no interior de uma instituição pública, de uma lei, de uma religião; de qualquer ato público que liga, configura, determina qualquer tipo de relação ou de compostos. Efeitos desse tipo de agregação são as chamadas “profissões liberais” (do advogado ao pedreiro), em cujo interior se estabilizam potentes subcódigos morais: o modo de ser honesto e não desonesto, o modo de pertencer a um grupo, qual grupo escolher e qual grupo evitar. Uma vez que surge uma situação onde, por um processo de equilíbrio de pontos-força do sistema, um determinado estereótipo se define vencedor, todos aqueles que são conduzidos no interior do estereótipo consideram-se pessoas vencedoras. Vice-versa, quando o estereótipo está perdendo, todas as pessoas contidas naquele estereótipo consideram-se falidas. (Meneghetti, 2019, p. 435).

Como se vê, segundo Meneghetti, as profissões liberais, dentre as quais refere expressamente aos advogados, são efeitos de agregações de leis, valores e modos de

conduta que determinam um tipo de relação *standart*, a partir da qual se forma um padrão de imagem, uma identidade a respeito dos indivíduos daquele grupo.

Sob essa perspectiva, assim ensina Meneghetti (2019, p. 69-70):

O estereótipo trabalha nas raízes do inconsciente, antes da consciência. Consequentemente, para encontrar o estereótipo específico, que condiciona a própria vida, é necessária uma verificação uma aplicação de análise técnica.

Deve-se recordar que os estereótipos foram a base da nossa formação linguística, psicológica, consciente, afetiva, a raiz sobre a qual depois foi colocada a estrutura sucessiva da nossa personalidade. Os nossos pais, a sociedade, os nossos professores eram todos fenômenos, palavras de estereótipos arquetípicos da sociedade. “Arquetipo” significa que é o primeiro princípio, o primeiro modo, o primeiro modelo de investir a nossa ação. É um modelo plurissecular. Em certo sentido, *os seres humanos são a biologia, a energia para os estereótipos.* Os estereótipos fazem parasitismo sobre toda a realidade humana e, quando o homem pensa e se expõe, já está programado pelos estereótipos, sobretudo por aqueles que mais ama e tornam-se carateriais. “Caracterial” significa que a continuidade, a repetição de um comportamento faz a estrutura e, uma vez estruturado, o sujeito é somente aquele.

Não obstante, em si, o estereótipo é neutro, podendo ser positivo ou negativo conforme a posição que sujeito adote em face da situação. É positivo quando o sujeito sabe usar aquelas leis, crenças, ideologias ou costumes de um modo econômico, como facilitação, atalho ou corrimão para realizar suas ações e objetivos sem contradizer diretamente o sistema, reforçando a sua própria funcionalidade e identidade de pessoa.

Do contrário, é negativo quando o sujeito se baseia em estereótipos rígidos e, agindo de modo condicionado e previsível, observando aquelas regras externas, passa a acusar a

estagnação, a regressão, a frustração e a perda de si mesmo.

Neste passo, infere-se que “devido aos próprios estereótipos, ou complexos, não há possibilidade de entrar historicamente no mundo exato das coisas, das relações, da complexidade e, portanto, no ganho possível” (Meneghetti, 2013, p. 206).

O homem nasce da natureza, porém logo sofre a incidência do social que o educa e o ‘formata’ conforme a cultura, crenças e costumes daquela sociedade, daquele grupo no qual está inserido. Nesse caso, ocorre um desvio da pulsão de natureza, que é impedida pelo compromisso do sujeito, o qual age movido por estereótipos e por suas pulsões inconscientes.

Para desintoxicar-se de seus automatismos e da coação a repetir, o indivíduo deve fazer metanoia⁸, mudar sua mente e posicionar-se em conformidade com a própria funcionalidade ôntica, ou seja, deixar de colocar em primeiro lugar a doxa societária e agir segundo a própria egoicidade, escolhendo aquilo que reforça a sua identidade em sentido existencial, sem afrontar diretamente o sistemismo social.

Não obstante a dificuldade de alcançar essa variação do pensamento⁹, dos critérios de escolha e comportamento do sujeito até a formação de uma nova mentalidade síncrona às suas atuais exigências de pessoa, suas exigências espirituais ou transcendentais, dentre os instrumentos de intervenção que utiliza, a Ontopsicologia possui a *consultoria*

⁸ “Aprender a si mesmo segundo a ótica da própria identidade de natureza (ou Em Si ôntico) (Meneghetti, 2022, p. 120).

⁹ “Não é fácil demover um sujeito dos seus estereótipos convencionais, visto – privado desses – ele é destituído de qualquer estrutura que o identifique a si mesmo, portanto, não reage e não assimila” (Meneghetti, 2022, p. 287).

*ontopsicológica de autenticação*¹⁰, a qual implica “um tempo longo, decisão contínua (de reforço e coerência com as mudanças empreendidas) e capacidade racional (inteligência aplicada de si mesmo no tabuleiro de xadrez social)” (Meneghetti, 2022, p. 287).

Portanto, a partir do conhecimento ontopsicológico, se o sujeito quer, se deseja verdadeiramente uma experiência para além das estereotípias, pode valer-se de seus instrumentos de intervenção e iniciar mudando os próprios hábitos¹¹, seu estilo de vida e as pequenas coisas de seu dia a dia, até a formação de modelos de comportamento atualizados e adequados à funcionalidade e desenvolvimento de sua identidade de pessoa. Nesse sentido,

reorganizando as próprias estruturas de sentido ou de mediação do real de modo contínuo, ele fabrica estereótipos idôneos como reguladores egóicos entre individuação e realidade. Nisso, o cliente inteligente e ativo, reconstitui, desde o início e continuamente, a própria consciência, isso é, a capacidade sempre mais aberta do Eu lógico-histórico (Meneghetti, 2022, p. 288).

Mediante tal proceder, resulta que o sujeito manifesta um desenvolvimento no plano integral e global, “compreendendo-se integral em sentido holístico humano, ou seja, o homem na sua totalidade (profissão, relações, economia, sociedade etc) e ‘global’, referindo-se ao ambiente, à sociedade onde está inserido” (Meneghetti, 2022, p. 148).

Portanto, percebe-se que Meneghetti vai além dos autores anteriormente citados,

¹⁰ Vide “O que é a psicoterapia Ontopsicológica”. In: MENEGHETTI, A. **O Em Si do Homem**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015. p. 83-90.

¹¹ “O hábito é a fenomenologia do estereótipo” (Meneghetti, 2022, p. 289).

desvelando as raízes dos estereótipos e apresentando-os como modelos de comportamento apreendidos que agem a partir de uma estrutura inconsciente.

Na visão da Ontopsicologia, o estereótipo em si é neutro e, devido ao percurso de autoconhecimento relativo a cada indivíduo, o resultado da utilização do estereótipo se dará conforme a posição que sujeito adota frente a determinada situação, podendo ser positivo ou negativo.

Resulta ainda que o sujeito tem a faculdade de desenvolver novos modelos de comportamento, que sejam adequados e funcionais aos seu crescimento e evolução.

3 Metodologia, Critérios de Pesquisa e Abordagem

Para a construção do referencial teórico, foi adotada a revisão integrativa da literatura, com uma abordagem interdisciplinar, buscando conhecimentos já produzidos sobre o tema e contextualizando o problema de pesquisa. A revisão foi realizada na base de dados CAPES, utilizando descritores como “Ontopsicologia e estereótipos” e “estereótipos e advogados/advocacia”, com foco nos últimos 5 anos. Os critérios de

pesquisa revelaram que a maior parte dos resultados sobre estereótipos e advocacia abordava questões raciais, de gênero e sociais, sem relação direta com os objetivos do estudo. Não foram encontrados estudos correlacionando a relativização de estereótipos com melhores resultados na advocacia, mas a análise dos artigos permitiu a elaboração do referencial teórico com base nos conceitos de estereótipos e na perspectiva da ciência ontopsicológica.

Na segunda etapa, foi realizada uma pesquisa empírica qualitativa por meio de um grupo focal, composto por seis advogados com mais de 30 anos e mais de dez anos de prática, que possuem formação em Ontopsicologia. O grupo focal, uma técnica qualitativa, buscou compreender as visões e comportamentos dos participantes sobre os estereótipos na advocacia.

A pesquisa foi guiada por um roteiro semiestruturado, com perguntas baseadas na fundamentação teórica, abordando três categorias de análise: (1) a influência dos estereótipos na atuação dos advogados; (2) como advogados com formação em Ontopsicologia lidam com esses estereótipos; e (3) os resultados observados desses advogados.

Quadro 1 - Perguntas e Categorias de Análise

Perguntas	Categorias de Análise
1) O que você entende por estereótipo e quais são aqueles que mais influenciam ou condicionam a atuação dos advogados? 2) E quanto à carreira e/ou negócios do advogado, essa questão dos estereótipos tem influência? De que forma isso acontece?	1) o que entende por estereótipo e sua influência na atuação dos advogados
1) Desde seus estudos sobre a Ontopsicologia, como você busca apreender, conscientizar e melhorar a própria posição diante dessa questão? 2) Você leva em consideração essa questão (dos estereótipos) quando no exercício de suas atividades profissionais? De	2) qual a percepção e como advogados que já possuem formação em Ontopsicologia lidam com esses estereótipos

que forma? Quais atitudes você passou a adotar a partir do conhecimento ontopsicológico?	
1) Como esse conhecimento, a conscientização e relativização dos estereótipos proporcionam melhores resultados em seu exercício profissional? 2) Quais são os fatores, os indicadores, os aspectos que você considera para aferir a excelência de seus resultados e sucesso profissional?	3) quais os resultados obtidos por esses advogados e como pode ser observada sua manifestação

Fonte: Elaborado pelo Autor (2023).

Mediante tais categorias de análise, verificaram-se os seguintes pontos de discussão (1) quais os principais estereótipos que influenciam a atuação dos advogados, (2) se esses profissionais tendem a levar em consideração a questão dos estereótipos quando no exercício de suas atividades, (3) a partir do estudo da Ontopsicologia, como buscam apreender, conscientizar e melhorar a própria posição diante dessa questão, (4) quais atitudes passaram a adotar a partir desse conhecimento, (5) como esse conhecimento, a conscientização e relativização dos estereótipos proporcionam melhores resultados em seu exercício profissional, (6) quais fatores são considerados para aferir a excelência de seus resultados. Os seis participantes foram identificados pela letra P de participante e com um número atribuído, resguardando a sua identidade.

As respostas foram organizadas, codificadas e analisadas com base em categorias temáticas previamente definidas, considerando tanto a teoria quanto a prática relatada pelos participantes (identificados como P1 a P6) e integrando o conteúdo de forma sistemática e crítica.

4 Análise e Discussão dos Resultados

Nessa seção, passa-se ao exame das respostas e informações obtidas com a realização do grupo focal, cuja análise foi procedida mediante o método dedutivo, tendo como premissas gerais os referenciais teóricos aportados e premissas menores as respostas encontradas, cujas considerações se deram a partir dos resultados verificados.

4.1 Conceitos de estereótipos e sua influência na atuação dos advogados

Quanto à primeira categoria de análise, estimulados a partir das perguntas formuladas, relativamente ao que entendem por estereótipos, a partir das respostas encontradas, verificamos que os participantes apontaram preponderantemente algumas características e aspectos conceituais abordados pela doutrina encontrada, notadamente a rigidez (Lippmann, 2008) e a fixidez (Giddens, 2023), seja do advogado ou de seus clientes.

Quadro 2 - 1ª Categoria de Análise Perguntas e Respostas - I

1ª Categoria de Análise	1) O que entende por estereótipos e sua influência na atuação dos advogados.
Pergunta	1. O que você entende por estereótipo e quais são aqueles que mais influenciam ou condicionam a atuação dos advogados?
Respostas	<p><i>P2. Estereótipo, pelo que a gente aprendeu, pelo que a gente estuda, é um modelo de comportamento, aprioricamente neutro, depende da significância que você dá a ele e como você o instrumentaliza na tua atividade.</i></p> <p><i>P1. Estereótipo é um posicionamento fixo. Eu falo do cliente, mas também do advogado.</i></p> <p><i>P3. Se for falar dos estereótipos, eles são formatos que as pessoas utilizam no seu dia a dia, no trabalho, e o advogado lida especialmente com condutas fixas, especialmente fixadas e reguladas conforme mandamentos abstratos que ele deve atender.</i></p> <p><i>P5. Dizer que os estereótipos são modelos de comportamento e que ele é neutro e depende como se usa, acho que isso é ponto pacífico.</i></p>

Fonte: Elaborado pelo Autor (2023).

Como se vê, também a neutralidade (Aronson, 2015) dos estereótipos foi destacada pelos participantes, seja por tratar-se de *‘um modelo de comportamento aprioricamente neutro*, o qual depende da significância que lhe é emprestada e como o profissional o instrumentaliza na sua atividade, seja pelo quanto se consegue ou não relativizar determinadas situações.

Os participantes denotaram a compreensão de que os estereótipos tratam de

condutas *repetidas, padronizadas e generalizadas* (Pereira, 2022) embora não tenham aludido a tais aspectos de modo literal.

Noutro aspecto, denota-se que os participantes apontaram no sentido de que os estereótipos exercem grande influência em seus comportamentos e atitudes como advogados, podendo ser positivos ou negativos, conforme quadro a seguir.

Quadro 3 - 1ª Categoria de Análise Perguntas e Respostas – II

1ª Categoria de Análise	1) O que entende por estereótipo e sua influência na atuação dos advogados.
Pergunta	2. E quanto à carreira e/ou negócios do advogado, essa questão dos estereótipos tem influência? De que forma isso acontece?
Respostas	<p><i>P3. O estereótipo influencia sim, ele é da natureza da atividade do advogado. O estereótipo é comum, e você lida com formas legais e rígidas, que você tenta instrumentalizar.</i></p> <p><i>P2. O que a Dra. P1 falou, sobre a máscara do advogado, isso é real, eu vivi isso, eu tive uma época que eu deixei a máscara colar em mim e isso é muito ruim! Eu tive que fazer um trabalho para descolar a máscara da pessoa do P2. O P2 é uma pessoa, ele usa um estereótipo para executar uma profissão, o estereótipo do advogado, isso é uma coisa muito clara hoje para mim, não era assim antes, eu demorei para poder entender isso.</i></p> <p><i>P4. Enquanto os colegas falavam, fiquei pensando em estereótipos. Assim no sentido enquanto ele pode nos dar um incômodo de ver as coisas, claro que depende do quanto a gente leva isso com um ‘óculos único’, a gente não consegue relativizar então acaba tendo esse tom negativo.</i></p> <p><i>P5. De fato, os clientes, assim como as pessoas em geral, eu acho que gostam de colocar as outras pessoas em fórmulas, que é mais fácil de viver assim. (...) É muito mais fácil colocar as pessoas em rótulos.</i></p>

<p><i>P5. Eu acho que para o advogado, por mais que se esforce, se não cuida a gente cai num sistemismo também, porque o ambiente é muito mais forte que nós em qualquer lugar.</i></p> <p><i>P1. A carreira também tem que ser conduzida, do meu ponto de vista, para os teus objetivos. Primeiro você vê quais são os teus objetivos, como pessoa, ou no seu negócio, para você progredir na carreira, mas da tua forma, não da forma como a sociedade vê. (...) eu acho que eu estou certa, porque é como eu me vejo, é aquilo que eu quero fazer nesse momento, eu trabalho com mais qualidade, sem pressão de quantidade, e eu procuro sempre me conhecer.</i></p> <p><i>P5. O ambiente é muito forte. Você pode ser um cara superestudioso, superinteligente, fazer consultoria, mas o ambiente tem um peso grande... Eu acho que o ambiente jurídico é muito forte, exerce uma coisa muito forte sobre nós. (...) O que eu quero dizer é que é muito fácil para nós, sem nos darmos conta, virar só mais uma peça do sistema. O sistema jurídico é muito forte, então a gente vira mais alguém que reprisa esses jargões (...)</i></p> <p><i>P3. A lei é um instrumento de trabalho do advogado, ela induz a comportamentos estereotipados, especialmente quando ela está longe da realidade e visa atender algumas situações que não são reais.</i></p> <p><i>P5. Acho que ninguém está livre dos estereótipos da sua carreira, da sua cidade, do seu país; eu acho que, no Direito, a profissão jurídica, seja ela qual for, tem uma carga muito forte do superego social, porque é a manifestação por meio de regras dele. O que é o Direito? É a moral sistematizada, cria as regras de punição para quem não cumprir. Então, é a moral em seu ápice, é a moral social no grau pesado.</i></p> <p><i>P2. Eu vejo muitos colegas se utilizando de alguns estereótipos, assim, tendo a lei como a suprema verdade, tendo a lei como a suprema verdade sistêmica, embora ela não seja uma verdade vital, é convencional. Então eu vejo que às vezes se dá mais importância para aquilo que é uma convenção, porque nós vivemos numa sociedade, do que aquilo que realmente se traduz em uma atitude que prestigie a vida, prestigie ao desenvolvimento, a vida, essas situações</i></p>

Fonte: Elaborado pelo Autor (2023).

Nessa direção, verificou-se a percepção de que, na sociedade em geral, constantemente ocorre o uso de *fórmulas* ou *rótulos* (comportamentos repetidos, padrões), para atribuir uma imagem aos profissionais, que nesse caso (dos advogados) são agravados por lidarem diretamente com as leis (*lex* = ligar, obrigar), sofrendo um condicionamento extra.

Tais inferências denotam a força que o estereótipo de advogado exerce, inclusive na vida pessoal dos profissionais, os quais, mesmo em situações não relacionadas ao trabalho, acabam adotando uma ‘máscara’, ou seja, um comportamento que repete seus habituais modos de exercer a profissão, como se estivessem sempre a fazer uso de um ‘*óculos único*’, um modo de ver as coisas,

num sentido também único, não obstante a diversidade de situações e contextos.

Noutro aspecto, enquanto o participante P2 menciona que *fez um trabalho* para se descolar da *máscara do advogado* (numa clara alusão aos comportamentos padrão profissionais que prosseguia utilizando em sua vida pessoal), P1 deixa claro que há um modo que a *sociedade te vê*, mas que é importante o valor da própria ambição, seus próprios objetivos, o que o realizará como indivíduo, como pessoa, e não aquilo que é uma ideia de mercado, preconizando que se deve construir a carreira ou negócio segundo as próprias proporções e não segundo parâmetros externos, da sociedade.

Nessa direção, veja-se que o participante P5 alude à força do ambiente, a qual, mesmo

o profissional sendo estudioso, inteligente e *fazendo consultoria*, tem uma influência muito forte sobre o sujeito, o qual, sem se dar conta (por tanto, de modo inconsciente), '*vira uma peça do sistema*', ou seja, passa a atuar executando o previsível, de modo automático, sem criatividade.

O profissional assim condicionado, alude P5, passa a reprisar jargões, lugares comuns do superego social, do qual sofre uma carga muito forte, dado que o Direito, na sua percepção, é a moral sistematizada, a moral em seu ápice, no seu grau pesado.

No mesmo sentido vai o exemplo citado por P2, quando faz alusão aos advogados que *absolutizam a lei*, ou seja, que se atém a *letra da lei*, não vislumbrando uma alternativa jurídica que resolva a aparente ou imanente contradição da lei com a realidade ou com os anseios da sociedade.

Da mesma forma, P3 afirmou que a lei é um instrumento de trabalho do advogado, mas que ela induz a comportamentos estereotipados, especialmente quando está longe da realidade e visa atender *situações não reais*.

Embora *situações não reais* trate-se de uma expressão sem contornos definidos, no contexto trazido pelo participante pode-se entender como 'situações não reais' tanto aqueles casos que envolvem a aplicação de leis desatualizadas que persistem em nosso ordenamento jurídico, quanto aquelas onde ocorrem discrepâncias entre os interesses preponderantes que determinaram a elaboração da lei e as necessidades reais da sociedade. Em quaisquer dessas hipóteses, o advogado que for fiel ao estereótipo legalista, de subserviência à lei, aos rigores e à rigidez normativa, simplesmente reforçará essas

discrepâncias e aumentará as tensões entre tais leis e a realidade social.

Em vista das respostas encontradas na categoria de análise em exame, revela-se que os participantes corroboram com a perspectiva de um sistemismo legal, tal como preconizado por Meneghetti (2013) e La Rosa (2004), o qual exerce grande influência sobre o comportamento e as atitudes dos advogados.

Nessa direção, o superego social e o sistemismo jurídico são determinantes, pois o sujeito é reiterada e continuamente constricto a agir segundo determinados parâmetros de conduta que lhes são atribuídas pelo externo, as quais comportam a violência do Estado mediante sanções.

Essa perspectiva amolda-se ao quanto referimos na abordagem teórica inicialmente desenvolvida, no sentido de que os estereótipos são altamente automatizados, ativando-se independentemente da consciência do indivíduo (Pereira, 2010), evidenciando que, muitas vezes, o sujeito é inconsciente sobre os estereótipos que utiliza.

4.2 Qual a percepção e como os advogados que já possuem formação em Ontopsicologia lidam com esses estereótipos

Neste tópico, os participantes foram indagados a respeito de suas próprias percepções sobre os estereótipos quando no exercício de suas atividades profissionais, ou seja, como buscam apreender, conscientizar e melhorar suas próprias posições diante dessa questão e de que forma levam isso em consideração, quais atitudes passaram a tomar a partir do conhecimento ontopsicológico.

Constatou-se que os resultados encontrados na pesquisa empírica apontaram diversos aspectos sobre como os advogados

que possuem formação em Ontopsicologia percebem e as maneiras como lidam com os estereótipos, conforme quadro que segue.

Quadro 4 - 2ª Categoria de Análise Perguntas e Respostas - II

2ª Categoria de Análise	2) Qual a percepção e como advogados que já possuem formação em Ontopsicologia lidam com esses estereótipos
Pergunta	1. Desde seus estudos sobre a Ontopsicologia, como você busca apreender, conscientizar e melhorar a própria posição diante dessa questão (dos estereótipos)?
Respostas	<p><i>P2. Às vezes eu procuro, quando eu me percebo, eu procuro é relativizá-los (os estereótipos) e usá-los naquilo que eles são úteis e funcionais para minha atividade.</i></p> <p><i>P1. Às vezes usar lei, não acreditando nela, mas usar a lei para resolver o problema, não para acreditar que aquilo é uma verdade absoluta.</i></p> <p><i>P1. Um estereótipo, se é para usar a lei, ele serve. Então, a lei é o estereótipo. Mas o estereótipo, ele não pode te fixar como profissional, você tem que ter a mente aberta para poder ajudar a resolver o problema.</i></p> <p><i>P.1 Quem sabe uma advocacia mais aberta? Mas usando a Psicologia no Direito, para que a gente tenha uma contribuição social, uma contribuição humana, para, não digo reformar a sociedade, mas pelo menos conscientizar as pessoas de que elas estão vivendo aquele problema ou aquela situação e que elas também podem ajudar a resolver, que não é só o advogado que resolve, e que ela pode ajudar, inclusive com as testemunhas, com a audiência.</i></p> <p><i>P.1 Talvez a bola tenha que ser devolvida (para o cliente), dizer ‘mas você, o que acha disso’, ‘o que você pensa dessa situação?’, ‘porque essa situação foi criada?’, ‘como você resolveria esse problema?’ Não esperar do advogado, que resolva seu problema. Eu acredito em uma advocacia mais inclusiva, incluir o cliente como responsável pelo seu problema, identificar, por que que ele está passando por aquela situação? E resolver o problema junto com o cliente. “Ah, eu tenho uma lei aqui para te ajudar, mas vamos tentar então um caminho mais aberto e vamos ver que estradas que a gente tem para poder resolver isso”.</i></p> <p><i>P3. Se eu fosse dizer algo sobre o estereótipo, seria tomar cuidado para não ficar emocionado com o comportamento repetitivo do cliente ou uma conduta. Um formato de conduta que não é adequado, não funciona, não ficar irritado com isso e, igualmente, evitar essa capa que se veste para poder se comunicar com outro e entrar nessa relação, que ela não seja um impeditivo para melhor atender o cliente.</i></p> <p><i>P1. Uma coisa importante também é não julgar o cliente! Porque julgar o cliente não faz parte do nosso ofício. Se ele é culpado, se ele é inocente ou não, a gente não está ali para condenar o cliente ou para dizer que ele está certo. A gente está ali para resolver o problema.</i></p> <p><i>P3. Eu acho que o advogado, ele tem também por outro lado, saber utilizar a lei como um instrumento, porque é da natureza da profissão do advogado ele ser parcial, ele vai ajudar o cliente, ele não pode entrar em postura de julgamento em relação ao que é correto, a decisão tem que ser sempre do cliente.</i></p> <p><i>P1. Não existe isso, nem de condenar nem de absolver (o cliente), você está ali como instrumento, não é tomar as dores do cliente nem condenar ele, porque senão você vai se contaminar, e você não vai ter aquela imparcialidade que a gente tem que ter no momento de resolver, aquela clareza para poder resolver o problema, se tu dentro dele tomando o lado de um ou de outro.</i></p> <p><i>P1. Se você já tomou o lado de um e de outro é melhor deixar a causa, tem que ser frio, inteligência fria.</i></p>

P4. O ideal seria de conseguir um tipo de solução, que nem o Direito: é uma ferramenta, mas existem tantos modos de fazer a solução, de resolver o problema. O importante é ver qual é o melhor modo para aquele momento, acho que este tipo de clareza a gente consegue ter, mas é uma tarefa que demanda uma autoobservação da gente enquanto profissional e maturidade também.

Fonte: Elaborado pelo Autor (2023).

Os participantes manifestaram que, em relação à lei, procuram ver o aspecto relacionado a sua utilidade e funcionalidade, indicando que buscam examinar o problema com a *mente aberta*, acreditando e se comprometendo com a solução, promovendo a interpretação e aplicação das leis com um escopo de incremento, de desenvolvimento, de ganho possível para seus clientes, em detrimento de uma visão mais estrita ou rígida da ordem normativa.

Depreende-se ainda, quanto ao ponto, que os participantes buscam a construção de uma advocacia que se utilize também de outros conhecimentos e competências, utilizando-se, por exemplo, da Psicologia no Direito, pois embora exista a lei, mencionam que a importância de buscar as concausas que influenciaram para ocorrer aquele problema.

Nesse sentido, as respostas preconizam que os advogados não devem se deixar influenciar, deixar absorver-se pelo problema ou envolver-se emocionalmente na dramaticidade dos clientes, mantendo o *frio da inteligência*¹² para poderem olhar o problema de fora, encontrar a resposta e usar os estereótipos para agir, transitar a melhor solução.

Tratando-se de perguntas abertas, os participantes direcionaram suas respostas para seu âmbito pessoal, conforme se depreende do quadro a seguir.

Quadro 5 - 2ª Categoria de Análise Perguntas e Respostas - II

2ª Categoria de Análise	1) Qual a percepção e como advogados que já possuem formação em Ontopsicologia lidam com esses estereótipos
Pergunta	2) Você leva em consideração essa questão (dos estereótipos) quando no exercício de suas atividades profissionais? De que forma? Quais atitudes você passou a adotar a partir do conhecimento ontopsicológico?
Respostas	<p><i>P1. Eu acredito a partir de um certo momento da carreira da gente, a gente começa a questionar o nosso comportamento, através da Ontopsicologia e da Psicologia. Eu tenho 23 anos de serviço e até hoje eu sempre fui muito responsável, colocando o cliente em primeiro lugar, mas eu nunca deixei de me responsabilizar comigo mesma, então, quando eu vejo que eu estou sendo consumida pelo cliente ou pelo escritório, eu faço o que eu estou fazendo agora, eu me dou um tempo.</i></p> <p><i>P2. O cliente te vê como uma tábua de salvação, te vê como um advogado e você tem que ser um advogado, mas por trás do advogado tem uma pessoa, ela tem os seus pontos fortes e tem os pontos fracos, e de vez em quando você tem que parar de dizer: 'espera aí, agora eu vou tirar um momento para mim'. A gente não pode ser advogado 100% do tempo, a gente veste a toga do advogado naquelas horas que a gente está ali trabalhando e depois a gente tem que</i></p>

¹² No contexto do presente trabalho, pela expressão '*frio da inteligência*', podemos entender a capacidade do advogado de manter a objetividade, a racionalidade e o distanciamento emocional e axiológico ao lidar com os problemas de seus clientes e com a própria prática jurídica. Diz respeito, portanto, à relativização dos próprios valores e sentimentos, que o advogado deve fazer para proceder à análise dos casos que lhe são submetidos, desprovido de condicionamentos subjetivos. É apontada como uma atitude crucial para evitar que suas emoções, opiniões e juízos adrede consolidados, obscureçam seu próprio julgamento e a análise técnica necessária para encontrar as melhores soluções.

<p><i>saber que tem que tirar a máscara do advogado quando a gente está em casa, quando a gente está com os amigos, senão você fica chato, você quer mandar em tudo, quer conduzir tudo.</i></p> <p><i>P5. É muito agregador conviver com pessoas de outras áreas, de outras cidades, se possível de outros países. O estereótipo influência muito mais do que a gente imagina e além da consultoria, buscar culturalmente outras coisas. Sempre quando eu estudar outras coisas eu vou ser um advogado melhor. Tempo atrás eu estudei roteiros de cinema, como são feitos, como são estruturados, como pode ser melhor. Há um tempo atrás estava estudando literatura e isso me ajudou a ser um advogado melhor, porque se desencilava das suas coisas, eu acho isso muito importante.</i></p> <p><i>P1. Estou fazendo uma viagem internacional para fazer uma coisa que eu gosto, e isso me fortalece como pessoa, e eu fortalecida como pessoa posso ser uma profissional melhor e relativizar também, eu não sou só uma advogada, eu sou uma pessoa.</i></p> <p><i>P3. Eu acho que uma das vantagens que a gente tem quando estuda a Ontopsicologia é descobrir a nossa humanidade, em relação, não somente a si mesmo evidentemente, mas em relação ao outro, exatamente porque você descobre a si mesmo, então você fica mais generoso. Então eu procuro sempre, eu sempre tive essa tendência mesmo antes de conhecer a Ontopsicologia mas depois de conhecê-la, eu uso isso com mais força, que é explicar para o cliente o que é que está acontecendo efetivamente, e se eventualmente ele está sendo conduzido por um estereótipo e decidindo de maneira inadequada, eu procuro contribuir para que ele perceba que está fazendo isso, até um certo ponto também, isso acontece com frequência.</i></p> <p><i>P6. Eu nem gosto que as pessoas acham que eu sou advogado, às vezes é uma pergunta que as pessoas fazem que eu quase nunca falo. E o cliente falou: mas o que que tu fazes? Quando a pessoa fala isso parece que eu venci. Eu sou advogado. Mas como assim, tu és advogado? É, eu sou um advogado diferente, eu sou empresário, sou empresário do ramo jurídico.</i></p> <p><i>P5. É muito fácil estudar fora né? Como espectador das coisas e não aplicar, porque aplicar perpassa por uma grande coragem que é relativizar a si mesmo, e às vezes se vê perdido. As pessoas têm uma visão muito poética e muito idealista e bonita do que é a liberdade e do que é o autoconhecimento, como se fosse a janela do paraíso. Na verdade, é um pouco diferente, Victor Frank é um cara que eu gosto muito de ler e que fala que a liberdade causa desconforto quando você se dá conta de onde você estava preso. Você é o crescer no outro mundo fica desconfortável, e eu acho que isso é um ponto determinante mesmo é aplicar.</i></p> <p><i>P5. Uma coisa que me ajudou muito é cultura diversa, cultura diversificada foi uma das coisas que o Professor Meneghetti levou muito a sério, foi para outros países conhecer outras culturas. Isso ajuda muito a desencilar o estereótipo e o seu jeito de ser que está vivo dentro você.</i></p> <p><i>P3. A Ontopsicologia sempre diz isso, que não é preciso você lutar contra a sociedade, contra o cliente. Essa é uma estrutura que está dada, e você consegue reconhecê-la melhor quando você se conhece.</i></p> <p><i>P3. Eu trabalho com arte também, eu faço curso de história da arte. Faço atividades de pintura, pinto quadros, enfim, conheço artistas, vou para lugares, vejo um filme, ouço uma música, gosto muito de ouvir música, então é o famoso tempo livre, e isso não é o fim de semana, é só o tempo que você tem para você, então você se refinar é fazer coisas mais nobres, mais bonitas, e isso tudo é importante, é quando você melhora como pessoa.</i></p> <p><i>P4. Para mim, o que funciona, o que é mais libertador é viajar, onde tem arte. Eu acho mais libertador. É um pouco isso, acho que esses momentos que a gente consegue ter como a P1 falou, isso vai renovando, a gente também vai se tornando melhor para o outro dia, para o trabalho, para a gente mesmo, dando prazer também fazer.</i></p>

Fonte: Elaborado pelo Autor (2023).

Foram destacados aspectos como a atenção, zelo e responsabilidade consigo mesmo, sugerindo que o profissional deve retomar-se sempre que, de acordo com a sua

subjetividade, sentir-se deslocado, fora de sua própria centralidade e capacidade pessoal, ou seja, sua inteligência deve estar ‘em forma’ para resolver o problema.

P2 fala em vestir o estereótipo do advogado somente enquanto está atuando, porém saber *usar outras vestes* quando estiver em outros ambientes, seja com amigos, familiares ou outros círculos sociais.

Para ter essa maleabilidade e capacidade de adaptação, os participantes destacaram o quanto é importante estudar coisas diferentes, diferentes áreas, variações de cultura e diversidade de ambientes, experiências internacionais, arte e um estilo de vida de lhes proporcione nobreza e flexibilidade mental.

P3 destacou que uma das vantagens quando se estuda a Ontopsicologia é descobrir a nossa humanidade, tanto em relação a si mesmo quanto ao outro, exatamente porque descobrimos a nós mesmos, mencionando o quanto este aspecto corrobora para que se desenvolva a generosidade, citando como exemplo que, com frequência, se empenha em auxiliar o cliente caso eventualmente ele esteja sendo conduzido por um estereótipo e decidindo de maneira inadequada.

Sendo assim, quanto a questão de saber como os advogados que já possuem formação em Ontopsicologia buscam conscientizar e

melhorar a própria posição diante dessa questão, constatou-se, a partir das respostas, que os participantes procuram não contradizer diretamente as estereotípias correntes, ou seja, procuram não confrontar os valores e modelos com os quais se defrontam, buscando, ao invés, adotar uma postura que lhes possibilite obter resultados positivos no seu exercício profissional diante da realidade dos estereótipos.

4.3 Quais os resultados obtidos por esses advogados e como pode ser observada sua manifestação

Com essa categoria de análise procuramos verificar quais os resultados obtidos pelos advogados participantes e como tais resultados se manifestam, a partir de suas próprias percepções, experiências e pontos de vista, ou seja, não pré-fixamos nem mesmo minimamente o que vem a ser ou não resultado, deixando os possíveis elementos e evidências ao critério dos próprios participantes, cujas respostas encontram-se no quadro a seguir.

Quadro 6 - 3ª Categoria de Análise Perguntas e Respostas

3ª Categoria de Análise	3) Quais os resultados obtidos por esses advogados e como pode ser observada sua manifestação?
Pergunta	1) Como esse conhecimento, a conscientização e relativização dos estereótipos proporcionam melhores resultados em seu exercício profissional? 2) Quais são os fatores, os indicadores, os aspectos que você considera para aferir a excelência de seus resultados e sucesso profissional?
Respostas	<p><i>P1. Sou feliz do jeito que eu estou. Estou achando que tenho muita coisa para aprender, mas eu estou bem satisfeita comigo. Eu posso fazer minhas viagens, posso ter minha casa no Recanto e eu não estou preocupada com o dinheiro. Eu estou preocupada é mais comigo mesma, e como que eu posso fazer um serviço de qualidade, que de uma diferença para a humanidade. Não só para cumprir prazo, eu não quero só cumprir prazos. Eu quero fazer algo que tenha um sentido para mim e para as pessoas e para a sociedade, esse é o meu objetivo. Isso eu aprendi na Ontopsicologia. 'Use a Psicologia no Direito', foi o que o professor disse para mim. Então, uso a Psicologia no Direito para o cliente, e a Psicologia eu uso pra mim também, não é só para o cliente, é pra mim.</i></p> <p><i>P2. Eu fiz a minha atividade de advocacia no início incorporando o estereótipo e depois eu consegui separar, então hoje eu faço outras atividades que não são só advocacia e eu estou feliz, satisfeito com ela.</i></p>

Para mim, foi a evidência de que eu consegui relativizar o maior dos estereótipos que eu tinha incorporado quando eu consegui descolar da máscara. Hoje o P2 não pensa mais como só como advogado. O P2 tem outras atividades também e faz as outras. Quando você me pergunta isso me vem assim, o exato dia que eu me olhei no espelho e disse, 'pois, eu não me reconheço lá!'

Aquela é uma máscara que grudou em mim e eu tive um certo trabalho para descolar ela de mim. Para vocês terem uma ideia, eu usava terno e gravata o dia inteiro. Cara, hoje vou usar a terno e gravata quando eu preciso. Eu já vim para o escritório de tênis, de camiseta, eu não tenho agenda nesse dia, só trabalho interno, então eu vou trabalhar assim agora. Quando preciso, eu entro na minha armadura, por assim dizer: Entra na armadura, aí é outra história.

P3. Eu acho que a vantagem da ontopsicologia é a grande vantagem de você ter esse conhecimento é que você, como você se conhece melhor perante uma outra pessoa, você consegue controlar melhor as situações e dar um serviço melhor para o cliente, eu acho que é essa a vantagem.

P3. A questão é que você se esquece de você mesmo, age meio automaticamente, e esse automático que você tem que tomar cuidado para não cair nele. E para o advogado, é um pouco difícil mesmo. Tem uma o Sócrates, um diálogo que é bem curtinho, que um transeunte pede para ele explicar alguma coisa, ele diz que não vai falar porque as palavras vão matar a verdade da coisa. E nós, os advogados, lidamos com palavras, então a gente tem que tomar cuidado para não para não perder a presença aqui, agora, assim. Isso é uma coisa que a gente ouviu muito, mas demora um tempo para pegar. E eu acho que esse é o grande resultado. Depois isso se espalha em tudo o que você faz. Eu estou num escritório mais bonito, cheio de obras de arte, que é meu. Está tudo diferente, e a evolução foi para algo mais belo, mais agradável, cotidiano. Enfim, é muito bom.

P5. Considero fácil responder isso (sobre os resultados da relativização dos estereótipos para sua advocacia) porque a evidência é muito forte. Porque quando a gente consegue relativizar os estereótipos, a gente sai do plano do dever ser e começa a ingressar no plano do ser. Digo 'começa' porque eu não me acho capaz de dizer que estou nesse plano, eu acho que é muita presunção, mas eu sei quando me afasto do plano do dever ser, que é o plano da obrigação, quando a gente se sente obrigado a algo, aí está um problema.

Eu acho que quando a gente está muito rígido, muito preso em estereótipos, a gente está muito repleto de obrigações e deveres. Quando a gente se aproxima de uma vida mais livre deles, existe uma tranquilidade, e a gente deixa de ser tão cérebro.

P1. Resultado em termos financeiros ou resultado em termos de alma? Então vou ler uma frase, porque a Ontopsicologia, às vezes não é o que a gente pensa. Ela tem que ter um resultado, um resultado primeiro para ti, depois para a sociedade. Então, uma frase que todo mundo conhece é 'de que adianta ganhar o mundo, se perdeu a própria alma?' Então primeiro salvar a alma, e com isso a gente tem um resultado. O P2 falou de descolar da máscara, isso para o advogado, se tu não descolar da máscara, tu morres, isso é certo.

A gente vê que existem advogados cadáveres já, e a gente não quer ficar assim. Então quando a gente se olha no espelho, a gente vê aquela pessoa que está por trás da máscara ou a gente não vê mais? Eu vejo a P1, então está! Então estou no caminho certo. Se eu não vejo mais, só vejo a máscara, então tenho que me retomar.

P4. Eu conheci a Ontopsicologia, não faz muito tempo, faz pouco tempo, mas na medida que a gente vai tentando se rever, compreender quando isso também aconteceu, sem eu perceber, eu fui me dar conta agora: como a gente vai mudando o tipo de cliente também, que nos procura! (Obs: os participantes P2, P3 e P5 se manifestaram concordando expressamente com essa afirmação)

E no meu caso, foi uma migração diária também. Eu estava numa área que, no fundo, eu não gostava, mas tinha um porquê eu atuava na época. E que agora não estou naquela área, com aquele tipo de cliente. Antes eu estava na área trabalhista, do lado do reclamante. Não tem problema nenhum com isso, mas não era algo que me satisfazia. Então isso também foi a partir desse processo. É interessante quanto a gente está nessa relação. O tipo de cliente também está ligado ao modo como a gente se coloca.

Fonte: Elaborado pelo Autor (2023).

Nesta categoria, questionados sobre seus resultados e como se manifestam, os participantes, ao invés de sublinharem dados objetivos, tais como número e/ou perfil de clientes, quantidade de processos, questões financeiras, reputação profissional ou outras, expressaram suas percepções pessoais a partir de suas próprias vivências.

Nessa direção, o participante P2 valeu-se de uma figura de linguagem, asseverando sua percepção de que relativizou o maior dos estereótipos que havia incorporado quando conseguiu *descolar-se da máscara*. Na sequência de sua resposta, P2 menciona que usava todos os dias a vestimenta própria dos advogados, passando a utilizá-la somente quando ‘tem agenda’, ou seja, quando em atendimento de seus clientes ou audiências.

Já o participante P1, ao responder sobre seus resultados e como observa as manifestações desses, manifestou sua satisfação geral com a profissão e o objetivo de fazer um serviço de qualidade, que faça diferença para a humanidade e, ao mesmo tempo, que faça sentido para si mesmo e para as pessoas e sociedade, indicando que vem aprendendo e construindo esses objetivos a partir do estudo da Ontopsicologia e da aplicação da Psicologia no Direito e na sua vida pessoal.

O mesmo participante apontou que a primeira questão é *salvar a própria alma*, e com isso se tem um resultado, frisando que há muitos que não se descolam da *máscara*, e ‘*todos morrem*’, é como se fossem ‘*zumbis, cadáveres já*’, e por isso é importante olhar-se no espelho e verificar, *se a gente vê a pessoa que está por trás da máscara e*, caso positivo, então as coisas estão bem.

Malgrado o participante P1 tenha feito uso de difícil metáfora, ao falar de alma, os indivíduos inequivocamente associam seus sentimentos e emoções, seus sonhos ou objetivos, seus propósitos de vida ou o sentido último daquilo que se faz. Em síntese, ao falar de alma, diz daquilo que é essencial, podendo-se concluir que são esses os elementos considerados primordiais e mais importantes para P1.

Sob outro prisma, o participante P5 relevou que a relativização dos estereótipos lhe proporcionou um afastar-se do plano obrigacional, pois quando se está ‘*muito rígido, muito preso em estereótipos, significa que se está muito repleto de obrigações e deveres*’. Ao invés, segundo P5, *quando a gente se aproxima de uma vida mais livre deles (dos estereótipos), existe uma tranquilidade, e a gente deixa de ser tão cérebro*’.

Por sua vez, o participante P3 expressou a preocupação com *esquecer de si mesmo*, quando então entra-se no automatismo do estereótipo, conforme várias vezes referido, sublinhando o quanto reputa a dificuldade dessa questão para o advogado.

Evidencia-se, que esses participantes consideram seus resultados profissionais a partir do quanto suas atividades lhes proporciona satisfação com o próprio desenvolvimento e evolução pessoal em vários aspectos de suas vidas, seja saúde, qualidade e estilo de vida, cultural, intelectual e espiritual, dentre outras, verificando-se, também nesse ponto, a intersecção das respostas encontradas com os aspectos teóricos anteriormente referidos (Meneghetti, 2022, p. 148).

5 Síntese dos Resultados e Considerações

Finais

Este trabalho investigou a relação entre estereótipos e o exercício da advocacia sob a ótica da Ontopsicologia, com foco nos impactos desses estereótipos na atuação profissional e nos resultados obtidos por advogados com formação ontopsicológica.

Na revisão teórica sobre estereótipos, foi possível entender como os constructos mentais generalizados, rígidos e resistentes à mudança, influenciam atitudes e comportamentos de forma inconsciente e automática. Embora possam funcionar como mecanismos adaptativos, tornam-se nocivos quando impedem o reconhecimento das individualidades, gerando atitudes não funcionais e perda de autenticidade.

A Ontopsicologia oferece uma perspectiva complementar, ao considerar os estereótipos como modelos de comportamento inconscientes e neutros. Seus impactos dependem da forma como o indivíduo os instrumentaliza. Quando usados de forma consciente, podem servir como apoio para ações eficazes; quando seguidos ou 'sofridos' automaticamente, geram frustração e afastamento da identidade pessoal. A disciplina propõe uma reorganização comportamental baseada na egoicidade e funcionalidade própria do sujeito, promovendo maior autenticidade e crescimento pessoal.

Com base na análise das respostas encontradas a partir da pesquisa empírica, elaboramos quadro sinótico a seguir, o qual sintetiza os principais aspectos evidenciados em cada uma das categorias de análise:

Quadro Sinótico 7 - Categorias de Análise e Principais Evidências Encontradas

Categorias de Análise	Principais Evidências Encontradas
1. Conceitos de estereótipos e sua influência na atuação dos advogados	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Os participantes demonstraram conhecimento da temática, referindo-se aos estereótipos como condutas repetidas, padronizadas e generalizadas. Sublinharam a rigidez (conforme Lippmann, 2008), a fixidez (citada por Giddens, 2023) e a neutralidade (mencionada por Aronson, 2015) dos estereótipos, interpretando-os como um "modelo de comportamento aprioristicamente neutro", cuja instrumentalização funcional ou disfuncional reside na significância que o profissional lhe atribui e na capacidade de relativização. ✓ Quanto à influência na atuação profissional, evidenciou-se a percepção de que a sociedade atribui "fórmulas ou rótulos" aos advogados, intensificados pela natureza da profissão, que lida diretamente com as leis. A metáfora da "máscara do advogado" foi frequentemente utilizada para ilustrar como o estereótipo profissional se estende e influencia a vida pessoal, demandando um esforço consciente para sua diferenciação. ✓ Foi destacado também um "sistemismo social e legal" que induz e condiciona fortemente o exercício das atividades profissionais, perpetuando estereotípias típicas da advocacia e a "absolutização da lei". Observou-se que a atuação inconsciente diante dessa realidade sistêmica pode levar à repetição de "jargões" e "lugares comuns do superego social", resultando em uma potencial perda de personalidade e criatividade do indivíduo.
2. Percepção e manejo de advogados com formação em Ontopsicologia em relação à problemática dos estereótipos	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Os participantes demonstraram a busca de uma visão mais flexível em relação à aplicação da lei, priorizando sua utilidade, funcionalidade e resultados concretos para seus clientes, em contraposição a uma interpretação meramente estrita ou rígida do ordenamento jurídico. Buscam promover uma interpretação que gere "ganho possível" e desenvolvimento. ✓ Os participantes salientaram a importância de uma visão e capacitação interdisciplinar (como a "Psicologia no Direito"), bem como a busca por um maior envolvimento e corresponsabilidade com o cliente na construção colaborativa de soluções e resultados almejados, valorizando a visão ampla do cliente sobre as "concausas" dos problemas.

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Também reforçaram a necessidade de auto-observação, maturidade pessoal e "inteligência fria" [vide nota 12, supra.]. O advogado, segundo os participantes, não deve julgar o cliente nem se deixar influenciar por emoções excessivas ou sentimentalismos, mas focar na resolução do problema, mantendo uma postura de instrumento imparcial. ✓ Foi enfatizada a responsabilidade e o zelo consigo mesmo, a valorização da identidade pessoal para além da profissão, e a busca por convívio com pessoas de outras áreas, conhecimentos e experiências culturais e artísticas diversificadas, promovendo um estilo de vida que proporcione nobreza e flexibilidade mental. ✓ Os participantes destacaram as dificuldades e a necessidade da coragem de "relativizar a si mesmos", o que pode gerar desorientação ou a sensação de perda da própria identidade pré-existente, mas é essencial para a evolução e desenvolvimento do indivíduo.
3) quais os resultados obtidos por esses advogados e como pode ser observada sua manifestação	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Os participantes evidenciaram seus resultados a partir de percepções pessoais e vivências subjetivas, em detrimento de dados objetivos. Das perguntas abertas e respostas espontâneas, atribuíram aos "resultados" um sentido integral e global, abrangendo múltiplas esferas da vida. ✓ Os participantes destacaram também o "descolar-se da máscara" (representando a separação consciente entre o estereótipo profissional e a vida pessoal); uma satisfação geral com a profissão alinhada aos propósitos pessoais; a busca por um serviço de qualidade que, além de eficiente, "faça diferença para a humanidade" e tenha sentido para o profissional; o afastamento de um "plano obrigacional" (onde tudo é dever) para alcançar maior leveza e tranquilidade; e mudanças significativas no perfil de clientes e na área de atuação. ✓ A preocupação constante em não "esquecer de si mesmo" e evitar o automatismo do estereótipo, mantendo o foco no "aqui, agora e assim" (presença e consciência), foi destacada como um grande resultado. Isso se manifestou, por exemplo, na construção de um ambiente de trabalho mais "belo e agradável", refletindo a evolução pessoal em todas as ações. ✓ Os resultados profissionais foram intrinsecamente ligados ao desenvolvimento e à evolução pessoal em múltiplos aspectos da vida, como saúde, qualidade de vida, cultura, intelecto e espiritualidade, corroborando a funcionalidade integral e global do sujeito.

Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

Dessa forma, verificou-se que os participantes demonstraram consciência sobre o conceito de estereótipo e relataram formas de sua influência na profissão e as dificuldades de desinvestir-se dos papéis que lhes são atribuídos, os quais tendem a invadir também sua própria esfera individual. Ressaltaram a importância da distinção entre o papel profissional e a identidade pessoal, além da necessidade de vigilância contínua para evitar a repetição automática de condutas impostas pelo sistema social e jurídico.

Sobre os resultados da formação ontopsicológica, os participantes relataram maior flexibilidade na interpretação das leis, foco na funcionalidade e utilidade para o cliente, e busca por uma atuação mais humana, responsável e interdisciplinar. Também

destacaram benefícios subjetivos como satisfação profissional, desenvolvimento pessoal, leveza no exercício da advocacia e mudança no perfil dos clientes.

Apesar da ausência de dados objetivos em base aos quais fosse possível estabelecer 'métricas' (ex: número de clientes e resultados econômico-financeiros), os relatos indicam que a relativização dos estereótipos contribui para uma advocacia mais consciente e adequada às exigências contemporâneas, com efeitos positivos na vida profissional e pessoal dos advogados. A pesquisa confirma a viabilidade e os benefícios dessa abordagem, sugerindo como continuidade a ampliação da amostra e a inclusão de indicadores quantitativos em estudos futuros.

Referências

- AMOSSY, Ruth; PIERROT, Anne Herschberg. **Estereótipos e Clichês**. São Paulo: Editora Contexto. 2022.
- ARONSON, Elliot; WILSON, Timothy D.; AKERT, Robin M. **Psicologia Social**. São Paulo: Grupo GEN, 2015. *E-book*. ISBN 978-85-216-2946-7. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-216-2946-7/>. Acesso em: 22 set. 2023.
- Bardin, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil. 2016.
- GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip W. **Sociologia**. Grupo A, 2023. *E-book*. Tradutora: Cláudia Freire. ISBN 9786559760237. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786559760237/>. Acesso em: 23 set. 2023.
- HAMILTON, D.; STROESSNER, S.; DRISCOLL, D. Social cognition and the study of stereotyping. Em P. Devine, D. Hamilton & T. M. Ostron (Orgs.). **Social cognition: impact on social psychology**. Academic Press, 1994. p. 291-321.
- JAIRO, Israel; FRANÇA, Dalila. Os estereótipos: Uma revisão Sistemática das Publicações Conceituais. **Cadernos de Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 1-20, out. 2022.
- LA ROSA, Emanuela. Il Super-Io Legale Quale Ostacolo All'intuizione del Professionista. In: MENEGHETTI, Antonio. **Business Intuition: Atos do Congresso Business Intuition**. São Paulo: FOIL, 2004.
- LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Tradução e prefácio de Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- MENEGHETTI, Antonio. **A Arte de Viver dos Sábios**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2021.
- MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária. 5. ed. 2021.
- MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2022.
- MENEGHETTI, Antonio. **Nova Fronda Virescit**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2006.
- MENEGHETTI, Antonio. **Os Jovens e a Ética Ôntica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.
- PEREIRA, Marcos Emanuel. **Estereótipos**. Salvador: Kindle (e-book). 2022.
- PEREIRA, Raoni Paiva. **Relação Entre Estereótipos e Automatismos por Meio de Estudos em Priming**. Dissertação de Mestrado. UFBA. 2010. Disponível em: https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/raoni_paiva.pdf.
- TORRES, Cláudio Vaz.; NEIVA, Elaine Rabelo. **Psicologia social: principais temas e vertentes**. Grupo A, 2023. *E-book*. ISBN 9786558820741. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786558820741/>. Acesso em: 23 set. 2023.

EDUCAR A QUEM? A VISÃO ANTROPOLÓGICA COMO ELEMENTO SUBJACENTE AO ATO EDUCATIVO NA PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA

Bruno Fleck da Silva¹

Resumo: Pensar a Pedagogia como ciência pressupõe a consideração de elementos teóricos e indicativos de orientação prática aos educadores, entretanto, a própria Pedagogia na variação de inúmeras perspectivas orientadoras carece de uma precisa visão antropológica. A dificuldade em uma compreensão ontológica que defina o que é o sujeito humano e quais os seus possíveis parece ser indispensável para que se possa elucidar qualquer pressuposto formativo. Para superar tal problemática, apresentamos a visão antropológica subjacente ao ato educativo na Pedagogia Ontopsicológica de Antonio Meneghetti que assume sua visão e ação a partir do fato base de que cada indivíduo é uma individuação e a partir de sua individuação é que deve ser educado.

Palavras-chave: educação; Pedagogia Ontopsicológica; crise das ciências; Em Si ôntico.

Educating whom? The anthropological perspective as an underlying element in the educational act within Ontopsychological Pedagogy

Abstract: Thinking about Pedagogy as a science presupposes the consideration of theoretical elements and indicators of practical guidance for educators; however, Pedagogy itself, in the variation of numerous guiding perspectives, lacks a precise anthropological vision. The difficulty in an ontological understanding that defines what the human subject is and what its possibilities are seems indispensable for elucidating any formative presupposition. To overcome this problem, we present the anthropological vision underlying the educational act in Antonio Meneghetti's Ontopsychological Pedagogy, which assumes its vision and action from the basic fact that each individual is an individuation and it is from this individuation that they should be educated.

Keywords: education; Ontopsychological Pedagogy; crisis of the sciences; Ontic In Sé.

¿Educar a quién? La perspectiva antropológica como elemento subyacente del acto educativo en la Pedagogía Ontopsicológica

Resumen: Pensar en la Pedagogía como ciencia presupone la consideración de elementos teóricos e indicadores de orientación práctica para educadores; sin embargo, la Pedagogía misma, en la variación de numerosas perspectivas orientadoras, carece de una visión antropológica precisa. La dificultad de una comprensión ontológica que defina qué es el sujeto humano y cuáles son sus posibilidades parece indispensable para dilucidar cualquier presupuesto formativo. Para superar este problema, presentamos la visión antropológica que subyace al acto educativo en la Pedagogía Ontopsicológica de Antonio Meneghetti, que asume su visión y acción desde el hecho básico de que cada individuo es una individuação y es a partir de esta individuação que debe ser educado.

Palabras clave: educación; Pedagogía Ontopsicológica; crisis de las ciencias; In Sé ontico.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) com Pós-Doutorado em andamento em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor na Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). E-mail: bruno.fleck@hotmail.com

É a partir do conceito grego de *paideia* que o ideal de Educação assume uma posição determinante para a cultura que irá caracterizar o homem ocidental. Naturalmente que toda comunidade humana manifesta um ideal educativo a partir da cultura e do tempo que vive. Entretanto, o legado ocidental de um educação a partir da *paideia* encontra no conceito grego de areté, isto é, de virtude, uma perspectiva singular, que ao propor o quanto deve ser educado, revela capacidades específicas do humano e portanto, uma visão precisa de homem.

A visão de homem presente no ideal grego de virtude é a de que este, a partir do quanto é específico das faculdades de sua alma, intelecto e vontade, pode agir sobre sua própria natureza, potencializando-a em direção ao que intenciona ser (Jager, 2013), num ideal aristocrata. Ainda mais, vale recordar que virtude, em sua derivação latina, etimologicamente advém de *virtus*, que é a semente. Justamente, a virtude aparece no contexto da educação grega como um exercício próprio da alma, uma vez que esta se encontra na tensão entre a própria natureza virtual, a identidade, a sua completude histórica, a dimensão ato.

No ideal aristocrata de educação encontramos a contínua vinculação entre os elementos presentes nos deuses e heróis gregos que poderiam ser motivacionais ao quanto presente na capacidade humana de fazer-se mais. Diferente de uma referência mítica que exclua a própria posição do humano, os referenciais mitológicos gregos atestam potencialidades presentes também no homem e, por isso, é que os valores aristocratas serão fortemente incluídos nas posições do humanismo ocidental, seja ela

clássico, bem como histórico, renascentista e perene.

Tal visão de educação edificou possibilidades que eram todas delimitadas a partir do quando se via acerca da natureza humana, o homem, como sujeito que pode edificar a si mesmo. Por outro lado, se nos deparamos com as inúmeras abordagens educacionais hoje amplamente difundidas, todas elas estão pautadas numa delimitação objetiva e o espaço à indagação sobre a natureza do sujeito da educação, o próprio sujeito humano parece ser secundária. Outrossim, são as disfunções de aprendizagem, ou a visão excessivamente sintomática do sujeito humano, sem uma visão de sua específica natureza que parece ter domínio sobre as reflexões na Educação.

Margherita Carotenuto em seu *Paideia ôntica* (2024) afirma a necessidade de trazer-se à pauta das questões educacionais na contemporaneidade duas premissas reflexivas: a) a confusão existe acerca do próprio estatuto científico da Educação, uma vez que as inúmeras doutrinas e escolas pedagógicas divergem sobre elemento como o próprio objeto investigativo e interventivo e; b) a ausência de uma visão de homem que oriente a própria prática pedagógica.

Para além de alta constatação, em grande parte identifica-se que muitas perspectivas atuais sobre a educação não possuem a força de fundamento baseada na tradição. Antonio Meneghetti atestou tal problemática referindo-se que: “Hoje, perdeu-se a fonte histórica da pedagogia, por exemplo. A grande pedagogia do tempo grego, a grande pedagogia do tempo dos romanos, a grande pedagogia de alguns aspectos da Idade Média. Hoje, todos partem, mais ou menos, de 1500,

com Bacon, e depois se vai adiante com tantos outros” (ABO, 2015, p. 55).

Como possibilidade resolutive a essas questões e como afirmativa de retomada de um ideal de homem baseado em valores aristocratas, isto é, como ideal de uma própria potencialidade do fazer a si mesmo, é que a Pedagogia Ontopsicológica desponta como fonte de reflexão e ação acerca das problemáticas educacionais atuais. Justamente, a força do posicionamento da Pedagogia Ontopsicológica está na unidade entre sua específica visão de homem e, portanto, do que é educar.

Antonio Meneghetti², cientista italiano e fundador da Ontopsicologia, ciência por ele desenvolvida nos anos setenta na Europa, considera a necessidade de uma Pedagogia Ontopsicológica. Antes de defini-la é necessário compreender o que é a própria Ontopsicologia, que em termos gerais pode ser entendida como: a compreensão da lógica, do funcionamento da psique quando age a partir do específico ser individual da pessoa (Meneghetti, 2022). Logo, fazer Ontopsicologia é revisar a própria consciência, como solo da psique, para compreendê-la a partir da própria identidade pessoal.

No que refere-se à Pedagogia Ontopsicológica, Meneghetti (2022, p. 455) esclarece que: “A real novidade da Ontopsicologia, aplicada no campo pedagógico, é a do critério-base de natureza ou Em Si ôntico”. O autor compreendeu que a pessoa humana possui uma estrutura e que, a distinção individual não é dada pelas modalidades da consciência, pelo próprio pensar ou por sua história pessoal, mas mais do que isso, pelo específico Em Si ôntico,

entendido como o núcleo formal que dá a personalidade.

A partir da premissa ontopsicológica, compreende-se que o ato educativo, *educere*, “tirar de dentro para fora” como sugere a própria etimologia latina do termo, consiste em: precisar a individualidade do sujeito a partir do seu próprio Em Si ôntico (Quem é?) e a partir disso, coadjuva-lo a realizar (Como pode viver e agir por como é?). Nesse sentido, salienta o autor que: “Uma vez individuado o Em Si ôntico, caso se consiga fazer uma pedagogia que consinta o desenvolvimento do projeto de natureza, obtém-se, antes de tudo um indivíduo sadio e, depois, capaz de realizar a própria existência de modo criativo” (Meneghetti, 2022, p. 455).

Com o conceito de Em Si ôntico, Meneghetti direciona o olhar sobre a pessoa humana não a partir de categorias universais, mas pela particular situação, concreta e histórica da existência individual. Assim, o pressuposto antropológico dado pela Ontopsicologia não é o de tecer configurações orientadoras sobre o homem em si, mas o perguntar-se pelo “quem” de cada sujeito humano. Uma vez que se compreende que cada pessoa é individuada, isto é, não se divide, pois se afirma como substância ôntica, como “este e não aquele”, então têm-se o critério que permite orientar um direcionar-se, um desenvolver-se pedagogicamente: sanidade, realização e criatividade.

Sanidade, do grego *saos* significa conservar. Assim como existe a necessidade da conservação da ordem biológica do próprio corpo (ex. homeostase) também a vida interior, o constitutivo da pessoa, deve ser um progressivo desenvolver-se. Nesse sentido, sanidade é, antes de tudo, ter a capacidade de

² 1936-2013.

desenvolver-se como pessoa segundo o próprio e específico potencial de natureza. Já Aristóteles, em sua *Metafísica* (2015) compreendeu que o sujeito humano está tensionado entre a sua potência (capacidade de desenvolver-se), que é virtualidade (a partir da própria identidade) e a sua dimensão ato, o seu realizar-se. Nessa tensão está situada a existência humana, e, nesse sentido, sanidade é poder ser o que se é.

Realização é um conceito amplamente tematizado a partir do advento da Psicologia Humanista nos anos cinquenta e sessenta. Abraham Maslow³ falou de “autorrealização” justamente para sustentar que realização é sempre realizar-se, e isso se dá a partir de si mesmo. Carl Rogers⁴, por sua vez, tratou da “tendência atualizante”, isto é, a capacidade de tender-se em movimento contínuo, no sentido de que a educação deve favorecer o tornar-se como possibilidade. Rollo May⁵ considerou que a realização está situada na coragem para ser quem se é.

A realização a partir da perspectiva ontopsicológica possui uma dimensão ontológica, isto é, o sujeito realiza-se quando faz autóctise histórica, isto é, quando torna concretado histórica o próprio existir, portanto, trata-se de um autopor-se em progressiva ação a partir da própria realidade ôntica, isto é, do seu específico ser.

É basilar, a partir de tal preceito filosófico, que toda formação dê espaço à realização da pessoa, ainda que em infância. Realização, nesse sentido, é um elemento que deve acompanhar a pessoa em seu progressivo tornar-se, uma vez que a criança, na pedagogia ontopsicológica é

entendida como “fenomenologia do a espírito e autóctise histórica” (Meneghetti, 2022, p. 456), ou seja, como manifestação da vida individuada, do ser, e que está num progressivo tornar-se.

De um ponto de vista crítico, os sistemas educativos impõem o exercício da lei e a formatação dos modos heterogêneos de viver, por outro lado, o progressivo desenvolvimento do humano é um fator que não se dá por experiência homogênea, natural. Para Meneghetti: “O mais significativo é que cada criança aprende *ex-novo* a sua corporeidade mundana de modo profundo, sem nenhum mestre externo que lhe ensine” (Meneghetti, 2022, p. 457).

A partir desse preceito crítico, compreende-se que não se educa sem o espaço da disponibilidade para a realização, para a manifestação individual do educando, o que direciona o agir pedagógico para o próprio núcleo do Humanismo na vivência do valor da dignidade da pessoa enquanto agente e responsável pelo próprio tornar-se. Assim, entende-se com o autor que: “A essência da pedagogia ontopsicológica é relativizar o mundo à fenomenologia do espírito”. A relativização, em termos práticos, é uma customização, um direcionar-se do educar para a individuação do educando.

O ideal humanista de educação, presente na transição da Idade Média para a Idade Moderna, recuperou o ideal grego de *paideia*. Carotenuto (2024, p. 111) sustenta que: “No conceito de *paideia* clássica existe essa intuição que não deve dar ao homem ‘uma’ forma, mas a ‘sua’ forma e, se na cultura clássica a natural aristocracia da alma foi confundida com a aristocracia econômica-política, o Renascimento retoma o

³ 1908-1970.

⁴ 1902-1987.

⁵ 1909-1994.

conceito de aristocracia da natureza e do mérito”. Nesse sentido, fica visível que a Pedagogia Ontopsicológica retoma esse ideal uma vez que compreende a educação como o fator decisivo para que o sujeito aprenda a construir-se por si próprio e associar à sua vida as condições que o tornem virtuoso em tal propósito, isto é, faça por quanto é e nisso descubra o próprio valor do existir.

Desde a infância identificam-se tantas problemáticas as quais colocam já o sujeito humano numa posição de abertura, isto é, não resolução total de si mesmo, porquanto as condições familiares, sociais e formação da personalidade em acontecimento sugerem um ser conforme o já estabelecido exteriormente. Assim, convém retomar uma definição substancial de homem dada por Meneghetti (2015, p. 13) em seu primeiro livro publicado *Ontopsicologia do Homem*⁶: “O homem é um problemático aberto cuja solução fica em dependência de um valor a realizar”. Com isso, tem-se por assegurado o fato de que a realização está na dependência do próprio sujeito, que é portanto solução existencial para si próprio.

A função responsabilizadora da educação é assim retomada pelo preceito humanista de fundo na Pedagogia Ontopsicológica. A capacidade de responder, a capacidade do ato responsável não se aplica somente ao âmbito jurídico (imputabilidade), mas faz sentido também em âmbito existencial, sendo decorrente dessa última instância a sua significação na educação. Em sentido profundo, a responsabilidade abre a categoria filosófica da responsividade, e tantos são os

pressupostos pelos quais o sujeito humano é convocado à responsividade, que é um preceito ético.

Ainda mais, para Meneghetti (2022, p. 462): “A responsabilidade nasce de um determinismo derivante do indivíduo situado em ambiente”. Nesse sentido, a capacidade da responsabilidade está em saber-se a si mesmo diante das situações, portanto, trata-se de uma ética da situação⁷. O olhar atento e as vivências constituídas no presente, são exigências de uma educação humanista, que educa o homem não somente a partir de categorias universais, mas também o educa para responder o que vida em sua concretude dele exige, num dado momento específico, que é sempre um agora: assim, seria a capacidade de saber a si mesmo diante da diversidade do mundo, da oferta de informações e de tantos desafios, isto é, como educar um sujeito a saber a si mesmo. Por fim, trata-se de compreender que: “Ser responsável, portanto, não uma escolha, mas um fato ineliminável a partir do momento em que se existe onde um evento intervém” (Meneghetti, 2022, p. 462).

Em relação à *realização*, compreende-se que, a partir da Pedagogia Ontopsicológica, significa ainda um agir em caráter *teleológico*: a partir da causa agente chega-se à causa final. Teleológica é toda a ação a qual o quanto é feito no presente destina-se a ter resultados no futuro, de modo que uma causa intensifica a outra. Nesse sentido, o agir pedagógico destina-se à realização, que tem por causa agente o próprio sujeito em sua intrínseca identidade, por como ele é, e, portanto, a

⁶ O referido texto está presente no livro: Filosofia Ontopsicológica, primeira parte. Cf. MENEGHETTI, Antonio. **Filosofia Ontopsicológica**. 5 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

⁷ O tema é explorado pelo autor em: MENEGHETTI, Antonio. **O existir ético do homem**. In: Manual de Ontopsicologia. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2022. p. 475-481.

pedagogia deve ser um impulso para que a criança conheça a si própria e possa atual o próprio potencial.

Quando o sujeito histórico conhece a si próprio e age em conformidade a isso ele possui o que em Ontopsicologia chama-se de *consciência ôntica*. Todo o processo educacional age sobre a consciência, nesse sentido, a pedagogia deve favorecer a consciência ôntica, o pensar, o agir, o ser, o viver a partir do quanto se é. Para Meneghetti (2022, p. 460): “Quando se fala de pedagogia, deve-se entender um crescimento ordenado a um próprio fim: a consciência ôntica, que constitui agente do próprio devir histórico”. A noção de consciência ôntica difere-se do entendimento comum da “consciência psicológica”, portanto, trata-se de uma posição da consciência da qual o sujeito exercita o próprio eu não a partir da estrutura aprendida em bases heterogêneas, mas que confrontou, examinou e criticamente revisou os próprios parâmetros em conformidade ao próprio critério, que é a identidade pessoal enquanto Em Si ôntico.

Por fim, abre-se a dimensão da *criatividade*. Somente tendo confrontado o próprio eu à própria identidade mediante uma pedagogia ocasional à evolução progressiva pode-se pensar uma existência onde cada ação individual resulta em ato criativo. Hodiernamente o tema da criatividade aparece com estima por parte de muitas áreas que pensam o humano, no que se refere à nossa perspectiva em questão, a criatividade não é mediada somente pelo elemento da ação, mas junto com a própria ação é um derivante de uma posição psíquica da própria personalidade, uma dinâmica.

Para Meneghetti (2022), a pedagogia como instrumento de ocasião para o tornar-se do sujeito faz com que ele tenda para dinâmica já prevista pela lógica de natureza da própria vida, por ele denominada de: “Saúde para a criatividade”. Acerca disso afirma: “A constante de relação entre Em Si e Eu determina, inevitavelmente, a sanidade e o crescimento, a partir do momento em que o primeiro, nascente perene, pulsa vida e o seguinte a torna história” (Meneghetti, 2022, p. 149). Portanto, trata-se de viver a dimensão do eu, que age, em sintonia com a pulsão de vida dada pela própria identidade, Em Si ôntico.

A dimensão da criatividade pressupõe não um conjunto de técnicas ensinadas e apreendidas pelo sujeito, mas antes disso, uma disposição como modo ôntico da consciência. Se como fora visto o Em Si determina-se na novidade de cada situação, é respondendo às situações da vida que o sujeito aprende a ser criativo, pela novidade própria que ele é. Por “nascimento perene” entende-se que a identidade se manifesta como vida propulsora de novos quereres, de novas realidades objetais às quais chamam o sujeito a uma posição nova de si mesmo diante da variedade de situações que se apresentam.

Para Meneghetti (2018, p.72) criar: “[...] significa elaborar algo com uma novidade eficiente, ou como estética ou como função”, ainda mais, trata-se de “[...] produzir algo do nada de si mesmo. Construir uma solução positiva não prevista pelas premissas vistas segundo a lógica corrente”. Assim, o ato criativo está na disposição de ocasionar algo onde o mesmo não existe, não simplesmente algo para ser fruído, mas algo que possa ser função, respostas, solução.

Uma pedagogia da criatividade pressupõe esse contato com o sujeito e, depois, um contato dele para com ele próprio, pois é a partir da própria realidade única que se é que se pode descobrir e fazer surgir o novo, isto é, como já referido, o novo é derivante do *ex novo*, da própria novidade da vida que é cada pessoa. Em tal perspectiva, compreende-se que a criatividade é sempre relativa ao modo pelo qual a pessoa é, às suas características e à sua própria identidade. Partindo dessa lógica, infere-se que quem não se conhece reproduz a vida, e quem se conhece cria a vida.

Nosso autor ainda fala sobre a “tríade dialética da criatividade” (Meneghetti, 2018, p. 76), composta pela seguinte lógica: a) situação problemática; b) competência técnico-racional do sujeito; c) aplicação de um novo modo de racionalidade à situação problemática através da competência do sujeito operador. Nesse tríplice movimento, o ponto fundamental é a capacidade de olhar para a situação que se apresenta tendo como critério a si próprio e depois agindo sobre tal realidade igualmente tendo como critério a si próprio.

A Pedagogia Ontopsicológica desponta ante as discussões acerca da educação fazendo o apelo a uma educação baseada na pessoa, como identidade e individualidade. Nesse sentido, os elementos constituintes do educar favorecem o manifestar-se do sujeito como ocasião de vida, de distinção diante da heterogeneidade imposta e como premissa para uma personalidade autenticada.

Toda ação pedagógica se desenvolve em torno de uma visão de homem que se tem por base, em nossa perspectiva, trata-se da visão de que o homem é único pelo quanto se sabe e tem poder de ação pelo quanto é, assumindo

para a própria existência a dialética entre ser, saber e fazer, pressuposto a um ideal de educação humanista. Portanto, diante de tantas variáveis onde a própria visão de homem é um elemento disperso, é necessário recuperar um ideal de ciência educativa que se funde numa visão de homem, para que assim, a própria pedagogia, como pensada pelos pais gregos tenha força para ser referência e alternativa ao proceder do acontecer do homem contemporâneo diluído em tantas urgências do nosso presente.

Referências

ARISTÓTELES. **A Metafísica**. Tradução de Marcelo Perini. São Paulo: Loyola, 2015.

JAEGER, Werner. **Paideia: A formação do homem grego**. Coleção Clássicos. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MENEGHETTI, Antonio. **Filosofia Ontopsicológica**. 5 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2022.

MENEGHETTI, Antonio. **Criatividade e Sensibilidade Estética**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2018.

ANÁLISE ONTOPSICOLÓGICA DO PENSAMENTO DE SUCESSO EM JOVENS DE 11 A 18 ANOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA

José Solon da Silva Júnior¹, Annalisa Cangelosi²

Resumo: A educação é vital para o crescimento dos alunos, mas a pandemia de COVID-19 impactou profundamente o sistema educacional brasileiro, causando falta de socialização e problemas psicológicos entre os estudantes. Nesta pesquisa, investigamos se alunos de uma escola pública no Rio Grande do Sul, com idades entre 11 e 18 anos, têm uma mentalidade orientada para o pensamento de sucesso e sensibilidade liderística. Utilizamos um questionário adaptado das Características Comportamentais do Empreendedor (CCE) de McClelland e exploramos a teoria da Ontopsicologia de Antonio Meneghetti para aprofundar nossa análise do desenvolvimento da mentalidade humana e dos estereótipos associados à juventude. Os resultados fornecem *insights* sobre como os alunos percebem seu futuro, possibilitando a implementação de medidas para promover seu crescimento pessoal e acadêmico. Esse estudo é relevante para melhorar estratégias de ensino, especialmente em cenários desafiadores como a pandemia, contribuindo assim para o sucesso dos estudantes.

Palavras-chave: educação; sensibilidade liderística; Ontopsicologia; pensamento de sucesso; juventude.

Ontopsychological analysis of success thinking in young people aged 11 to 18 from a public school

Abstract: Education is crucial for students growth, but the COVID-19 pandemic has deeply impacted the Brazilian educational system, leading to a lack of socialization and psychological issues among students. In this research, we investigate whether students in a public school in Rio Grande do Sul, aged 11 to 18, possess a success mindset and leadership sensitivity. We used an adapted questionnaire from McClelland's Entrepreneurial Behavioral Characteristics (EBC) and delved into Antonio Meneghetti's Ontopsychology theory to enhance our analysis of human mindset development and youth-related stereotypes. The results provide insights into how students perceive their future, enabling the implementation of measures to promote their personal and academic growth. This study is relevant for enhancing teaching strategies, particularly in challenging scenarios like the pandemic, thereby contributing to students' success.

Keywords: education; leadership sensitivity; Ontopsychology; success mindset; youth.

Análisis ontopsicológico del pensamiento de éxito en jóvenes de 11 a 18 años de una escuela pública

Resumen: La educación es vital para el crecimiento estudiantil, pero la pandemia de COVID-19 ha impactado profundamente el sistema educativo brasileño, causando falta de socialización y problemas psicológicos entre los estudiantes. En esta investigación, investigamos si los estudiantes de una escuela pública en Rio Grande do Sul, con edades comprendidas entre 11 y 18 años, tienen una mentalidad orientada hacia el pensamiento de éxito y la sensibilidad de liderazgo. Utilizamos un cuestionario adaptado de las Características del Comportamiento Emprendedor (EBC) de McClelland y exploramos la teoría de la Ontopsicología de Antonio Meneghetti para profundizar nuestro análisis del desarrollo de la mentalidad humana y los estereotipos asociados con la juventud. Los resultados proporcionan información sobre cómo los estudiantes perciben su futuro, lo que permite la implementación de medidas para promover su crecimiento personal y académico. Este estudio es relevante para mejorar las estrategias de enseñanza, especialmente en escenarios desafiantes como la pandemia, contribuyendo así al éxito estudiantil.

Palabras clave: educación; sensibilidad de liderazgo; ontopsicología; pensamiento orientado al éxito; juventud.

¹ Doutor em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Franciscana (UFN). E-mail: jsolonjunior@gmail.com

² Doutora em Pedagogia Experimental pela Università degli Studi di Roma "La Sapienza" / Itália. Professora na Faculdade Antonio Meneghetti (AMF).

1 Introdução

A educação exerce um papel crucial na formação dos jovens, indo além do aprendizado acadêmico ao desenvolver cidadãos responsáveis, críticos e criativos. Entretanto, a pandemia de COVID-19, declarada em 2020, trouxe desafios significativos, especialmente na educação, ao forçar a adoção do ensino remoto e híbrido no Brasil. Dados do Ministério da Educação (MEC) (Brasil, 2021) indicam que os estudantes em fase de alfabetização foram os mais impactados, apresentando uma queda significativa no desempenho em leitura e matemática entre 2019 e 2021.

Além das dificuldades acadêmicas, a pandemia intensificou problemas como o aumento de 25% nos casos de ansiedade e depressão globalmente (WHO, 2022), afetando também a juventude brasileira. A pesquisa “Juventudes e a Pandemia - E Agora?” (2022) revela que 63% dos jovens entrevistados relataram ansiedade, e 47% buscaram acompanhamento psicológico.

Esses desafios reforçam as preocupações anteriores sobre a saúde mental dos jovens, já apontadas por estudiosos como Antonio Meneghetti (2015, p. 83), que questionava em 2008 sobre o futuro e o potencial da juventude. Na Escola Estadual de Educação Básica Dom Antônio Reis (EEDAR), em Faxinal do Soturno, identificam-se tanto dificuldades quanto potencialidades a serem exploradas, justificando a realização deste estudo.

Diante desse contexto, surge o seguinte problema de pesquisa deste trabalho: “Os alunos da escola possuem um pensamento de sucesso, que assim possa revelar uma sensibilidade liderística?”. O problema foi

analisado por meio de um estudo quanti-qualitativo baseado no questionário de Características Comportamentais do Empreendedor (CCE) de McClelland (Mansfield *et al.*, 1987).

Ao partir deste problema, temos como objetivo geral do atual trabalho:

- Investigar se os alunos da escola possuem um pensamento de sucesso, que assim possa revelar uma sensibilidade liderística.

Para isso, tais objetivos específicos serão procurados:

- Oferecer uma visão geral sobre o desenvolvimento dos jovens ao longo da história, para introduzir o diferencial da abordagem ontopsicológica;
- Esclarecer o conceito de “pensamento de sucesso” frente à questão etimológica, às pesquisas de diversos autores, entre os quais Antonio Meneghetti, para uma visão científica mais ampla;
- Analisar questionários aplicados aos alunos da escola, para verificar se possuem um pensamento de sucesso que demonstre uma sensibilidade liderística.

A seguir, será discutido o conceito de “pensamento de sucesso” e a sua relevância no desenvolvimento juvenil.

2 Referencial Teórico

Neste referencial teórico, discutiremos o conceito de “pensamento de sucesso” e as suas variações. Abordaremos também ideias de pensadores de diferentes épocas sobre o desenvolvimento humano, culminando com a visão de Antonio Meneghetti.

2.1 Explicação etimológica de “Pensamento de Sucesso” e “Sensibilidade Liderística”

A expressão “pensamento de sucesso”, usada neste trabalho, não é amplamente encontrada

na literatura científica com essa terminologia exata. Sua etimologia é explorada no Quadro 1, que analisa a composição das palavras em português e latim.

Quadro 1 – Etimologia da expressão “pensamento de sucesso”

Português	Latim	Sentido (Faria, 2020)
pensamento = pensar + -mento	<i>Pensare</i>	Próprio: suspender, pesar (tanto físico quanto moral). Figurado: ponderar, examinar.
	<i>-mentum</i>	Sufixo que forma um substantivo derivado de um verbo, indicando ação ou resultado.
Sucesso	<i>Successus</i>	Próprio: aproximação, chegada.
		Figurado: êxito, bom resultado.
Traduções	Próprio: ato de pesar a chegada.	
	Figurado: ato de examinar o êxito, ato de ponderar o bom resultado.	

Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Apesar da etimologia apresentada, “pensamento de sucesso” pode ser interpretado de forma mais ampla, referindo-se à mentalidade que contribui para alcançar objetivos e resultados positivos em diversas áreas. Em inglês, termos como “*success mindset*” se aproximam desse conceito, com “*mindset*” sendo popularizado pela obra “*Mindset: A Nova Psicologia do Sucesso*” (2006) de Carol S. Dweck.

A “sensibilidade liderística” refere-se à capacidade de liderança e ao poder de “centrar com sucesso o espaço-tempo da própria vida” (Meneghetti, 2013, p. 141). Essa característica implica ambição e apreço por si mesmo, elementos essenciais para um verdadeiro líder. Compreendidos esses conceitos, passamos agora a examinar como a educação de jovens foi formalizada historicamente.

2.2 Uma visão histórica da educação dos jovens

A educação dos jovens tem raízes profundas, influenciada por diversas civilizações e pensadores ao longo da história. Na Grécia Antiga, Atenas se destacou como centro intelectual, com filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles moldando a educação voltada para o desenvolvimento das virtudes. Sócrates, por meio dos diálogos registrados por Platão (1991; 2008), enfatizava o crescimento moral e intelectual dos jovens. Platão, em obras como “*A República*” (2008), defendia a educação voltada para virtudes sociais, enquanto Aristóteles, em “*Ética a Nicômaco*” (1987), via a juventude como fase crucial para a formação de caráter.

A influência grega continuou na era romana com Sêneca (1991) e Cícero (1999), que destacavam o cultivo de virtudes e a liderança na educação dos jovens. Durante a Idade Média, filósofos cristãos como Tomás de Aquino (2005) reintroduziram esses

conceitos, focando na educação moral e cristã. No Renascimento, o humanismo de Petrarca (2003) e Pico della Mirandola (1998) trouxe de volta a valorização do potencial humano e do autoconhecimento.

Friedrich Nietzsche (2003), na Idade Moderna, questionou os valores tradicionais, enfatizando a autossuficiência e a criatividade como formas de superação. Por fim, Antonio Meneghetti contribuiu significativamente para a compreensão do desenvolvimento dos jovens, tema que será explorado no próximo item.

2.3 A visão ontopsicológica sobre o desenvolvimento da juventude

A Ontopsicologia, desenvolvida por Antonio Meneghetti, baseia-se em três princípios fundamentais: o Em Si ôntico, que representa o núcleo inteligente e verdadeiro do indivíduo; o monitor de deflexão, que distorce a percepção da realidade, afastando o indivíduo da sua essência (Meneghetti, 2009, p. 35); e o campo semântico, que permite colher e avaliar as informações do mundo (Meneghetti, 2009, p. 37).

O desenvolvimento da mentalidade humana é dividido por Meneghetti (2013, p. 30-32) em cinco fases, com destaque para as Fases II (6-14 anos) e III (14-24 anos), cruciais para o amadurecimento dos jovens. Na Fase II, forma-se a consciência e surgem questões relacionadas à maturação fisiológica e sexual. Já na Fase III, a capacidade intelectual atinge seu auge, permitindo maior autonomia no aprendizado.

Meneghetti (2013, p. 53) identifica estereótipos como biologismo, idealismo crítico e consumismo, que moldam

negativamente os jovens, levando a vícios como sexomania, alcoolismo, toxicodependência, antissociabilidade (delinquência), psicossomática grave, superficialidade do poder digital (Meneghetti, 2013, p. 71-72). Esses estereótipos e vícios prejudicam o desenvolvimento integral, muitas vezes perpetuados pelo sistema educacional que falha em cultivar a autonomia e a criatividade desde a infância.

Além disso, Meneghetti (2017, p. 91) destaca estereótipos específicos da cultura brasileira, como o uso de droga para a busca de experiências sobrenaturais, a prática de rituais religiosos com intenções negativas, a mal compreendida noção de liberdade, a busca ilusória pela felicidade, a preguiça, a crença infundada na sorte futura e a tendência a práticas sexuais. Esses estereótipos são vistos como barreiras ao desenvolvimento pleno, que só é possível através da conexão com o Em Si ôntico e da superação das distorções causadas pelo monitor de deflexão.

A educação europeia, ao contrário, incentiva o aprendizado de múltiplas línguas e habilidades, preparando os jovens para experiências internacionais e culturais, alinhadas com sua verdadeira essência (Meneghetti, 2019, p. 101). Esse modelo contrasta com o contexto brasileiro, onde a falta de incentivo ao protagonismo juvenil resulta em uma formação inadequada.

Em síntese, a Ontopsicologia propõe que o verdadeiro desenvolvimento da juventude requer uma introspecção profunda, autossuficiência e alinhamento com o Em Si ôntico, superando os estereótipos e vícios impostos pela sociedade e adquirindo uma leitura e compreensão mais ampla da realidade por meio do campo semântico.

3 Método

A pesquisa utiliza métodos quantitativos e qualitativos para fornecer uma análise abrangente dos dados. A abordagem qualitativa ajuda a compreender o contexto do problema, enquanto a quantitativa permite a análise estatística dos resultados (Malhotra, 2006). O questionário das Características Comportamentais Empreendedoras (CCE) de McClelland (Mansfield *et al.*, 1987) foi aplicado para identificar perfis empreendedores entre os alunos.

O questionário foi administrado a alunos dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio da EEDAR, com idades entre 11 e 18 anos, abrangendo as Fases II e III do desenvolvimento mental (Meneghetti, 2013, p. 30-31).

O sistema de avaliação educacional é composto por três trimestres, com notas variando de 0 a 10 pontos, sendo 6 a média de aprovação. As pontuações do questionário das CCE indicam a propensão para um pensamento empreendedor, baseado em características como confiança, perseverança e criatividade (McClelland, 1961).

O questionário, adaptado do trabalho de Schaefer (2018), inclui 55 perguntas e usa uma escala de Likert (1 a 5), e é apresentado no Apêndice. As questões são divididas em 10 características empreendedoras, com algumas questões negativas que precisam ser ajustadas no cálculo (Quadro 2). A pontuação máxima para cada característica é 25, e uma pontuação igual ou superior a 15 indica um perfil empreendedor.

Quadro 2 – Divisão das CCE nas questões do questionário

CCE	Questões				
(1)	Q_1	Q_{12}	Q_{23}	Q_{34}^*	Q_{45}
(2)	Q_2	Q_{13}	Q_{24}	Q_{35}^*	Q_{46}
(3)	Q_3	Q_{14}	Q_{25}	Q_{36}	Q_{47}^*
(4)	Q_4	Q_{15}	Q_{26}	Q_{37}	Q_{48}
(5)	Q_5	Q_{16}	Q_{27}	Q_{38}^*	Q_{49}
(6)	Q_6	Q_{17}^*	Q_{28}	Q_{39}	Q_{50}
(7)	Q_7	Q_{18}	Q_{29}^*	Q_{40}	Q_{51}
(8)	Q_8	Q_{19}	Q_{30}	Q_{41}^*	Q_{52}
(9)	Q_9	Q_{20}^*	Q_{31}	Q_{42}	Q_{53}
(10)	Q_{10}	Q_{21}^*	Q_{32}	Q_{43}	Q_{54}
<i>F</i>	Q_{11}	Q_{22}^*	Q_{33}^*	Q_{44}^*	Q_{55}

Fonte: Adaptado de Schaefer (2018).

No quadro, as questões marcadas com (*) têm caráter negativo e devem ser subtraídas em vez de somadas, acrescentando-se 6 (seis) pontos a cada uma delas ao final do somatório, conforme indicado no Quadro 3. As questões representadas por *F* são utilizadas para corrigir uma possível autovalorização inconsciente ao responder o questionário.

A pontuação total é calculada conforme as equações do Quadro 3, que consideram as respostas e fatores de correção para garantir a precisão dos resultados.

Quadro 3 – Equações para o cálculo das CCE

CCE	1º Iteração	2º Iteração	
(1)	$P_{(1)} = Q_1 + Q_{12} + Q_{23} - Q_{34} + Q_{45} + 6$	$T_{(1)} = P_{(1)} - C$	
(2)	$P_{(2)} = Q_2 + Q_{13} + Q_{24} - Q_{35} + Q_{46} + 6$	$T_{(2)} = P_{(2)} - C$	
(3)	$P_{(3)} = Q_3 + Q_{14} + Q_{25} + Q_{36} - Q_{47} + 6$	$T_{(3)} = P_{(3)} - C$	
(4)	$P_{(4)} = Q_4 + Q_{15} + Q_{26} + Q_{37} + Q_{48}$	$T_{(4)} = P_{(4)} - C$	
(5)	$P_{(5)} = Q_5 + Q_{16} + Q_{27} - Q_{38} + Q_{49} + 6$	$T_{(5)} = P_{(5)} - C$	
(6)	$P_{(6)} = Q_6 - Q_{17} + Q_{28} + Q_{39} + Q_{50} + 6$	$T_{(6)} = P_{(6)} - C$	
(7)	$P_{(7)} = Q_7 + Q_{18} - Q_{29} + Q_{40} + Q_{51} + 6$	$T_{(7)} = P_{(7)} - C$	
(8)	$P_{(8)} = Q_8 + Q_{19} + Q_{30} - Q_{41} + Q_{52} + 6$	$T_{(8)} = P_{(8)} - C$	
(9)	$P_{(9)} = Q_9 - Q_{20} + Q_{31} + Q_{42} + Q_{53} + 6$	$T_{(9)} = P_{(9)} - C$	
(10)	$P_{(10)} = Q_1 - Q_{21} + Q_{32} + Q_{43} + Q_{54} + 6$	$T_{(10)} = P_{(10)} - C$	
F	$F = Q_{11} - Q_{22} - Q_{33} - Q_{44} + Q_{55} + 18$	Se F =	Então C =
		24 ou 25	7
		22 ou 23	5
		20 ou 21	3
		≤ 19	0

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Sendo P a pontuação do somatório das questões; F o fator de correção; C o coeficiente associado ao fator de correção; e T a pontuação total da CCE.

O questionário adaptado para esta pesquisa apresenta algumas modificações em relação ao original, ajustadas para a faixa etária dos alunos da educação básica (Quadro 4).

Quadro 4 – Diferenças entre os questionários de Schaefer (2018) e do presente trabalho

Questionário apresentado por Schaefer (2018)	Questionário utilizado no presente trabalho
7. Quando começo uma tarefa ou projeto novo, colete todas as informações possíveis antes de dar prosseguimento a ele.	7. Quando começo uma tarefa nova, colete todas as informações possíveis antes de continuar ela.
8. Planejo um projeto grande dividindo-o em tarefas mais simples.	8. Planejo uma atividade dividindo-a em tarefas menores.
13. Insisto várias vezes para conseguir que outras pessoas façam o que desejo.	13. Insisto várias vezes para conseguir que outras pessoas façam meus desejos.
15. Meu rendimento no trabalho / atividades é melhor do que o das outras pessoas com quem trabalho.	15. Meu rendimento nas atividades é melhor do que o das pessoas com quem estudo.
18. Procuo conselho das pessoas que são especialistas no ramo em que estou atuando.	18. Procuo conselhos de pessoas que são especialistas.
48. Encontro a maneira mais rápida de terminar os trabalhos, tanto em casa quanto no trabalho / faculdade.	48. Encontro a maneira mais rápida de terminar os trabalhos, tanto em casa quanto na escola.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A amostra foi selecionada aleatoriamente a partir das turmas de sexto (ensino fundamental) ao terceiro ano (ensino médio), resultando em um total de 134 alunos. As turmas selecionadas para a aplicação do questionário são identificadas pelos seguintes códigos designados pela escola: Ensino Fundamental - 6B, 7A, 8C e 9B; Ensino Médio - 12, 23 e 31. Os resultados serão analisados na próxima seção.

4 Resultados e Discussões

Os questionários foram respondidos nos dias 6 e 7 de junho de 2023, durante os períodos em que o autor lecionou nas turmas. Houve exceção na turma 31, que foi ministrada por outro professor da escola. Além disso, o questionário foi aplicado à turma 9A por um equívoco do autor, mas foi mantido para ampliar a amostra.

Algumas considerações importantes em relação às respostas do questionário:

- Respostas Omissas (RO): pontuação 0 (zero) nas equações do Quadro 3;
- Respostas Ambíguas (RA): em caso de múltiplas respostas, foi solicitado que os alunos indicassem a correta. Caso não fizessem, essas respostas foram consideradas RA e tratadas como RO (pontuação 0).

As quantidades de respondentes por turmas foram as seguintes (Quadro 5):

Quadro 5 – Análise do número de alunos, respondentes e porcentagem por turma

Turma	Número de alunos	Número de respondentes	Porcentagem (≈)
6B	22	17	77%
7A	13	12	92%
8C	24	24	100%
9A	17	12	71%
9B	25	25	100%
12	16	13	81%
23	17	15	88%
31	17	17	100%
TOTAL	151	135	89%

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

O número de respondentes aumentou para 135 devido à inclusão da turma 9A, acima da amostra inicial de 134. O somatório de questões respondidas foi de 7.425. As informações sobre RA e RO estão no Quadro 6:

Quadro 6 – Análise do número de RA e RO nos questionários

Turma	RA	RO	Alunos com RA	Alunos com RO	Alunos com ambas
6B	1	0	1	0	0
7A	6	7	3	6	2
8C	8	34	4	4	2
9A	2	38	2	5	2
9B	6	12	4	7	2
12	2	10	1	3	1
23	0	0	2	2	0
31	1	1	0	0	0
TOTAL	26 (<1%)	102 (≈1%)	17 (≈13%)	27 (≈20%)	9 (≈7%)

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

RA e RO ocorreram em 35 alunos, cerca de 26% dos respondentes. O aluno 030 (turma 8C) deixou 4 RA e 29 RO, e o aluno 064 (turma 9A) deixou 31 RO, ambos não completaram a segunda página. Das 7.425 questões, 26 foram RA (menos de 1%) e 102 foram RO (cerca de 1%), o que pode ser considerada uma baixa porcentagem.

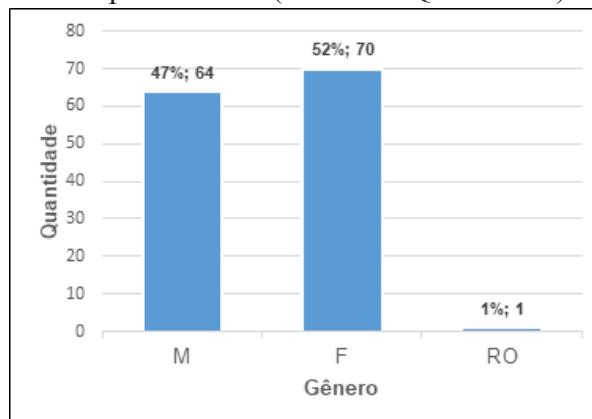
As pontuações foram classificadas nos seguintes graus, considerando o fator de correção e sendo superiores a 15 pontos: Grau I – $23 < T \leq 25$; Grau II – $21 < T \leq 23$; Grau III – $19 < T \leq 21$; Grau IV – $15 \leq T \leq 19$; Grau V – $T < 15$.

Conforme Mansfield *et al.* (1987), pontuações acima de 15 indicam perfil empreendedor (Graus I a IV). Apenas o Grau V não representa esse perfil. A análise começa pela variável de gênero.

4.1 Distribuição por gênero

No Gráfico 1, observa-se a distribuição dos alunos por gênero:

Gráfico 1 – Distribuição dos respondentes de acordo com a resposta da Questão 1 dos Dados Complementares (Gênero x Quantidade)



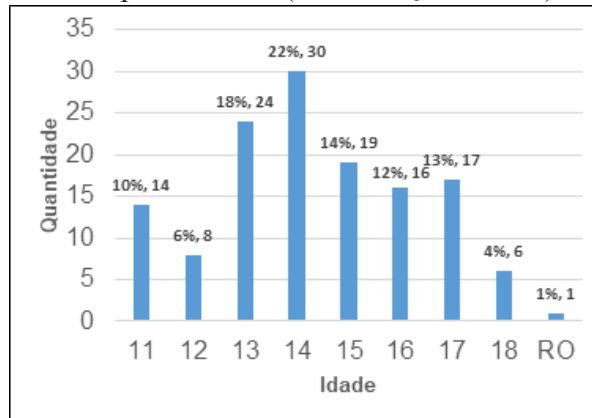
Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

O respondente 071 (9B) não informou o gênero (RO). A maioria foi feminina, com 70 alunas (52%), e 64 alunos masculinos (47%). A seguir, analisaremos a distribuição por idade.

4.2 Distribuição por idade

No Gráfico 2, analisamos a distribuição dos alunos por idade:

Gráfico 2 – Distribuição dos respondentes de acordo com a resposta da Questão 2 dos Dados Complementares (Idade x Quantidade)



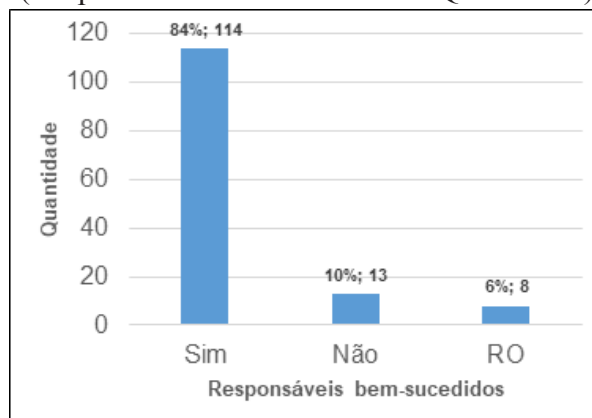
Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A maior parte tem 14 anos (30 alunos, 22%), possivelmente devido à participação de duas turmas do 9º ano. O menor grupo tem 18 anos, com 6 alunos (4%). O respondente 071 não informou a idade, possivelmente por falta de atenção. A seguir, analisaremos a distribuição da Questão 4 dos Dados Complementares.

4.3 Distribuição sobre considerar seus responsáveis bem-sucedidos

No Gráfico 3, analisamos a resposta à pergunta que indagou se os alunos consideram os seus responsáveis bem-sucedidos:

Gráfico 3 – Distribuição dos respondentes pela resposta da Questão 4 dos Dados Complementares (Responsáveis bem-sucedidos x Quantidade)



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A maioria (114 alunos, 84%) respondeu “Sim”, 13 (10%) disseram “Não”, e 8 (6%) deixaram a resposta em branco (RO). Embora o número de RO seja pequeno, pode indicar incerteza sobre a situação dos responsáveis ou falta de atenção. O alto índice de respostas “Sim”

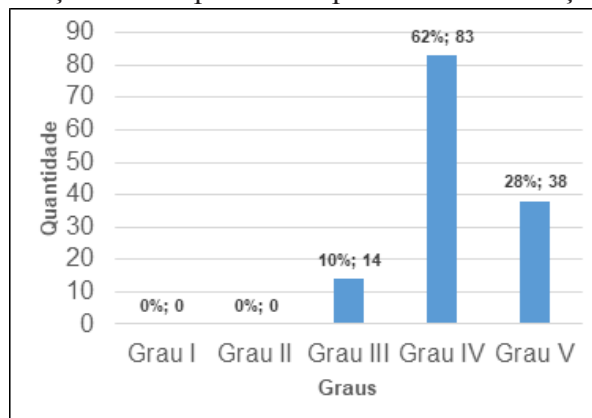
sugere: a) os responsáveis são bem-sucedidos; b) os alunos hesitaram em marcar “Não”; ou c) não têm plena noção da situação de seus responsáveis.

Agora, seguimos para a análise geral e específica de cada CCE.

4.4 Análise geral das CCE

Nessa análise, calculamos a média das 10 CCE para cada respondente. A média dos respondentes do gênero masculino foi 15,6, enquanto para o feminino foi 16,4, indicando que as alunas demonstraram maior pensamento de sucesso. Nenhum respondente atingiu os Graus I e II na média das CCE, como mostrado no Gráfico 4:

Gráfico 4 – Distribuição dos respondentes por Graus em relação à média das CCE



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Apesar de nenhum respondente estar nos Graus I e II, 14 alunos estão no Grau III, representando cerca de 10% do total, enquanto 83 estão no Grau IV, o que equivale a aproximadamente 62%. Assim, 97 alunos demonstraram propensão ao pensamento de sucesso, cerca de 72%. Em contrapartida, 38 alunos obtiveram pontuação média abaixo de 15, não atingindo o mínimo necessário. Outras informações relevantes incluem a diferença entre a maior e a menor pontuação por turma, além da média, conforme apresentado no Quadro 7.

Quadro 7 – Diferença entre a maior e a menor pontuação da turma e média

Turma	Diferença	Média
6B	6,6	15,5
7A	10,3	15,7
8C	12,1	15,1
9A	10,3	14,9
9C	6,2	16,4
12	6,4	16,7
23	6,7	16,4
31	4,7	17,6

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A maior diferença foi na turma 8C, com 12,1 pontos, enquanto a menor ocorreu na turma 31, com 4,7 pontos. Em relação às médias, a turma 9A teve a menor, com 14,9 pontos, não atingindo a marca de 15 e sendo a única com essa característica. Em contrapartida, a turma 31 apresentou a maior média, com 17,6 pontos.

No próximo tópico, analisaremos cada uma das CCE.

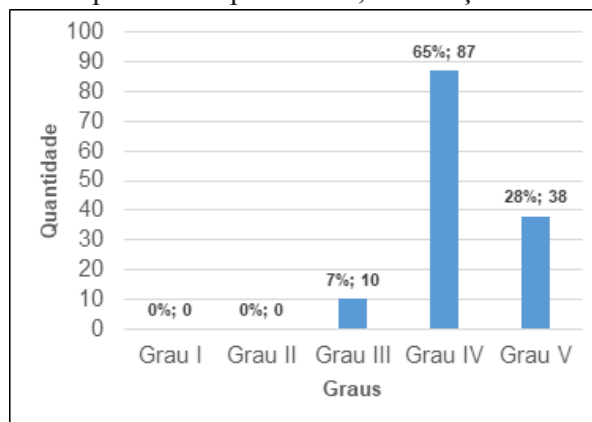
4.5 Análise das CCE

Conforme mostrado no Quadro 2, as 10 CCE são divididas em 3 categorias: Realização, Planejamento e Poder. A seguir, analisaremos cada uma dessas categorias e suas respectivas CCE.

4.5.1 Categoria de Realização

Essa categoria abrange 5 CCE: (1) Busca de oportunidades e iniciativa, (2) Correr riscos calculados, (3) Persistência, (4) Exigência de qualidade e eficiência e (5) Comprometimento. O Gráfico 5 apresenta a distribuição dos Graus nessa categoria:

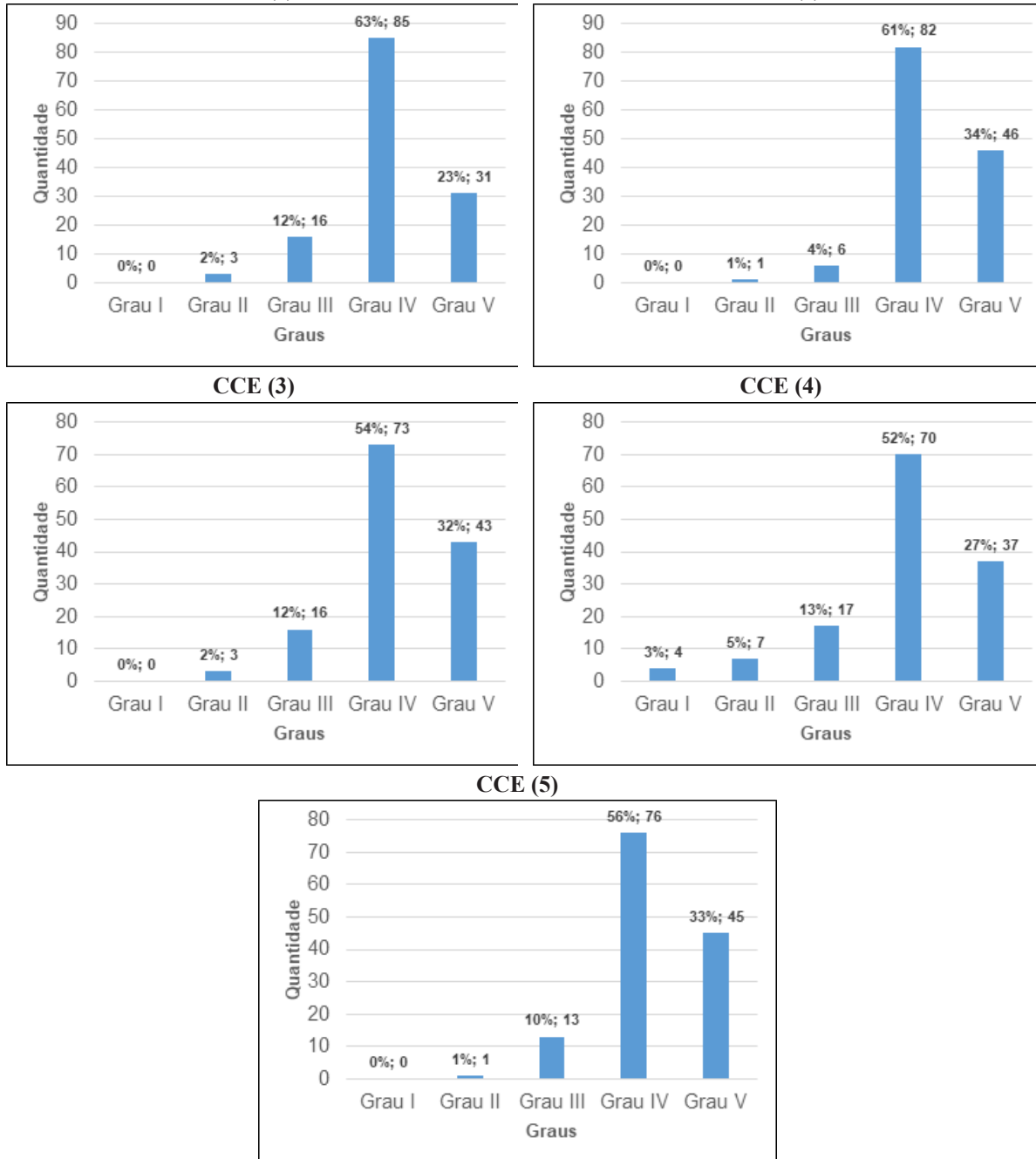
Gráfico 5 – Distribuição dos respondentes por Graus, em relação à média na Categoria de Realização



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

O Grau IV teve a maior concentração, com 87 alunos, representando cerca de 65% do total. O Grau III contou com 10 alunos, aproximadamente 7%.

A seguir, o Gráfico 6 ilustra a distribuição de cada CCE da Categoria de Realização:

Gráfico 6 – Distribuição dos respondentes por Graus, de cada CCE da Categoria de Realização CCE (1)

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Na CCE (1), 104 respondentes obtiveram pontuação igual ou superior a 15 pontos, indicando que aproveitam oportunidades para expandir as suas atividades. A menor concentração foi no Grau II, com 3 alunos (013 - 6B, 114 - 23 e 018 - 7A) pontuando acima de 21. Na CCE (2), 89 alunos (aproximadamente 66%) apresentaram pontuação de 15 pontos ou mais, enquanto 46 (cerca de 34%) ficaram abaixo disso, sugerindo que a maioria consegue calcular e lidar com riscos. Apenas 1 aluno (062 - 9A) alcançou o Grau II, com 22 pontos.

Na CCE (3), cerca de 68% dos respondentes demonstraram persistência diante de obstáculos, enquanto 3 alunos (028 - 7A, 067 - 9B e 135 - 31) alcançaram o Grau II. Na CCE (4),

foi a primeira a registrar alunos no Grau I, com 24 pontos, incluindo os alunos 066, 074, 075 e 078 da turma 9B. Outros alunos, como 093 (12), 104 (23), 029 (7A), 070 (9B), 071 (9B) e 135 (31), alcançaram o Grau II. No total, 98 alunos mostraram um padrão de qualidade.

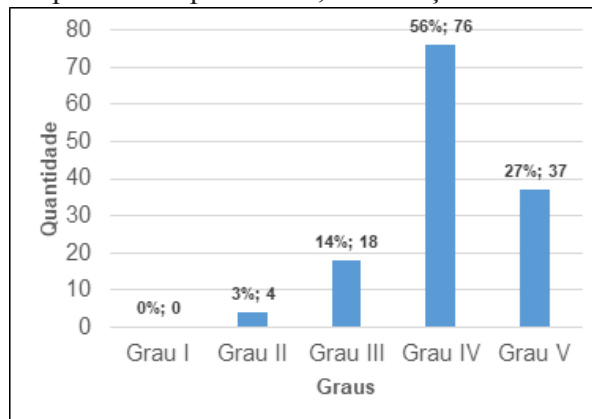
Na CCE (5), apenas 1 aluno (057 - 9A) chegou ao Grau II, enquanto cerca de 67% assumem a responsabilidade por alcançar as suas metas. Essa CCE teve o maior número de alunos no Grau V, com 45 respondentes (cerca de 33%).

Agora, vamos analisar a categoria de Planejamento.

4.5.2 Categoria de Planejamento

Esta categoria inclui as CCE: (6) Busca de informações, (7) Estabelecimento de metas e (8) Planejamento e monitoramento sistemáticos. A seguir, analisaremos cada uma delas. O Gráfico 7 apresenta a média dessas CCE.

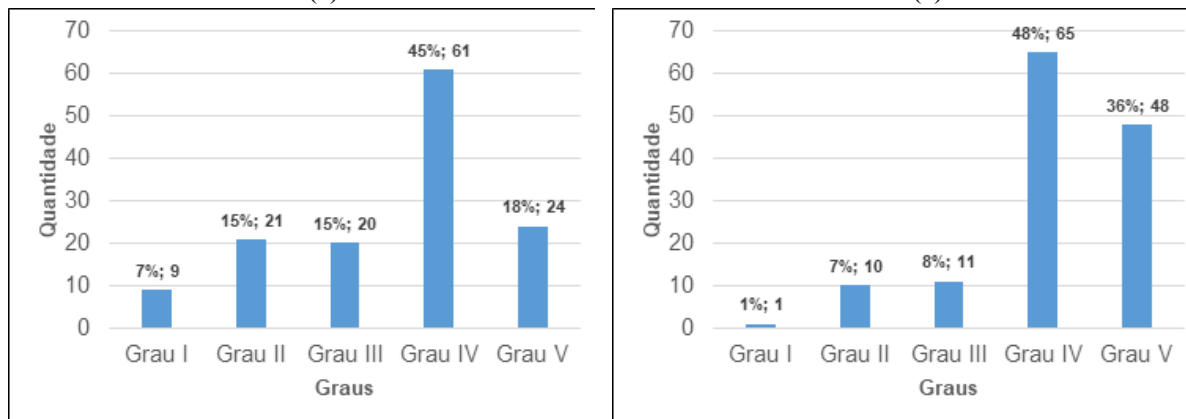
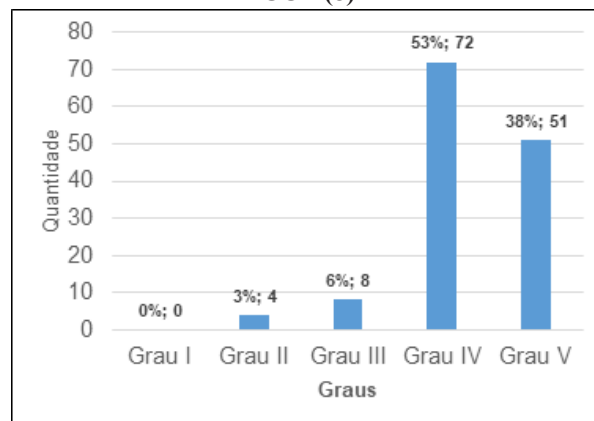
Gráfico 7 – Distribuição dos respondentes por Graus, em relação à média na Categoria de Planejamento



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Nenhum respondente no Grau I e 4 (quatro) no Grau II. A quantidade de respondentes no Grau V é semelhante à da Categoria de Realização.

O Gráfico 8 ilustra a distribuição de cada CCE da Categoria de Planejamento:

Gráfico 8 – Distribuição dos respondentes por Graus, de cada CCE da Categoria de Planejamento CCE (6)**CCE (8)**

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A CCE (6) destaca-se como a que mais apresenta respondentes no Grau I, com 9 alunos, cerca de 7%, sendo que 5 deles obtiveram a pontuação máxima de 25. Os alunos desse grau são 027 (7A), 028 (7A), 102 (12), 115 (23), 123 (31), 092 (12), 093 (12), 126 (31) e 129 (31), listados em ordem decrescente. Dos 135 alunos, 111 demonstraram pensamento voltado à obtenção de informações, seja de especialistas ou outras fontes, representando cerca de 82%.

Na CCE (7), apenas 1 aluno, o 093 (12), alcançou o Grau I, com 24 pontos, o que equivale a aproximadamente 1% do total. Além disso, 48 alunos, cerca de 36%, obtiveram pontuação inferior a 15, indicando falta de clareza no estabelecimento de metas e objetivos.

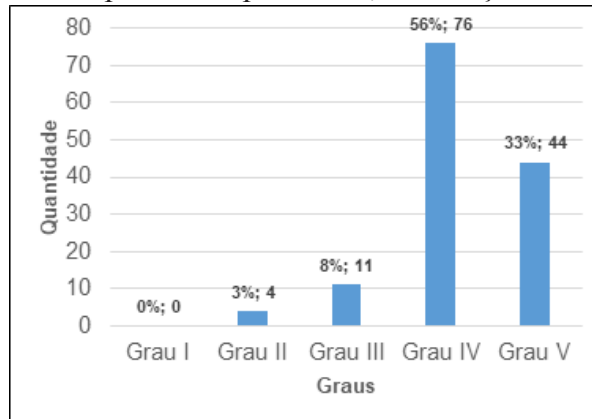
Na CCE (8), não há respondentes no Grau I, e ela apresenta a maior quantidade de alunos no Grau V, com 51 estudantes, aproximadamente 38% do total. Essa CCE, que envolve características de planejamento e revisão de tarefas, contou com 84 alunos apresentando esse pensamento, cerca de 62%.

Agora, analisaremos a última categoria, a de Poder.

4.5.3 Categoria de Poder

Essa categoria abrange 2 CCE: (9) Persuasão e redes de contato e (10) Independência e autoconfiança. A média dessas CCE gerou o Gráfico 9:

Gráfico 9 – Distribuição dos respondentes por Graus, em relação à média na Categoria de Poder

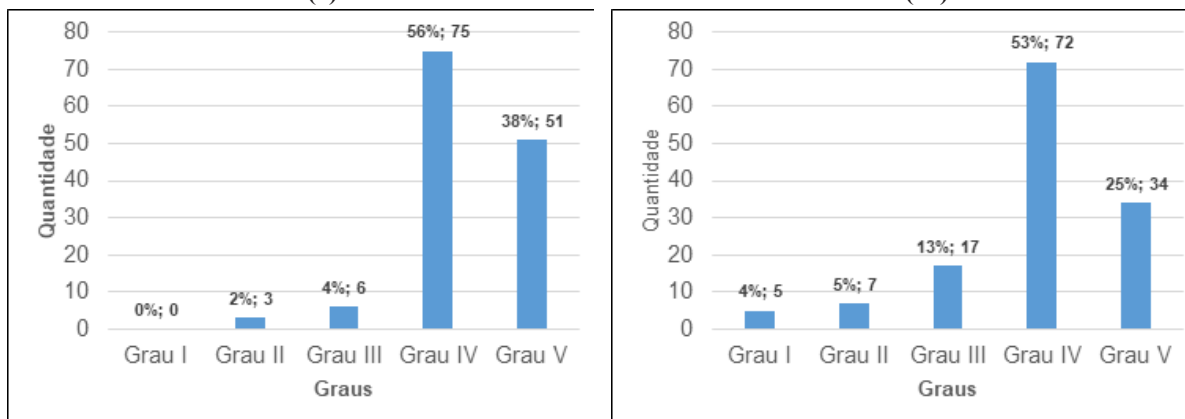


Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Assim como nas categorias anteriores, nenhum aluno se encontra no Grau I, enquanto 4 alunos estão no Grau II. Esta categoria apresenta o maior número de respondentes no Grau V, totalizando 44 alunos.

O Gráfico 10 apresenta a distribuição de cada CCE da Categoria de Poder:

Gráfico 10 – Distribuição dos respondentes por Graus, de cada CCE da Categoria de Poder



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Na CCE (9), observamos um número significativo de alunos no Grau V, totalizando 51, o que é similar à CCE (8). Nenhum aluno está no Grau I e apenas 3 alunos estão no Grau II: 027 (7A), 028 (7A) e 081 (9B). Entretanto, 84 alunos demonstram o pensamento de persuadir pessoas a seu favor, utilizar contatos-chave e manter relações com pessoas influentes, representando cerca de 62% do total.

Na CCE (10), há 5 alunos no Grau I (cerca de 4%) e 7 no Grau II (cerca de 5%). Os alunos no Grau I são: 057 (9A), 102 (12), 120 (31), 044 (8C) e 095 (12), em ordem decrescente de pontuação, sendo que os três primeiros alcançaram 25 pontos. Aproximadamente 75% dos respondentes, totalizando 101 alunos, demonstram ter pensamentos relacionados à busca de autonomia, à manutenção de seus pontos de vista e à confiança em suas capacidades.

Com essas análises, podemos agora apresentar algumas considerações finais

5 Considerações Finais

Durante este trabalho, buscamos responder à questão central: “Os alunos da escola possuem um pensamento de sucesso que revela uma sensibilidade liderística?”. Para isso, realizamos uma análise detalhada das Características Comportamentais do Empreendedor (CCE) de McClelland, apresentando uma perspectiva histórica sobre o desenvolvimento dos jovens e destacando a abordagem ontopsicológica como diferencial, além de esclarecer o conceito de “pensamento de sucesso”.

Por meio da análise dos questionários, obtivemos insights sobre o pensamento de sucesso dos alunos da Escola Estadual de Educação Básica Dom Antônio Reis (EEDAR). Ao examinarmos os dados demográficos, notamos uma proporção significativa de alunas em relação aos alunos do sexo masculino, sugerindo um viés em direção a um pensamento de sucesso mais expressivo entre as acadêmicas.

Os resultados das CCE de Realização revelaram que a busca de oportunidades e a

disposição para correr riscos calculados foram características comuns entre os respondentes, evidenciando uma inclinação positiva para assumir desafios. Contudo, o comprometimento se mostrou ambíguo, indicando uma área de possível aprimoramento, como por exemplo, estratégias pedagógicas focadas em projetos colaborativos e de longo prazo, que podem ajudar a desenvolver maior constância e responsabilidade em relação aos objetivos. No contexto do Planejamento, os alunos tendem a buscar informações e estabelecer metas, embora a habilidade de planejamento sistemático possa ser mais desenvolvida, por exemplo, com a introdução de atividades que incentivem o uso de ferramentas de organização e monitoramento de tarefas, como cronogramas e revisões periódicas. A análise das CCE de Poder demonstrou que os alunos desejam influenciar e persuadir, buscando autonomia e confiança em suas capacidades. No geral, os resultados sugerem que a maioria dos respondentes possui um pensamento de sucesso e uma tendência à sensibilidade liderística.

Este trabalho não pretende exaurir o tema da sensibilidade liderística e do pensamento de sucesso. Contudo, oferece uma visão inicial sobre esses aspectos, explorando características empreendedoras e a influência histórica da educação de jovens nesse contexto. Devido à natureza do estudo, algumas nuances podem não ter sido totalmente abordadas, e a complexidade das interações entre fatores individuais e contextuais pode limitar a interpretação dos resultados. Além disso, a amostra restrita da escola pública do Rio Grande do Sul pode dificultar a generalização dos achados para

outros contextos educacionais, tornando auspiciáveis novos estudos que explorem outras variáveis.

Além das conclusões obtidas, é válido considerar direções futuras de pesquisa que enriqueçam nossa compreensão acerca do pensamento de sucesso dos alunos. Uma abordagem interessante seria investigar se poderia avaliar como o pensamento de sucesso evolui ao longo do tempo e como intervenções educacionais podem contribuir para o desenvolvimento contínuo dessas características. Além disso, explorar as correlações entre características empreendedoras e desempenho acadêmico, assim como escolhas de carreira, poderia

Referências

- AQUINO, T. de. **Suma Teológica**. São Paulo: Loyola, 2005.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- ATLAS DA JUVENTUDE. **Juventudes e a Pandemia - E Agora?**. 2022. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/juventudes-e-a-pandemia-do-coronavirus/>. Acesso em: 19 mar. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **MEC e Inep divulgam resultados do Saeb e do Ideb 2021**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/saeb/mec-e-inep-divulgam-resultados-do-saeb-e-do-ideb-2021>. Acesso em: 19 mar. 2023.
- CÍCERO, M. T. **Dos Deveres**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MIRANDOLA, G. P. D. **Discurso sobre a Dignidade do Homem**. Lisboa: Edições 70, 1998.
- influências externas que moldam esses traços empreendedores, como o ambiente familiar, o contexto educacional e as experiências sociais. Compreender como esses fatores interagem com as características individuais dos alunos pode fornecer *insights* mais profundos sobre o desenvolvimento dessas habilidades.
- Uma análise longitudinal também fornecer informações valiosas para orientar políticas educacionais e estratégias de orientação profissional.
- Em suma, as perspectivas futuras de pesquisa podem aprimorar significativamente o nosso entendimento sobre o pensamento de sucesso dos alunos e o seu impacto nas trajetórias educacionais e profissionais
- DWECK, C. S. **Mindset: The new psychology of success**. Nova Iorque: Random House, 2006.
- FARIA, E. **Dicionário latino-português**. Belo Horizonte: Garnier, 2020.
- MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. Porto Alegre: Bookman, 2006.
- MANSFIELD, R. S. *et al.* **The identification and Assessment of competencies and other personal characteristics of entrepreneurs in Developing Countries**. Boston: McBer&Company, 1987.
- MCCLELLAND, D. C. **The achieving society**. Nova Iorque: D. Van Nostrand, 1961.
- MENEGHETTI, A. **A arte de viver dos sábios**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2009.
- MENEGHETTI, A. **Antonio Meneghetti sobre... Falando aos jovens**. Volume I. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2019.
- MENEGHETTI, A. Formação à Responsabilidade. *In*: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ONTOPSICOLOGIA.

Cultura & Educação: uma nova pedagogia para a sociedade futura. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, A. **Jovens e a realidade cotidiana.** Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2017.

MENEGHETTI, A. **Os jovens e a ética ôntica.** Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra.** São Paulo: Martin Claret, 2003.

PETRARCA, F. **Sobre a Vida Solitária.** São Paulo: Hedra, 2003.

PLATÃO. **A República.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

PLATÃO. **Banquete, Fédon, Sofista e Político.** São Paulo: Nova Cultural, 1991.

SCHAEFER, R. **Empreender como uma forma de ser, saber e fazer:** o desenvolvimento da mentalidade e do comportamento empreendedores por meio da educação empreendedora. 2018. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria.

SÊNECA, L. A. **Cartas a Lucílio.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

WHO. **Mental Health and COVID-19:** Early evidence of the pandemic's impact. 2022. Disponível em: https://www.who.int/publications/i/item/WHO-2019-nCoV-Sci_Brief-Mental_health-2022.1. Acesso em: 19 mar. 2023.

COMPETÊNCIA DO SISTEMA JUDICIÁRIO EM AVALIAR A CAPACIDADE DOS PAIS EM EXERCER O PODER FAMILIAR: O AUXÍLIO PRÁTICO DA ONTOPSICOLOGIA PARA OS AGENTES ESTATAIS A PARTIR DO CASO BERNARDO

Camille Hilgemann Almança¹, Annalisa Cangelosi², Karina Schuch Brunet³

Resumo: No Brasil, o ordenamento jurídico dispõe expressamente sobre o poder familiar, compreendido como um conjunto de direitos e deveres atribuídos aos pais em relação à pessoa e aos bens dos filhos menores. Tal poder, no entanto, não é absoluto e sujeita-se à intervenção estatal sempre que se verificar que a criança ou adolescente encontra-se em situação de risco físico ou emocional, pela negligência daqueles que deveriam, *prima facie*, protegê-los, ou seja, os seus pais. Nesse sentido, legislações que partem da Constituição Federal do Brasil, passando pelo Código Civil Brasileiro e aprofundado no Estatuto da Criança e do Adolescente, que cria o Conselho Tutelar - órgão permanente e autônomo que zela pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente - visam garantir a tutela de crianças e adolescentes, seres em peculiar desenvolvimento, mesmo quando em contraposição ao poder familiar. É inegável o fato de que o direito oferece inúmeros instrumentos para a proteção da Criança e do Adolescente, no entanto, cresce cada vez mais o índice de crianças que não recebem o devido tratamento, tendo os seus direitos violados dentro do próprio ente familiar, como o caso do menino Bernardo Boldrini, morto por meio de superdosagem do medicamento Midazolam, dado pela própria madrasta. Crime esse orquestrado dentro de seu domicílio e atuado e organizado tanto por sua madrasta, quanto seu pai. Dessa forma, surge o questionamento do modo em que os instrumentos oferecidos pelo Estado estão sendo utilizados e interpretados pelos agentes responsáveis pela avaliação quanto à capacidade dos entes familiares oferecerem às crianças a segurança para um pleno desenvolvimento físico e mental, visto o elevado número de negligência familiar registrado atualmente no Brasil. Esse modo está diretamente ligado à autorrealização dos pais i) como próprio sujeito e ii) se o casal se dedica a construir uma relação positiva, na qual ambos se beneficiam, ou seja, se a relação é baseada em uma busca mútua por positividade. Uma família que possui esses dois aspectos é suficiente para garantir outros efeitos, sendo um deles a aptidão para fornecer uma base sólida de formação à criança. Os filhos que crescem em lares em que os seus pais priorizam o seu bem-estar e autorrealização têm maior probabilidade de se tornarem adultos autorrealizados da mesma forma, já que a primeira educação que eles recebem é baseada na alegria e em como cultivá-la (Meneghetti, 2022). Nesse sentido, faz-se uma análise quanto à capacidade do sistema judiciário em relação à sua competência em avaliar a aptidão dos pais em exercer o poder familiar, com o auxílio prático da ciência ontopsicológica para os agentes estatais, a partir do caso Boldrini, e como os profissionais que atuam na intervenção familiar poderiam utilizar-se dessa ciência como forma de desenvolvimento para melhor avaliar a família.

Palavras-chave: caso Bernardo; Ontopsicologia; poder familiar; sistema judiciário.

The competence of the judicial system in assessing the capacity of parents to exercise parental authority: the practical assistance of Ontopsychology for state agents based on the Bernardo case

Abstract: In Brazil, the legal system expressly addresses parental authority, understood as a set of rights and duties attributed to parents in relation to the person and property of their minor children. This authority, however, is not absolute and is subject to state intervention whenever it is found that a child or adolescent is in a situation of physical or emotional risk due to the negligence of those who should, *prima facie*, protect them, that is, their parents. In this sense, legislation stemming from the Brazilian Federal Constitution, through the Brazilian Civil Code and further developed in the Statute of the Child and Adolescent, which creates the

¹ Graduanda em Direito pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). E-mail: camillealmancaamf@gmail.com

² Doutora em Pedagogia Experimental (Università degli Studi di Roma "La Sapienza" / Itália). Professora na Faculdade Antonio Meneghetti (AMF).

³ Mestre em Direito pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professora na Faculdade Antonio Meneghetti (AMF).

Tutelar Council – a permanent and autonomous body that ensures the fulfillment of the rights of children and adolescents – aims to guarantee the protection of children and adolescents, beings in a unique stage of development, even when in opposition to parental authority. It is undeniable that the law offers numerous instruments for the protection of children and adolescents; however, the number of children who do not receive proper treatment and have their rights violated within their own family is growing, as in the case of Bernardo Boldrini, who died from an overdose of the drug Midazolam, administered by his own stepmother. This crime was orchestrated within his home and carried out and organized by both his stepmother and his father. Therefore, the question arises as to how the instruments offered by the State are being used and interpreted by the agents responsible for evaluating the capacity of family members to provide children with the security for full physical and mental development, given the high number of family neglect cases currently recorded in Brazil. This is directly linked to the self-realization of the parents i) as individuals and ii) whether the couple is dedicated to building a positive relationship in which both benefit, that is, whether the relationship is based on a mutual pursuit of positivity. A family possessing these two aspects is sufficient to guarantee other effects, one of which is the ability to provide a solid foundation for the child's development. Children who grow up in homes where their parents prioritize their well-being and self-realization are more likely to become similarly self-realized adults, since the first education they receive is based on joy and how to cultivate it (Meneghetti, 2022). In this sense, an analysis is made of the judicial system's capacity to assess the parents' aptitude to exercise parental authority, with the practical assistance of ontopsychological science for state agents, based on the Boldrini case, and how professionals working in family intervention could use this science as a means of development to better evaluate the family.

Keywords: Bernardo case; Ontopsychology; parental authority; judicial system.

La competencia del sistema judicial para valorar la capacidad de los padres para ejercer la patria potestad: la asistencia práctica de la Ontopsicología a los agentes estatales a partir del caso Bernardo

Resumen: En Brasil, el sistema legal aborda expresamente la patria potestad, entendida como un conjunto de derechos y deberes atribuidos a los padres en relación con la persona y los bienes de sus hijos menores. Esta autoridad, sin embargo, no es absoluta y está sujeta a la intervención del Estado siempre que se determine que un niño, niña o adolescente se encuentra en una situación de riesgo físico o emocional debido a la negligencia de quienes deberían, prima facie, protegerlo, es decir, sus padres. En este sentido, la legislación derivada de la Constitución Federal Brasileña, a través del Código Civil Brasileño y desarrollada en el Estatuto del Niño y del Adolescente, que crea el Consejo Tutelar, un órgano permanente y autónomo que vela por el cumplimiento de los derechos de los niños, niñas y adolescentes, tiene como objetivo garantizar la protección de los niños, niñas y adolescentes, seres en una etapa única de desarrollo, incluso cuando se oponen a la patria potestad. Es innegable que la ley ofrece numerosos instrumentos para la protección de los niños, niñas y adolescentes; Sin embargo, el número de niños que no reciben el tratamiento adecuado y ven sus derechos vulnerados en el seno familiar está en aumento, como en el caso de Bernardo Boldrini, quien falleció por una sobredosis del fármaco Midazolam, administrado por su madrastra. Este crimen fue orquestado en su hogar y llevado a cabo y organizado tanto por su madrastra como por su padre. Por lo tanto, surge la pregunta de cómo los instrumentos ofrecidos por el Estado están siendo utilizados e interpretados por los agentes responsables de evaluar la capacidad de los familiares para brindar a los niños la seguridad necesaria para un desarrollo físico y mental pleno, dado el elevado número de casos de negligencia familiar que se registran actualmente en Brasil. Esto está directamente relacionado con la autorrealización de los padres i) como individuos y ii) si la pareja se dedica a construir una relación positiva en la que ambos se benefician, es decir, si la relación se basa en una búsqueda mutua de positividad. Una familia que posea estos dos aspectos es suficiente para garantizar otros efectos, uno de los cuales es la capacidad de proporcionar una base sólida para el desarrollo del niño. Los niños que crecen en hogares donde sus padres priorizan su bienestar y autorrealización tienen mayor probabilidad de convertirse en adultos igualmente autorrealizados, ya que la primera educación que reciben se basa en la alegría y en cómo cultivarla (Meneghetti, 2022). En este sentido, se analiza la capacidad del sistema judicial para evaluar la aptitud de los padres para ejercer la patria potestad, con la ayuda práctica de la ciencia ontopsicológica para agentes estatales, basándose en el caso Boldrini, y cómo los profesionales que trabajan en intervención familiar podrían utilizar esta ciencia como herramienta de desarrollo para evaluar mejor a la familia.

Palabras clave: Caso Bernardo; Ontopsicología; patria potestad; sistema judicial.

1 Introdução

No Brasil, o ordenamento jurídico dispõe expressamente sobre o poder familiar,

compreendido como um conjunto de direitos e deveres atribuídos aos pais em relação à pessoa e aos bens dos filhos menores. Tal poder, no entanto, não é absoluto e sujeita-se à

intervenção estatal sempre que se verificar que a criança ou adolescente encontra-se em situação de risco físico ou emocional, pela negligência daqueles que deveriam, *prima facie*, protegê-los, ou seja, os seus pais. Nesse sentido, legislações que partem da Constituição Federal do Brasil, passando pelo Código Civil Brasileiro e aprofundado no Estatuto da Criança e do Adolescente, que cria o Conselho Tutelar - órgão permanente e autônomo que zela pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente - visam garantir a tutela de crianças e adolescentes, seres em peculiar desenvolvimento, mesmo quando em contraposição ao poder familiar.

É inegável o fato de que o direito oferece inúmeros instrumentos para a proteção da Criança e do Adolescente, no entanto, cresce cada vez mais o índice de crianças que não recebem o devido tratamento, tendo os seus direitos violados dentro do próprio ente familiar⁴, como o caso do menino Bernardo Boldrini, morto por meio de superdosagem do medicamento Midazolam, dado pela própria madrasta. Crime esse orquestrado dentro de seu domicílio e atuado e organizado tanto por sua madrasta, quanto seu pai.

Dessa forma, surge o questionamento do modo em que os instrumentos oferecidos pelo Estado estão sendo utilizados e interpretados pelos agentes responsáveis pela avaliação quanto à capacidade dos entes familiares oferecerem às crianças a segurança para um pleno desenvolvimento físico e mental, visto o

elevado número de negligência familiar registrado atualmente no Brasil⁵.

Esse modo está diretamente ligado à autorrealização dos pais i) como próprio sujeito e ii) se o casal se dedica a construir uma relação positiva, na qual ambos se beneficiam, ou seja, se a relação é baseada em uma busca mútua por positividade. Uma família que possui esses dois aspectos é suficiente para garantir outros efeitos, sendo um deles a aptidão para fornecer uma base sólida de formação à criança. Os filhos que crescem em lares em que os seus pais priorizam o seu bem-estar e autorrealização têm maior probabilidade de se tornarem adultos autorrealizados da mesma forma, já que a primeira educação que eles recebem é baseada na alegria e em como cultivá-la (Meneghetti, 2022).

Nesse sentido, faz-se uma análise quanto à capacidade do sistema judiciário em relação à sua competência em avaliar a aptidão dos pais em exercer o poder familiar, com o auxílio prático da ciência ontopsicológica para os agentes estatais, a partir do caso Boldrini, e como os profissionais que atuam na intervenção familiar poderiam utilizar-se dessa ciência como forma de desenvolvimento para melhor avaliar a família.

Assim sendo, esse estudo foi provocado pelo seguinte ***problema de pesquisa***: o sistema judiciário tem competência para avaliar a capacidade dos pais em exercer o poder

⁴ De acordo com pesquisa recente do Sistema de Informações para Infância e Adolescência de 2024, sistema nacional do governo federal que reúne as queixas de 4.945 dos 5.924 Conselhos Tutelares existentes em municípios e estados. Disponível em: <https://www.sipia.gov.br>.

⁵ Analisando os dados organizados pelo Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, de responsabilidade do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, com os filtros “Grupo vulnerável: 02. VIOLÊNCIA CONTRA A CRIANÇA E O ADOLESCENTE” e “CENÁRIO DA VIOLAÇÃO: CASA ONDE RESIDE A VÍTIMA E O SUSPEITO”, pode-se constatar um aumento significativo em relação ao primeiro e segundo semestre de 2023, com uma suba de 8.036 denúncias e 44.995 violações.

familiar e, se sim, como o conhecimento prático da ciência ontopsicológica pode dar suporte aos agentes estatais e aos profissionais que atuam na intervenção familiar no desenvolvimento de instrumentos de avaliação das famílias, considerando o caso Bernardo Boldrini?

Para responder esse questionamento, definiu-se o seguinte **objetivo geral**: entender se o sistema judicial tem competência para avaliar a capacidade dos pais em exercer o poder familiar e, se sim, como o conhecimento prático da ciência ontopsicológica pode dar suporte aos agentes estatais e aos profissionais que atuam na intervenção familiar no desenvolvimento de instrumentos de avaliação das famílias, considerando o caso Bernardo Boldrini. Do ponto de vista operacional, segue 3 (três) **objetivos específicos**: **i)** identificar quais métodos de abordagem o Estado possui para analisar a capacidade em exercer o poder familiar acerca de seus filhos, **ii)** compreender o embasamento legal que dá essa competência e quais são os seus limites para a sua devida aplicação e **iii)** compreender como a ciência ontopsicológica pode auxiliar na análise da capacidade dos pais em exercer o poder familiar e na atuação prática dos agentes estatais responsáveis.

O **método de procedimento** é o monográfico, em razão da análise de textos e legislação que abordam Direito, Ontopsicologia e a relação entre ambos, assim como o material relacionado ao Caso Boldrini. Quanto ao **método de abordagem**, faz-se uso do dedutivo, pois se parte de uma generalização (sistema judiciário brasileiro) para uma questão particularizada (Caso Boldrini). A **justificativa** ocorre para compreendermos como a ciência

ontopsicológica pode agregar no desenvolvimento de profissionais exatos, autênticos, competentes e competitivos, responsáveis pelas avaliações e intervenções familiares, para que seja possível evitar que exemplos, como o caso de Bernardo Boldrini, se repitam na sociedade brasileira. A Ontopsicologia pode tornar-se um auxílio funcional ao direito, pois é preliminar a qualquer outra ciência, pelo fato dela trabalhar sobre o ser humano, auxiliando-o na retomada da sua exatidão natural (Meneghetti, 2013).

2 Panorama do sistema judiciário para à análise e intervenção na capacidade dos pais em exercer o poder familiar

Em tempos remotos, a relação entre pais e filhos era marcada por uma hierarquia rígida. O pai, como chefe da família, detinha o poder absoluto sobre seus descendentes, inclusive com direito de vida e morte. As crianças, por sua vez, eram consideradas propriedade paterna, sem voz ou autonomia. Até o Iluminismo, a visão da criança como ser humano ainda era incipiente. Eram vistas como miniaturas de adultos, sem direito à expressão individual e obrigadas a trabalhar desde cedo (Venosa, 2009).

É válido frisar que, dentro do direito positivista, uma das três instituições que deram origem ao positivismo do direito na história, de acordo com Grócio, é a família, que enseja o direito familiar. Também Aristóteles falava do “dispotikón díkaion”, que se poderia traduzir como “direito patronal”, enquanto direito posto pelo chefe da comunidade familiar (Bobbio, 1995).

No entanto, o século XVIII presenciou uma mudança significativa com a obra

“Emílio”, de Jean-Jacques Rousseau. A partir dessa publicação, a infância foi finalmente reconhecida como uma fase distinta da vida adulta, com características e necessidades próprias. Rousseau defendia a bondade natural das crianças e a necessidade de protegê-las da corrupção do mundo adulto. A sua obra inspirou um movimento de libertação infantil, defendendo o direito das crianças de serem crianças (Cunha; Sbrana, 2018).

Essa mudança de perspectiva se espalhou pela Europa no século XIX, impulsionando os primeiros movimentos pelos direitos das crianças. Fruto dessa luta, surgiram instituições como o "jardim de infância", focadas na educação e desenvolvimento infantil (Nunes, 2011). O ideal de Rousseau, de perpetuar a infância como modelo de virtude, se reflete no artigo 31 da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança. Esse artigo garante o direito da criança ao lazer e à aprendizagem por meio do brincar, reconhecendo a importância dessa fase para o desenvolvimento pleno do ser humano:

1. Os Estados Partes reconhecem o direito da criança ao descanso e ao lazer, ao divertimento e às atividades recreativas próprias da idade, bem como à livre participação na vida cultural e artística.
2. Os Estados Partes respeitarão e promoverão o direito da criança de participar plenamente da vida cultural e artística e encorajarão a criação de oportunidades adequadas, em condições de igualdade, para que participem da vida cultural, artística, recreativa e de lazer.

A partir de então, diversas legislações ao redor do mundo foram elaboradas, para que fosse garantido o direito de desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes, como a Lei de Proteção da Criança e do Jovem - Lei nº 144/2015 em Portugal, a Lei Nacional de Proteção Integral dos Direitos da Criança e do

Adolescente - Lei nº 26.061/2005 na Argentina, entre outras. Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), a Convenção sobre os Direitos da Criança foi o instrumento de direitos humanos mais aceito na história universal, sendo ratificado por 196 (cento e noventa e seis) países. Assim, a Constituição Federal do Brasil, em seu artigo 227, estabelece que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Brasil, 1990).

Da mesma maneira, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é um marco na história da proteção à infância e adolescência no Brasil, pois estabelece uma série de direitos para elas, garantindo a sua proteção integral. Ele estabelece que crianças e adolescentes são pessoas em condição peculiar de desenvolvimento, e têm direito à proteção integral, com absoluta prioridade. Isso significa que o Estado, a família e a sociedade têm o dever de assegurar a essas pessoas o pleno desenvolvimento e o bem-estar físico, mental, moral, espiritual e social.

A legislação estabelece que o Estado tem a obrigação de proteger crianças e adolescentes de todas as formas de violência e negligência, incluindo a violência doméstica e familiar. Nesse sentido, ele pode intervir na forma em que o poder familiar está sendo exercido pelos pais sobre os seus filhos, caso haja suspeita de que esses últimos estejam sendo vítimas de violência ou negligência.

O Estado detém a autoridade para regular diversos aspectos da vida dos cidadãos com o objetivo de manter a ordem pública, garantir a segurança, proteger direitos fundamentais e promover o bem-estar social. Esse poder é exercido por meio de legislações, políticas públicas e intervenções diretas em casos específicos.

O poder familiar, também conhecido como autoridade parental, é o conjunto de direitos e deveres que os pais têm em relação aos seus filhos menores de idade. Esse poder visa proteger e promover o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes.

Do ponto de vista psicossocial, as raízes da sociedade se encontram na família, que fornece a estrutura para a formação de normas, leis e costumes, influenciando diretamente o funcionamento das instituições políticas e jurídicas. “A família é a unidade base de qualquer instituição política e jurídica” (Meneghetti, 2022). A família é a célula *mater* da sociedade, transmitindo valores e moldando a cultura que se reflete nas leis e normas que regem a vida em comunidade.

A família constitui o núcleo primário da sociedade, no qual se desenvolvem os primeiros laços afetivos, a formação de valores da sociedade como um todo e a socialização dos indivíduos. Por meio da família, estruturam-se as primeiras raízes da consciência do indivíduo, a partir dos modelos adultos. Desse modo, mostra-se ainda mais clara a importância da autorrealização dos pais para o desenvolvimento daquela criança, pois é a partir disso que o sujeito formará a sua própria identidade.

Pouco se fala também, principalmente em termos normativos, acerca de como põe-se o filho em negligência, ao desenvolver ele em

um ambiente que não está preparado para estruturar basilarmente o indivíduo. O ambiente pré-forma a criança, e isso determina um condicionamento pelo qual ela tenderá, ao longo da sua vida, a permanecer condicionada a tal ambiente (Meneghetti, 2015). Desse modo, a criança desenvolve uma acentuada dificuldade, quando adulto, a se adaptar às variações sociais e do ambiente externo. A omissão de cuidado por parte dos pais, nesse sentido, afeta intrinsecamente a formação do indivíduo, não deixando de se caracterizar como uma violação de direitos a crianças e adolescentes. Porém, ela está atrelada a um direito à formação personológica do filho, o que tende a ser mais difícil de ser analisado se comparado com violações materiais.

O Estado pode intervir caso os pais estejam colocando em risco a saúde ou o desenvolvimento dos filhos. Por exemplo, se eles estão pondo os filhos em risco por negligência, não levando-os à escola ou não fornecendo-lhes alimentação adequada, bem como descuidando da formação psicológica e relacional dessas crianças e adolescentes.

No entanto, é importante ressaltar que essa intervenção é apenas como último recurso. A lei e a doutrina trazem como ideal a intervenção estatal em última instância, como forma a preservar a unidade familiar e a autonomia dos pais. Dessa forma, quando os profissionais estatais de fato utilizam a legislação para aplicar as medidas protetivas de afastamento da criança do núcleo familiar, uma série de direitos e garantias básicas já foram privadas, causando prejuízos, sejam físicos, emocionais ou psicológicos, para a criança.

No Brasil, a lei que estabelece as regras para a intervenção do Estado na forma em que os pais exercem a autoridade parental é o Código Civil e o ECA. Eles definem de que maneira o Estado pode intervir sobre tal autoridade, devendo ser sempre de forma fundamentada e proporcional à gravidade da situação. A intervenção no jeito em que as crianças e os adolescentes são criados pelos próprios genitores pode ser feita de diversos modos, incluindo orientação e apoio às famílias, medidas protetivas, como a retirada da criança ou do adolescente do lar, medidas socioeducativas, como a internação em um centro de recuperação, entre outras.

A família assume um papel crucial na formação da criança, e isso inclui a transmissão de valores e o ensino das normas que regem a sociedade. No entanto, essa tarefa exige uma abordagem mais profunda do que simplesmente impor regras como comandos absolutos. “... deve facilitar-lhe a consciência sobre a funcionalidade das regras elementares daquele grupo no qual a criança vive. O adulto deve estar consciente da função do saber” (Meneghetti, 2019). Isto é, ao invés de apresentar as regras como leis imutáveis e segui-las apenas porque são instrumentos estatais, é importante ajudar o indivíduo em formação a entender a sua funcionalidade dentro do contexto social a partir de si mesmo. Isso pode promover o desenvolvimento de um senso crítico e a capacidade de discernir as regras que consentem a qualificação de si próprios (Meneghetti, 2022).

É fato que há inúmeros cursos e treinamentos preparatórios para os pais, nos quais são ensinados os principais cuidados físicos durante a gestação, parto e primeiros meses de vida da criança. Atenções essas todas

voltadas a questões físicas, como trocar fraldas, verificar a temperatura ideal para a água do banho e do leite. Mas quando se fala em negligência, isso vai muito além desses cuidados: diz respeito, por exemplo, à falta de incentivo à ambição, educação e respeito para consigo mesmo e com os outros, suporte psicoemocional etc. Para essas funções, existem cursos de capacitação, no entanto, são menos conhecidos e procurados pelas famílias. Pelo que se observa frequentemente, os pais parecem não estarem suficientemente preparados acerca de como criar filhos autorrealizados, caso a sua formação também tenha sido negligenciada nesse aspecto.

Também, no que diz respeito à sociedade e aos operadores estatais, existem limites técnicos quanto à capacidade de avaliar se os pais são capazes de exercer esse poder familiar. Esses limites estão relacionados à complexidade da tarefa de avaliar a aptidão parental, que envolve uma série de fatores, incluindo a condição dos genitores de fornecer às crianças as necessidades básicas, como alimentação, saúde, educação e moradia, a possibilidade dos pais de proteger as crianças de todas as formas de violência e negligência, a propensão dos pais de promover o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social das crianças, o ambiente familiar e social em que as crianças vivem. Esses limites incluem a carência de acesso a informações relevantes, a falta de expertise necessária para avaliar os fatores envolvidos, entre outros desafios estatais.

Outrossim, soma-se a esses limites, as seleções temáticas complexuais que podem ser acionadas inconscientemente pelo profissional no momento de avaliação, distinção essa feita em razão de preconceitos, estigmas sociais e

estereótipos que, muitas vezes, o indivíduo não percebe justamente pelo fato deles se ativarem de forma inconsciente. Eles refletem na forma em como se visualiza a situação e como deve-se proceder a partir disso, tornando-se uma barreira caso o contexto seja analisado através de uma projeção do real distorcida pela posição do leitor do fato (Meneghetti, 2021).

Esse é um dos desafios do profissional responsável pela avaliação e intervenção do ente familiar: fazer uma leitura clara, coesa e precisa do contexto, procurando transcender estereótipos sociais e estigmas particulares sobre uma determinada situação, com base em acontecimentos pessoais passados.

Para superar esses obstáculos, é importante que o Estado busque desenvolver instrumentos exatos para melhorar a avaliação da capacidade parental. Um auxílio funcional para isso é a compreensão da ciência ontopsicológica pelos agentes estatais responsáveis por essas avaliações. Para poder discriminar com exatidão cada situação, é necessário que o sujeito esteja funcional, ou seja, que ele esteja bem e correspondente a si mesmo de forma que siga em crescimento, em harmonia com o seu projeto de natureza, para que a sua vida e atuação profissional seja conforme à sua intencionalidade de natureza. Em outras palavras, o sujeito aprende a gerir a realidade em seu favor, controlando e facilitando as coisas para si mesmo e para o bem do contexto em que está inserido.

Em Ontopsicologia, esse princípio se chama “funcionalidade circular a si mesmo”, e pode se dividir em cinco critérios, sendo eles “1. Funcionalidade”, “2. Correspondência com o iso de natureza”, “3. Univocidade entre as percepções”, “4. Controle sobre o objetivo” e “5. Desaparecimento do sintoma”. Meneghetti

as divide racionalmente assim, mas especifica que, na natureza, todos eles coexistem em simultaneidade (Meneghetti, 2022).

Com a atuação desses critérios de forma conjunta, é possível que o profissional estatal atuante seja preciso, tornando possível uma leitura clara sobre cada situação. Nesse ponto, a Ontopsicologia contribui para um aprimoramento dos profissionais estatais, amparando de forma prática o dia a dia dos responsáveis técnicos por averiguar a capacidade, ou falta dela, dos genitores em exercer o poder familiar sobre os seus filhos.

A experiência clínica ontopsicológica, comprovada por décadas de resultados, identificou que, se o profissional não possui um *estilo de vida* que o sirva para tal função profissional, ele terá maior dificuldade para manter uma posição objetiva em situações que exigem um preparo emocional e psicológico maior (Meneghetti, 2016).

Para estar na linha de frente, o profissional necessita de um estado psicoemocional bem estruturado para que, ao mesmo tempo que seja firme e humano na situação, não entre nas dinâmicas emocionais do contexto de modo passivo, deixando-se objetificar, mas sim consiga lidar com o evento de forma lúcida.

A fim de que seja possível uma maior compreensão acerca de como a ciência ontopsicológica possa ser utilizada como instrumento aliado dos profissionais, no próximo tópico serão aprofundados alguns conceitos chaves sobre a sua aplicabilidade nessa linha do direito.

3 A Ciência Ontopsicológica aliada aos profissionais técnicos que atuam no processo de intervenção familiar

Para que possamos discutir acerca da aplicação do direito no processo de intervenção familiar, precisamos anteriormente conhecer o profissional técnico como indivíduo, quem é por natureza, como ele age e quais são as suas construções culturais, sociais, ideológicas etc.

Para ser um profissional exato e psicoemocionalmente equilibrado, a Ontopsicologia destaca que é necessário estar em conformidade com o próprio projeto natural. Para entender tal projeto, é oportuna uma introdução acerca de três realidades que ainda não são aproveitadas pela ciência acadêmica (campo semântico, Em Si ôntico, monitor de deflexão), bem como uma análise com relação ao estilo de vida particular do profissional.

3.1 O campo semântico

O campo semântico⁶ foi a primeira descoberta da ciência ontopsicológica. Pode ser definido como a linguagem que a natureza usa na comunicação dos seres vivos, sejam eles humanos, plantas etc. Vive-se em um universo onde tudo está em constante comunicação; tudo ao redor do indivíduo se comunica com ele e vice e versa. De acordo com a Ontopsicologia, o campo semântico é justamente a transmissão de informações entre os seres vivos, que produzem uma variação da energia em quem recebe (Meneghetti, 2015).

“É a informação que transmite de um indivíduo a outro. É a informação base que acontece antes de todos os sentidos, antes de todas as emoções, antes de toda consciência: é o telefone por meio do qual a natureza e o

⁶ Esta concepção de campo semântico é diferente daquela que se usa na semiótica e linguística.

homem falam” (Meneghetti, 2023). É aquilo que não é verbalizado, mas que se faz presente dentro do outro sujeito de modo mais forte do que as palavras, pois transfere uma mensagem que sai do inconsciente daquilo que a emite. Esse tipo de comunicação foi evidenciado por Meneghetti, e formalizado cientificamente por ele de modo experimental, ao longo de anos de prática clínica bem-sucedida.

Em razão dessa evidenciação sobre a transmissão de informações, todo ser humano que percebe e entende o campo semântico pode adquirir um discernimento mais abrangente da realidade que o circunda, conseguindo avaliar e filtrar as interferências que os demais operam nele, e vice e versa.

Dito isso, e compreendendo de forma breve o que é o campo semântico e como ele atua, é possível entender a forma em que ele pode ser utilizado pelos profissionais do direito em casos de intervenção familiar⁷.

Quando se está em um ambiente de família, pode aparentar uma harmonia naquele local, onde morariam pessoas realizadas e que conviveriam em um funcional ecossistema. No entanto, se um profissional souber fazer a leitura do campo semântico, as informações que os indivíduos dessa família emitem de forma inconsciente podem expressar uma realidade fática diferente.

No entanto, pelo mesmo processo, em certos casos, é possível cair em um “efeito rede”. Para explicar esse conceito científico, por meio de exemplos simples e cotidianos, vale refletir sobre quantas vezes os indivíduos sentem um sono que surge de forma súbita, ou uma sensação de raiva sobre algum tema que

⁷ Esse tipo de conhecimento é algo que a natureza prevê, mas no ser humano, em algum momento da sua infância, essa capacidade é perdida. Contudo, ela pode ser retomada e a Ontopsicologia oferece instrumentos técnicos para isso.

está sendo discutido do qual não se entende o motivo. Normalmente, quando situações como essas ou semelhantes acontecem, é porque o sujeito está recebendo e aceitando, mesmo sem saber, informações transmitidas inconscientemente por outra pessoa. Essas informações, quando aceitas pelo indivíduo, podem acabar determinando um efeito rede, em que também outras pessoas ao redor dele, que não tinham ainda aquele sentimento, começam a percebê-lo.

O campo semântico com efeito rede pode interferir principalmente em casos em que é necessário discernir o que a natureza do próprio leitor percebe e o que está vindo do outro, para que seja possível realizar uma leitura exata acerca da situação, não deixando-se influenciar por emoções e sentimentos que não o pertencem, o que pode inclusive dificultar situações de intervenção familiar.

3.2 O Em Si ôntico

“O Em Si deriva daquilo que é o espírito total do universo. Ele preside todas as atividades da vida humana” (Meneghetti, 2023). Algumas culturas chamavam e ainda o chamam de alma, o sopro vital para a existência. No entanto, para numerosas escalas do pensamento contemporâneo, a alma não é um conceito científico (Meneghetti, 2023). Porém, Meneghetti descreve e demonstra a alma, escolhendo um caminho à frente da filosofia e da ciência. Não é uma sugestão mística, é algo concreto e real (Meneghetti, 2023). O Em Si ôntico é o ponto íntimo do ser humano e das suas peculiaridades.

O Em Si ôntico constitui o fundamento e o critério elementar de toda a Ontopsicologia,

sendo o princípio apriórico que permite à lógica humana colher o Ser e o real em seu sentido ontológico. Sua descoberta se deu ao longo da formalização da ciência, identificando a intencionalidade das causas como o objeto próprio desta disciplina (Meneghetti, 2022).

Este critério de natureza fenomeniza-se na história da existência como uma unidade funcional utilitarista, evidenciando-se em qualquer aspecto do real percebido. Assim, o Em Si Ôntico se concretiza e se manifesta integralmente através de um conjunto de 15 características que delinham sua presença constante e sua dinâmica essencial como o núcleo criativo e o projeto de identidade do ser humano, sendo elas: Inseico, Holístico-dinâmico, **Utilitarista-funcional**, Virtual, Econômico-hierárquico, Vencedor, Alegre, Criativo, Espiritual ou transcendente, Agente no interior de um universo semântico, Mediânico entre o ser e a existência histórica, Histórico, Estético, Volitivo-intencional e Santo (Meneghetti, 2022).

Quando o sujeito se contrapõe à própria natureza, acaba não conseguindo alcançar o seu potencial; pelo contrário, tende a se sentir frustrado, não autorrealizado, não sadio. Dessa forma, o sujeito, conscientemente e voluntariamente (portanto, considerando aquilo que em Ontopsicologia se chama “Eu lógico histórico”), pode agir de forma contrária ao Em Si, seja por estereótipos, estigmas etc. Quando essa relação ótima do Em Si com o indivíduo está interferida, acaba acontecendo uma leitura distorcida da realidade, com base em pré-conceitos. Por isso a autenticação, isto é, o processo por meio do qual o sujeito alcança o conhecimento sobre o seu potencial natural, e a sua realização na história, é

essencial para que o indivíduo supere a barreira da fixação de um ou mais estereótipos para analisar as circunstâncias.

É válido apontar que esses estigmas e estruturam que interferem na percepção humana são causadas pelo monitor de deflexão, mecanismo este que será explorado no próximo tópico.

3.3 O monitor de deflexão

A percepção humana, a forma como conhecemos o mundo, se dá por meio de algumas passagens, que constituem o assim chamado “processo perceptivo-cognitivo”. Tudo aquilo que contactamos com o auxílio dos nossos sentidos chega à nossa consciência, também denominada em Ontopsicologia de “monitor de reflexão”. A pesquisa ontopsicológica descobriu que, historicamente, esse processo sofreu uma interferência, que ainda hoje altera a exata leitura da realidade, tanto interna quanto externa, que acontece no ser humano. Tal desvio se deve ao “monitor de deflexão”. Quando o monitor de deflexão age, enxerga-se o mundo e a realidade não como é, mas sim alterada por estigmas, estereótipos etc. (Meneghetti, 2022).

Essa análise equivocada pode tornar-se um empecilho na prática profissional. De fato, para que os profissionais estatais consigam fazer uma análise exata da forma em que os pais exercem o seu poder familiar, é útil considerar a possibilidade que haja uma preparação integrada, incorporando princípios da ciência ontopsicológica na sua formação, para que, no momento da sua atuação, não sofram interferências.

A esse ponto, pode-se abordar a forma como o profissional escolhe conduzir a sua

existência (estilo de vida), visto que está diretamente relacionado com o quanto dito acima.

3.4 O Estilo de Vida

Estilo de vida é a forma como você escolhe fazer a condução da sua vivência. Refere-se ao conjunto de comportamentos, atitudes e hábitos que uma pessoa adota no seu dia a dia. Atualmente, é comum ouvirmos sobre esse termo, mas muitas vezes não se é utilizado de forma funcional.

O estilo de vida ideal para cada indivíduo é aquele que faz jus ao futuro que deseja e que é compatível com sua natureza. Não é fazer algo que o senso comum diz para fazer, mas sim, viver uma rotina funcional. Ele se torna essencial quando falarmos de um profissional íntegro, pois antes disso, se é necessário ser um ser humano em sua forma integral conforme seu projeto de natureza.

Se o profissional não adota um estilo de vida adequado segundo sua natureza e para sua função, ele encontrará mais dificuldade em se recuperar durante situações que demandam um preparo emocional e psicológico significativo, conforme mencionado anteriormente no texto. Para atuar na linha de frente em intervenções em núcleos familiares, é essencial que o profissional mantenha um estado psicoemocional bem estruturado, permitindo-lhe ser tanto firme quanto humano em situações desafiadoras. Dessa forma, ele não se torna passivo ou se deixa objetificar pela situação, mas consegue enfrentá-la com clareza e discernimento.

4 Uma breve análise do caso Boldrini

O caso de Bernardo Boldrini é extremamente complexo, envolvendo elementos de abuso infantil, negligência, manipulação e homicídio. Bernardo desapareceu em 4 de abril de 2014, na cidade de Três Passos, Rio Grande do Sul. O desaparecimento dele mobilizou uma enorme busca da comunidade local e chamou a atenção de todo o país.

Bernardo vivia com o pai, Leandro Boldrini, a madrasta, Graciele Ugulini, e a meia-irmã, em uma propriedade rural. Inicialmente, o caso foi tratado como um desaparecimento comum, mas logo surgiram suspeitas sobre a família, especialmente após a divulgação de um diário que Bernardo mantinha, em que ele relatava supostos abusos e maus-tratos.

Bernardo sofria abusos físicos e emocionais por parte da madrasta. Além disso, evidências apontavam que a família estava envolvida na morte do menino. Após semanas de buscas, o corpo de Bernardo foi encontrado enterrado em uma cova às margens de um riacho na cidade vizinha, Frederico Westphalen.

Os detalhes do caso geraram bastante revolta na população brasileira e geraram um debate intenso sobre abuso infantil, negligência familiar e falhas no sistema de proteção à infância. Tanto Leandro Boldrini quanto Graciele Ugulini foram presos e enfrentaram julgamento pelo homicídio de Bernardo, além de outros crimes relacionados.

Durante o processo, foi revelado que o assassinato de Bernardo teria sido planejado pela madrasta, com a conivência do pai e o auxílio de uma amiga da madrasta. O caso

deixou um legado de reflexão sobre a proteção das crianças e a responsabilidade da sociedade em garantir um ambiente seguro para o crescimento saudável e o bem-estar infantil. Pensamento esse que transparece e evidencia que, apesar de termos hoje dentro do direito inúmeros artigos e legislações sobre a proteção e integridade da criança e do adolescente, eles não parecem suficientes se os profissionais não conseguem os aplicar integralmente.

É importante frisar também que o menino procurou o Ministério Público em janeiro do ano de seu assassinato pedindo para não morar mais com o seu pai e a sua madrasta em razão da indiferença e falta de afeto na casa em que residia. Também, o próprio juiz da Vara da Infância e da Juventude do Fórum de Três Passos, Fernando Vieira dos Santos, se emocionou durante o seu depoimento no júri do processo ao lembrar que suspendeu a ação visto que não havia evidências físicas.

Nesse sentido, questiona-se se não seria adequado capacitar os agentes do estado para que possam de fato realizar uma leitura exata da situação, para além das evidências materiais, e, desse modo, casos como o de Bernardo Boldrini possam acontecer menos frequentemente na sociedade.

Reflete-se sobre qual seria o rumo do menino Bernardo se o Estado, de forma integral, capacitasse os seus profissionais para uma abordagem precisa, utilizando os mecanismos da Ontopsicologia para a avaliação da situação familiar em que ele estava inserido.

5 Considerações Finais

O caso Bernardo Boldrini serve como um lembrete pungente das falhas que podem

ocorrer no sistema de proteção à criança e ao adolescente. O assassinato do menino evidencia a necessidade de aprimorar-se os mecanismos utilizados para avaliar a capacidade dos pais em exercer o poder familiar. A legislação brasileira, embora robusta em sua defesa da proteção da criança, necessita de instrumentos mais eficazes para identificar situações de risco e garantir a intervenção estatal em tempo hábil.

Nesse contexto, a Ontopsicologia surge como uma ferramenta promissora para auxiliar os profissionais do Estado na avaliação da aptidão parental. Com a sua metodologia, os profissionais podem aprimorar-se com a contribuição de uma ótica-humanista, amparando de forma prática o dia a dia dos responsáveis técnicos por averiguar a capacidade, ou falta dela, dos genitores em exercer o poder familiar sobre os seus filhos.

Assim, após análise, é possível responder ao problema de pesquisa: o sistema judiciário tem competência em avaliar a capacidade dos pais em exercer o poder familiar e, se sim, como a prática da ciência ontopsicológica para os agentes estatais e os profissionais que atuam na intervenção familiar poderia auxiliar no desenvolvimento de mecanismos para melhor avaliar a família, considerando o caso Bernardo Boldrini?

O sistema judiciário, como aprofundado no texto, possui, dentro da legislação, a competência de avaliar se os pais são capazes ou não de exercer o poder familiar sobre os seus filhos, principalmente quanto tange na violação de direitos fundamentais e negligência familiar. A forma como o conhecimento da ciência ontopsicológica pode auxiliar os agentes estatais que atuam na intervenção familiar é guiando o indivíduo

para compreender o seu projeto de natureza, para que como ser humano seja íntegro, podendo, a partir disso, ser um profissional exato, não permitindo que estigmas e preconceitos ofusquem a leitura real da situação.

Para alcançar a excelência profissional e manter-se psicoemocionalmente estruturado, enfatiza-se a importância de estar em conformidade com o próprio projeto natural. Um profissional deve alinhar suas ações e decisões com a sua verdadeira essência e objetivos pessoais, garantindo que suas competências e habilidades sejam desenvolvidas de forma harmoniosa. Esse alinhamento é fundamental não apenas para o sucesso e a eficácia no ambiente de trabalho, mas também para o bem-estar emocional e a realização pessoal. A Ontopsicologia propõe que, ao compreender e respeitar seu projeto natural, o indivíduo pode atingir um estado de equilíbrio e satisfação, potencializando sua capacidade de enfrentar desafios e construir uma carreira sólida e gratificante.

Dessa forma então, com uma leitura clara da situação, podendo ir além do que é alcançado pelos olhos, será possível que seja evitado outros casos como o do menino Bernardo, visto que os profissionais poderão sair da dinâmica passiva e se objetificar nela, mas sim lidar com cada situação de forma lúcida.

Referências

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BRASIL. **Código Civil. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002**. Brasília, DF: Presidência da República, 2002.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos**. Disponível em:

<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/direitos-humanos/ouvidoria-nacional-de-direitos-humanos/painel-de-dados>. Acesso em: 7 jun. 2024.

BRASIL. **Ministério da Justiça. Sistema de Informações para Infância e Adolescência**. Disponível em: <https://www.sipia.gov.br>. Acesso em: 31 maio 2024.

BOBBIO, Norberto. **O positivismo jurídico: lições de filosofia do direito**. 7. ed. São Paulo: Ícone, 1995.

BOETTCHER, Deise Michele de Assis. **O Papel da Mãe na Condução do Filho à Realização de Si Mesmo**. Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharel em Ontopsicologia. Recanto Maestro: Antonio Meneghetti Faculdade.

CUNHA, Marcus Vinicius da; SBRANA, Roberta Aline. A presença de Jean-Jacques Rousseau no discurso educacional de John Dewey, v. 25, n. 1, Passo Fundo, p. 82-98, jan./abr. 2018. Disponível em www.upf.br/seer/index.php/rep.

MENEGHETTI, Antonio. **A Crise das Democracias Contemporâneas**. 1. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, Antonio. **Campo Semântico**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2024.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2021.

MENEGHETTI, Antonio. **Direito, Consciência e Sociedade**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019.

MENEGHETTI, Antonio. **Genoma Ôntico**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2022.

MENEGHETTI, Antonio. **Pedagogia Ontopsicológica**. 6. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019.

MENEGHETTI, Antonio. **Pessoa e Sociedade**. 1. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2022.

MENEGHETTI, Antonio. **Ontopsicologia Clínica: tratado de psicoterapia segundo uma nova abordagem**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, Antonio. **Sistema e Personalidade**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019.

NUNES, Maria Fernanda Rezende. **Educação infantil no Brasil: primeira etapa da educação básica**/Maria Fernanda Rezende Nunes, Patrícia Corsino e Vital Didonet. – Brasília:

UNESCO, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, Fundação Orsa, 2011.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

VENOSA, Sílvio de Salvo. **Direito de família**. In: _____. **Direito civil**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2009. v. 6. p. 299.

SUCESSO EMPRESARIAL, UM OLHAR SOBRE AS QUATRO AUTONOMIAS NA VIDA DO EMPRESÁRIO

Amar Watt¹, Elenir Veit Dummel², Clarissa Mazon Miranda³, Vonja Engel⁴

Resumo: Este artigo tem como objetivo correlacionar o sucesso empresarial com o desenvolvimento de autonomia de escolhas por parte do empresário. O sucesso de uma pessoa, pode estar intrinsecamente ligado ao desenvolvimento de resultados empresariais, bem como uma gradual conquista de autonomia de gerir a suas decisões nas várias facetas de sua vida. Ao desenvolver maturidade empresarial e considerar-se satisfeito com os resultados do seu negócio, teria este empresário também adquirido maturidade de ter a liberdade de decisões nas suas mãos? Ou, estaria o empresário apenas satisfeito no âmbito do negócio, sem ter adquirido plena liberdade em suas escolhas? Seria natural pensar que, empresários que têm autonomia para gerir os resultados dos seus negócios, tenham também autonomia de decisões em todas as áreas de sua vida. Muitos indivíduos, segundo Meneghetti, não têm possibilidade de exercer plena liberdade de decisão de ação pois, em algum momento de sua vida, por posturas ou escolhas equivocadas, geraram alguma forma de limitação. Essas limitações por falta de liberdade de agir como melhor intuem, podem impedir o indivíduo de ser mais pleno como pessoa. Meneghetti aborda o tema da limitação de liberdade quando constrói o conceito das “autonomias” que este estudo se propôs a analisar. A falta de uma das quatro autonomias nas mãos de um indivíduo, como por exemplo a falta da autonomia psicológica, da autonomia econômica, da autonomia social ou a falta da autonomia legal, já representaria, segundo Meneghetti um tipo de ausência de liberdade plena para seguir verdadeiramente seu projeto de vida de autorrealização. Em um mundo empresarial em que o objetivo principal tende a ser o sucesso financeiro, teria o empresário que se considera bem-sucedido neste sentido, também a capacidade de exercer sua plena liberdade de seguir a pleno rumo o seu projeto interno de natureza? Os resultados da pesquisa apontam para demonstrar que entre os empresários pesquisados, as quatro autonomias não são unanimidade como veremos na discussão final.

Palavras-chave: sucesso empresarial; autonomias; liberdade; vida do indivíduo.

Business success: a look at the four autonomies in the life of an entrepreneur

Abstract: This article aims to correlate business success with the entrepreneur's development of autonomy of choice. A person's success can be intrinsically linked to the development of business results, as well as a gradual achievement of autonomy to manage their decisions in the various facets of their life. By developing business maturity and considering themselves satisfied with the results of their business, would this entrepreneur also have acquired the maturity to have freedom of decision in their hands? Or, would the entrepreneur be only satisfied in the business sphere, without having acquired full freedom in their choices? It would be natural to think that entrepreneurs who have autonomy to manage the results of their business also have autonomy of decision in all areas of their life. Many individuals, according to Meneghetti, do not have the possibility of exercising full freedom of decision of action because, at some point in their past, due to mistaken attitudes, they generated some form of limitation. These limitations due to lack of freedom to act as they see fit, can prevent the individual from being more fulfilled as a person. Meneghetti addresses the issue of limited freedom when he constructs the concept of the “autonomies” that this study set out to analyze. The lack of one of the four autonomies in the hands of an individual, such as the lack of psychological autonomy, economic autonomy, social autonomy or the lack of legal autonomy, would already represent, according to Meneghetti, a type of absence of full freedom to truly follow one's life project of self-realization. In a business world in which the main objective tends to be financial success, would the entrepreneur who considers himself successful in

¹ Graduando em Ontopsicologia pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). E-mail: ribamar.watthier@gmail.com

² Graduando em Ontopsicologia pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF).

³ Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora na Faculdade Antonio Meneghetti (AMF).

⁴ Doutora em Desenvolvimento Regional pela Universidade do Algarve (UALG / Portugal) e pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Professora na Faculdade Antonio Meneghetti (AMF).

this sense also have the capacity to exercise his full freedom to fully pursue his internal project of nature? The results of the research point to demonstrating that among the entrepreneurs surveyed, the four autonomies are not unanimous, as we will see in the final discussion.

Keywords: business success; autonomies; freedom; individual life.

Éxito empresarial: una mirada a las cuatro autonomías en la vida de un emprendedor

Resumen: Este artículo busca correlacionar el éxito empresarial con el desarrollo de la autonomía en la toma de decisiones por parte del emprendedor. El éxito de una persona puede estar intrínsecamente ligado al desarrollo de resultados empresariales, así como a la adquisición gradual de autonomía en la gestión de sus decisiones en diversas facetas de su vida. Al desarrollar madurez empresarial y considerarse satisfecho con los resultados de su negocio, ¿habría adquirido este emprendedor la madurez necesaria para tener libertad de decisión? ¿O solo estaría satisfecho en el ámbito empresarial, sin haber adquirido plena libertad en sus decisiones? Sería lógico pensar que los emprendedores que tienen autonomía para gestionar los resultados de sus negocios también la tienen en la toma de decisiones en todas las áreas de su vida. Muchas personas, según Meneghetti, no tienen la posibilidad de ejercer plena libertad de decisión porque, en algún momento de su vida, debido a actitudes o elecciones erróneas, han generado algún tipo de limitación. Estas limitaciones, debidas a la falta de libertad para actuar según su intuición, pueden impedir que el individuo se sienta más realizado como persona. Meneghetti aborda el tema de la libertad limitada al construir el concepto de "autonomías" que este estudio se propone analizar. Según Meneghetti, la falta de una de las cuatro autonomías en manos de un individuo —por ejemplo, la falta de autonomía psicológica, económica, social o jurídica— representa ya una especie de ausencia de plena libertad para perseguir verdaderamente su proyecto de vida y autorrealización. En un mundo empresarial donde el objetivo principal suele ser el éxito financiero, ¿tendría el emprendedor que se considera exitoso en este sentido también la capacidad de ejercer su plena libertad para perseguir su proyecto interno de naturaleza? Los resultados de la investigación indican que entre los emprendedores encuestados, las cuatro autonomías no cuentan con un consenso unánime, como veremos en la discusión final.

Palabras clave: éxito empresarial; autonomía; libertad; vida individual.

1 Introdução

A presente pesquisa tem o propósito de investigar o nível de correlação entre o sucesso empresarial social e a imposição de liberdade individual através do conceito de autonomias abordada por Meneghetti. O critério de escolha para a coleta de dados neste sentido, foi aqueles empresários bem sucedidos no âmbito de pequenas e médias empresas do Espírito Santo, que não possuem conhecimento algum sobre a Ontopsicologia, nem mesmo sobre os conceitos que envolvem as quatro autonomias. Foram considerados “bem sucedidos e satisfeitos” em seus negócios, levando em conta 3 indicadores empresariais estabelecidos pelo autor.

Este trabalho tem o intuito de buscar relação entre sucesso empresarial e a existência ou não, na vida do empresário de liberdade de ação e decisão, baseado no conceito das autonomias legal, econômica,

social, bem como a autonomia psicológica. Em outras palavras, a pesquisa procura por dados de uma possível correlação de causa ou consequência entre o nível de capacidade do empresário satisfeito com o andamento do seu negócio, e o nível de capacidade de ser livre, considerando a imposição das autonomias descritas, como sendo necessidades fundamentais à autorrealização de alguém, já que sem liberdade não se pode verdadeiramente seguir o próprio projeto, segundo teoria descrita pelo Acadêmico professor Antônio Meneghetti em suas obras.

A pergunta principal que esta pesquisa se propõe a responder no âmbito dos pesquisados é: **Qual o nível de correlação do sucesso empresarial com a liberdade individual relacionada às quatro autonomias?** Queremos encontrar dados que demonstrem a possibilidade de interrelação entre a capacidade do empresário de obter satisfação em sua empresa com a capacidade de desfrutar da

liberdade de seguir seus projetos de vida sem as limitações por ausência de uma ou mais dentre as quatro autonomias.

A importância de coletar dados provenientes de empresários que nunca tiveram contato com o conhecimento da Ontopsicologia, é justamente por desconhecerem a abordagem de Meneghetti sobre o tema “autonomias”. Ao se considerarem bem-sucedidos e satisfeitos com seus negócios, pode-se demonstrar a importância de levar a Ontopsicologia para impostar um novo nível de conhecimento, de liberdade e função social, de autorrealização para aqueles que se enxergam “bem sucedidos” empresarialmente, mas que talvez careçam de ampla liberdade de ação e de autorrealização dentro do sistema social.

Dito de outra forma, a pesquisa procura por dados de uma possível correlação natural entre a capacidade de bem gerenciar uma empresa, concomitante à capacidade de adquirir liberdades em sua vida considerando a teoria de Meneghetti no que diz respeito as autonomias de um indivíduo. Autonomias ou liberdade no sentido de não ter prisões para agir, para a tomada de decisão, livre de limitações sociais, familiares, econômica, emocional, limitações de legislação, que quando existem, aprisionam de alguma forma a vida do indivíduo e o impedem de atuar conforme seu próprio projeto de natureza.

A inquietação na qual este tema se baseia é conhecer até que ponto aqueles empresários que têm um nível de consciência e competência suficiente para uma gestão empresarial de resultados, também tendem ou não a ter capacidade de construir autonomia e liberdade em suas vidas. Seria a liberdade uma consequência natural da capacidade de ser

empresário? Esta curiosidade é alimentada pela lógica de pensar que uma empresa para ter sucesso, precisa que seu líder tenha certas habilidades, conhecimentos, capacidade de decidir e comportamentos tais que o permitam seguir a diante cada vez melhor e portanto, os diferenciem psicológica, econômica, social e legalmente, daquelas pessoas que não gerem bem um negócio.

2 Fundamentação Teórica

O presente capítulo apresenta embasamento teórico sustentado na visão de Meneghetti e outros autores, buscando apresentar suporte para a compreensão do sucesso empresarial e as quatro autonomias na vida de um indivíduo.

2.1 Contextualização das autonomias a partir da visão de Meneghetti

As teorias que fundamentaram a ideia da pesquisa condizem com o pensamento de Meneghetti que defende que para alguém seguir adiante cada vez melhor, é preciso se posicionar socialmente com certas garantias que permitem a si mesmo viver em progresso. Tais pensamentos foram extraídos da conferência realizada pelo Acad. Professor Antonio Meneghetti, durante o residence “Saber servir e conhecer a si mesmo”, no Recanto Maestro (RS, Brasil), em 03/07/2010. (Meneghetti, 2020a, p. 19)

2.1.1 Autonomia Psicológica

Antes de mais nada, segundo Meneghetti, seria necessário ao indivíduo conhecer a si mesmo, como conhecer suas preferências,

medos, dificuldades ou habilidades. Conhecer qual o campo de atuação otimal onde os melhores dons podem trazer crescimento. Ter também ciência de que as consequências de certas escolhas podem ser imperdoáveis para o crescimento em sociedade. Por exemplo, seguir cegamente uma paixão momentânea ou fazer certas escolhas impulsivas principalmente quando se é jovem, seja por sexo ou rebeldia, pode trazer prematuramente, por exemplo um casamento, um filho, e assim poderia limitar os estudos, o empreender, construir uma profissão de forma sólida, pela simples limitação à liberdade.

Saber o que se quer faz o indivíduo gerir a rede afetiva com inteligência, sem limitar-se a certas imposições familiares castradoras, o que seria útil para um fortalecimento do sucesso profissional. “Da mesma maneira, autonomia psicológica é ser livre de qualquer ideologia: de partido, religiosa, marxista, oriental, de virgindade, do sexo etc. O Em Si ôntico⁵ não tem ideologias; o complexo sempre tem também ideologias, fixidezes de informação” (Meneghetti, 2020a, p. 23). Em resumo, as escolhas e acontecimentos nos mudam continuamente e ter uma clareza de autonomia psicológica é uma inteligência que constrói uma liberdade de futuro a cada dia.

2.1.2 *Autonomia Legal*

“Significa ter sempre a liberdade civil de fazer algumas escolhas” (Meneghetti, 2020a, p. 25). Existem pessoas que por erros contra a lei comprometeram a possibilidade de ter uma empresa em seu nome ou de emitir passaporte

por exemplo. Crimes praticados na juventude, por porte de drogas ou outro histórico de delitos por comportamentos inconsequentes, podem ter impacto por toda uma vida. “É importante prestar atenção na burocracia do Estado, portanto vigiar sempre sobre a autonomia legal da própria carteira de habilitação, cartão de crédito, do passaporte etc.” (Meneghetti, 2020a, p. 25). É relevante saber que tem um jogo social que precisa ser respeitado. Conhecer quais são as obrigações legais, quais os impostos a se pagar, as regras contábeis e do direito. Empreender sem querer dar jeitinhos ou buscar atalhos, é também atuar bem no mundo dos negócios. Portanto buscar conhecer e seguir os esquemas das leis é saber jogar o jogo sem impedimentos ou ações penais contra si: “Jamais se deve se superficial com as leis: se entendidas e observadas, são uma vantagem de liberdade e autonomia legal” (Meneghetti, 2020a, p. 26).

2.1.3 *Autonomia Econômica*

É ter a certeza de estar construindo a própria liberdade econômica que culmina no fato de que as próprias finanças estejam em suas mãos. O indivíduo precisa certificar-se se “possui a chave daquele poder econômico ou se essa chave é dividida com algum outro” (Meneghetti, 2020, p. 29). Algumas pessoas se iludem com falsas garantias que supostamente teriam por saber que seus pais ou avós tem uma grande disponibilidade financeira, acreditando que eles sempre o proverão. O que não se percebe é que esta facilidade gera influência familiar do que pode fazer e como utilizar o dinheiro, o que é uma grande limitação. Mulheres que por questões culturais e por fruto do esteriótipo limitam toda sua vida

⁵ Eso. Princípio ôntico existencial no homem. O Em Si ôntico é o núcleo energético pensante... O homem produz autorrealização quando a sua ação é conforme, ou iso, ao próprio Eso (Meneghetti, 2012, p. 84).

sujeitando-se à dependência de um marido provedor, adoecem por falta de liberar todo seu potencial realizador.

“O business máximo é baseado na liberdade de inteligência, ali a vida é maravilhosa. Portanto, no próprio posicionamento de estudo, trabalho, amizade, relacionamento etc., é preciso controlar sempre se a própria economia está nas próprias mãos e se, ano após ano, aumenta (...) Cada um deve saber pagar a própria liberdade, em cada momento” (Meneghetti, 2020a, p. 29). Segundo a lógica de Meneghetti, a verdadeira felicidade é conquistada depois dos 60 anos, pois seria “um estado interior psicológico de autonomia de si mesmo (...) chega um dia em que o sujeito é feliz em ser aquilo que é, e ninguém pode condicioná-lo, porque construiu [através da autonomia econômica] uma coisa que é totalmente sua, a seu modo” (Meneghetti, 2020a, p. 29).

Para haver liberdade e bem estar é fator crucial que o empresário domine suas finanças de forma a não comprometer todas as outras liberdades. A falta da autonomia econômica pode ser fator de estresse que impacta em todos os aspectos da vida. “...sem se perder no estresse da economia, deve aprender a segurar o dinheiro, seja do herdado, do investido e, sobretudo do ganhado. É maravilhoso fazer dinheiro como função a própria liberdade” (Meneghetti, 2021, p. 87).

2.1.4 Autonomia Social

Para ter liberdade, a autonomia social precisa ser adquirida em um certo nível do crescimento. Segundo o Meneghetti, um presidente de um país, por exemplo, não pode fazer livremente qualquer escolha, seja

publica, política ou privada porque pode estar em desacordo com o que rege o sistema que o elegeu. Um político ou alguém que fez sua vida em um partido não tem autonomia social. Esta pessoa se torna um objeto que está sendo sustentado por uma estrutura abaixo e acima dele. Ao chegar ao poder sem autonomia, por ter sido ajudado por um banco, igreja, instituição, alguém mais poderoso limitará a liberdade de tomar qualquer decisão, pois precisará servir aos seus donos. Meneghetti nos alerta que no âmbito destes altos poderes não há justiça ou leis válidas, há sim conveniência das oportunidades do momento. A carreira no ambiente público pode estar condicionada à instituição da qual se pertence. “Portanto, enquanto se cresce e se vai em frente, é preciso prestar atenção para não receber grandes favores, porque depois de qualquer modo se deve pagá-los” (Meneghetti, 2020a, p. 29).

Seria importante ter sempre em mente quem são os pagadores do próprio salário por exemplo, para conhecer em que nível tal hierarquia pode ser limitante, e ter ciência se haverá autonomia, antes mesmo de decidir servi-la. “Enquanto se é pequeno, fracassado, em desgraça, ninguém diz nada. Mas assim que se torna alguém, as coisas mudam e é fundamental que o próprio passado seja limpo, em sentido legal, fiscal, social etc”. autor, ano obra (Meneghetti, 2020a, p. 37).

Liberdade: autonomia psicológica e autonomia legal-social. O sujeito é livre, não tem condicionamentos internos nem de caráter psicológico, nem de caráter afetivo, sexual, familiar, complexual, nem de estereótipos etc. Além disso, tem uma liberdade reconhecida também pelas leis da sociedade, portanto, é um agente que pode operar, variar: é uma disponibilidade a um infinito possível (Meneghetti, 2013, p. 34).

Embora o conceito de Liberdade de Meneghetti diga respeito, de forma mais ampla, àquela liberdade conquistada pelos mais sábios que buscam a autorrealização como pessoa, há conexão com o tema abordado na pesquisa. Pois aquele empresário que atingiria liberdade em relação às quatro autonomias, concomitantemente estaria mais alinhado à própria possibilidade de autorrealização pessoal e profissional. “É necessário criar um novo ‘humanismo do trabalho, que exalte a liberdade do homem, a sua criatividade e os seus dotes intelectuais e morais” (Meneghetti, 2020b, p. 29).

Meneghetti na obra *Psicologia Empresarial* (p. 138) também se refere, mas de outro modo aos conceitos de autonomias afirmando que existem fatores de defeito que constituem o ponto crítico de todo empresário, em especial os mais jovens. O dinheiro, como um dos fatores críticos quando leva o empresário à exibição, ao gasto e desperdício e conseqüentemente à ruína. Outro defeito crítico que é o de caráter psicológico, onde certos desafios enfrentados são superiores à sua capacidade psicológica de resolvê-los no momento histórico em que surgem. Ou seja, pela imaturidade ou falta de autonomia psicológica tomam decisões equivocadas que comprometem o próprio negócio e impactam em sua vida.

Na obra “Meneghetti sobre... Riqueza como Arte de Ser”, distingue quatro tipos de empresários, e algumas subdivisões, que estão relacionados conforme sua condição individual de ver o mundo, ou em outras palavras conforme o nível cultural, filosófico, estético e nível de percepção de vida em que o ser humano se encontra. O ponto máximo destes níveis seria o empreendedor de valor.

“Estes empresários de valor, de fato são os grandes estimuladores de civilidade humanista (...) de produzir mais psiquicidade, e em substância, mais alegria e paz” (Meneghetti, 2021b, p. 117).

Para fim deste artigo, o conceito “empresário bem sucedido”, não será o mesmo do conceito filosófico de Meneghetti, mas sim diz respeito ao conceito social, e será limitado a indivíduos sem conhecimento das teorias de Meneghetti, mas será considerado àquele empresário que já obtém como resultado da gestão atual da sua empresa os três seguintes indicadores: (1) Satisfação sobre o resultado atual do seu negócio; (2) Satisfação a respeito do quadro atual de colaboradores; (3) Satisfação sobre a administração do seu próprio tempo.

O conceito “satisfação a respeito do resultado do seu negócio” se refere ou está relacionado à lucratividade alcançada pela empresa, ou seja, o ganho sobre o trabalho realizado. Desta forma é considerada a relação direta não só com o lucro líquido, como também com a receita total. Em outras palavras, a satisfação em relação ao “resultado”, indica a eficiência operacional de negócio, conforme a avaliação contábil, assim será determinado o nível da satisfação do empresário quanto ao ganho financeiro que sua empresa obtém.

O conceito “satisfação a respeito do quadro de colaboradores” está relacionado com a maneira eficaz com que o quadro de colaboradores cumpre com suas funções. Ou seja, é avaliado pelo próprio empresário se sua equipe é competente em exercer seus papéis, evitando assim que o próprio empresário se obrigue, de forma rotineira, envolver-se

pessoalmente para corrigir erros causados pelos colaboradores.

Já o conceito “satisfação a respeito da administração do tempo” tem relação com o ato de exercer suas rotinas e atribuições, sem ser tomado inesperadamente de forma repetida por imprevistos ou problemas não delegáveis. Basicamente, isso significa avaliar sua capacidade de organizar suas tarefas de forma a cumpri-las dentro da normalidade do seu nível de responsabilidade, a fim de manter o rendimento da sua responsabilidade e função ao longo do dia.

2.2 Estratégia de gestão para o resultado empresarial

O pensamento e a atitude de empresários eficientes visam como resultado empresarial, a lucratividade, que é um dos motivos mais óbvios de existência de um negócio. Um dos principais indicadores pensado pelo autor para selecionar os pesquisados, foi justamente o quesito de “satisfação em relação ao resultado atual do seu negócio”, sendo que “resultado”, neste sentido, estaria relacionado à capacidade da empresa de ser lucrativa, e, portanto, de se manter no mercado. E ainda neste sentido, a “satisfação em relação ao resultado” não só revelaria a saúde do negócio, mas também revelaria a capacidade de gestão do empresário, mesmo que de forma empírica. Muitas vezes a estratégia na mente do empresário para gerar resultados satisfatórios no seu negócio, não foi adquirida necessariamente em uma graduação acadêmica formal, mas além desta, sua capacidade de gestão vem das próprias vivências práticas e aprendizados ao longo de anos, sendo, em muitos casos, a própria empresa a principal

escola de aprendizado dos empresários pesquisados.

O conceito de estratégia está relacionado a uma forma holística de pensar a empresa, segundo Andrews e Christensen (*⁶). Nessa abordagem, a formulação de uma estratégia une as áreas funcionais da empresa, ou seja, seus pontos fortes e fracos, e articula suas atividades com o meio externo, que oferece oportunidades e ameaças (Amaral, 2005, p. 62).

Assim sendo, significaria que poderíamos nos basear na teoria do pensamento da estratégia empresarial acima descrita, e dizer que, na prática, se o empresário é capaz de pensar sua empresa em sua totalidade, se fizer funcionar sua empresa considerando os pontos fortes e fracos do seu negócio, aproveitando oportunidades e minimizando as ameaças, teríamos uma empresa no mínimo com resultado satisfatório consequência de uma forma de estratégia prática.

Outra forma de analisar como agem empresários satisfeitos com seus negócios, seria dizer que “Segundo (Oliveira, 1991, p. 27) “numa empresa, a estratégia está relacionada à arte de utilizar adequadamente os recursos físicos, financeiros e humanos, tendo em vista a minimização dos problemas e a maximização das oportunidades do ambiente da empresa” (Amaral, 2005, p. 62). Neste sentido, independente do conhecimento acadêmico teórico do empresário, se ele, mesmo se não houvesse uma formação acadêmica na área administrativa, se é capaz de atuar considerando as palavras de Oliveira recém citadas, teria este empresário uma forma estratégica de atuar na prática da sua empresa.

Conforme o historiador Alfred Chandler, a estratégia seria o processo de estabelecer

⁶ Professores de Harvard, que contribuíram com o desenvolvimento da ferramenta MATRIZ SWOT.

metas e objetivos de longo prazo para a empresa e de adotar cursos de ação e alocar recursos para atingi-los (Amaral, 2005, p. 62). Ou seja, se um empresário tem como estratégias seguir metas, objetivos e planos de ação com recursos certos, significaria dizer que a sua capacidade, seu estilo, seu comportamento e pensamento, por estarem alinhados ao pensamento de Chandler, influenciariam diretamente na sua própria satisfação pessoal em relação ao resultado da sua empresa.

Pensando em habilidades de gestão, segundo o blog Egestor, gestão é o processo de planejar, organizar, dirigir e controlar recursos, que podem ser pessoas, finanças, materiais e tempo, para alcançar objetivos específicos de uma organização (eGestor, 2025). Poderia se dizer que empresários satisfeitos com o resultado do seu negócio, revelam na prática sua capacidade de gestão ao buscar na lucratividade um dos seus indicadores de satisfação, pois um dos benefícios de uma boa gestão empresarial, segundo o mesmo blog pesquisado, seria justamente o impacto no resultado financeiro: a gestão eficiente ajuda a empresa a maximizar seus resultados financeiros, reduzindo custos e aumentando as receitas (eGestor, 2025).

2.3 Lideranças Eficazes na Gestão de Equipes Competentes

Empresas cujos funcionários são considerados competentes não surgem ao acaso. A experiência de quase 19 anos do autor no treinamento e desenvolvimento de habilidades de liderança e gestão na área empresarial, revela que aqueles empresários que costumam se queixar de terem

funcionários desqualificados ou se vitimizam por não encontrar pessoas competentes para trabalhar, quando entrevistados sobre suas formas de atuação na liderança e gestão dos seus negócios, revelam neles próprios imaturidade ou falta de competência no desenvolvimento de pessoas eficientes. Ou seja, as empresas que não têm funcionários competentes costumam também não serem dirigidas por líderes ou gestores competentes.

As competências gerenciais atribuídas aos líderes são distintas das apresentadas pelos demais indivíduos que integram uma organização, pois o gerente precisa empenhar esforços para atingir os resultados almejados pela entidade, mediante influência e liderança. Portanto, é necessário o desenvolvimento de novas competências para que haja maior responsabilidade, com ênfase nas relações interpessoais (Freitas; Odelius,, 2017, sic). Por isso, estudos que abordam o desenvolvimento de liderança têm merecido destaque, pois nem todos possuem a capacidade nata de liderar uma equipe e ainda garantir que alcançarão o sucesso. (Amorim; Maia; Santos, 2023, p. 34)

Quando encontramos empresas cujos funcionários estão engajados e são considerados comprometidos com suas funções, tendemos a encontrar líderes que relatam satisfação pessoal sobre suas equipes, ou seja, costumam relatar que possuem funcionários que funcionam nas suas funções. Ao mesmo tempo quando este líder relata sua maneira de liderar e gerir, demonstra maturidade de ter adquirido habilidades de treinar, de gerir pessoas, de engajar e de desenvolver equipes ao longo do crescimento da sua empresa. Ou seja, aqueles líderes empresários que se dizem satisfeitos com suas equipes, possuem eles próprios, habilidades tais que foram necessárias para construir a própria competência de suas equipes.

A presença de líderes é o elemento central na construção e manutenção da cultura organizacional, visto que por meio da gestão do negócio, ações de gestão de pessoas, práticas de reconhecimento, relacionamento interpessoal, construção da visão, fortalecimento de valores, implementação de ritos e demais elementos relacionados à cristalização da cultura, eles influenciam o ambiente em que estão inseridos. Portanto, o estilo de liderança é um elemento que interfere nas características da cultura empresarial, embora a cultura da entidade também possa influenciar a cultura e costumes do líder (Barreto *et al.*, 2013, sic). (Amorim; Maia; Santos., 2023, p. 39).

Neste sentido, a presença de líderes assume uma posição central na construção e perpetuação da cultura organizacional, desempenhando um papel crucial na modelagem do ambiente empresarial. Através da gestão eficaz do negócio e de estratégias de administração de pessoas, os líderes moldam não apenas a estrutura organizacional, mas também os valores e as práticas que orientam o comportamento coletivo. A influência dos líderes vai além da gestão de tarefas; eles são arquitetos da cultura, moldando o ambiente em que estão inseridos e, por conseguinte, impactando diretamente o sucesso e a identidade da organização.

2.4 Nível da competência pessoal como estratégias para a gestão de tempo

Quando se fala em satisfação na gestão de tempo, sabemos que o tempo em si não pode ser ampliado por não ser elástico, mas sim o próprio gestor precisa de um refino de inteligência e capacidade de autogestão. O autor deste artigo constatou ao longo dos anos observando seus clientes, que líderes e empresários bem-sucedidos na administração do seu tempo, mesmo com alta demanda de compromissos relevantes, possuem um tipo

habilidade superior por detrás da capacidade pura e simples de gestão de tempo. Gerir bem o tempo revela não apenas capacidade de realizar seu negócio em nível superior, mas também tende a revelar níveis superiores de consciência em vários aspectos da sua vida. Para Bernhoeft (2009), a administração do tempo envolve filosofia, experiência, sociologia, prática, psicologia, reflexão, economia, debate e administração. Em síntese, diria que engloba um exame da própria essência da vida.

O apontamento teórico sobre características do empresário bem-sucedido na sua administração do tempo, não intenciona abordar ferramentas de gestão de tempo, mas apenas evidenciar que tal temática exige do empresário múltiplas habilidades e nível de competência tal, que naturalmente o tornam um gestor diferenciado. Muitos são os motivos que levaram um empresário a atingir um nível de satisfação em sua administração de tempo. Situações problema que causam ruídos nas organizações e impactam na perda e ocupação do tempo podem ter diferentes origens ou causas-raiz. Por exemplo, empresas mal estruturadas por falta de processos, ou por comunicação falha, setores não sincronizados, funcionários mal treinados, papéis e responsabilidades indefinidos, baixo nível de acompanhamento de desempenho, só para citar alguns pontos, revelam também lideranças ineficientes.

As principais causas dos dispersadores de tempo têm diferentes origens: alguns ocorrem em razão de disfunções de ordem estrutural, como falta de clareza sobre os resultados esperados, indefinição dos níveis de responsabilidade/autoridade etc. Outros são provenientes de características físicas das instalações existem arquiteturas empresariais que facilitam, ou até estimulam, interrupções e desperdício de tempo individual ou grupal.

Também existem causas de caráter comportamental, como hábitos, valores e posturas de indivíduos e de organizações. E, finalmente, os provocados pelo exibicionismo ou uso inadequado da tecnologia como celulares, computadores, iPods etc. que não são desligados em nenhum momento e provocam distração (Bernhoeft, 2009, p. 92).

O contrário costuma ser verdadeiro, pois empresas que já superaram as dificuldades citadas, costumam ser empresas com resultados organizacionais superiores e têm a frente de suas lideranças e funcionários, diretores com visão superior de gestão em vários âmbitos do conhecimento. O resultado na satisfação do tempo, portanto, costuma ser consequência de uma gama de habilidades de níveis de consciência e competências de vida e de negócios, já integradas no comportamento do empresário.

Neste sentido, o nível de competência pessoal desempenha um papel fundamental na eficácia da gestão do tempo. Os indivíduos que desenvolvem habilidades de autogestão, priorização e organização têm uma vantagem significativa na otimização de seu tempo. A capacidade de avaliar tarefas, estabelecer metas realistas e manter o foco nas atividades prioritárias é crucial. A competência interpessoal desempenha um papel essencial na gestão eficaz do tempo, uma vez que a colaboração eficiente com outros pode reduzir redundâncias e melhorar a eficiência global.

No entanto, o nível de competência pessoal não é estático e pode ser aprimorado com o tempo. Estratégias como a definição de metas claras, o desenvolvimento de habilidades de comunicação e a prática consistente de hábitos saudáveis contribuem para a melhoria contínua da competência pessoal na gestão do tempo. A busca constante pelo aprimoramento pessoal, aliada a uma

abordagem proativa na identificação e superação de obstáculos, resulta em uma gestão do tempo mais eficiente e produtiva.

3 Método

Esta seção descreve a abordagem utilizada para conduzir a pesquisa, incluindo os procedimentos adotados para coletar e analisar os dados. Quanto ao Desenho da Pesquisa, adotou uma abordagem mista, combinando elementos qualitativos e quantitativos. Inicialmente, foi realizada uma revisão da literatura para embasar a investigação. Em seguida, a pesquisa seguiu para a fase prática, que envolveu a interação direta com empresários.

3.1 Coleta de dados

Para a coleta de dados foi aplicada uma pesquisa através de um questionário. O questionário, se define como “um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” (Marconi; Lakatos, 2008, p. 86). A escolha foi feita pela acessibilidade, selecionando aqueles clientes que estariam aptos a participarem da pesquisa. A seleção foi feita pessoalmente pelo autor deste estudo, considerando aqueles clientes cujo relacionamento pessoal com o autor e o seu conhecimento sobre o cliente e seu negócio, estariam aptos a participar da pesquisa.

Após a identificação da amostra dos possíveis participantes, foi possível selecionar 24 clientes. A partir da seleção dos 24 clientes, de forma individual, foi feita para cada um deles uma ligação telefônica, apresentando

uma breve explicação verbal a respeito do que se tratava a pesquisa, e foi explicado sobre os quatro critérios necessários para que cada um participasse da pesquisa. Os critérios abordados e confirmados pelos clientes foram os seguintes: (1) Ter participado de algum programa de treinamento de liderança empresarial com o autor; (2) Estar satisfeito em relação ao resultado atual do seu negócio; (3) Estar satisfeito em relação à gestão da sua equipe; e (4) Estar satisfeito a respeito da administração do seu tempo.

Por telefone também foram feitas as explicações sobre o propósito da pesquisa em si e o seu fim como sendo o de levantar dados sobre o comportamento de empresários para um artigo científico produzido no quarto módulo da graduação de Ontopsicologia da Faculdade AM e assim, obtendo sua participação voluntária. Foi também reforçado por telefone, que não tivessem pressa em responder as perguntas. Foi-lhes dito que todas as respostas seriam objetivas de múltipla escolha, e que, mesmo que precisassem apenas entre 5 e 8 minutos do seu tempo para responder as 23 perguntas, que só o fizessem quando estivessem com tempo livre de outras atribuições. Somente após concordarem que estariam em conformidade com os quatro critérios, e terem aceitado participar da pesquisa, foi enviado via whatsapp um link com o formulário da pesquisa.

A população-alvo consistiu-se em empresários atuantes nos setores de comércio, indústria e serviço localizados no Espírito Santo. Para a seleção da amostra, utilizou-se uma conveniência do autor, que conduziu acesso às perguntas aos participantes. A coleta de dados foi formulada por meio de um questionário estruturado hospedado no *Google*

Forms. O questionário foi composto por questões fechadas, abordando temas relacionado aos critérios de seleção já comentados por telefone, e de perguntas relevantes diretamente ao levantamento de informações para a pesquisa, que direcionariam às Quatro Autonomias. A coleta de dados ocorreu durante o período entre a segunda e a terceira semana do mês de novembro de 2023.

Todos os participantes além de informados sobre os objetivos da pesquisa, foram informados sobre o anonimato das respostas, pois não foram solicitadas referências pessoais na coleta dos dados, apenas a sua faixa etária. As respostas foram analisadas utilizando técnicas estatísticas da escala Likert, que é uma ferramenta valiosa na coleta de dados e pesquisa, frequentemente utilizada para medir atitudes, opiniões e graus de concordância ou discordância em relação a determinadas afirmações. A partir desta escala são apresentadas uma série de declarações ou afirmativas sobre um tema específico, sendo solicitado aos respondentes que indiquem seu nível de concordância em uma escala graduada. Geralmente variando de "discordo totalmente" a "concordo totalmente", a escala Likert oferece uma abordagem quantitativa para avaliar percepções e sentimentos, permitindo aos pesquisadores analisarem dados de maneira mais objetiva e comparativa. Essa metodologia flexível e amplamente adotada proporciona informações relevantes em diversas áreas.

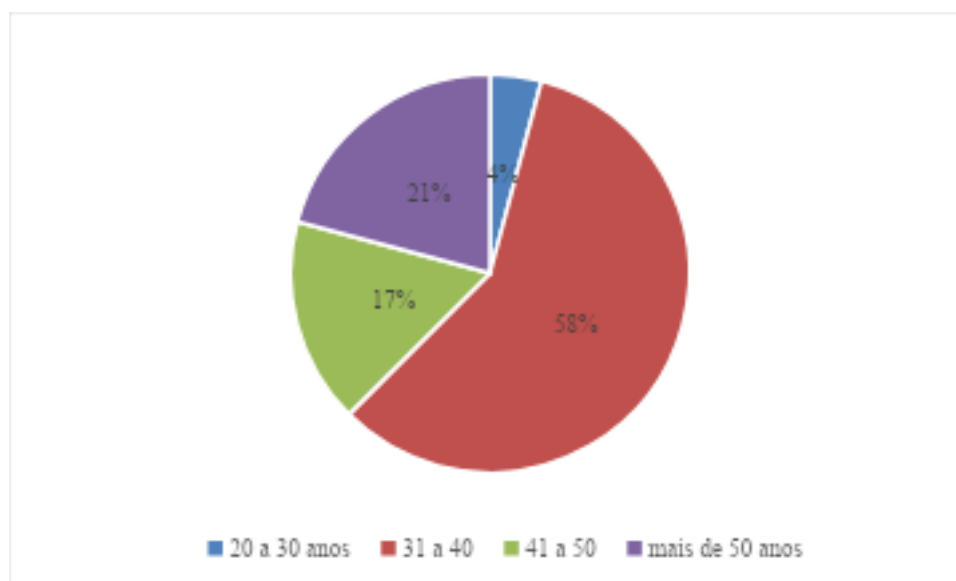
4 Resultados e Discussões

Ao explorar o sucesso empresarial e sua possível relação com quatro autonomias da

vida do indivíduo, mergulhamos em uma abordagem abrangente que vai além dos indicadores tradicionais como por exemplo, o desempenho financeiro do negócio. Neste sentido a pesquisa procura explorar a partir de um levantamento de dados, até que ponto as quatro autonomias se entrelaçam com a capacidade de prosperidade no contexto empresarial. Para isso, a pesquisa contou com

a participação de 24 empresários, que responderam um questionário que foi encaminhado para eles através do google forms. O primeiro questionamento foi a identificação da idade dos participantes da pesquisa. Foi verificado que dos 24 entrevistados, 14 deles tem entre 31 ou 40 anos, ou seja, 58% dos pesquisados, conforme pode ser observado no gráfico 01.

Gráfico 01 - Faixa Etária dos participantes da pesquisa



Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa (2025).

A faixa etária apresentada no gráfico 01, assume uma relevância significativa no cenário empreendedor, representando um período em que os empresários frequentemente combinam a energia e a ambição da juventude com uma sólida experiência e maturidade profissional. Nessa fase, muitos empreendedores já acumularam conhecimentos práticos do mercado, estabeleceram redes sólidas de contatos e desenvolveram uma compreensão mais aprofundada dos desafios e oportunidades do mundo dos negócios. A faixa etária entre 31 e 40 anos, poderia representar um equilíbrio

propício para a maturidade do indivíduo e o crescimento no ambiente empresarial.

Um questionamento feito aos pesquisados foi em relação à satisfação com a lucratividade da empresa. Para ser considerado satisfeito, foi dada como opção a média do ramo de atuação na região, utilizando a escala Likert. Um exemplo de pergunta na escala é: 'Estou satisfeito(a) com a lucratividade do meu negócio? As opções de resposta, considerando a escala original de 5 pontos, são: 1) discordo totalmente; 2) discordo; 3) indiferente (ou neutro); 4) concordo; e 5) concordo totalmente. Para esse questionamento, 58,3% dos pesquisados (14 empresários dos 24

entrevistados) optaram pela opção 4 da escala, enquanto 29,2% (7 empresários dos 24 entrevistados) escolheram a opção 5, concordando totalmente. Isso indica que estão totalmente satisfeitos com a lucratividade de seus negócios.

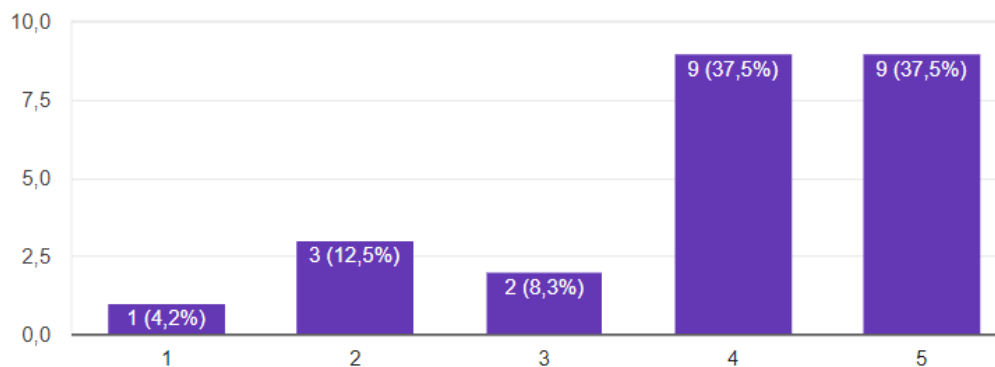
Continuando a análise, é interessante observar que a predominância das respostas nas opções 4 e 5 sugere uma tendência geral de satisfação entre os empresários em relação à lucratividade de seus negócios comparados a outras empresas do mesmo segmento na região. Essa inclinação positiva pode indicar um ambiente econômico favorável ou estratégias bem-sucedidas adotadas pelos pesquisados. Além disso, é relevante considerar outros fatores que podem influenciar a percepção da lucratividade, como o contexto macroeconômico, concorrência local e fatores sazonais.

Uma análise mais aprofundada desses elementos pode proporcionar uma percepção valiosa sobre os motivos da satisfação dos empresários, permitindo a formulação de estratégias mais precisas para otimização dos resultados financeiros. Essa compreensão mais profunda das respostas não apenas fortalece a validade da pesquisa, mas também oferece

uma base para a tomada de decisões estratégicas, fornecendo aos gestores e pesquisadores uma visão abrangente do cenário empresarial local.

Colaborando com o questionamento anterior, verifiquei também a satisfação dos 24 empresários em relação à média da região. Observando o gráfico 02, percebe-se que 37,5% concordam e outros 37,5% concordam totalmente com este questionamento, indicando que estão satisfeitos com os resultados financeiros de suas empresas em comparação com as empresas do mesmo setor em sua região.

Essa distribuição equitativa entre as respostas sugere uma uniformidade na percepção positiva dos empresários em relação aos resultados financeiros. No entanto, é importante destacar que, mesmo com essa satisfação aparente, ainda há uma parcela significativa de 25% que não concorda totalmente com a média da região. Essas respostas divergentes podem apontar para variações dentro do setor, com algumas empresas enfrentando desafios ou adotando estratégias distintas que as diferenciam das demais.

Gráfico 02 - Satisfação em relação ao faturamento das empresas

Fonte elaborado pelos autores (2025).

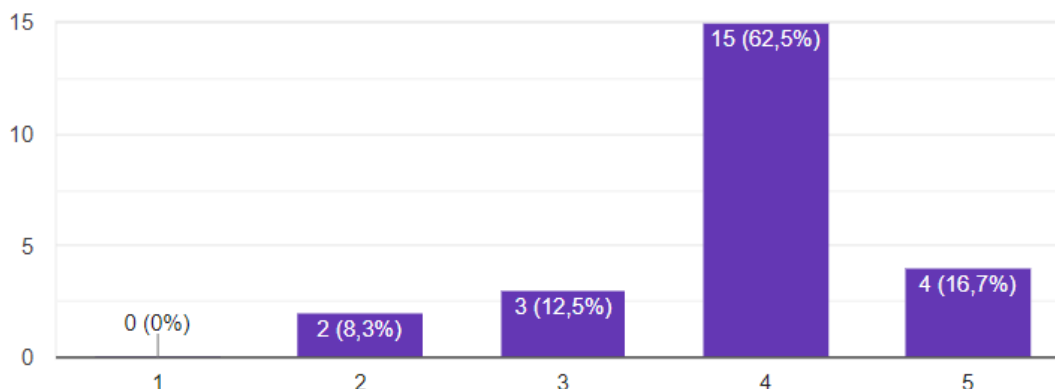
Neste sentido, ao analisar as razões por trás dessas respostas divergentes, é possível identificar áreas específicas que demandam maior atenção. Essa compreensão mais detalhada pode servir como base para a implementação de medidas direcionadas, visando melhorar a satisfação global dos empresários e promover um ambiente mais competitivo e próspero para os setores na região.

Outra questão levantada foi em relação a satisfeito com relação ao crescimento ou participação de mercado da empresa nos últimos 3 anos. Em relação a este questionamento 58,3% concordam e estão satisfeitos com o resultado do seu negócio e 33,3% concordam totalmente e estão muito satisfeitos com o resultado do seu negócio.

No que concerne à avaliação da equipe, dos 24 empresários que foram objeto de pesquisa, 83,3% expressaram que seus colaboradores desempenham de maneira satisfatória as demandas e responsabilidades inerentes às suas funções. Esse percentual, representado por 20 dos participantes da pesquisa, sugere uma consistente percepção positiva em relação ao cumprimento das

atribuições por parte da equipe. Este resultado aponta para um ambiente empresarial onde a eficiência operacional e a entrega de resultados estão alinhadas com as expectativas dos gestores, refletindo, assim, uma sinergia entre a liderança e a execução das tarefas.

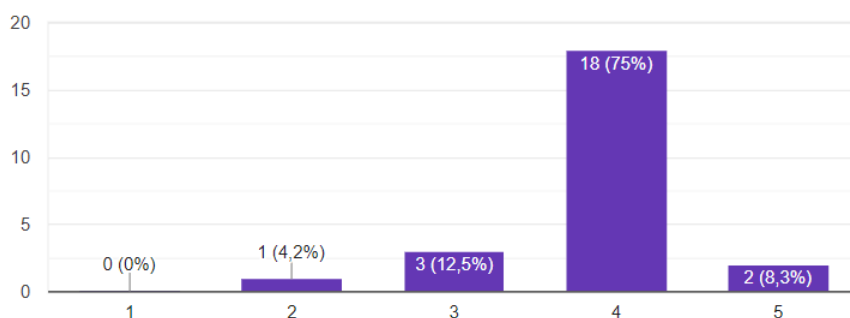
Quanto à avaliação da satisfação em relação ao desempenho do atual grupo de colaboradores, os resultados extraídos do gráfico 03 revelam que 62,5% dos 24 participantes expressam concordância com a qualidade satisfatória do trabalho de suas equipes. Esse percentual, equivalente a 15 dos entrevistados, é indicado pela seleção da opção correspondente na escala Likert. Essa preferência por "concordar" sugere uma percepção positiva em relação ao rendimento e à eficiência do atual conjunto de colaboradores. No entanto, é relevante observar que a satisfação não é unânime, indicando que há uma parcela dos empresários que pode ter expectativas ou avaliações distintas sobre o desempenho de suas equipes. A compreensão dessas satisfações é relevante para aprimorar estratégias de gestão de equipe e promover um ambiente de trabalho ainda mais eficaz.

Gráfico 03 - Satisfação com o desempenho grupo de colaboradores

Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa (2025).

Quando examinamos a administração do tempo com base nos dados apresentados no gráfico 04, torna-se evidente que 75% dos participantes da pesquisa afirmam realizar uma gestão satisfatória de seu tempo. Essa constatação é respaldada pela escolha da opção 4 na escala, indicando concordância com a eficácia de sua gestão temporal. Contudo, é importante ressaltar que, mesmo diante dessa avaliação positiva, a satisfação não é uniforme entre os entrevistados. Essa

assertiva ganha relevância ao considerarmos a predominância da escolha da opção 4 na escala Likert, sinalizando uma concordância generalizada quanto à eficácia de suas práticas de gerenciamento do tempo. No entanto, é importante destacar que, mesmo diante dessa avaliação majoritariamente positiva, ainda sim alguns entrevistados mostram uma insatisfação entre em relação a habilidade de administrar o seu tempo conforme pode ser observado no gráfico 04.

Gráfico 04 - Habilidade em administrar o tempo

Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa (2025).

O gerenciamento eficiente do tempo permanece uma prioridade essencial para os

empreendedores, pois a otimização desse recurso crítico está intrinsecamente ligada à

produtividade, tomada de decisões assertivas e, conseqüentemente, ao sucesso nos empreendimentos empresariais. Para o empresário, otimizar o tempo não é apenas uma questão de eficácia individual, mas também de maximizar o potencial da empresa como um todo.

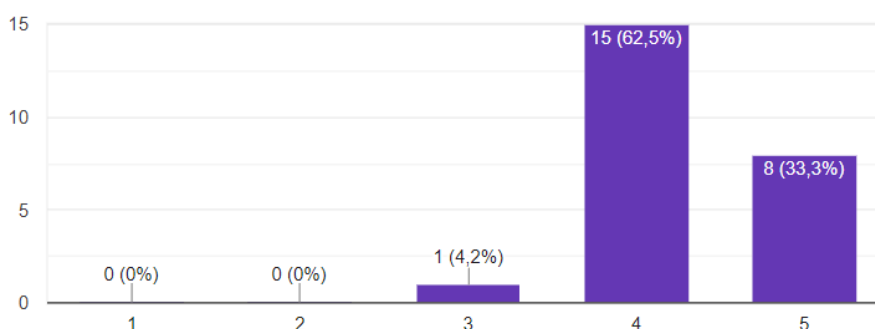
O tempo bem gerenciado permite a alocação de recursos de maneira mais eficiente, tomadas de decisão mais fundamentadas e a capacidade de focar em iniciativas estratégicas que impactam no resultado. Neste ponto o próximo questionamento feito aos empresários foi a identificação se eles se consideram satisfeitos com sua capacidade atual de cumprir com os seus compromissos em suas agendas.

Dos 24 participantes da pesquisa, 15 deles, representando 62%, expressaram concordância ao afirmar que estão satisfeitos com a habilidade de cumprir suas agendas, conforme evidenciado pelo gráfico 05. Essa aprovação destaca não apenas a importância

atribuída à gestão do tempo, como abordada anteriormente, mas também a relevância intrínseca da pontualidade e do cumprimento de compromissos para o sucesso empresarial.

A habilidade de seguir uma agenda não apenas reflete uma disciplina pessoal, mas também contribui para a eficiência operacional, a construção de relacionamentos confiáveis e a criação de uma reputação sólida no meio empresarial. Sob essa perspectiva, a capacidade de cumprir agendas é um indicador relevante de maturidade profissional, influenciando diretamente a eficácia da gestão do tempo. Nesse contexto, a pesquisa revela que, para os participantes, essa habilidade não é apenas uma competência básica, mas pode ser um diferencial competitivo. Aqueles que conseguem gerenciar eficazmente seu tempo e cumprir suas agendas estão mais bem equipados para enfrentar desafios, introduzir inovações e prosperar em um ambiente empresarial em constante evolução.

Gráfico 05 - Satisfação com a capacidade de cumprir com a agenda



Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa (2025).

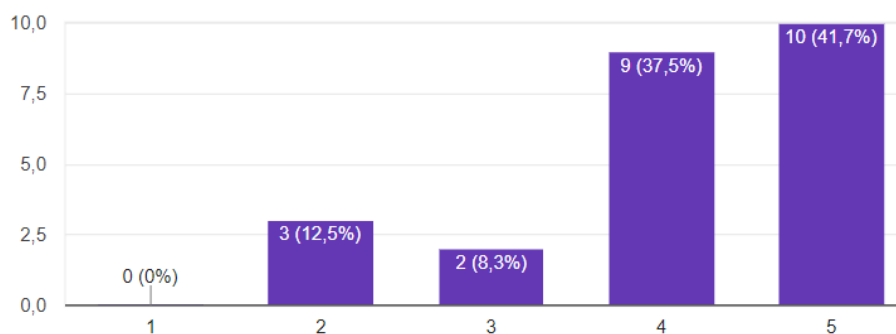
Aprofundando a análise das informações coletadas na pesquisa, uma questão que foi direcionada aos empresários, foi sobre a satisfação em relação à disponibilidade de

tempo livre em suas agendas. Ao examinarmos os resultados apresentados no gráfico 06, observamos que 41,7% dos 24 participantes expressaram concordância total

ao afirmar que estão completamente satisfeitos com a quantidade de tempo livre que conseguem gerar. Essa constatação ressalta não apenas a importância de gerenciar

compromissos profissionais, mas também a valorização do equilíbrio entre vida pessoal e profissional.

Gráfico 06 - Satisfação em relação a capacidade de gerar tempo livre



Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa (2025).

O reconhecimento expresso por quase metade dos entrevistados sugere que, para esses empresários, a capacidade de garantir momentos de folga na agenda não é apenas uma necessidade, mas um componente essencial para a qualidade de vida e bem-estar. Essa perspectiva reforça a compreensão de que a gestão eficiente do tempo não se trata apenas de cumprir tarefas profissionais, mas também de cultivar uma abordagem equilibrada e sustentável para enfrentar os desafios de liderança na vida empresarial.

Na condução da pesquisa, o relevante não é apenas abordar as questões previamente analisadas, mas sim explorar a existência ou não das quatro autonomias na vida dos empresários pesquisados. A presença das quatro autonomias na vida do indivíduo a saber, a psicológica, a legal, a econômica e a social, pode revelar o quanto seria natural que empresários bem sucedidos (avaliados através das primeiras perguntas), mesmo desconhecendo o conceito e a importância das quatro autonomias, as possuam naturalmente

ou não. Dito de outra forma: se seriam as capacidades de gerar sucesso empresarial, as mesmas capacidades que também constroem as quatro autonomias na vida de uma pessoa.

Dentro desse contexto, um questionamento específico foi direcionado a eles sobre a autonomia na tomada de decisões financeiras, como “você não depende ou não necessita, mesmo que esporadicamente de fonte financeira proveniente de terceiros para necessidade de dinheiro extra; receitas além daquelas vindas de seus próprios empreendimentos, como pensões, empréstimos, auxílio extra vindo de familiares, aposentadoria ou outra questão que ao longo do seu negócio foi necessário aportar recurso?”. Nesse questionamento, 75% deles afirmaram, que sim que estão livres financeiramente. Dentro da escala 18 deles apontaram a opção 5 concordando totalmente.

Foi indagado também se percebem a liberdade necessária para decidir autonomamente, realizar seus sonhos financeiros pessoais ou empreender

investimentos na medida desejada. Os resultados, conforme evidenciados pela pesquisa, revelam que expressivos 66,7%, equivalendo a 16 dos 24 entrevistados, concordam integralmente que desfrutam de autonomia plena na tomada de decisões financeiras.

Esse dado não apenas enfatiza a capacidade de gestão financeira empresarial, mas também destaca a considerável parcela que percebe e valoriza a liberdade para moldar seus destinos financeiros de acordo com suas aspirações pessoais. Esse entendimento a respeito da autonomia econômica na vida do empresário proporciona uma visão ampliada e contextualizada das dinâmicas que influenciam suas decisões e estratégias no mundo dos negócios, mas que impacta no seu contexto de qualidade de vida e liberdade pessoal.

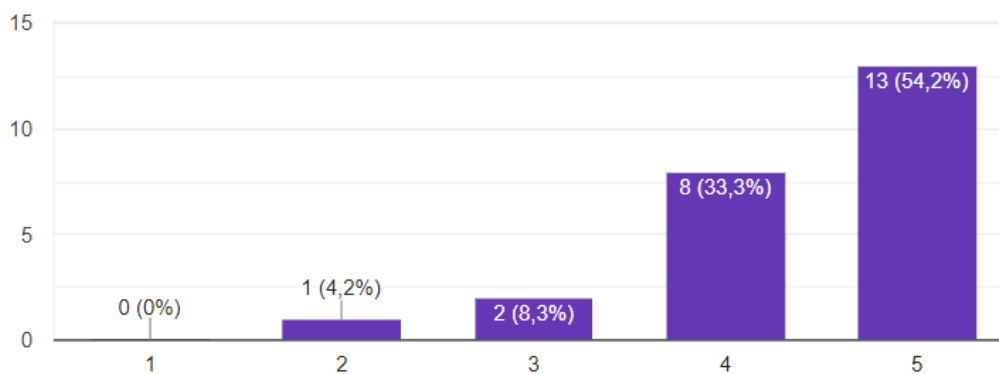
Explorando mais esse contraponto, os participantes da pesquisa foram indagados sobre a natureza de sua relação atual com o dinheiro, mais especificamente, se experimentam uma liberdade isenta de preocupações financeiras. Dos 24 pesquisados, 9, o que equivale a 37,5%, indicaram que possuem certo grau de liberdade financeira, enquanto expressivos 33,3%, ou seja, 8 participantes, concordam totalmente que são livres de inquietações em relação ao seu estado financeiro. Este resultado, ressalta a diversidade de percepções e experiências em relação à autonomia econômica entre os empresários entrevistados.

No mesmo contexto, ao questionar sobre a condição como pessoa física, notável é o fato de que 100% dos participantes afirmaram estar livres de dívidas vencidas, destacando uma consistente ausência de inadimplência entre os

empresários pesquisados. Essa unanimidade sugere uma prática responsável em relação às obrigações financeiras pessoais, o que pode ser um indicativo positivo tanto para a estabilidade individual quanto para a credibilidade financeira no âmbito empresarial, colaborando com a autonomia econômica. Que para Meneghetti (2020) a autonomia econômica é ter a certeza de ter construído a própria liberdade econômica que culmina no fato de que as próprias finanças estejam em suas mãos.

No contexto da autonomia psicológica, os participantes da pesquisa foram indagados sobre a percepção de autonomia psicoemocional no sentido se recorrem regularmente a algum tipo de suporte emocional, psicológico ou espiritual para manter sua motivação e estado de ânimo. O questionamento incluiu a consideração do uso frequente de psicoativos, drogas recreativas, medicinas naturais como expansores da consciência, além do uso de medicamentos para dormir.

A análise se estendeu à identificação de necessidades constantes de orientação psicológica, suporte regular de líderes espirituais, tratamento psiquiátrico ou a busca recorrente por orientação de gurus. Adicionalmente, foi explorado o suporte emocional constante proveniente de familiares, pais ou outros membros da família. O objetivo era entender se os empresários se consideram pessoas com algum domínio psicoemocional. Os resultados, conforme evidenciados no gráfico 07, indicam que expressivos 54,2% deles concordam totalmente com essa afirmação, reforçando a percepção de que possuem equilíbrio psicoemocional em suas vidas.

Gráfico 07 - Autonomia psicológica

Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa (2025).

Contribuindo para a análise, Meneghetti (2020) destaca que a conquista da autonomia psicológica se inicia com o autoconhecimento, compreendendo as próprias preferências, medos, dificuldades e habilidades. É imperativo que o indivíduo identifique o campo de atuação ótimo onde suas habilidades podem florescer e promover crescimento. A pesquisa, embora forneça um sinal inicial, é reconhecida como superficial, uma vez que afirmar que cada indivíduo possui tal autonomia psicológica seria precipitado. A complexidade do tema demanda análises mais aprofundadas nas vidas dos pesquisados para compreender integralmente a extensão de sua autonomia psicológica, da forma como teoriza Meneghetti. Esse reconhecimento da necessidade de uma investigação mais abrangente destaca a cautela ao interpretar resultados superficiais e ressalta a importância de considerar múltiplos aspectos na avaliação da autonomia psicológica de cada indivíduo, inclusive no âmbito de um técnico da ciência ontopsicológica.

Além de se dedicar à compreensão individual, a pesquisa também almejou identificar se as situações ou o estado emocional do ambiente familiar poderiam

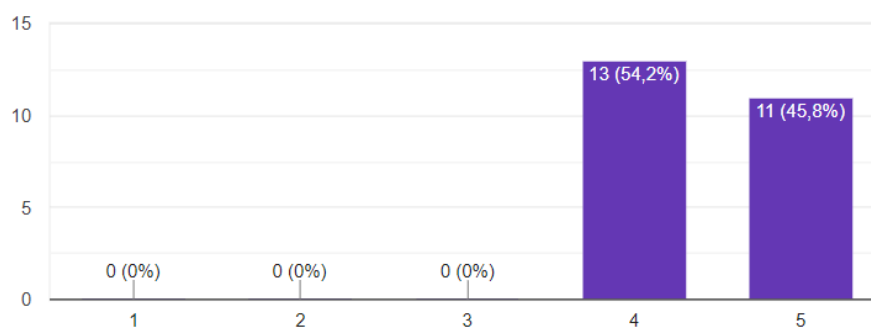
exercer influência na energia do indivíduo, potencialmente afetando seu desempenho. Dos 24 participantes, notável é o fato de que 18 deles, representando expressivos 75%, indicaram que não percebem que as dinâmicas familiares impactem negativamente em sua energia ou desempenho. Essa maioria de respostas negativas sugere que, para a maioria dos empresários entrevistados, o ambiente familiar não é um fator significativo que suga sua energia ou prejudica seu rendimento. No entanto, vale ressaltar que esta é uma percepção preliminar e seria interessante aprofundar a análise para compreender melhor as nuances dessas relações familiares e como podem influenciar em níveis mais profundos como sugere a ciência ontopsicológica, seja positiva ou negativamente, bem como sua influência na dinâmica inconsciente que impacta no equilíbrio e a produtividade dos indivíduos no contexto empresarial e pessoal.

O estado emocional e psicológico de um empresário desempenha um papel relevante em sua capacidade de tomar decisões autônomas assertivas e desfrutar de uma vida saudável. A lucidez emocional é um componente essencial para a tomada de decisões, enquanto flutuações intensas, como

tristeza, medo, ansiedade ou euforia, podem servir como obstáculos significativos. Essas variações, seja por impulsividade ou inação, podem comprometer a autonomia de clareza e impactar diretamente na decisões e na qualidade de vida. Uma análise mais profunda, conforme revelada pelo gráfico 08, demonstra que 54,2% dos participantes da pesquisa, equivalendo a 13 empresários, concordam que

estão em um estado emocional de lucidez para a tomada de decisões em seus negócios. Essa percepção positiva sugere que uma parcela considerável dos entrevistados acreditam serem capazes de gerenciar suas emoções de maneira construtiva, proporcionando uma base sólida para decisões empresariais autônomas fundamentadas.

Gráfico 08 - Percepção do estado emocional e psicológico



Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa (2025).

Cabe ressaltar que os dados apresentados no gráfico 08, fornece uma visão geral, no entanto a complexidade da psicologia e do inconsciente humano demanda uma avaliação mais minuciosa para compreender a amplitude da dinâmica da consistência, dos aspectos complexuais e de autenticidade psicológica de um indivíduo.

Já em relação a vínculos sociais, os participantes foram indagados sobre a existência de compromissos regulares de dedicados a terceiros, exigindo sua atenção diária ou semanal. Especificamente, questionou-se se assumiram compromissos fixos e se dedicam consistentemente a entidades sindicais, grupos políticos majoritários ou minoritários, assim como a órgãos governamentais. A análise desse questionamento revelou que 58,3% dos

pesquisados, ou seja, 14 dos 24 participantes, indicaram que estão livres de vínculos sociais que demandam dedicação constante. Esse dado sugere que uma parte significativa dos empresários entrevistados não possui compromissos regulares que poderiam exigir uma parte considerável de seu tempo dedicado a atividades sociais, proporcionando uma perspectiva sobre a autonomia social dentro deste grupo específico.

Em relação a participação de grupos de identidade ou pertencimento a alguma ideologia, foi apresentado as seguintes opções na pesquisa: igreja, associação, grupo, sociedade secreta, de assistencialismo, de ideologia, ou que defendam alguma causa ou ideal. Dos 24 entrevistados 50% apontaram que sim que pertencem a algum grupo e 50% não que não participam.

Os empresários foram questionados se a o modelo do negócio, ou composição societária os limita, de alguma forma, sua capacidade de empreender a partir de suas próprias ideias e ambições. Especificamente, investigou-se se eles ou suas empresas estão vinculados ou restritos por metodologias, regras ou sistemas. Essas limitações poderiam envolver padrões impostos, como por franquias ou marcas que exigem certo nível de obediência contratual. Além disso, a pesquisa explorou se a composição societária atual retira a autonomia ou impede, de alguma forma, a liberdade de decidir e empreender escolhas conforme suas preferências. Os resultados indicaram que 15 dos 24 entrevistados, correspondendo a 62,5%, reconhecem alguma forma de limitação ou restrição em sua capacidade de empreender livremente, destacando a importância de compreender as dinâmicas organizacionais que podem limitar na autonomia de ação ou decisão dos empresários.

Dentro deste contexto buscou identificar se dos 24 empresários que participaram da pesquisa se de alguma forma dependem ou devem algum favor a terceiros, que acabam limitando a sua autonomia, como pedir autorização, buscar consenso ou aval para executar alguma de suas decisões, a políticos, chefe, líder, amigos, agiotas, familiares, outro. Em relação a este questionamento identificou-se que 17 dos 24 pesquisados não tem nenhuma limitação em relação a este questionamento, ou seja 70,8% apontou que concorda totalmente.

Dentro do âmbito dessa análise, procurou-se identificar se, entre os 24 empresários participantes da pesquisa, existe alguma forma de dependência ou favores a terceiros que, porventura, possam impor

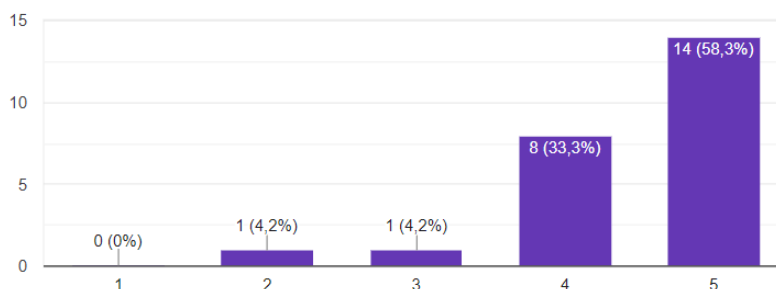
limitações à sua atuação autônoma. Essas dependências potenciais podem abranger desde a necessidade de solicitar autorização até buscar consenso ou aval para a implementação de suas decisões, seja em relação a políticos, superiores hierárquicos, líderes, amigos, agiotas, familiares, pais, avós ou outras entidades externas. Ao abordar essa temática específica, os resultados revelaram que, portanto, 70,8% dos entrevistados, totalizando 17 participantes, afirmaram não enfrentar qualquer limitação nesse contexto. Essa predominância de respostas positivas sugere uma percepção geral de autonomia social significativa, indicando que a maioria desses empresários não se sente limitada a decidir, ou condicionada por solicitações externas ao tomar suas decisões. Essa autonomia percebida destaca a relativa independência desses empresários em suas operações diárias e reforça a importância de compreender as dinâmicas que podem influenciar a capacidade de tomada de decisões nesse contexto empresarial específico.

Os participantes foram indagados sobre a percepção de liberdade para implementar mudanças imediatas, inovar ou empreender, considerando apenas a ausência de limitações impostas por autoridades externas. Este questionamento, representado no gráfico 09, revelou que 58,3% dos entrevistados se consideram aptos e livres para efetuar mudanças imediatas em suas operações. Essa porcentagem sugere uma disposição e autonomia entre os empresários para adotar inovações e empreender sem restrições significativas provenientes de autoridades externas. Essa flexibilidade percebida não apenas destaca a agilidade desses profissionais

no ambiente de negócios, mas também sugere uma cultura empreendedora que valoriza a

capacidade de implementar mudanças de forma rápida e eficaz de forma autônoma.

Gráfico 09 - Liberdade para implementação de mudanças imediatas



Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa (2025).

Por fim, a última questão buscou avaliar a liberdade dos participantes do ponto de vista legal, verificando se estão desprovidos de quaisquer restrições legais que possam limitar suas ações. Isso engloba a liberdade legal para abrir uma nova empresa, a autonomia para obter passaporte e a tranquilidade legal para transitar livremente. Surpreendentemente, para este questionamento, impressionantes 95,8% dos entrevistados afirmaram que têm total autonomia do ponto de vista legal.

No contexto da escala utilizada, esse percentual reflete que praticamente a totalidade, 95,8%, concorda plenamente que detêm a liberdade legal necessária para embasar suas tomadas de decisão e escolhas de forma autônoma. Esses resultados sugerem que, na esfera legal, a grande maioria dos empresários participantes da pesquisa se percebe livre de amarras que poderiam restringir suas atividades empreendedoras ou de cunho pessoal. Esse alto índice de percepção positiva destaca o nível da autonomia legal na capacidade de ação e decisão desses profissionais, reforçando a ideia de que o ambiente legal em que operam

não impõe barreiras significativas às suas ações.

5 Considerações Finais

Ao analisar alguns aspectos considerados como de sucesso empresarial, destacamos a importância de compreender a correlação deste êxito empresarial percebido em um grupo de empresários, com a impositação das quatro autonomias em suas próprias vidas: autonomias psicológica, legal, econômica e social. A pesquisa, conduzida com 24 empresários, proporcionou uma visão abrangente, ultrapassando os indicadores tradicionais de desempenho financeiro. A faixa etária predominante entre 31 e 40 anos revelou-se significativa, sugerindo um equilíbrio propício para inovação, resiliência e crescimento no ambiente empresarial.

A satisfação expressa pelos entrevistados em relação à lucratividade de seus negócios destaca um ambiente economicamente favorável para aplicar a pesquisa pelo autor do trabalho, visto que utilizam estratégias bem-sucedidas adotadas em suas empresas em

comparação com a média da região indica uma tendência geral de satisfação com seus negócios. A uniformidade na percepção positiva dos resultados financeiros foi um dos critérios de seleção feitos pelo autor deste trabalho para filtrar a participação da investigação das quatro autonomias, mas as três respostas divergentes apontam para variações no critério de seleção nos candidatos da pesquisa, que merece atenção.

A eficiência operacional e a entrega de resultados alinhadas às expectativas foram destacadas também através da avaliação da equipe, apontando para uma sinergia entre a capacidade do líder e a força de execução feita por suas equipes. A gestão do tempo emergiu como outro ponto de critério, ressaltando a capacidade pessoal de otimizar esse recurso crítico. Os empresários expressaram satisfação com sua capacidade de cumprir agendas e a importância de ter tempo livre.

Feitas estas investigação no âmbito do sucesso empresarial, só então a pesquisa passou a explorar a possível correlação destes empresário satisfeitos nestes três aspectos: (1) resultado do negócio, (2) quadro de colaboradores e (3) gestão do tempo, com o conceito da impostação das quatro autonomias em suas vidas, objetivo principal deste trabalho como segue:

Correlação com Autonomia Econômica

Síntese do conceito de **autonomia econômica**: é ter a certeza de ter construído a própria liberdade econômica que culmina no fato de que as próprias finanças estejam em suas mãos. Já ao avaliar a correlação dos pesquisados com a autonomia econômica, a

pesquisa revelou que a maioria dos empresários selecionados na pesquisa se percebe com liberdade na tomada de decisões financeiras, destacando a importância dessa autonomia para a realização de seus sonhos. A percepção de liberdade financeira foi um destaque, com 75% afirmando serem financeiramente independentes, o que pode contribuir para uma correlação com o conceito de autonomia econômica de Meneguetti.

Correlação com Autonomia Psicológica

Síntese do conceito de **autonomia psicológica**: falta de autonomia psicológica seria seguir cegamente uma paixão momentânea ou fazer escolhas impulsivas que limitam a liberdade. Dependência psicológica de algo ou alguém para decidir por si. É também ser livre de qualquer complexo ou ideologia: de partido, religiosa, marxista, oriental, do sexo, etc.

Ao analisar a correlação dos pesquisados com a autonomia psicológica, pode se dizer que os entrevistados se percebem com domínio psicoemocional, o que se evidenciou que a maioria dos empresários entrevistados se considera, sob seu próprio ponto de vista, capaz de manter seu estado emocional e tomar decisões de maneira construtiva e de forma independente, sem recorrer a suporte emocional e apoio psicológico vindo de terceiros.

Na análise das dinâmicas familiares indicou que a maioria não percebe impactos negativos significativos em sua perda de energia ou desempenho. A pesquisa apontou que a maioria dos participantes se percebe também como indivíduos equilibrados não influenciados negativamente no que tange a

um impacto negativo vindo de familiares. Mesmo enfrentando desafios específicos, a maioria demonstra uma disposição notável para inovação, crescimento e resiliência sem, ao menos conscientemente, se permitirem influenciar pelo ambiente familiar.

Apesar dos empresários reconhecerem terem domínio psicoemocional, tal argumento não é suficiente para afirmar a existência de autonomia psicológica conforme a visão que Meneghetti nos disponibiliza. Mas sugere, a partir desta capacidade de domínio psicológico e emocional revelado pela pesquisa, a necessidade de uma outra forma de investigação individual mais abrangente no âmbito de um operador da ciência ontopsicológica. Destaca-se aqui a cautela ao interpretar resultados superficiais e ressalta a importância de considerar outros múltiplos aspectos, além da pesquisa, para avaliação de autonomia psicológica em cada indivíduo.

Correlação com Autonomia Social

Síntese do conceito de **autonomia social**: ser livre socialmente, no sentido de que a pessoa não se tornou objeto de uma hierarquia de limitação, que está sendo sustentado por uma estrutura de maior força ou poder abaixo e acima dele. Ao analisar a correlação dos pesquisados com a autonomia social, o contexto dos empresários que participaram da pesquisa, pode-se dizer que em torno de 58% deles, se considera livre, ou de alguma forma não dependem ou não devem favores ou precisam pedir permissão a terceiros, que acabaria limitando a sua atuação. Assim sendo, este percentual dos pesquisados poderia evidenciar àqueles que teriam autonomia social.

Correlação com Autonomia Legal

Síntese do conceito de **autonomia Legal**: que significaria ter sempre a liberdade civil de fazer escolhas, sem limitações de fisco ou quaisquer impeditivos legais. Na análise de correlação dos empresários pesquisados com a autonomia legal, pode se dizer que neste contexto da escala utilizada, a pesquisa reflete que praticamente a totalidade, 95,8%, concorda plenamente que detêm a liberdade legal necessária para embasar suas tomadas de decisão.

Referências

AMARAL, Juliano Franco e Silva. Estratégias de Gestão Empresarial. **Revista Pretexto**, v. 6, n. 1, jan./jun. 2005. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/pretexto/artic le/view/412>. DOI: <https://doi.org/10.21714/pretexto.v6i1.412>.

AMORIM, Dênia Aparecida de; MAIA, Junio Souza; SANTOS, Maria Gabriela Amorim. Gestão de Equipes e Liderança: uma revisão na literatura. **Revista UNIFUCAMP**, v. 12, n. 37, 2023. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/getec/ article/view/2785>.

BERNHOEFT, Renato. Administração do tempo: **um recurso para melhorar a qualidade de vida pessoal e profissional**. São Paulo: Nobel, 2009.

EGESTOR. Gestão de Equipes e Liderança. *In: Blog eGestor*. 2025. Disponível em: <https://blog.egestor.com.br/gestao/>. Acesso em nov. de 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MENEGHETTI, Antonio. **A arte de viver dos sábios**. Recanto Maestro: Ontopsicológica, Editora Universitária, Edição 2021a.

MENEGHETTI, Antonio. Antonio Meneghetti sobre. **A riqueza como arte de ser**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2021b.

MENEGHETTI, Antonio. Antonio Meneghetti sobre. **Os jovens e a realidade cotidiana**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2020a.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, Antonio. **Os jovens e a ética ôntica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, Antonio. **Psicologia empresarial**. Recanto Maestro: FOIL, edição 2020b.

A EXPRESSÃO DA INFORMAÇÃO E DA INTENCIONALIDADE NA PRÁTICA GRUPAL DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO DE EQUIPES: UMA APLICAÇÃO DO CONHECIMENTO ONTOPSICOLÓGICO

Amar Watt¹, Elenir Dummel², Kaylane Vielmo³, Lázaro Santos⁴, Mami Ueno⁵

Resumo: Este estudo analisa a expressão dos conceitos ontopsicológicos de intencionalidade e informação no contexto de treinamento e desenvolvimento de equipes, a partir da vivência da dinâmica de grupo "Torre de Papel". A pesquisa, de natureza qualitativa, exploratória e aplicada, foi realizada com três equipes organizacionais e utilizou como método a observação participante e descritiva, com análise interpretativa dos dados. Durante a atividade, foram registrados comportamentos grupais relacionados à cooperação, liderança, tomada de decisão, uso de recursos e planejamento estratégico. A análise evidenciou que grupos que conseguiram alinhar a intencionalidade individual à coletiva e que formaram uma unidade de informação coesa ao objetivo da atividade proposta. A fundamentação ontopsicológica permitiu compreender a dinâmica relacional do grupo não apenas como expressão funcional, mas como manifestação dos vetores internos de ação dos sujeitos. Conclui-se que a integração entre fundamentos da Ontopsicologia e práticas vivenciais no treinamento e desenvolvimento potencializa o desenvolvimento humano integral, promovendo autoconhecimento, consciência relacional e maior eficácia nas ações coletivas no ambiente de trabalho.

Palavras-chave: Ontopsicologia; intencionalidade; informação; dinâmica de grupo; desenvolvimento humano; Psicologia Organizacional.

The expression of information and intentionality in group training and team development practice: an application of ontopsychological knowledge

Abstract: This study analyzes the expression of the ontopsychological concepts of intentionality and information in the context of team training and development, based on the experience of the "Paper Tower" group dynamic. The qualitative, exploratory, and applied research was conducted with three organizational teams and used participant and descriptive observation as methods, with interpretive data analysis. During the activity, group behaviors related to cooperation, leadership, decision-making, resource use, and strategic planning were recorded. The analysis showed that groups that managed to align individual and collective intentionality formed a cohesive information unit aligned with the objective of the proposed activity. The ontopsychological foundation allowed for an understanding of the group's relational dynamics not only as a functional expression but also as a manifestation of the subjects' internal vectors of action. It is concluded that the integration of ontopsychological principles and experiential practices in training and development enhances integral human development, promoting self-knowledge, relational awareness, and greater effectiveness in collective actions in the workplace.

Keywords: Ontopsychology; intentionality; information; group dynamics; human development; Organizational Psychology.

La expresión de la información y la intencionalidad en la práctica del entrenamiento grupal y del desarrollo de equipos: una aplicación del conocimiento ontopsicológico

Resumen: Este estudio analiza la expresión de los conceptos ontopsicológicos de intencionalidad e

¹ Graduando em Ontopsicologia (AMF). E-mail: ribamar.watthier@gmail.com

² Graduanda em Ontopsicologia (AMF).

³ Graduanda em Ontopsicologia (AMF).

⁴ Graduando em Ontopsicologia (AMF).

⁵ Doutoranda em Ciências Empresariales y Sociales (UCES / Argentina). Professora na Faculdade Antonio Meneghetti (AMF).

información en el contexto de la formación y el desarrollo de equipos, a partir de la experiencia de la dinámica grupal "Torre de Papel". La investigación cualitativa, exploratoria y aplicada se realizó con tres equipos organizacionales y empleó la observación participante y descriptiva como métodos, con análisis interpretativo de datos. Durante la actividad, se registraron comportamientos grupales relacionados con la cooperación, el liderazgo, la toma de decisiones, el uso de recursos y la planificación estratégica. El análisis mostró que los grupos que lograron alinear la intencionalidad individual y colectiva formaron una unidad de información cohesiva, alineada con el objetivo de la actividad propuesta. La base ontopsicológica permitió comprender la dinámica relacional del grupo no solo como expresión funcional, sino también como manifestación de los vectores internos de acción de los sujetos. Se concluye que la integración de los principios ontopsicológicos y las prácticas experienciales en la formación y el desarrollo mejora el desarrollo humano integral, promoviendo el autoconocimiento, la conciencia relacional y una mayor efectividad en las acciones colectivas en el ámbito laboral.

Palabras clave: Ontopsicología; intencionalidad; información; dinámica de grupo; desarrollo humano; Psicología Organizacional.

1 Introdução

A interação humana em contextos colaborativos envolve uma complexa rede de comunicações, propósitos e tomadas de decisão. Compreender os fatores que influenciam o desempenho coletivo é essencial para promover a eficácia das ações grupais. Nesse contexto, os conceitos de informação e intencionalidade, abordados pela Ontopsicologia, oferecem elementos teóricos para analisar a organização da ação no grupo, e gestão de equipes.

Este estudo tem por objetivo analisar como a informação e a intencionalidade se manifestam em situações de cooperação e liderança, utilizando como experimento a dinâmica "Torre de Papel". A pesquisa parte da vivência prática em sala de aula e busca articular teoria e experiência, possibilitando compreensões aplicadas à gestão de equipes e ao desenvolvimento humano.

2 Fundamentação Teórica

2.1 *Treinamento e desenvolvimento*

A expressão Treinamento e Desenvolvimento (T&D) é relativamente recente no campo da gestão de pessoas.

Conforme Boog e Boog (2006, p. 31), essa designação "designou, durante a maior parte da segunda metade do século XX, um amplo conjunto de atividades de ensino profissional suplementar conduzido pelas empresas". Em outras palavras, o T&D surgiu como resposta prática à constatação, por parte das organizações, de que as instituições formais de ensino não estavam suprindo de forma adequada às demandas do mercado de trabalho. Diante disso, as empresas passaram a desenvolver internamente mecanismos capazes de qualificar seus colaboradores, suprindo lacunas na formação técnica e comportamental.

Atualmente, o T&D constitui uma das práticas centrais da gestão estratégica de recursos humanos. À medida que o ambiente corporativo se torna mais dinâmico, complexo e competitivo, cresce a demanda por profissionais capazes de se adaptar, aprender continuamente e agregar valor às suas funções. Nesse cenário, investir no aperfeiçoamento das competências humanas deixou de ser uma ação pontual e passou a integrar o planejamento institucional como fator-chave de sustentabilidade e inovação.

De acordo com Araújo (2006, p. 94), treinamento é um processo de aprendizagem voltado para o condicionamento da pessoa,

com foco na execução de tarefas específicas. Já o desenvolvimento, embora também seja um processo de aprendizagem, direciona-se ao crescimento da pessoa em nível de conhecimento, habilidade e atitude. Essa distinção ressalta que o treinamento tem um caráter mais operacional e imediato, enquanto o desenvolvimento apresenta uma perspectiva mais ampla e estratégica, voltada ao potencial de longo prazo do indivíduo na organização.

O treinamento refere-se a um processo educacional de curto prazo, aplicado de maneira sistemática e organizada, através do qual as pessoas aprendem conhecimentos, atitudes e habilidades técnicas relacionadas aos objetivos organizacionais. Já o desenvolvimento possui um caráter mais amplo e contínuo, voltado à formação de lideranças, ao aprimoramento das capacidades humanas e ao alinhamento com os valores e propósitos institucionais. Ambos os processos se complementam ao promover não apenas a eficácia no desempenho de tarefas, mas também o engajamento e o senso de pertencimento dentro da empresa.

No contexto atual, caracterizado por mudanças aceleradas e exigência de soluções criativas, o T&D ultrapassa os limites da transmissão de informações técnicas. Torna-se necessário considerar a subjetividade dos indivíduos, suas motivações internas e suas capacidades latentes. Isso implica em reconhecer o ser humano como um sujeito ativo no processo de aprendizagem, que traz consigo uma história pessoal, valores e uma intencionalidade própria.

Desse modo, o T&D deve buscar não apenas o aperfeiçoamento técnico, mas o desenvolvimento integral do colaborador, favorecendo a emergência de sua autonomia,

discernimento e responsabilidade diante das escolhas profissionais. Essa visão amplia o papel tradicional da área de recursos humanos, que passa a atuar também como facilitadora do autoconhecimento e do alinhamento entre os objetivos pessoais e os organizacionais.

2.2 Dinâmicas de grupo como ferramenta de desenvolvimento

As dinâmicas de grupo são instrumentos amplamente utilizados no contexto organizacional com o objetivo de promover a integração, estimular a comunicação, identificar comportamentos, desenvolver competências e potencializar o trabalho em equipe. Essas práticas pedagógicas consistem em atividades estruturadas que envolvem a participação ativa dos colaboradores, simulando situações de interação e tomada de decisão em ambientes controlados e simbólicos. Por meio delas, é possível observar como os indivíduos se posicionam diante de desafios, conflitos, lideranças, papéis e regras, permitindo tanto a aprendizagem experiencial quanto a análise comportamental.

Conforme Militão e Militão (2000, p. 22), a dinâmica de grupo é “toda atividade que se desenvolve com um grupo, que objetiva integrar, desinibir, ‘quebrar o gelo’, divertir, refletir, aprender, apresentar”. Essas atividades podem ser aplicadas com diferentes propósitos, desde o acolhimento de novos colaboradores até o desenvolvimento de lideranças e o fortalecimento de equipes.

Contudo, é importante ressaltar que dinâmica de grupo não é sinônimo de jogo. Muitas vezes se aplicam jogos empresariais acreditando tratar-se de dinâmicas e conduzindo o processo de maneira inadequada. Tratar um jogo como uma dinâmica pode ser

perigoso, especialmente por conta do envolvimento emocional e psicológico que uma dinâmica exige.

Militão e Militão (2000) alertam que qualquer atividade que exponha os participantes diante de um grupo requer atenção, cuidado e responsabilidade, pois pode desencadear reações inesperadas ou até mesmo gerar sofrimento emocional. Por essa razão, recomenda-se que a aplicação de dinâmicas seja conduzida por pessoal e profissionais, que compreendam a complexidade do comportamento humano e estejam preparados para lidar com as repercussões da vivência.

As dinâmicas de grupo oferecem um espaço de experimentação e reflexão, no qual os participantes podem perceber suas atitudes, rever padrões de comportamento e aprimorar habilidades socioemocionais, como empatia, escuta ativa, assertividade, cooperação e adaptabilidade. Essa abordagem favorece o aprendizado significativo, pois promove a conscientização dos participantes sobre sua atuação no grupo, incentivando mudanças internas e externas em um processo vivencial.

Assim, as dinâmicas de grupo não se restringem a meros momentos lúdicos ou motivacionais, mas se constituem como dispositivos estratégicos no processo de treinamento e desenvolvimento de pessoas. Sua eficácia depende do nível de profundidade com que são aplicadas e da abertura dos participantes à vivência consciente da experiência proposta.

2.3 Intencionalidade e informação na perspectiva ontopsicológica

A Ontopsicologia é uma ciência epistêmica fundada por Antonio Meneghetti,

que parte da verificação e análise funcional da realidade psíquica e existencial do ser humano, indagando os processos que estruturam o homem, com foco na sanidade, na realização e na eficácia comportamental do sujeito (Meneghetti, 2014).

Tendo por objeto a experiência psicológica do homem, a Ontopsicologia se justifica diversa das outras ciências com base nas suas inovações próprias e exclusivas, fundamentando-se na compreensão do Ser como a ordem da realidade, tanto em seu aspecto fisiológico quanto psíquico, baseada em três descobertas para compreender a existência humana sobre as quais se funda toda a sua práxis e teoria que são: o Em Si ôntico, que “é o critério dinâmico universal para tudo o que concerne o desenvolvimento global e total do homem” (Meneghetti, 2010, p. 30). O campo semântico é um mediador de informação entre um indivíduo a outro, “é a comunicação-base que a vida usa no interior das próprias individuações” (Meneghetti, 2012, p. 38). E o monitor de deflexão, um mecanismo que distorce a realidade, “é o mecanismo que interfere na exatidão dos processos cognitivos e voluntarísticos, determinando toda a fenomenologia regressiva conhecida pelo homem como doença, dor, angústia, falência etc.” (Meneghetti, 2014, p. 09).

Nesse sentido, o Ser é o fundamento base da natureza, de tudo aquilo que constitui o homem a priori a qualquer construção cultural, social, política ou pedagógica. A partir dessa perspectiva, todo conhecimento ou prática que visa à saúde, à realização e à autorrealização do indivíduo deve buscar alinhar-se com as intenções e vetores da natureza real, ou seja, com a própria lógica do Ser.

A Ontopsicologia pode ser compreendida, portanto, como a ciência que “pesquisa, analisa e indaga o princípio, o fundamento primeiro da atividade psíquica, abrangendo tudo aquilo que é relativo à consciência, emoção, pensamento, raciocínio, intuição, decisão, vontade e imaginação” (Meneghetti, 2014, p. 20). Essa abordagem permite ao profissional compreender as dinâmicas internas que movem o ser humano e influenciam diretamente seu comportamento, suas escolhas e sua realização pessoal e profissional.

Entretanto, não basta somente a compreensão dessas dinâmicas, é preciso a exatidão do profissional, do pesquisador, do operador, em qualquer área de conhecimento ou atuação conforme destaca Meneghetti:

Qualquer coisa que se queira conhecer, deve-se partir da exatidão de quanto se existe. Não de “como” se existe, porque o homem está em erro, mas de “quanto” se é exato. Na medida em que se é exato, conforme a natureza, tem-se a proporção em qualquer coisa. Na medida em que se sabe o quanto se existe, mais se tem poder de conhecimento (Meneghetti, 2010, p. 73).

No âmbito da Ontopsicologia, dois conceitos fundamentais para compreender o comportamento humano e suas ações em grupo são a *intencionalidade* e a *informação*. Ambos os conceitos estão intrinsecamente ligados ao posicionamento do sujeito diante da realidade e como transforma tal realidade em ganho ou perda de si mesmo, no seu dia a dia.

A intencionalidade, a partir da perspectiva ontopsicológica, é compreendida como um impulso ou vetor que direciona a ação para um fim. Trata-se de um movimento da consciência em direção a algo, a uma situação ou objeto. Segundo Meneghetti (2015, p. 23), a intencionalidade é uma “ação ao escopo, projeto, vetor, impulso, sinal (em sentido

físico-digital) ao resultado”. Isso significa que, ao conhecer algo, o sujeito deixa de ser indiferente e se faz presente para esse objeto, estabelecendo uma relação que modifica tanto o sujeito quanto o objeto. Nesse sentido, a intencionalidade é relacional: ela transforma o objeto em sujeito e vice-versa, promovendo um processo de conhecimento dinâmico e co-criativo.

Já a informação, em sentido ontopsicológico, é o elemento que dá forma à ação. O termo “informação” tem origem no latim *in actio formo*, que significa “dar estrutura à ação” (Meneghetti, 2012). Nesse sentido, a informação é compreendida como um contato específico que define a relação entre dois elementos, sejam eles semelhantes, opostos ou diferentes, e que, ao interagirem, geram um terceiro elemento, ou seja, um novo resultado. A informação, portanto, estrutura a ação e possibilita o surgimento de novas realidades, de novidade, de novos módulos de comportamento. Ainda Meneghetti (2015, p. 25) afirma que “quando a informação ocorre, presencia-se, advém um ‘terceiro’, atua-se um nascimento, um efeito diverso dos dois primeiros”. Ou seja, a informação não é apenas transmitida, mas é constituinte de uma nova realidade a partir da interação entre sujeito e objeto.

3 Método

Este estudo apresenta uma abordagem qualitativa, com caráter exploratório e aplicado, fundamentado na observação e análise de uma prática grupal de treinamento. A opção pelo método qualitativo justifica-se pela necessidade de compreender os significados das ações humanas, os processos

interativos e as manifestações subjetivas presentes na dinâmica observada, conforme orienta Minayo (2001).

A investigação foi conduzida por meio da aplicação da dinâmica "Torre de Papel", uma atividade de construção coletiva voltada ao fortalecimento do espírito de equipe e ao desenvolvimento de competências comportamentais, como liderança, criatividade, cooperação e tomada de decisão. A dinâmica foi realizada com três equipes de colaboradores, compostas por grupos entre 5 a 8 participantes de lojas comerciais.

Cada equipe foi acompanhada por um observador externo, responsável por registrar os comportamentos, interações, estratégias e reações emocionais dos participantes. Os dados foram coletados por meio de registros descritivos livres, permitindo uma observação aberta e contextualizada das ações grupais, conforme Brandão (2007), que defende a escuta atenta e a valorização dos significados atribuídos pelos sujeitos.

A abordagem metodológica seguiu os princípios da pesquisa qualitativa interpretativa. Segundo Gil (2010), esse tipo de pesquisa busca captar a realidade de forma aprofundada, respeitando sua complexidade e dinamismo. No presente estudo, os dados foram interpretados à luz dos conceitos ontopsicológicos de intencionalidade e informação, permitindo uma análise que integra o conteúdo teórico com a vivência prática observada.

De acordo com Lima (2008), a pesquisa qualitativa permite ao pesquisador interpretar os significados das ações e relações humanas dentro de um processo social, o que se mostrou fundamental para compreender como os grupos, ao executarem a tarefa proposta,

expressaram vetores de ação, estratégias coletivas e reorganizações baseadas na troca de informações.

Além disso, a metodologia adotada considera que a formação de equipes eficazes envolve mais do que tarefas operacionais: exige o reconhecimento da subjetividade, da afetividade e das motivações individuais e coletivas. Por isso, a análise não se restringiu aos aspectos técnicos da construção da torre, mas buscou compreender os sentidos vividos pelos participantes ao longo da experiência. A partir dessa abordagem, foi possível construir uma análise fundamentada, contextualizada e com potencial de aplicação prática na formação de equipes em ambientes organizacionais.

4 A dinâmica “torre de papel” como aplicação prática dos conceitos de intencionalidade e informação

A dinâmica “Torre de Papel” é uma atividade clássica de *team building*, cujo objetivo é fortalecer o espírito de equipe por meio de uma construção coletiva, criativa e desafiadora. Realizada em grupos de 5 a 8 participantes, ela propõe a construção da torre mais alta possível utilizando apenas folhas de papel, ou jornal, fita crepe e uma bolinha de isopor, que deve sustentar-se no topo da estrutura por pelo menos 30 segundos ao final da atividade.

O desafio envolve gestão de tempo, recursos e pessoas, exigindo que os participantes criem estratégias, distribuam tarefas e tomem decisões rapidamente, essas que são competência e habilidades relacionadas ao capital humano da organização, que devem ser transformadas em

vantagem competitiva. Bohlander *et al.* (2005, p. 09) considera que o “capital humano refere-se ao valor econômico do conhecimento, das habilidades e das capacidades da empresa”, por isso, é importante que as organizações invistam no desenvolvimento de seus colaboradores.

Além de estimular a criatividade, inovação, liderança, comunicação e resolução de conflitos, a dinâmica convida à vivência de situações semelhantes às aquelas encontradas no ambiente corporativo, especialmente no que se refere ao trabalho em equipe e à busca por soluções eficazes com recursos limitados. Ao final, vence a equipe que conseguir apresentar a torre mais alta, que esteja sustentada e com a bolinha de isopor no topo, por pelo menos 30 segundos.

O momento de fechamento é essencial para estimular reflexões coletivas e individuais sobre as estratégias utilizadas pelo grupo, as emoções vivenciadas de modo individual por cada participante, os comportamentos predominantes, os paralelos entre a vivência e a realidade do trabalho em equipe no contexto organizacional. A partir dessas reflexões, cada participante pode extrair aprendizados significativos para o desenvolvimento de competências comportamentais e relacionais no ambiente de trabalho.

Na perspectiva da Ontopsicologia, essa dinâmica possibilita observar e colher, em tempo real, a manifestação da intencionalidade e informação no âmbito coletivo. Partindo desses conceitos e fundamentações, a dinâmica foi aplicada em três equipes de lojas, em que cada uma das gerentes recebeu as orientações de como deveria aplicar e conduzir a dinâmica e a partir disso se obteve os seguintes relatos dos observadores:

Observou-se que todos se envolveram rapidamente na dinâmica, sem exceções, porém, não discutiram nenhuma estratégia. Houve uma grande preocupação de construir uma base forte, para que a torre sustasse o peso e a altura. Como não houve um planejamento inicial, não houve preocupação com o uso do material, ninguém verificou se os recursos disponíveis seriam o suficiente para a execução da tarefa. Todo o grupo participou/interagiu o tempo todo, com todos trabalhando em conjunto e liderados pela [...], que participou ativamente de toda a construção e direcionando os resultados. A equipe se preocupou em fazer outra base sólida, para sustentar o segundo andar da torre. Não se preocuparam com a altura, mas se preocuparam em manter de pé. Todos davam opinião, mas a líder conseguiu se impor. Um dos participantes, um pouco afoito como sempre, ficou um pouco agitado para serem os primeiros colocados, pois olhou para os lados para ver as torres dos outros grupos (P1, observadora loja 100).

Notei concentração e envolvimento de toda a equipe. Todas as componentes se agacharam no chão. Houve trabalho em equipe e troca de idéias. Todas se posicionaram e uma soube ouvir e respeitar a idéia da outra. As componentes da equipe pensaram em muitos aspectos, sendo um deles em como a torre se manteria em pé se caso houvesse vento. Na equipe todas estavam focadas, mas sempre alegres, conversando com um sorriso no rosto. Houve alguns momentos de observação e silêncio total, mas após, voltaram a trocar idéias. Conforme o tempo foi passando, foi notado um pouco de nervosismo da equipe. Houve questionamento entre a equipe sobre como a torre ficaria se caso fizessem de uma maneira diferente. Quanto mais passava o tempo, havia mais concentração e troca de idéias. Nos minutos finais, as componentes fizeram um teste para ver se a torre aguentaria ficar em pé (P2, observadora loja 12).

Observei que, no início, o líder tomou a iniciativa, sugeriu soluções e deu espaço para que todos compartilhassem suas ideias. A equipe começou confiante, com a ideia de que a base da torre deveria ser firme, e todos concordaram com essa abordagem, havendo uma boa distribuição de responsabilidades. No entanto, em determinado momento, a equipe percebeu que o projeto não estava evoluindo como esperado, e começaram a surgir divergências de opinião. Alguns membros começaram a desmotivar e, eventualmente, apenas duas ou três pessoas

continuaram trabalhando na finalização da torre junto com o líder. Percebi que a líder passou a tentar impor sua maneira de fazer as coisas, o que fez com que os outros se sentissem retraídos e menos participativos (P3, observadora loja 09).

A dinâmica entre as lojas teve como foco a colaboração e o trabalho em equipe. Durante a atividade, foi possível perceber como as equipes interagem entre si e como, quando todas estão focadas em um objetivo comum, o sucesso é alcançado. As equipes se ajudaram mutuamente, houve troca de ideias e a diversidade de opiniões e pontos de vista foi valorizada. Houve também momentos de concentração para equilibrar a construção da torre. Ao final, cada equipe conseguiu montar sua torre dentro do tempo estipulado. Os líderes desempenharam um papel importante, orientando e contribuindo com sugestões para a montagem. O resultado demonstrou a união das equipes, todas voltadas para alcançar o mesmo objetivo, evidenciar a importância da colaboração e da liderança no processo (P4, observadora geral).

A partir dos relatos, é possível compreender que a Torre de Papel não é apenas uma atividade lúdica, mas um reflexo das interações humanas que estruturam os ambientes de trabalho. Revelando vetores intencionalidade que movem os indivíduos e os grupos, assim como as informações que estruturam e variam o agir coletivo.

Tais observações são fundamentais para os profissionais que atuam com treinamento e desenvolvimento, pois permitem identificar competências e pontos de melhoria a serem trabalhados no cotidiano das equipes, garantindo melhor desempenho e produtividade da equipe transformando as habilidades e competências aliadas às intencionalidades e informações em um diferencial competitivo.

5 Considerações Finais

A aplicação da dinâmica “Torre de Papel” permitiu não apenas o desenvolvimento de competências organizacionais, como planejamento, liderança, comunicação e trabalho em equipe, mas também revelou, de forma prática, a manifestação dos conceitos ontopsicológicos de intencionalidade e informação no comportamento grupal. A experiência mostrou que, diante de um desafio concreto, os participantes expressam vetores internos que orientam suas ações, decisões e formas de interação com o grupo.

A análise dos relatos demonstra que, quando alinhada a intencionalidade individual à intencionalidade coletiva da equipe. E, estabelecido um propósito comum, ou seja a clareza da informação, todos se comprometeram em alcançar o resultado. Essa observação valida a concepção ontopsicológica de que a ação eficaz surge da convergência dos vetores intencionais.

Além disso, os momentos em que ocorreram rupturas no fluxo de colaboração revelaram também a ausência ou falha na gestão da informação. No grupo onde houve divergências não mediadas, observou-se a queda no engajamento, desorganização e perda de eficiência. Conforme trazido na fundamentação, isso confirma que a informação, entendida como o elemento que estrutura e dá forma à ação (*in actio formo*), é indispensável para a organização funcional do comportamento grupal garantindo que seja alcançado o escopo.

A figura do líder, identificada espontaneamente durante a atividade, foi decisiva na mediação entre os vetores intencionais dos participantes. Quando a

liderança foi democrática e acolhedora, os resultados foram mais satisfatórios. Quando houve imposição ou centralização de decisões, o grupo tornou-se menos participativo e menos eficiente. Isso reforça o papel do líder como facilitador da expressão consciente da intencionalidade no coletivo.

Do ponto de vista do treinamento e desenvolvimento, a Torre de Papel mostrou-se uma ferramenta pedagógica eficaz para avaliar e estimular competências comportamentais, permitindo intervenções na interação de grupo. A atividade revela como as relações interpessoais, a organização da ação e os objetivos podem ser desenvolvidos com base em experiências significativas que envolvem o sujeito de modo holístico.

A utilização das dinâmicas de grupo, quando bem orientada, promove não apenas a aquisição de comportamentos desejáveis, mas também o fortalecimento da consciência de si e do outro, o que está diretamente relacionado ao desenvolvimento humano.

A Ontopsicologia, ao introduzir os conceitos de intencionalidade e informação, amplia o escopo de análise das práticas de treinamento e desenvolvimento de equipes, permitindo que estas sejam orientadas não apenas pela funcionalidade da organização, mas pela valorização do ser humano em sua totalidade, de modo integral. Considerando a exatidão e capacidade do profissional, que possui o conhecimento técnico, em conduzir e compreender e analisar as dinâmicas que possibilitam o treinamento e desenvolvimento de equipes e pessoas, com base no Em Si ôntico que possibilita compreender o desenvolvimento global e total do homem, juntamente com a leitura do campo semântico na análise do mover-se da informação e da

intencionalidade, verificando as interferências causadas pelo monitor de deflexão.

Quando as organizações reconhecem e trabalham com a intencionalidade originária de seus colaboradores, favorecem não apenas o desempenho, mas também a realização pessoal e o alinhamento com os propósitos da empresa, garantindo assim melhores resultados.

Conclui-se, portanto, que a integração entre a teoria ontopsicológica e a prática organizacional, possibilita novos caminhos para a gestão de pessoas, mais conscientes, eficientes e humanas. A dinâmica “Torre de Papel” é um exemplo prático de como é possível aplicar, compreender e analisar fundamentos científicos ao cotidiano corporativo, despertando nos indivíduos uma compreensão mais profunda de si mesmos, dos outros e da própria atuação no mundo do trabalho.

Referências

ARAUJO, Luis César Gonçalves de; GARCIA, Adriana Amadeu. **Gestão de pessoas: estratégias e integração organizacional**. São Paulo: Atlas, 2006.

BOHLANDER, George *et al.* **Administração de recursos humanos**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

BOOG, Gustavo G.; BOOG, Magdalena. **Manual de treinamento e desenvolvimento: gestão e estratégias**. São Paulo: Makron Books, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIMA, Luiz Gonzaga de Souza. **A construção da pesquisa qualitativa**. São Paulo: Cortez, 2008.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, Antonio. **Nova Fronda Virescit: Introdução à Ontopsicologia para jovens**. Vol. I. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, Antonio. **Fisicidade e Ontologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MILITÃO, Albigenor; MILITÃO, Rose. **Jogos, vivências e dinâmicas grupais: como desenvolver sua melhor técnica em atividades grupais**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

ESTILO DE VIDA E ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL: A COZINHA VIVA COMO PRÁXIS DE SANIDADE E FUNÇÃO INTELIGENTE

José Luiz Richetti¹, Elenir Dummel², Márcio Sudati Rodrigues³

Resumo: A Ciência Ontopsicológica agregou três descobertas ao paradigma científico corrente, representando a inauguração de um novo paradigma científico. O estudo investiga a possibilidade de aplicação desse novo paradigma científico no campo da alimentação. A Cozinha Viva, assim como definida por Antonio Meneghetti, responde a essa indagação, eis que afirma que Cozinha Viva não se estuda, se faz e se é. Por isso, sugere boas práticas para se fazer Cozinha Viva. Em base a este novo paradigma científico, este pequeno trabalho apresenta o que se entende por alimentação saudável para o ser humano, de modo a prestigiar a identidade, a utilidade e a funcionalidade como forma de sustento, prazer e inteligência em reforço às premissas biológicas por como a natureza constituiu o ser humano. Nesse sentido, o Em Si ôntico de cada ser humano individuado é o critério de verificação e validação do alimento. Além disso, o estudo traz indicações de alimentos funcionais e anti-inflamatórios. O trabalho evidencia que uma alimentação saudável, aliada à prática física e ao cultivo da paz do corpo, deve ser compreendida como um caminho de autenticidade existencial. A cozinha viva demonstra esse percurso, oferecendo não apenas saúde, mas também realização pessoal e coerência com o ritmo natural da vida. Portanto, novo paradigma científico atualizado pela Ciência Ontopsicológica tem aplicabilidade simples e direta na área de alimentação. Em conclusão, bem alimentar-se também exige protagonismo responsável.

Palavras-chave: alimentos funcionais; alimentos anti-inflamatórios; cozinha viva; Ontopsicologia.

Lifestyle and healthy eating: raw food cuisine as a practice of sanity and intelligent function

Abstract: Ontopsychological science has added three discoveries to the current scientific paradigm, representing the inauguration of a new scientific paradigm. This study investigates the possibility of applying this new scientific paradigm to the field of food. Living Cuisine, as defined by Antonio Meneghetti, answers this question, stating that Living Cuisine is not studied, but rather practiced and embodied. Therefore, it suggests good practices for creating Living Cuisine. Based on this new scientific paradigm, this short work presents what is understood by healthy eating for human beings, in order to value identity, utility, and functionality as a form of sustenance, pleasure, and intelligence, reinforcing the biological premises of how nature constituted humankind. In this sense, the ontological Self of each individual human being is the criterion for verifying and validating food. Furthermore, the study provides indications of functional and anti-inflammatory foods. The work highlights that healthy eating, combined with physical activity and the cultivation of body peace, should be understood as a path to existential authenticity. Living cuisine demonstrates this path, offering not only health but also personal fulfillment and coherence with the natural rhythm of life. Therefore, this new scientific paradigm, updated by Ontopsychological Science, has simple and direct applicability in the area of food. In conclusion, eating well also requires responsible leadership.

Keywords: functional foods; anti-inflammatory foods; raw food cuisine; Ontopsychology.

Estilo de vida y alimentación saludable: la cocina cruda como práctica de cordura y función inteligente

¹ Especialista em Psicologia com endereço em Ontopsicologia pela Universidade Estatal de São Petersburgo (SPbU / Rússia), Especialista em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). Pós-graduado na área de Administração / MBA Business Intuition Identidade Empresarial pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). E-mail: joseluiz@jlradvocacia.com.br

² Bacharela em Administração pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Bacharelada em Ontopsicologia pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF).

³ Especialista em Psicologia com endereço em Ontopsicologia pela Universidade Estatal de São Petersburgo (SPbU / Rússia), Especialista em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF), Pós-graduado na área de Administração / MBA Business Intuition Agronegócios pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF).

Resumen: La Ciencia Ontopsicológica ha añadido tres descubrimientos al paradigma científico actual, lo que representa el inicio de un nuevo paradigma científico. Este estudio investiga la posibilidad de aplicar este nuevo paradigma científico al campo de la alimentación. La *Cocina Viva*, tal como la definió Antonio Meneghetti, responde a esta pregunta, afirmando que la *Cocina Viva* no se estudia, sino que se practica y se materializa. Por lo tanto, sugiere buenas prácticas para crear *Cocina Viva*. Basándose en este nuevo paradigma científico, esta breve obra presenta lo que se entiende por alimentación saludable para los seres humanos, con el fin de valorar la identidad, la utilidad y la funcionalidad como forma de sustento, placer e inteligencia, reforzando las premisas biológicas de cómo la naturaleza constituyó a la humanidad. En este sentido, el Ser ontológico de cada ser humano es el criterio para verificar y validar los alimentos. Además, el estudio proporciona indicaciones sobre alimentos funcionales y antiinflamatorios. El trabajo destaca que la alimentación saludable, combinada con la actividad física y el cultivo de la paz corporal, debe entenderse como un camino hacia la autenticidad existencial. La *Cocina Viva* demuestra este camino, ofreciendo no solo salud, sino también realización personal y coherencia con el ritmo natural de la vida. Por lo tanto, este nuevo paradigma científico, actualizado por la Ciencia Ontopsicológica, tiene una aplicabilidad simple y directa en el ámbito de la alimentación. En conclusión, una buena alimentación también requiere un liderazgo responsable.

Palabras clave: alimentos funcionales; alimentos antiinflamatorios; cocina cruda; Ontopsicología.

1 Introdução

A Ontopsicologia é ciência interdisciplinar e epistêmica, por lograr êxito em identificar o critério⁴ comum de verificação da validação a qualquer atividade científica e profissional e, por isso, posiciona-se na base de todos os ramos do conhecimento científico e profissional. Por ser epistêmica, interdisciplinar e pela utilização do critério e aplicação do respectivo método, proporciona condições para que o seu operador, no exercício de sua atividade, proceda com exatidão e autenticidade, isto é, que as respectivas atividades acadêmicas, de estudo e profissionais sejam exercidas com neutralidade e isentas de pré-fixados caracteriais, memórias, convenções, etc. E mais. Que em seus estudos, análises, diagnósticos, intervenções e atividades profissionais consigam demonstrar de modo lógico e reversível a realidade que está em ato, para identificar, discorrer e operar de modo lógico reversível sobre a realidade da

situação estudada, analisada, de ação, etc., no aqui e agora, posicionando-se, apontando e operacionalizando intervenções adequadas e que estejam em identidade, utilidade e funcionalidade ao humano operante, seja qual for o ramo das áreas de intervenção humanistas profissionais em que desenvolva atividade.

Nesse passo, o fundador da Ontopsicologia, inicialmente, formulou a hipótese de que todos os fenômenos da atividade humana estão vinculados a uma causa psíquica, que lhe é o fundamento, ou seja, todas as atitudes e ações que reforçam a própria identidade e, também, todos os desvios da norma de funcionalidade natural humana, têm sua origem na esfera psicológica, inclusive os decorrentes das escolhas em relação ao que, como e os modos de alimentar-se.

Nos dez anos de prática clínica, seu fundador, o Prof. Acad. Antonio Meneghetti, logrou fazer a demonstração lógico reversível da hipótese. E, para tal, utilizou o critério de natureza com base, que “é uma medida que procede por evidência, responde a uma intenção de natureza e concretiza o objeto ou o campo pré-escolhido. É a intencionalidade de natureza como e quando se evidencia”

⁴ Em Si ôntico. É projeto base originário da natureza. É um centripetante expansivo com ação de identidade. É o seminal virtual que identifica e autoriza o projeto do homem histórico. É o princípio formal inteligente que faz autóctise história (Meneghetti, 2012, p. 84).

(Meneghetti, 2010, p. 147). Com base no campo semântico⁵, sua primeira descoberta, identificou que os atos humanos são permeados por duas pulsões distintas. Seguindo a primeira, identificou que portava o ser humano à saúde e à realização existencial, denominando-a Em Si ôntico, que se manifestava através da tríade do devir, ou seja, a relação entre Em Si ôntico, Eu a priori e Eu lógico histórico. Seguindo a segunda, identificou que portava o ser humano à esquizofrenia existencial, ou seja, sempre levava o ser humano a diminuição existencial, seja em saúde, realização, relacionamentos, negatividade, etc., denominando-a monitor de deflexão, que se manifesta mediante a relação entre monitor de deflexão, matriz reflexa, complexos, estereótipos, memes e eu lógico histórico. Inaugurou, portanto, um novo paradigma científico, um novo modo de fazer ciência, conexo com o real que é.

Nesse sentido, em base a este novo paradigma científico, a proposta deste pequeno trabalho é apresentar o que se entende por alimentação saudável para o ser humano, de modo a prestigiar a identidade, a utilidade e a funcionalidade como forma de sustento, prazer e inteligência em reforço às premissas biológicas por como a natureza constituiu o ser humano, com referências da área da nutrição.

1.1 Justificativas

⁵ “A comunicação base que a vida usa ao interno das próprias individuações” É um transdutor informático sem deslocamento de energia. Campo é um contexto hipotético definido por três coordenadas: espaço, tempo e individuação (ou específica unidade de ação). Semântico, significa faz sinal, especifica a ação e se presencia (Meneghetti, 2012, p. 38).

A escolha do tema constitui uma oportunidade para os autores de investigar a hipótese de utilização do critério e respectivo método da Ciência Ontopsicológica na área da alimentação saudável, formulando e justificando um discurso, que se traduza em uma aplicação prática útil e funcional, inclusive como forma de crescimento de desenvolvimento da qualificação profissional dos autores na disciplina de Psicossomática, Saúde e Bem-Estar da Sétima Turma Mensal do Bacharelado de Ontopsicologia junto a Antonio Meneghetti Faculdade. O que se entende por alimentação saudável, de modo a prestigiar a identidade, a utilidade e a funcionalidade como forma de sustento, prazer e inteligência em reforço as premissas biológicas por como a natureza constitui o ser humano?

1.2 Objetivo geral e específico

O objetivo geral e específico deste trabalho é, respondendo à indagação acima proposta, apresentar um discurso com indicações práticas que possam ser compreendidas e utilizadas pelo ser humano em sua alimentação como reforço de nutrição, prazer e inteligência, tendo por base os postulados da moderna ciência ontopsicológica.

Portanto, o que é alimentação saudável? Seguindo a visão da ciência ontopsicológica, o que o ser humano deve observar para alimentar-se de forma saudável?

2 Método

Esta pesquisa é produzida em base aos postulados da ciência Ontopsicológica, especialmente em relação a Psicossomática, tendo por objeto de análise as indagações acima identificadas. De acordo com Gil (2017, p. 28), a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em fontes secundárias, “publicadas em livros, revistas, jornais, dissertações, teses, anais de eventos científicos”, bem como em materiais disponibilizados na internet. O autor aponta, como principal vantagem da pesquisa bibliográfica, o fato de permitir ao pesquisador um número mais amplo de fenômenos do que em pesquisas realizadas diretamente.

3 A ordem natural da vida em relação à alimentação e à cozinha viva

Para além de considerar a importância de alimentos funcionais, anti-inflamatórios, etc., a alimentação saudável tem como ponto de partida a Cozinha Viva, assim definida por Meneghetti, na obra *A Cozinha Viva* (2006). Trata-se de evidenciar e praticar a ordem da vida ínsita à natureza no que diz respeito à alimentação. É que segundo Meneghetti (2006) *Cozinha Viva* não se estuda, se faz e se é.

Cozinha Viva “significa elaborar elementos vivos da natureza, onde ainda é presente uma situação vital e desenvolvê-la em variáveis consentidas pelo ritmo do degustador”, isto é elaborar a vitalidade presente no peixe, na carne, nos cereais, etc., continuando esta vitalidade no degustador” (Meneghetti, 2006, p. 09). É um pensamento

profundo, racional e prático, eis que é “um estilo de vida que é parte integrante do normal viver do homem sadio e bem-sucedido” e, “é antes de tudo, uma práxis racional do ofício de viver, só sucessivamente se pode entrar com a “veste branca na arte de viver” (Meneghetti, 2006, p. 09).

Segundo Meneghetti (2006) o critério para a cozinha viva está baseado em algumas das quinze características do Em Si ôntico⁶, especialmente as características funcionalidade, econômico-hierárquico, vencedor, estético, cuja observância e prática são indispensáveis para o equilíbrio, paz e funcionalidade do próprio corpo, considerando as velocidades energéticas que o constituem e mantêm.

Alimento, segundo Meneghetti “é aquela ação que, de um contexto, faz uma redução sintética, um metanol que se transfere a outras conformações biológicas e energéticas do organismo” (2006, p. 24) e que para praticar a cozinha viva na preparação do alimento há seis regras:

Primeira regra de uma cozinha superior: o ideal é procurar os ingredientes – da fruta à carne, aos ovos – da terra onde se come, porque os frutos daquela terra tem o máximo de eccidade, de frescor, de vitalidade. Qualquer alimento que vem de uma outra terra já está morto em um certo sentido, foi abatido, congelado, chega com sofrimento.

A *segunda regra* é comer as coisas da estação, porque têm mais vida, mais energia positiva, comendo as coisas da estação, interage-se com o que a natureza prepara no encontro de seus ciclos universais. O nosso organismo, desse modo, come vida com

⁶ Inseico, holístico-dinâmico, utilitarista-funcional, virtual, econômico-hierárquico, vencedor, alegre, criativo, espiritual ou transcendente, agente no interior de um universo semântico, mediânico entre o ser e a existência, histórico, estético, volitivo-intencional e santo (Meneghetti, 2012, p. 84).

vida, não deve digerir, o alimento entra diretamente em metabolização com os nossos órgãos internos, que não entram em stress. É claro que hoje, com a globalização, estamos perdendo todas essas coisas, especialmente quem vive nas grandes cidades. Quem, todavia, tem a possibilidade de ter uma pequena casa no campo, tem uma ocasião de paraíso, uma ocasião de estímulo vital.

Terceira regra: estar sozinho ou ao lado de pessoas agradáveis ou positivas. Devem ser pessoas com autonomia vital e posição expansiva. Não se pode fazer Cozinha Viva com indivíduos com necessidade de compensação ou autômatos meméticos.

Quarta regra: ter “a peça a elaborar no projeto específico do momento”. Aquele peixe, aquela carne, aquela massa, aquele caviar *Beluga*, aquele vinho, aquela berinjela, aquele *escargot*, aquele frango, etc. Ou seja, é preciso ter o objeto inspirativo do prato a ser degustado. Em torno da primeira peça, fazem-se os correlatos eficientes para integrar “o sujeito desejado”.

Quinta regra: um mínimo lugar e instrumentalização para facilitar o projeto amado: mesa, cozinha, árvore, faca, fogo, panela, temperos, espeto, pedra cálida, etc.

Sexta regra: ser limpo e usar panos limpos e agradáveis (Meneghetti, 2006, p. 28-29).

Meneghetti, afirma ainda que há dois princípios a serem observado para comer bem que é:

comer, sem respeitar horários fixos, mas seguindo somente o apetite e a satisfação ou tomar café-da-manhã, almoçar e jantar em horários razoavelmente estáveis, sem consumir outros alimentos nos intervalos, de modo que a garganta desenvolva a sensibilidade para podê-lo racionalizar. Àquele ponto, nos três momentos das refeições, esta se acomoda para receber a quantidade certa de açúcares, aminoácidos, carboidratos e assim por diante (Meneghetti, 2006, p. 41).

Além disso, a primeira parte obra *A Cozinha Viva*, em relação a boa alimentação, traz ainda aspectos relevantes sobre a percepção orgâsmica, os três modos de paz do corpo, a percepção sensorial e a inteligência dos respectivos órgãos, a estética do olfato, atitudes a estética e prazer, à ética

do bom gosto, o prazer da terra, metabolização introversa do homem líder e a consanguinidade naturística. Já na segunda parte, trata dos alimentos, dos modos de preparo e algumas observações específicas sobre a compra, preparação e algumas indicações práticas a composição de pratos específicos, cuja leitura e prática entende-se ser indispensável para aqueles que pretendem praticar a alimentação saudável de forma a gerar nutrição e, sobretudo, prazer com a arte da cozinha viva.

4 A Cozinha Viva: as boas práticas da boa alimentação

A alimentação saudável fornece ao organismo os nutrientes necessários para seu pleno funcionamento. Manter uma alimentação equilibrada resulta em efeitos positivos para a saúde física e mental, promovendo um corpo mais resistente, prevenindo doenças e contribuindo para o bem-estar geral. Além disso, alimentos com propriedades funcionais, contribuem para melhorar a imunidade, reduzir inflamações, fortalecer o sistema digestivo e prevenir doenças metabólicas. Uma alimentação rica em nutrientes, variada e viva favorece a vitalidade, a funcionalidade e a inteligência orgâsmica, alinhando o ato de se alimentar com o ritmo natural do corpo e da vida.

A escolha dos alimentos está intrinsecamente ligada à adaptação ecológica do ser humano ao seu ambiente natural. Meneghetti afirma que “pertencemos ao movimento terrestre e temos por natureza uma adaptação ecológica que prevê um alimento adaptado a sincronizar-se com o nosso ecossistema” (Meneghetti, 2006, p.

103) , o que significa que a alimentação deve estar de acordo com as condições locais e sazonais. Nesse sentido, alimentos frescos, típicos da estação e do local de moradia, representam opções mais compatíveis com a lógica metabólica do corpo humano, favorecendo uma relação simbiótica com o meio.

A composição natural dos alimentos é rica em nutrientes essenciais, que se correspondem com elementos já presentes no organismo humano. Ao consumir frutas, legumes e hortaliças no seu estado mais puro, não apenas se alimenta o corpo, mas se promove uma cura natural, pois “através do alimento se exercita, de fato, uma cura médica natural como máxima cura do organismo” (Meneghetti, 2006, p. 104). Essa prática alimentar valoriza não apenas o aspecto nutricional, mas também os efeitos de sanidade estética de uma alimentação viva e diversificada.

Conhecer os alimentos e suas propriedades permite ao sujeito tomar decisões mais conscientes e funcionais. É nesse ponto que a educação alimentar se torna fundamental “existem momentos nos quais é importante comer o arroz, outras vezes o organismo pede outros alimentos, mais farináceos, mais proteínas, açúcares etc.; com o tempo se aprende” (Meneghetti, 2006, p. 104). Isso evidencia que a sensibilidade organísmica, quando desenvolvida, guia o indivíduo na escolha ótima e inteligente dos alimentos adequados ao momento, em vez de depender de prescrições genéricas ou dietas fixas.

A rejeição ao alimento industrializado e à conservação artificial também é uma postura ética e estética. O congelamento e as

manipulações químicas alteram a estrutura e a vitalidade dos alimentos, “é melhor não comprar comida congelada [...] porque no congelamento industrial são usadas substâncias que alteram os alimentos” (Meneghetti, 2006, p. 104) tornando-os menos compatíveis com a natureza do corpo humano. A Cozinha Viva propõe o consumo de alimentos em seu estado natural, valorizando a compra de produtos frescos, locais e, sempre que possível, cultivados com as próprias mãos, como demonstração de cuidado inteligente consigo mesmo.

A arte de cozinhar transcende a técnica e adquire um valor ontológico. Cada refeição preparada com consciência é uma ocasião de expressão criativa, uma possibilidade de realizar sabedoria a si mesmo “cozinhar é fazer sabedoria a si mesmo porque por trás da cozinha existe a possibilidade de metabolizar sapiência de vida” (Meneghetti, 2006, p. 106). Assim, os alimentos deixam de ser meros recursos energéticos e tornam-se veículos de prazer estético, de saúde orgânica e de autenticidade existencial, compondo um verdadeiro encontro entre natureza e inteligência humana.

4.1 A carne

O consumo de carne, na perspectiva ontopsicológica, exige consciência sobre a origem do alimento e, sobretudo, sobre o estado do animal no momento do abate. Meneghetti afirma que “a carne é frequentemente dura porque o animal foi morto enquanto justamente se enrijecia por resistência, por medo, por raiva, por ódio” (Meneghetti, 2006, p. 109). Tais estados emocionais são somatizados no tecido

muscular, e ao consumir essa carne, o ser humano também se alimenta dessas energias negativas. A carne ideal, portanto, é aquela oriunda de um animal que morreu em paz, sem sofrimento, pois retém a sua vitalidade e não carrega registros de estresse ou violência.

4.2 O peixe

Os peixes constituem uma fonte alimentar especial, pois sua nutrição é baseada em elementos energéticos como o plâncton, que é luz, é energia direta. Isso confere ao peixe uma qualidade vital única “possuem diferentes modos de nutrição, mas têm um particular, de base, que é energético” (Meneghetti, 2006, p. 119), pois ele incorpora em sua estrutura a essência primordial da vida. Para preservar essa vitalidade, o cozimento do peixe deve ser delicado e preciso, evitando-se o excesso de calor que destrói sua textura e energia.

4.3 As verduras

As verduras são essenciais para o pleno funcionamento da mente e do corpo, sendo descritas como portadoras de alta concentração de vitalidade energética “nos vegetais encontramos todos os elementos necessários para manutenção perfeita do corpo, mas sobretudo para se ter sempre a mente a pleno regime” (Meneghetti, 2006, p. 137). Sua preparação deve respeitar a integridade dos nutrientes, utilizando métodos como o cozimento suave ao vapor com azeite e alho, sem adição de sal ou condimentos artificiais. Além de nutritivas, muitas verduras e ervas possuem propriedades medicinais naturais

(Meneghetti, 2006). Plantas como dente de leão, erva doce e calêndula, malva, podem ser utilizadas na preparação de sopas terapêuticas, sendo eficazes no alívio de desconfortos estomacais e na restauração do equilíbrio orgânico.

4.4 As frutas

A fruta é considerada o alimento primordial da humanidade, pois concentra “energia solar” adquirida durante a fotossíntese (Meneghetti, 2006). O ideal é consumir frutas maduras, de origem local, para garantir sua plenitude nutricional e vitalidade. Frutas colhidas verdes e amadurecidas artificialmente perdem parte significativa de seu valor energético. Além de fornecerem açúcares simples facilmente assimiláveis, as frutas ajudam na digestão de alimentos mais densos, como carnes e queijos, promovendo um equilíbrio no metabolismo. Misturar frutas maduras aos pratos é uma forma de restabelecer a origem e a ternura do alimento, favorecendo a simbiose entre organismo e natureza.

5 Os alimentos funcionais e os benefícios da boa alimentação

Como se viu no item anterior, a preparação da alimentação deve seguir algumas regras elementares, de forma a gerar nutrição, prazer e, desse modo, reforçar a inteligência daqueles que se beneficiarão da obra de arte alimentar. Pode parecer estranho, mas a cozinha viva e o fruto de sua atividade é, sim, uma obra de arte, destinada a reforçar a identidade humana. Daí porque aquele ser humano que recebeu gratuitamente da grande

Vida um potencial diferenciado e, por este motivo, se sente chamado a ajudar a Criação, deve aprender a bem nutrir seu corpo, com prazer e reforço de inteligência.

Por isso, além de inteirar-se e praticar a cozinha viva, recomenda-se atenção à funcionalidade dos alimentos e seus benefícios, como vem sendo evidenciado recentemente por estudos científicos.

Nesse passo, o conceito de alimentos funcionais surgiu no Japão em 1991, ocasião em que foi criada a definição FOSHU (Foods for Specified Health Use) em referência aos alimentos que reforçam a saúde (Vizzotto, 2010). Segundo Vizzotto (2010), citando Mazza (2000), “... estes alimentos produzem comprovadamente um efeito específico sobre a saúde devido à presença de certos componentes bioativos, não alergênicos e que não apresentam riscos para a saúde”.

Há outras definições para o que se convencionou chamar de alimento funcional, como por exemplo, a diferenciação de alimento funcional e alimento nutracêutico, isto porque o alimento funcional tem aparência similar a do alimento convencional. Já o alimento nutracêutico “é um produto elaborado a partir de um alimento, mas vendido em formas farmacêuticas e apresenta propriedades fisiológicas benéficas contra doenças crônicas” (Vizzotto, 2010, p. 10). Todavia, ambos são produtos naturais que tem como objetivo a saúde do ser humano.

Vizzotto (2010), ainda refere que em cada fase da vida, o ser humano precisa adequar a sua alimentação, de forma a auxiliar o organismo a suprir as específicas necessidades. Para tanto, faz indicações para o período gestacional, primeira infância,

adolescência, fase adulta, etc., inclusive trazendo indicações específicas para os homens e para as mulheres. Às mulheres, na fase adulta, sugere a utilização de alimentos com isoflavonas, presentes na soja, benéficas para reduzir enxaqueca, sensibilidade mamária, cólicas e inchaço. Para os homens adultos, sugere a utilização de alimentos ricos em antocianina, presentes na uva, jabuticaba, morango, cereja, ameixa, açaí, beterraba, mirtilo, amora-preta, jambolão), eis que se constituem em alimentos altamente antioxidantes e anti-inflamatórios (Vizzotto, 2010, p. 11). Já para as pessoas acima de sessenta e cinco anos (Champ; Hoebler, 2009; Lucock; Yates, 2009), sugere a utilização da vitamina colina, “fundamental para o desenvolvimento cerebral humano, com atuação relacionada à função memória. Dentre os alimentos ricos em colina estão a lecitina de soja, o bife de fígado e a gema de ovo” (Vizzotto, 2010, p. 11). Para tanto, Vizzotto ainda sugere que por ocasião da aquisição dos alimentos industrializados é importante a verificação das informações nutricionais.

Os alimentos funcionais possuem compostos bioativos capazes de atuar como moduladores dos processos metabólicos, prevenindo o surgimento precoce de doenças degenerativas. Esses bioativos são também denominados de fitoquímicos. A planta os sintetiza a fim de elaborar um sistema de proteção contra agressores presentes no ambiente, e, portanto, algumas de suas funções podem ser de fungicida, de inseticida e/ ou antibacteriana. A produção destes compostos está diretamente ligada ao ambiente onde a planta se desenvolve, sendo que as plantas cultivadas naturalmente apresentam uma maior probabilidade de conter esses fitoquímicos (Vizzotto, 2010, p. 12).

Como exemplos de alimentos funcionais, fitoquímicos, função e onde são encontrados, confira-se a tabela abaixo,

gerada a partir das indicações de Vizzotto (2010) e Vieira (2003):

Quadro 1 - Principais fitoquímicos e suas funções

Fitoquímico	Função	Encontrado
Ácidos alfa-linoléicos	Estimulante sistema imunológico.	Nozes, amêndoas, óleo de soja e linhaça.
Beta-glucanos	Proteção doenças cardiovasculares.	Aveia, cevada, linhaça e milho.
Carotenoides	Precursores da Vitamina A. Mantém a saúde visual. Ação antioxidante e anticarcinogênica, evita enfartos, derrames cerebrais, por prevenirem coágulos sanguíneos. Outros carotenoides neutralizam os radicais livres, incrementam a comunicação intercelular, diminuem o risco de doença macular e câncer de próstata e de mama (licopeno, especificamente)	Cenoura, manga, abóbora, mamão, tomate, couve, agrião, espinafre e almeirão. Frutas e hortaliças coloridas (verdes, vermelhas e amarelas) e produtos de laticínios e ovos.
Fenóis e Polifenóis	Antioxidante, antialérgicos, anti-inflamatórios e anticarcinogênicos.	Uva, amora-preta, pêssego, mirtilo, pitanga, cereja, beringela, chá-verde e chá-preto. Frutas, chá e vinho tinto são ricos em flavonóides.
Fibras vegetais ou dietéticas	Fibras solúveis: previnem câncer no intestino, proporcionando volume e lubrificação as fezes; Fibras insolúveis, aumentam o bolo fecal, reduzindo a prisão de ventre e promovendo a formação de uma flora intestinal saudável.	Fibras solúveis: pectinas, gomas e mucilagens; Fibras insolúveis: celulose, lignina e hemicelulose.
Fitosteróis	Prevenção de doenças cardíacas, reduzem o colesterol e, se ingeridos com regularidade, inibem a absorção da fração LDL a partir do intestino delgado.	Verduras, frutas e legumes (feijões, amendoim, gergelim, grão-de-bico, soja, lentilhas, ervilhas).
Polissulfeto de alila	Controle da pressão arterial. Antioxidante e reduz a taxa de placas de gordura.	Alho e cebola.
Tocoferóis	Anticarcinogênico. Antioxidante.	Germe de trigo, semente de girassol, Caroço de algodão, óleo de dendê, amendoim, milho e soja.
Probióticos	Contém microorganismos vivos e promovem o balanço da microbiota intestinal (o mecanismo de ação dos probióticos ainda não é totalmente conhecido, mas hipoteticamente está relacionado à mudança do PH intestinal).	Bactérias lactáticas e algumas leveduras e bifidobactérias.
Prebióticos	Não digeríveis e estimulam o crescimento e a atividade de bactérias presentes no cólon. Não são absorvidos pelo intestino delgado, transformam a microbiota colônia em microbiota saudável e é capaz de induzir efeito fisiológico benéfico para a saúde, além de ser	Oligossacarídeos encontrados em frutas e cereais; Frutooligosacarídeos obtidos por meio da hidrólise da inulina, pela enzima inulase, ou industrialmente a partir da sacarose, por atuação da enzima fúngica obtida do fungo <i>Aspergillus niger</i> .

	metabolizado por bactérias benéficas no colon.	
Glucosinolatos, isotiocianatos, indóis	Responsáveis pelos processos de desintoxicação, alterando o metabolismo de estrogênios pelo desvio do sítio de hidroxilação e diminuem a metilação do DNA	Hortaliças (repolho, couve-flor, brócolis, couve-de-bruxelas, mostarda) e rabanete.
Saponinas	Antioxidante. Ligam-se a sais biliares e colesterol no tubo digestivo, impedindo sua absorção e tem ação citotóxica contra células tumorais.	Alimentos derivados de soja, leguminosas, nozes.
Sulfetos e tióis	Aumentam as enzimas da fase II e diminuem a atividade microbiana na conversão de nitrato e nitrito.	Alho, cebola e plantas da família das crucíferas (Folhas: agrião, couve, rúcula. Flores: couve-flor e brócolis. Raízes: nabo e rabanete).
Fosfatos de Inositol	No intestino ligam-se ao ferro e ao cobre. Podem gerar hidroxil-radicais pela reação de Fenton.	Cereais, soja e alimentos derivados.
Fitoestrogênios	Inibem a atividade tirosina-quinasa e induzem a apoptose.	Isoflavonas são encontradas em soja e alimentos derivados. Lignina, em hortaliças, linho e centeio.
Inibidores de Protease	Tripsina e quimotripsina. São de natureza proteica. O processamento térmico inativa quase totalmente as substâncias, que inibem o crescimento de células tumorais e o crescimento de células transformadas.	Soja e outros leguminosas de maior produção e, em menor teor, em cereais e hortaliças.

Fonte: elaborado pelos autores (2025) com base em Vizzotto (2010) e Vieira (2003).

Por fim, cumpre referir ainda que “Alimentos funcionais são alimentos que, graças à presença de componentes ativos, promovem benefícios à saúde, além daqueles proporcionados pela nutrição básica. Esta é a definição mais recente do *International Life Science Institute*. Segundo a *American Dietetic Association*, entram na categoria de alimentos funcionais aqueles alimentos integrais, fortificados, enriquecidos ou implementados (Vieira, 2003).

6 Alimentos inflamatórios e anti-inflamatórios

Apesar de comuns na dieta cotidiana, certos alimentos podem promover processos inflamatórios no organismo. Esse tipo de inflamação silenciosa contribui para o surgimento de doenças crônicas e

desequilíbrios metabólicos, prejudicando tanto o desempenho físico quanto a saúde mental. Segundo (Leal, 2024) adotar uma dieta rica em alimentos que contenham propriedades anti-inflamatórias ajudam e podem contribuir para a prevenção e controle de quadros inflamatórios, promovendo assim, saúde e equilíbrio do organismo.

Diversos alimentos possuem propriedades anti-inflamatórias e auxiliam o organismo no combate a processos oxidativos e inflamatórios. Frutas vermelhas são ricas em antocianinas, substâncias antioxidantes que ajudam a neutralizar inflamações celulares. Peixes ricos em ômega-3, possuem efeito protetor sobre o sistema cardiovascular e o sistema nervoso, reduzindo a produção de citocinas inflamatórias. O azeite de oliva extravirgem, sendo rico em polifenóis com ação antioxidante e anti-inflamatória, auxilia

na regulação metabólica e na proteção dos vasos sanguíneos. Além desses, vegetais como tomate, cebola, alho, gengibre e folhas verde-escuras também se destacam por conter compostos bioativos que atuam positivamente na modulação da inflamação (Leal, 2024).

O consumo desses alimentos no cotidiano e o uso de ingredientes naturais, frescos e sazonais, evitando produtos industrializados e valorizando a vitalidade intrínseca do alimento fortalece o corpo fisiologicamente, bem como favorece o equilíbrio psíquico e existencial, ao promover uma alimentação inteligente, estética e funcional, baseada na escuta organísmica.

7 O Em Si ôntico como critério de verificação e validação do alimento a escolher

Como acima já se afirmou, a Ciência Ontopsicológica descobriu, identificou e descreveu o critério base da vida, como formalizador do ser humano neste planeta, o Em Si ôntico. Esse critério de natureza, descoberto por Meneghetti, permite ao sujeito identificar o que reforça sua sanidade e o que, ao contrário, conduz à alienação e ao adoecimento.

O ponto de partida dessa verificação não está na mente racional, mas no primeiro cérebro: o organismo. A zona viscerotônica, também conhecida como plexo solar, é considerada o epicentro sensorial da proprioceptividade. Os antigos sábios orientais já reconheciam esse centro energético como sede do éter, sendo responsável por harmonizar a assimilação dos alimentos por meio da combustão entre éter e

fluidos, governada simbolicamente pelo fogo do quarto chacra. A harmonia entre esses três elementos éter, água e fogo define a eficiência metabólica e energética do organismo (Meneghetti, 2006).

Nesse contexto, Meneghetti afirma que em base ao paradigma atual, o que é científico é identificado como as descobertas e dados que por moral, ideologia, matemática etc. coincidem com os critérios e métodos convencionalmente ajustados e aceitos pelos cientistas e pela classe dirigente da cultura de cada tempo⁷. Ou seja, o assim definido conhecimento científico é feito em base a um critério⁸ convencional, não por dado da realidade.

A natureza, todavia, procede de outra forma. “O critério de natureza é uma medida que procede por evidência, responde a uma intenção de natureza e concretiza o objeto ou campo pré-escolhido. É a intencionalidade de natureza quando e como se evidencia” (Meneghetti, 2010, p. 147). A verdade nasce de mim que vejo, mediante a leitura interna de um fato, de um acontecimento fenomenológico. É uma evidência⁹, a univocidade com a natureza e, como o ser humano é posto pela natureza e essa leitura

⁷ “O critério convencional é aquele usado em todas as ciências chamadas exatas (estatística, matemática, física, medicina, química, etc). Os cientistas estabelecem um critério e, uma vez definido, procede-se ao longo de toda a demonstração através da aplicação do próprio critério. A ciência define-se objetiva se responde ao critério escolhido” (Meneghetti, 2010, p. 146).

⁸ “Gr. κρινω, julgo; κριτηριον, norma, regra para discernir o verdadeiro do falso. Princípio ou elemento que constitui o conforme ou disforme de uma coisa, a um projeto, a uma ação etc.” (Meneghetti, 2012, p. 69).

⁹ “*Lat. ex. vidente.* O que resulta da experiência daquele que vê. Implica uma exata relação de coincidência entre o objeto aberto e o íntimo de quem vê. O Em Si do objeto e a ideia ou forma de quem olha coincidem a ponto de consentir reversibilidade entre objeto e idéia” (Meneghetti, 2012, p. 111).

informacional é feita com o próprio organísmico¹⁰ e indica com precisão o campo ou o objeto intencional pré-escolhido. É a escolha, a decisão que é feita com base na intenção e na evidência. Portanto, o verdadeiro critério para uma alimentação funcional e saudável é o Em Si ôntico, princípio base que expressa a identidade, utilidade e funcionalidade do ser humano em sua forma mais autêntica e vital.

Meneghetti destaca que:

Esse cérebro é denominado Em Si organísmico e define a configuração também biológica do Em Si ôntico. É onde reside o nosso critério de sanidade, o feixe dos nossos instintos positivos como a sede, a fome, o erotismo, a coragem etc.', onde continuamente existe a ressonância nas partes orgânicas, sensoriais e epidérmicas do corpo e se dá a nossa experiência psicoemotiva (Meneghetti, 2006, p. 13).

Por isso, a sanidade depende da escuta sensível a esse campo interno. Conhecer e respeitar a própria ordem vital é reencontrar o critério da natureza inscrito na nossa própria estrutura biológica e psíquica.

A alimentação deve, portanto, seguir essa ordem interna de sanidade, não imposta por estereótipos nutricionais, mas percebida pela inteligência organísmica que reconhece o alimento justo, no momento certo. Neste sentido, a prática da Cozinha Viva consiste justamente em encontrar o Iso formal, a correspondência entre o desejo organísmico do Em Si ôntico e a substância química, física e até estética do alimento (Meneghetti, 2006). O organismo humano possui uma arte seletiva própria “o nosso organismo tem uma sua intrínseca arte, tem intrínseca uma

seleção: algumas coisas são rejeitáveis, outras são toleráveis, outras são estéticas, outras excelentes” (Meneghetti, 2006, p. 24). Essa arte é expressão do critério de natureza em ação.

Escolher um alimento, portanto, exige escuta e respeito à própria necessidade organísmica, procurando entender se o alimento corresponde ao momento vital, se é fresco, se é da estação, se foi preparado com vida e inteligência. Como ensina Meneghetti, um corpo gratificado responde vibrando junto com a inteligência do sujeito, por isso, alimentar-se bem é mais do que nutrir o corpo “é preciso ter este estilo de vida que é saúde de sabedoria” (Meneghetti, 2006, p. 14).

Nesse passo, para fazer cozinha viva e para selecionar do ambiente o que merece ser utilizado para a preparação de alimentação saudável e funcional, o critério de escolha e verificação é o Em Si ôntico de cada ser humano existente em coordenadas de espaço e tempo.

8 Os exercícios físicos

A busca por qualidade de vida tem se tornado cada vez mais presente na rotina das pessoas. Nesse contexto, a prática regular de exercícios físicos e a adoção de uma alimentação equilibrada são elementos fundamentais para a promoção da saúde física e mental, “exercitar-se, manter-se saudável e em forma são atitudes que trazem inúmeros benefícios, principalmente mais energia e produtividade” (Babauta, 2010, p. 121). Quando realizadas de forma conjunta e adequada, essas práticas oferecem benefícios

¹⁰ “Conjunto de funções materiais e psíquicas para uma unidade de ação. Contexto psicobiológico e espiritual. Presença de Em Si ôntico no orgânico humano” (Meneghetti, 2012, p. 198).

para o corpo e a mente, prevenindo doenças e promovendo bem-estar geral.

O exercício físico é reconhecido por sua capacidade de melhorar o funcionamento dos sistemas cardiovascular, respiratório e musculoesquelético. Ele contribui de forma direta para o fortalecimento dos músculos, aumento da resistência e melhora da circulação sanguínea. Já a alimentação saudável fornece ao organismo os nutrientes necessários para seu pleno funcionamento.

Manter uma rotina de exercícios físicos e alimentação equilibrada resulta em efeitos positivos: um corpo bem nutrido responde melhor aos estímulos do treinamento, evitando fadiga excessiva e lesões. Da mesma forma, a prática regular de exercícios contribui para a regulação do apetite e o equilíbrio do metabolismo, promovendo um controle mais eficiente do peso corporal. Do ponto de vista psicológico, a associação entre exercício físico e alimentação saudável também promove efeitos positivos. Não se deve esquecer que somos seres hilemórficos, feitos de corpo e alma; não basta somente cuidar daquela parte psicológica da alma, é preciso cuidar deste corpo que é a fenomenologia da alma, que nos dá a possibilidade de ação e de existir neste planeta.

A prática de atividades físicas libera hormônios como endorfina e serotonina, que estão ligados à sensação de prazer e bem-estar. Segundo (Babauta, 2010) o conjunto, uma alimentação rica em nutrientes e livre de elementos inflamatórios influencia diretamente na saúde mental, contribuindo para a redução da ansiedade, estresse e sintomas depressivos.

9 Os três modos da paz do corpo

O corpo humano, na perspectiva ontopsicológica, não é apenas um organismo biológico, mas a expressão concreta da subjetividade e da atividade psíquica do sujeito. Ele representa a "palavra da alma", sendo a manifestação histórica do espírito em sua trajetória existencial (Meneghetti, 2011). O corpo, portanto, concretiza o fluxo do Eu como autóctise histórica e é através da sua ordem que o espírito pode agir no mundo. Não se trata apenas de um objeto material, mas de uma fenomenologia viva, onde se manifestam as pulsões, potencialidades e a possibilidade de consciência plena de si mesmo como sujeito histórico e agente de sentido.

O primeiro modo de paz do corpo é aquele tradicionalmente considerado pela medicina: a saúde fisiológica, a eficiência biológica dos processos orgânicos. Meneghetti afirma que "a primeira paz é aquela objetiva do corpo normal no gerir os próprios processos" (Meneghetti, 2011, p. 284), o que corresponde à funcionalidade dos sistemas internos na manutenção da vida. Ainda que essa dimensão seja essencial, ela não esgota a complexidade da ordem corporal, pois trata-se de uma compreensão objetiva, que observa o fenômeno e não a causa. A medicina, nesse ponto, diverge da psicologia, pois esta busca a leitura subjetiva que transcende a simples causalidade biológica.

A segunda forma de paz se dá na ordem emocional. Trata-se de uma integração da atividade psíquica com a sensibilidade orgânica, em que se experimenta o corpo não como obstáculo, mas como espaço amigo e

colaborador da existência. Nesse estágio, as emoções não apenas são sentidas, mas compreendidas em sua causalidade, numa "percepção da emocionalidade circular", segundo Meneghetti (2011). Essa paz psicológica permite ao sujeito agir com maior lucidez e coerência entre o interno e o externo, dando base para uma racionalidade viva e ajustada ao real. A ausência de dor, o prazer sutil e a leveza somática indicam o funcionamento harmonioso do organismo em consonância com o Eu.

O terceiro modo de paz é o mais elevado: quando o corpo se torna invisível, espaço de liberdade e expressão do espírito. Meneghetti (2011) descreve esse estágio como aquele em que "o corpo é percebido como um fantasma, não é mais índice de limite, não existe" (Meneghetti, 2011, p. 285). Nesse ponto, há a integração plena entre sujeito e objeto, onde a atividade psíquica se torna tecidual e intercambiável com a realidade. Essa condição é alcançada quando a consciência se liberta de padrões culturais e estereótipos, realizando uma autenticidade plena, possível apenas por meio de um processo psicoterapêutico profundo e autêntico. Trata-se de viver em tal alinhamento com a própria intenção de vida que o corpo não mais pesa ou restringe, mas se dissolve em sua função de veículo da expressão do Eu.

Compreender e vivenciar esses três modos de paz corporal implica em adotar um estilo de vida que respeite as leis naturais do corpo, alimentação viva, movimento físico coerente e atuação em sintonia com o próprio projeto existencial. Como destaca o autor "não devemos antepor os estereótipos sociais às leis que presidem a vitalidade do nosso corpo" (Meneghetti, 2011, p. 285), pois estas

são expressões do universo cósmico e da vontade da grande mente. A paz do corpo, portanto, não é apenas ausência de doença, mas a manifestação harmônica do ser humano em sua totalidade, corpo, mente e espírito, em um contínuo de funcionalidade, prazer e sentido.

10 Considerações Finais

Esta pesquisa buscou apresentar a alimentação saudável, à luz da ciência ontopsicológica, alicerçada na identidade e funcionalidade do ser humano. A partir disso, evidenciou-se que o ato de se alimentar ultrapassa a esfera nutricional, constituindo um exercício de inteligência, estética e realização existencial.

Destaca-se assim, a proposta da Cozinha Viva, de Antonio Meneghetti, como prática central para um estilo de vida sadio. Essa proposta resgata o valor dos alimentos frescos, locais e sazonais, respeitando os ritmos naturais da vida e promovendo a continuidade da vitalidade do alimento no corpo humano. A alimentação, assim compreendida, não apenas nutre, mas participa da construção do sujeito, por meio da sabedoria implícita no ato de comer.

Contudo, foi possível compreender que os benefícios dos alimentos funcionais e anti-inflamatórios, que exercem papel preventivo e terapêutico, reforçam o sistema imunológico, equilibrando o metabolismo e reduzindo inflamações silenciosas que comprometem a saúde física e mental. O reconhecimento do impacto negativo de alimentos industrializados e a valorização de ingredientes vivos indicam uma postura

coerente e estética diante do próprio corpo e da natureza.

O Em Si ôntico como critério de natureza, é o fulcro para a escolha alimentar consciente. Trata-se de um princípio natural e interno que orienta o indivíduo para as escolhas que fortalecem sua identidade existencial. O organismo, compreendido como primeiro cérebro do homem, possui uma inteligência autônoma capaz de selecionar intuitivamente os alimentos que melhor se adaptam ao seu estado vital, evidenciando a necessidade de reconexão com a própria percepção orgânica.

Além disso, a prática regular de exercícios físicos demonstra-se como fundamental para potencializar os benefícios da alimentação. O movimento corporal ativa hormônios de bem-estar, regula o apetite e favorece o metabolismo, promovendo equilíbrio físico, emocional e mental. Juntas, alimentação e atividade física formam um ciclo virtuoso de saúde integral.

Considerando os três modos de paz do corpo, compreendeu-se que o corpo não é apenas suporte biológico, mas a expressão da subjetividade e da trajetória da alma. A paz fisiológica, emocional e espiritual representa diferentes níveis de integração e saúde. A cozinha viva, nesse contexto, atua como ponte entre corpo e consciência, permitindo ao sujeito viver em consonância com a própria verdade interna através do alimento saudável.

A proposta ontopsicológica de alimentação saudável, portanto, não se limita à ingestão de nutrientes, mas promove uma educação da percepção, do prazer e da responsabilidade existencial. Cozinhar e comer tornam-se práticas de

autoconhecimento e sabedoria, onde o sujeito deixa de seguir padrões externos e reencontra o próprio critério natural, que é inteligente, vivo e adaptado ao seu projeto de vida.

O trabalho evidencia que uma alimentação saudável, aliada à prática física e ao cultivo da paz do corpo, deve ser compreendida como um caminho de autenticidade existencial. A cozinha viva demonstra esse percurso, oferecendo não apenas saúde, mas também realização pessoal e coerência com o ritmo natural da vida.

Portanto, as descobertas que a Ciência Ontopsicológica formalizou e evidenciou, para a inauguração do novo paradigma científico, também tem aplicabilidade simples e direta na escolha dos alimentos de forma que estejam em identidade, utilidade e que sejam funcionais ao ser humano, gerando nutrição, prazer e reforço de inteligência. Constata-se, portanto, que são de aplicação simples e objetiva, inclusive para fazer Cozinha Viva e ajudar a reforçar aquilo que grande Vida deu gratuitamente ao ser humano. A exata escolha da seleção de o que comer, como preparar e em companhia de quem, merece atenção, eis que tudo, nesse contexto, é metabolizado e gera efeitos nas três velocidades energéticas que constituem o humano. Portanto, bem alimentar-se também exige protagonismo responsável.

Referências

- BABAUTA, L. **Quanto menos, melhor: concentre-se no essencial e livre-se do estresse**. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LEAL, K. **12 Alimentos anti-inflamatórios (para incluir na dieta)**. Tua Saúde, Rio de Janeiro, outubro de 2024. Disponível em: <https://www.tuasaude.com/alimentos-anti-inflamatorios/>. Acesso em: 29 de junho de 2025.

MENEGHETTI, A. **A Cozinha Viva**. 2. ed. rev. e ampl. Recanto Maestro, RS: Ontopsicologica Editrice, 2006.

MENEGHETTI, A. **A Arte de Viver dos Sábios**. 4. ed. rev. e ampl. Recanto Maestro, RS: Ontopsicologica Editrice, 2009.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, A. **Projeto Homem**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **Nova Fronda Virescit – Introdução à psicoterapia ontopsicológica -Instrumentos e aplicações**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicologica Editrice, 2006.

MENEGHETTI, A. **A Psicossomática na Ótica Ontopsicológica**. 4. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019.

VIZZOTO, M. **Alimentos funcionais: conceitos básicos**. Márcia Vizzotto, Ana Cristina Krolow e Fernanda Cardoso Teixeira. – Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2010. 20 p. – (Embrapa Clima Temperado. Documentos, 312). ISSN 1516-28840.

VIEIRA, E. C. Alimentos Funcionais. **Revista Med Minas Gerais**, v. 13, n. 4, 2003.

A INFLUÊNCIA DO TEMPERAMENTO NA ESCOLHA DE CLASSES EM JOGOS MULTIPLAYER

Thales Cogo¹

Resumo: O presente artigo analisa a relação entre perfis comportamentais, à luz do modelo DISC, e as preferências de escolha de classe em jogos eletrônicos multiplayer com composição de equipe. O objetivo principal é investigar se determinados traços de personalidade se associam a funções específicas dentro de jogos competitivos online, tomando como referência títulos como Overwatch 2 e Battlefield 6. A pesquisa adotou abordagem qualitativa de caráter exploratório, combinando revisão bibliográfica sobre personalidade e comportamento em games com uma pesquisa de campo aplicada a 47 jogadores, majoritariamente jovens adultos do sexo masculino, com alta frequência de jogo. O instrumento de coleta contemplou perfil DISC, classe preferida e percepções sobre o próprio estilo de atuação em equipe. Os resultados indicam padrões consistentes entre teoria e prática: jogadores com perfil de Dominância tendem a preferir funções de Dano ou Assalto, enquanto perfis de Estabilidade se concentram em Suporte, Médico ou Tanque, e perfis de Conformidade aparecem associados a Sniper e Reconhecimento. Participantes com perfil de Influência mostraram distribuição mais difusa entre classes, destacando-se pela comunicação ativa com o time. Conclui-se que a personalidade influencia a tomada de decisão estratégica em ambientes multiplayer, embora os achados devam ser interpretados à luz das limitações da amostra e do método.

Palavras-chave: temperamento; jogos multiplayer; Perfil DISC; comportamento *gamer*.

The influence of temperament on the choice of classes in multiplayer games

Abstract: This article analyzes the relationship between behavioral profiles, in light of the DISC model, and class choice preferences in multiplayer electronic games with team composition. The main objective is to investigate whether certain personality traits are associated with specific roles within competitive online games, taking titles such as Overwatch 2 and Battlefield 6 as a reference. The research adopted a qualitative exploratory approach, combining a literature review on personality and behavior in games with field research applied to 47 players, mostly young adult males, who play frequently. The data collection instrument included DISC profile, preferred class, and perceptions of one's own team performance style. The results indicate consistent patterns between theory and practice: players with a Dominance profile tend to prefer Damage or Assault roles, while Stability profiles focus on Support, Medic, or Tank, and Compliance profiles appear to be associated with Sniper and Recon. Participants with an Influence profile showed a more diffuse distribution among classes, standing out for their active communication with the team. It is concluded that personality influences strategic decision-making in multiplayer environments, although the findings should be interpreted in light of the limitations of the sample and the method.

Keywords: temperament; multiplayer games; DISC Profile; gamer behavior.

La influencia del temperamento en la elección de clases en los juegos multijugador

Resumen: Este artículo analiza la relación entre los perfiles de comportamiento, a la luz del modelo DISC, y las preferencias de elección de clase en los juegos electrónicos multijugador con composición de equipos. El objetivo principal es investigar si ciertos rasgos de personalidad están asociados con roles específicos dentro de los juegos competitivos en línea, tomando como referencia títulos como Overwatch 2 y Battlefield 6. La investigación adoptó un enfoque exploratorio cualitativo, combinando una revisión bibliográfica sobre la personalidad y el comportamiento en los juegos con una investigación de campo aplicada a 47 jugadores, en su mayoría hombres jóvenes adultos, que juegan con frecuencia. El instrumento de recopilación de datos incluyó el perfil DISC, la clase preferida y las percepciones del propio estilo de rendimiento del equipo. Los resultados indican patrones consistentes entre la teoría y la práctica: los jugadores con un perfil de Dominancia tienden a preferir roles de Daño o Asalto, mientras que los perfiles de Estabilidad se centran en Apoyo, Médico o Tanque,

¹ Graduando em Sistemas de Informação pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). E-mail: thalescogo@outlook.com

y los perfiles de Cumplimiento parecen estar asociados con Francotirador y Reconocimiento. Los participantes con un perfil de Influencia mostraron una distribución más difusa entre las clases, destacando por su comunicación activa con el equipo. Se concluye que la personalidad influye en la toma de decisiones estratégicas en entornos multijugador, aunque los resultados deben interpretarse teniendo en cuenta las limitaciones de la muestra y el método.

Palabras clave: temperamento; juegos multijugador; Perfil DISC; comportamiento de los jugadores.

1 Introdução

O Brasil vem ampliando sua participação no setor de games com um crescimento estimado em 169% entre 2018 e 2022, conforme levantamento da Associação Brasileira dos Desenvolvedores de Jogos Digitais em parceria com a Agência Brasileira de Promoção de Exportação e Investimentos (Cardoso; Gusmão; Harris, 2023). Em 2022, o país alcançou o quinto maior mercado consumidor do planeta, com cerca de 101 milhões de jogadores, segundo a Newzoo. Já em volume de recursos, o país ficou em 10º lugar em 2022, movimentando R\$ 2,2 bilhões. (SEBRAE RS, 2023)

Em 2025, a Pesquisa Game Brasil revela que 82,8% dos entrevistados têm o hábito de jogar jogos eletrônicos, um aumento de 8,9% em relação a 2024. Tal pesquisa também mostra que 42,3% da geração Alpha, entre 10 a 15 anos, jogam online todos os dias (GO GAMERS, 2025). O aumento dos jogos multijugador online cooperativos, onde estranhos formam equipes para alcançar um objetivo comum, gera dinâmicas sociais intrigantes nesses *games*. Na era da personalização digital e da gamificação, é cada vez mais relevante compreender como fatores internos, como o temperamento, influenciam a experiência do usuário nos jogos. O interesse dos autores nesta pesquisa foi entender como os jogadores selecionam suas classes de personagem de acordo com o seu perfil temperamental. Essa escolha é uma interação

complexa, exigindo que o jogador equilibre sua preferência pessoal com a necessidade de garantir um equilíbrio de classes na equipe.

Em *Overwatch* ², por exemplo, os jogadores se dividem em equipes de seis contra seis, agrupados em categorias como Dano, Tanque e Suporte. O objetivo principal do jogo é trabalhar em equipe para completar tarefas, como capturar pontos de controle ou escoltar cargas, enquanto enfrentam a equipe adversária. Já em *Battlefield 6* ³, os jogadores podem escolher entre Assalto, Engenheiro, Suporte (Médico) e Reconhecimento (Franco-Atirador), formando batalhas massivas com até 64 jogadores em cada time.

Este trabalho parte de uma observação recorrente durante a nossa vivência pessoal em jogos online, onde padrões de comportamento pareciam se repetir conforme o perfil dos jogadores e para analisar as possíveis correlações entre temperamento e preferências por classes, este estudo utilizará como base o modelo comportamental do Teste DISC (Dominance, Influence, Steadiness, Conscientiousness) que difere os indivíduos entre Dominância (Colérico), Influência (Sanguíneo), Estabilidade (Fleumático) e Conformidade (Melancólico). Com base na ideia que se originou na Grécia Antiga com Hipócrates (c. 400 a.C.), que a propôs como a “Teoria dos Quatro Humores”. Ele acreditava

² *OVERWATCH* 2. **Blizzard Entertainment**. Disponível em: <https://overwatch.blizzard.com/pt-br>. Acesso em: 04 dez. 2025.

³ *BATTLEFIELD 6*. **Electronic Arts**. Disponível em: <https://www.ea.com/games/battlefield>. Acesso em: 04 dez. 2025.

que o equilíbrio de quatro fluidos corporais (sangue, bile amarela, bile negra e fleuma) determinava a saúde e o temperamento da pessoa (Marston, 1928). Dessa forma, este estudo busca responder o seguinte problema de pesquisa: **Como os traços de temperamento influenciam a escolha de classes em jogos multiplayer online?**

2 Trabalhos Relacionados

O comportamento dos jogadores em ambientes digitais, em especial nos jogos multiplayer online, tem sido objeto de grande interesse e análise, onde decisões estratégicas individuais impactam diretamente o desempenho coletivo. Nesse contexto, o presente artigo apoia-se em trabalhos anteriores que analisam a interação entre perfis psicológicos e decisões de jogo, com o objetivo de fundamentar a hipótese de que o temperamento influencia a escolha de classes e personagens.

Wang, Sapienza, Culotta e Ferrara (2019) analisaram a relação entre traços de personalidade e o comportamento de 811 jogadores em *League of Legends*, um jogo multiplayer por equipes. Os autores identificaram que jogadores com traços de extroversão e abertura à experiência tendem a adotar posturas mais ofensivas, enquanto jogadores com alta amabilidade (*Agreeableness*) preferem papéis de suporte. Eles utilizam o BIG5 Ten Item Personality Inventory (TIPI) (Gosling, 2003) que é um questionário breve de 10 itens que mede os cinco traços amplos de personalidade: Extroversão, Amabilidade, Conscienciosidade, Estabilidade Emocional e Abertura à Experiência. Os achados reforçam a ideia de

correlação entre perfil comportamental e papel desempenhado no jogo.

Nessa mesma linha, mas focando especificamente em classes de personagem, Hodges e Buckley (2018) estudaram mais de 1000 jogadores de *Overwatch*, fazendo entrevistas sobre as escolhas de personagens no jogo e vários testes psicométricos. Eles descobriram que o “tipo” de jogador (Matador, Protagonista, Destaque) se caracterizava por seu gênero e nível baixo de amabilidade. Também foi identificado que os que se classificam altamente socializadores ou realizadores eram mais propensos a escolherem personagens para alcançar uma equipe equilibrada, em vez de preferência pessoal.

3 Método

3.1 Objetivos

Geral: Investigar a influência dos traços de temperamento, segundo o modelo comportamental DISC, na escolha de classes por jogadores em jogos eletrônicos multiplayer online.

Específicos:

- Realizar um levantamento teórico sobre o modelo DISC e sua aplicabilidade em contextos de análise comportamental.
- Identificar os padrões de escolha de classes em jogos multiplayer.
- Estabelecer correlações entre os perfis DISC e as preferências de classes (Dano, Suporte, Tanque, etc.) com base em dados de literatura, observações empíricas e pesquisa de campo.

3.2 Tipo de Pesquisa

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória, com base na análise bibliográfica e na coleta de dados primários por meio de questionário estruturado, fundamentado no modelo DISC como referencial interpretativo para analisar padrões descritos na literatura e em relatos observacionais do autor.

3.3 Sujeitos de Pesquisa

Os sujeitos desta pesquisa são jogadores de jogos multiplayer online, que responderam voluntariamente ao formulário digital elaborado com base no Teste DISC. A amostra foi composta por 47 participantes, com faixa etária entre 18 e 34 anos. A participação foi anônima, e os dados foram utilizados exclusivamente para fins acadêmicos.

3.4 Instrumentos para Coleta de Informações

- Artigos científicos obtidos em bases como Google Scholar, Scielo e ResearchGate, com foco em comportamento gamer e psicologia dos jogos;

- Um formulário online com questões de perfil demográfico (idade, gênero e frequência que joga), preferência de escolha (Qual função/classe você costuma escolher em jogos com composição de equipe?) usando funções/classes dos jogos *Overwatch 2* (Blizzard Entertainment, 2022) e *Battlefield 6* (Electronic Arts, 2025), motivação da escolha (Você costuma escolher sua classe com base em: Preferência pessoal, Necessidade da equipe, Desempenho técnico ou Aleatório) e temperamento de acordo com o teste DISC.

3.5 Análise da Informação

A análise combinou uma abordagem qualitativa interpretativa dos textos acadêmicos e uma análise exploratória dos dados obtidos via formulário, categorizando os participantes conforme os perfis DISC (Dominância, Influência, Estabilidade e Conformidade) e verificando suas preferências de classe. Os dados quantitativos foram sintetizados em gráficos e tabelas descritivas para facilitar a visualização das tendências observadas.

4 Discussão e Resultados

4.1 Resultados da Pesquisa Bibliográfica

A partir da análise dos dados encontrados na literatura e da observação de padrões recorrentes em ambientes de jogos multiplayer, foi possível identificar possíveis relações entre os perfis comportamentais do modelo DISC e as preferências de escolha de classe dos jogadores.

Dominância (D) → Classes ofensivas e de impacto direto

Jogadores com perfil de **Dominância** tendem a buscar controle, protagonismo e resultados rápidos. Demonstram alto foco em metas. Nos jogos analisados, esse perfil apresentou forte tendência à escolha de classes **ofensivas** e de **iniciativa estratégica**, como:

- *Dano* (*Overwatch 2*): personagens voltados para ataque direto e protagonismo na linha de frente;
- *Assalto* (*Battlefield 6*): classe ofensiva com mais opções e vantagens em

combates diretos com foco na eliminação de inimigos.

Esse padrão condiz com os estudos (Wang; Sapienza; Culotta; Ferrara, 2019) que associaram traços de extroversão e iniciativa a jogadores que preferem papéis ofensivos e decisivos.

Influência (I) → Classes dinâmicas e de interação

O perfil de Influência caracteriza-se por entusiasmo, sociabilidade e desejo de reconhecimento. Esses jogadores tendem a escolher classes que os coloquem em constante interação com os demais, auxiliando aliados, liderando táticas ou desempenhando papéis **flexíveis**. As classes observadas incluem:

- *Tanque* (Overwatch 2): Personagens com grande presença, que se destacam por abrir caminho e receber atenção constante do suporte;
- *Jogador de Tanque de Guerra* (Battlefield 6): Posição de alta responsabilidade e que requer comunicação e coordenação da equipe ao redor.

Esse perfil se aproxima de jogadores com traços altos de abertura e extroversão, conforme identificado nos estudos analisados.

Estabilidade (S) → Classes de suporte e manutenção

Jogadores com perfil de Estabilidade são cooperativos, leais, metódicos e avessos a mudanças súbitas. Em jogos multiplayer,

demonstram preferência por funções que envolvam **apoio contínuo**, **proteção** de equipe e **equilíbrio tático**. Isso inclui:

- Suporte / Curandeiro (Overwatch 2 e Battlefield 6): fornecimento de cura, vantagens, escudos e estabilidade ao grupo;
- Engenheiro (Battlefield 6): papel técnico voltado à manutenção e neutralização de veículos e equipamentos.

Esses jogadores frequentemente demonstram grande comprometimento com a equipe e tendem a adotar uma postura mais reativa do que proativa.

Conformidade (C) → Classes técnicas, analíticas ou de precisão

O perfil **Conformidade** é associado a indivíduos analíticos, cautelosos e focados em regras. Jogadores com esse perfil tendem a preferir papéis que exigem **precisão**, **controle** e **planejamento**. Nos jogos observados, isso se traduz em:

- *Reconhecimento (Sniper)* (Battlefield 6): classe de longo alcance, com alto grau de análise do campo de batalha;
- *Personagens técnicas ou com curva de aprendizado alta* (Overwatch 2): que exigem domínio de tempo, mecânicas e posicionamento.

Esse perfil é menos comum entre jogadores iniciantes, mas muito presente em usuários experientes e meticolosos, como indicam os dados da literatura.

Quadro 1 - Tabela Características/Classes

Perfil DISC	Características principais	Classes mais associadas
Dominância (D)	Protagonismo, competitividade, foco em resultados	Dano, Assalto
Influência (I)	Sociabilidade, entusiasmo, presença	Tanque, híbridos de suporte
Estabilidade (S)	Constância, colaboração, paciência	Suporte, Curandeiro, Engenheiro
Conformidade (C)	Análise, precisão, respeito a regras	Sniper, Reconhecimento, personagens técnicos

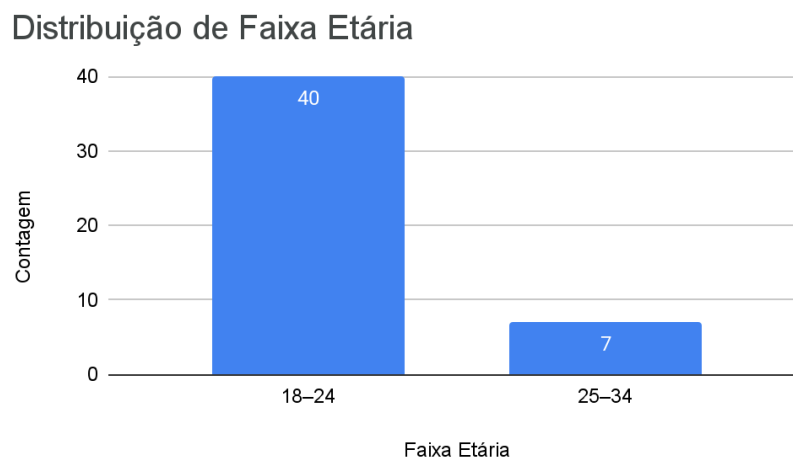
Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Com base nesses achados, pode-se afirmar que **os traços comportamentais do DISC são compatíveis com padrões observados de escolha de classe em jogos multiplayer online**, reforçando a hipótese de que a personalidade influencia diretamente a tomada de decisão estratégica nesses ambientes.

Essas interpretações, ainda que preliminares, abrem espaço para investigação com aplicação direta do teste DISC em amostras reais de jogadores feita nesta pesquisa.

4.2 Resultados da Pesquisa de Campo

Identificação da faixa etária do público-alvo utilizado na pesquisa, como apresentado no gráfico da Figura 1, apresentando majoritariamente que os participantes têm entre 18 e 24 anos.

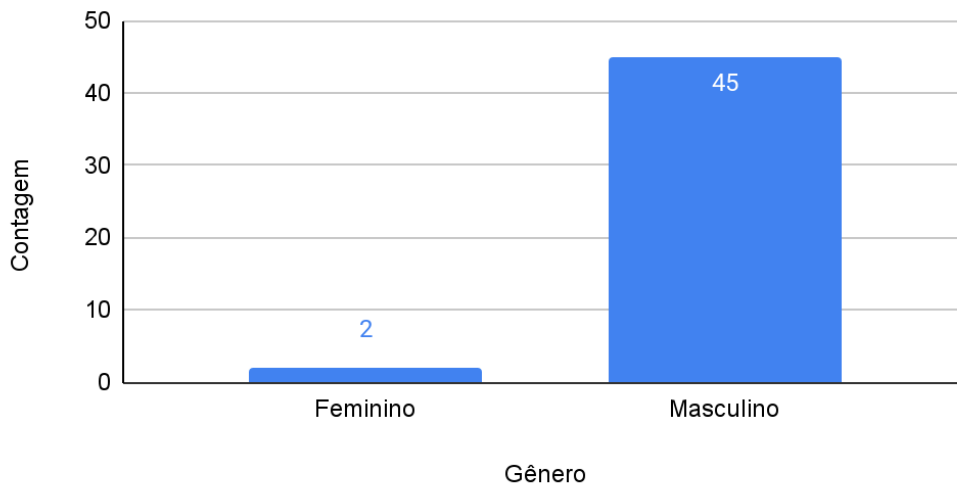
Figura 1 - Gráfico Faixa Etária

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Quanto ao gênero, 95% dos respondentes se identificaram como masculinos e 5% como femininos, evidenciando que a amostra é predominantemente masculina.

Figura 2 - Gráfico Distribuição de Gênero

Distribuição de Gênero

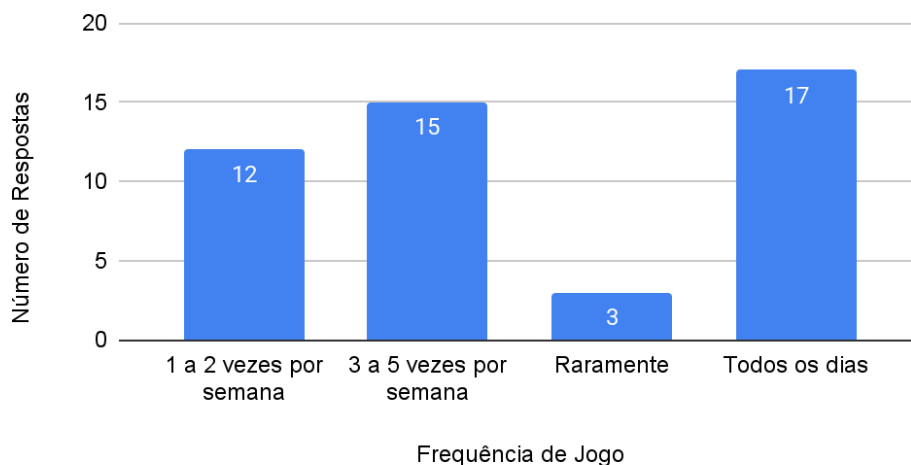


Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Sobre frequência de jogo, a maior parte declarou jogar todos os dias 36,17%, seguido de 3 a 5 vezes por semana com 31,91, o que reforça que os participantes possuem envolvimento consistente com o ambiente multiplayer, condição relevante para a análise do vínculo entre estilo de jogo e perfil comportamental.

Figura 3 - Gráfico Frequência de Jogo

Frequência de Jogo dos Participantes



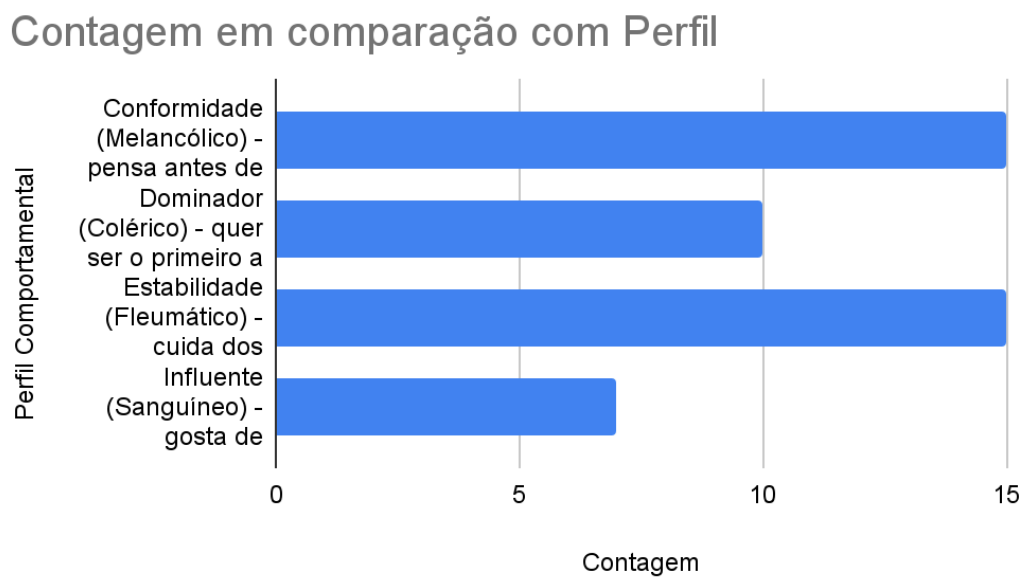
Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A amostra, majoritariamente composta por jogadores experientes (18-24 anos) com alta frequência de jogo semanal (quase 70% jogando diariamente ou 3-5 vezes/semana), sugere que o

engajamento intenso no competitivo online leva a escolhas de classe estáveis e conscientes, não casuais.

No que se refere ao perfil comportamental baseado no modelo DISC, os dados apontaram que 31,91% dos participantes se identificaram com o perfil Conformidade (Melancólico), 31,91% com o perfil Estabilidade (Fleumático), 21,28% com Dominador (Colérico) e 14,89% com Influente (Sanguíneo).

Figura 4 - Gráfico Contagem em comparação com Perfil

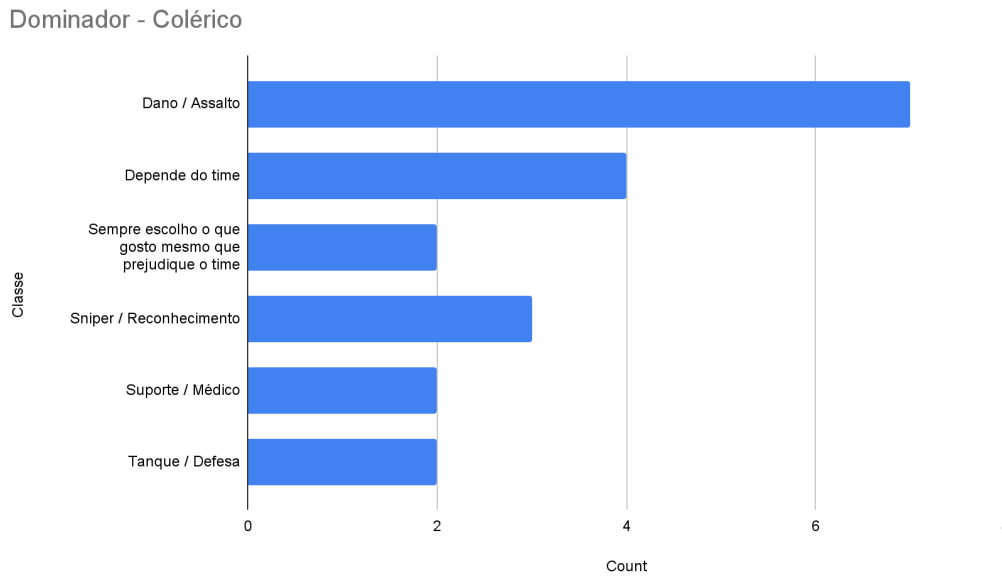


Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Essa distribuição demonstra a predominância de perfis mais introspectivos que caracterizam o estereótipo dos entrevistados, mas ainda sim, oferecendo um panorama comportamental diverso, que permite relacionar tendências de personalidade com preferências de atuação dentro dos jogos.

A partir do cruzamento entre perfil DISC e preferência de classe, observou-se padrões que dialogam com a literatura discutida na fundamentação teórica. Entre os participantes que se identificaram com o perfil **Dominador**, verificou-se maior concentração na escolha de funções de **Dano/Assalto** compatíveis com características de busca por protagonismo e alto impacto desse perfil.

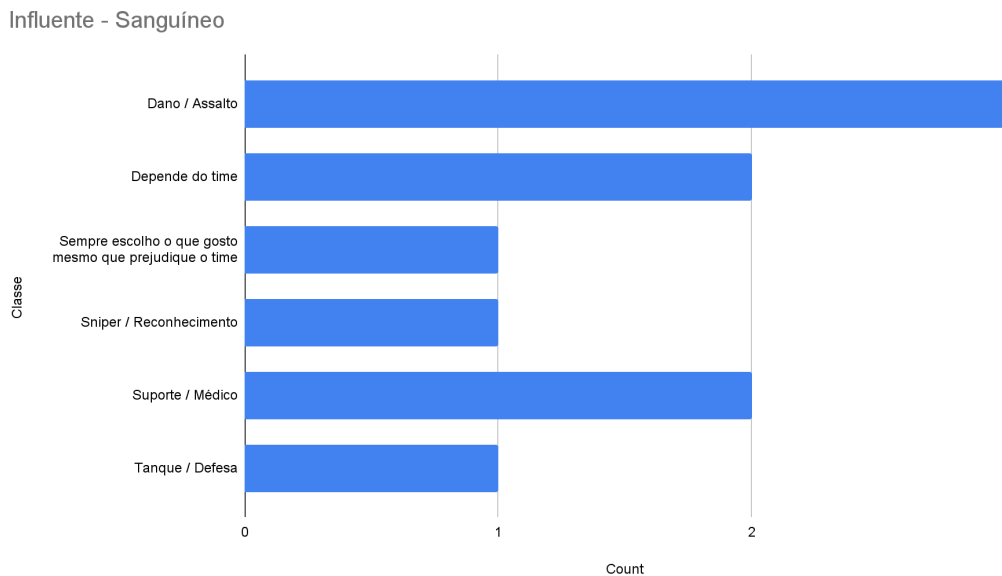
Figura 5 - Gráfico Colérico



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Jogadores com perfil **Influente** apresentaram incidência bem diversificada de funções, demonstrando que jogadores desse perfil não são estereotipados a uma classe ou função específica, sendo assim tendo como o seu diferencial a comunicação ativa, incentivo e coordenação do time.

Figura 6 - Gráfico Sanguíneo

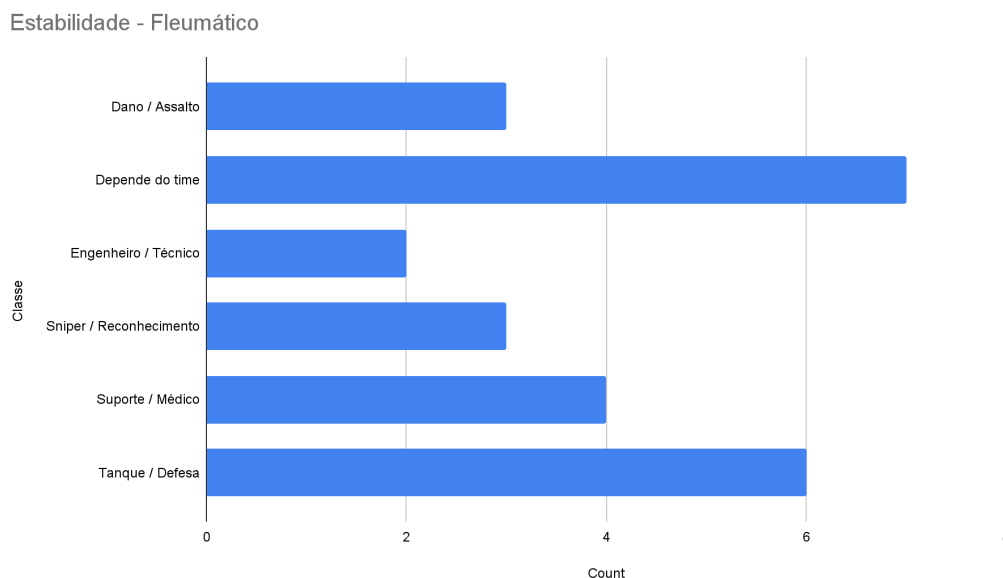


Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

O perfil **Estabilidade** apareceu associado, em maior proporção, às funções de **Suporte/Médico, Tanque/Defesa** e escolhas “dependendo da necessidade da equipe”, o que é

coerente com a disposição deles se doarem pelo time, iniciativa para proteger aliados, manter a coesão do grupo e evitar conflitos diretos.

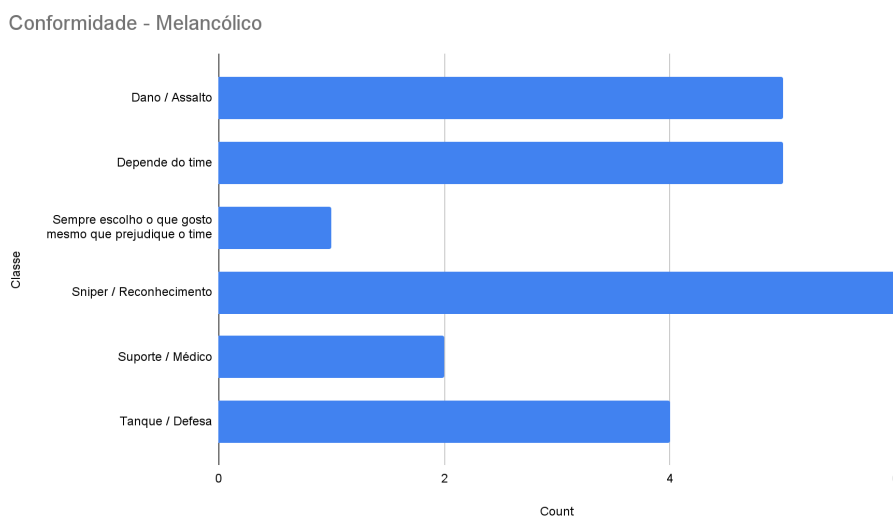
Figura 7 - Gráfico Fleumático



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Já o perfil **Conformidade (Melancólico)** mostrou maior presença entre jogadores que optam por **Sniper/Reconhecimento**, escolha que casa com o perfil mais solitário do público melancólico, indicando preferência por funções que exigem análise, precisão, disciplina tática e atenção a detalhes.

Figura 8 - Gráfico Melancólico



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Conforme análise dos resultados obtidos na pesquisa de campo, é identificável que grande parte corrobora com a hipótese do estudo e ao mesmo tempo que também é identificável uma nuance importante sobre o perfil de influência.

Em primeiro lugar, observa-se um alinhamento claro entre a maioria dos perfis DISC e suas classes preferenciais: o **Dominador** concentra-se em funções de **Dano/Assalto**, em busca de impacto direto e protagonismo; o **Estabilidade** manifesta-se em funções de **Suporte/Médico**, **Tanque/Defesa** e na flexibilidade de escolha pela “necessidade da equipe”, confirmando sua natureza colaborativa e de manutenção do grupo; e o **Conformidade** opta por **Sniper/Reconhecimento**, papéis que exigem precisão, análise tática e uma postura mais observadora. Esses achados validam a ideia de que a personalidade serve como um vetor para a tomada de decisão estratégica do jogador, que instintivamente gravita em torno de funções que maximizam o uso de seus traços comportamentais inatos.

O ponto de maior debate e relevância é encontrado no perfil **Influente**. Enquanto na revisão bibliográfica que o associa a classes dinâmicas ou de interação (Hodges; Buckley, 2018), os dados de campo apontaram uma distribuição mais difusa, reforçando que o diferencial deste perfil pode não ser a classe em si, mas a **forma de atuação**. A ênfase na comunicação ativa e coordenação da equipe, conforme citado pelos próprios participantes, sugere que o valor do jogador Influente está na sua flexibilidade tática e capacidade de mobilizar o grupo, transitando entre funções para suprir a necessidade imediata do time.

Isso indica que, para o perfil Influente, a dimensão racional do jogo (liderança) é mais relevante do que o papel combativo ou de suporte fixo.

5 Considerações Finais

Os resultados da pesquisa bibliográfica indicam que há coerência entre os perfis comportamentais do modelo DISC e as preferências de escolha de classe em jogos multiplayer online. De forma geral, jogadores com alta Dominância (D) tendem a ocupar papéis ofensivos e de protagonismo, perfis de Influência (I) buscam funções de grande visibilidade e interação, sujeitos de Estabilidade (S) se concentram em funções de suporte e manutenção do time, enquanto perfis de Conformidade (C) se aproximam de classes técnicas, analíticas ou que exigem maior precisão e planejamento. Esse padrão dialoga com achados da literatura que relacionam traços de personalidade, como extroversão, iniciativa e cautela, com estilos de jogo mais ofensivos, colaborativos ou estratégicos.

Os resultados da pesquisa de campo indicam que, mesmo em uma amostra relativamente pequena (47 respondentes), é possível identificar relações consistentes entre os perfis comportamentais do modelo DISC e as preferências de atuação em jogos multiplayer com composição de equipe. O perfil da amostra é predominantemente entre 18 e 24 anos, com alta frequência de jogo semanal, e reforça que os respondentes possuem envolvimento intenso com o ambiente competitivo online, condição que tende a tornar mais estáveis e conscientes suas escolhas de função dentro dos jogos.

Os dados apontam predominância dos perfis Conformidade (Melancólico) e Estabilidade (Fleumático), seguidos por Dominador (Colérico) e, em menor proporção, Influente (Sanguíneo). Mesmo com essa predominância de perfis mais introspectivos, observou-se um alinhamento claro entre traços comportamentais e papéis assumidos em jogo. Jogadores com perfil Dominador concentraram-se em funções de Dano/Assalto, coerentes com a busca por protagonismo, ação direta e impacto imediato nas partidas. Já o perfil Estabilidade apareceu ligado, sobretudo, a funções de Suporte/Médico, Tanque/Defesa e escolhas “dependendo da necessidade da equipe”, confirmando a tendência desses jogadores a proteger aliados, zelar pela coesão do grupo e assumir posições voltadas ao cuidado e à manutenção do time.

O perfil Conformidade (Melancólico) mostrou maior adesão a funções como Sniper/Reconhecimento, que exigem análise, precisão, disciplina tática e foco em detalhes, em sintonia com a postura mais solitária, observadora e meticulosa descrita por esse tipo de perfil. Por sua vez, os participantes que se identificaram com o perfil Influente apresentaram distribuição mais difusa entre as classes, reforçando a ideia de que seu diferencial não está tanto em uma função específica, mas na capacidade de comunicação ativa, incentivo e coordenação do time, transitando entre papéis conforme a necessidade da partida.

Diante desses achados, pode-se concluir que a pesquisa corrobora, em linhas gerais, os padrões apontados pela revisão bibliográfica: há evidências de que a personalidade, descrita pelo modelo DISC, influencia a forma como os jogadores se posicionam em jogos

multiplayer, quais responsabilidades tendem a assumir e como contribuem para a dinâmica de equipe. Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer as limitações do estudo, como o número reduzido de participantes, a forte concentração em um único recorte etário e de gênero e o uso de autoavaliação de perfil comportamental. Ainda assim, os resultados oferecem uma base empírica relevante para aprofundar investigações futuras, com amostras maiores e mais diversas, sobre a relação entre estilos de personalidade e tomada de decisão estratégica em ambientes digitais colaborativos e competitivos.

Referências

BLIZZARD ENTERTAINMENT. Overwatch 2. *In: Blizzard Entertainment*, 2022. Disponível em: <https://overwatch.blizzard.com/>. Acesso em: 13 nov. 2025.

CARDOSO, Marcos V.; GUSMÃO, Cláudio, HARRIS, Jonathan J. (Org). **Pesquisa da indústria brasileira de games 2023**. ABRAGAMES: São Paulo, 2023.

ELECTRONIC ARTS. Battlefield 6. *In: Electronic Arts*, 2025. Disponível em: <https://www.ea.com/games/battlefield>. Acesso em: 13 nov. 2025.

GO GAMERS. **Pesquisa Game Brasil (PGB)**. 2025. Disponível em: <https://www.pesquisagamebrasil.com.br/>. Acesso em: 21 out. 2025.

GOSLING, Samuel D. **Ten Item Personality Measure (TIPI)**. Austin: University of Texas at Austin, [s.d.]. Disponível em: <https://gosling.psy.utexas.edu/scales-weve-developed/ten-item-personality-measure-tipi/>. Acesso em: 28 nov. 2025.

HODGES, Duncan; BUCKLEY, Oliver. Deconstructing who you play: Character

choice in online gaming. **Entertainment Computing**, [S.l.], v.27, p.170–178, ago. 2018. Elsevier. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.entcom.2018.06.002>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1875952118300053>. Acesso em: 18 out. 2025.

MARSTON, William M. **Emotions of Normal People**. London: Routledge, 1928.

SEBRAE RS. **Tendências para a indústria de games em 2024**. Sebrae Digital, 29 dez. 2023. Disponível em: <https://digital.sebraers.com.br/blog/mercado/tendencias-para-a-industria-de-games-em-2024>. Acesso em: 21 out. 2025.

WANG, Zhao; SAPIENZA, Anna; CULOTTA, Aron; FERRARA, Emilio. and behavior in role-based online games. **arXiv preprint**, [S.l.], 2019. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/1905.08418>. Acesso em: 18 out. 2025.

ENTRE A FORMA E O VIVER: REFLEXÕES SOBRE O PRINCÍPIO VITAL NO PARADIGMA ARISTOTÉLICO E NA VISÃO DA CIÊNCIA ONTOPSICOLÓGICA

Arielly Di Cássia Silva dos Santos¹, Eveline de Oliveira Lima²

Resumo: O princípio vital é um dos temas mais recorrentes da tradição filosófica, desde os pré-socráticos até os sistemas contemporâneos. Este estudo insere-se no campo da filosofia e da Ontopsicologia, com o objetivo de analisar comparativamente a concepção de alma em Aristóteles e a noção de Em Si ôntico formulada por Antonio Meneghetti. Para tanto, utiliza-se como método a análise teórico-bibliográfica, a partir da obra *De Anima*, de Aristóteles, e das obras de Meneghetti, com ênfase na fundamentação teórica e nos aspectos conceituais. Como resultado, identifica-se convergências entre os autores, sobretudo quanto à compreensão da vida como princípio formal que orienta e atualiza o ser vivo, mas também divergências, já que Aristóteles adota uma perspectiva de ordem natural, enquanto Meneghetti enfatiza uma dimensão existencial personalizada, centrada na identidade e no projeto essencial do indivíduo. Conclui-se que o diálogo entre a filosofia clássica e a Ontopsicologia contribui não apenas para ampliar o entendimento sobre a vida, mas também para legitimar e enriquecer uma ciência contemporânea em expansão, evidenciando sua relevância social, prática e científica.

Palavras-chave: princípio vital; Aristóteles; Em Si ôntico; Ontopsicologia; filosofia contemporânea.

Between Form and Living: Reflections on the Vital Principle in the Aristotelian Paradigm and in the Vision of Ontopsychological Science

Abstract: The vital principle has been one of the most recurring themes in the philosophical tradition, from the pre-Socratics to contemporary systems. This study belongs to the field of philosophy and Ontopsychology, aiming to comparatively analyze the Aristotelian conception of the soul and Antonio Meneghetti's notion of the ontic In Sè. The method adopted is theoretical and bibliographic analysis, based on Aristotle's *De Anima* and Meneghetti's writings, with emphasis on theoretical foundations and conceptual aspects. The results indicate convergences between the authors, especially regarding life as a formal principle that guides and actualizes the living being, but also divergences, since Aristotle develops a universal teleological perspective, while Meneghetti stresses an existential and personalized dimension, centered on identity and the individual's essential project. It is concluded that the dialogue between classical philosophy and Ontopsychology not only broadens the understanding of life but also legitimizes and enriches contemporary science in expansion, highlighting its social, practical, and scientific relevance.

Keywords: vital principle; Aristotle; In Sè ontic; Ontopsychology; contemporary philosophy.

Entre la Forma y el Vivir: Reflexiones sobre el Principio Vital en el Paradigma Aristotélico y en la Visión de la Ciencia Ontopsicológica

Resumen: El principio vital es uno de los temas más recurrentes de la tradición filosófica, desde los presocráticos hasta los sistemas contemporâneos. Este estudio se inscribe en el campo de la filosofía y de la Ontopsicología, con el objetivo de analizar comparativamente la concepción del alma en Aristóteles y la noción de En Sí ôntico formulada por Antonio Meneghetti. Para ello, se utiliza como método el análisis teórico-bibliográfico, a partir de la obra *De Anima*, de Aristóteles, y de las obras de Meneghetti, con énfasis en la fundamentación teórica y en los aspectos conceptuales. Como resultado, se identifican convergencias entre los autores, sobre todo en lo que respecta a la comprensión de la vida como principio formal que orienta y actualiza al ser vivo; pero también divergencias, ya que Aristóteles adopta una perspectiva de orden natural, mientras que Meneghetti enfatiza una dimensión existencial personalizada, centrada en la identidad y en el proyecto esencial del individuo. Se concluye que el diálogo entre la filosofía clásica y la Ontopsicología contribuye no solo a ampliar la comprensión sobre la vida, sino también a legitimar y enriquecer una ciencia contemporânea en expansión, poniendo de manifiesto su relevancia social, práctica y científica.

Palabras clave: principio vital; Aristóteles; En Sí ôntico; Ontopsicología; filosofía contemporânea.

¹ Graduanda em Ontopsicologia (AMF). E-mail: ariellyzuga2015@gmail.com

² Graduanda em Ontopsicologia (AMF).

1 Introdução

A questão do princípio vital acompanha a filosofia desde seus primórdios, constituindo-se como uma das problemáticas centrais na tentativa de compreender a vida. Desde os pré-socráticos, que buscaram identificar uma *arché* fundamental nos elementos da natureza, até os grandes sistemas clássicos, diferentes concepções foram propostas para responder ao que anima e diferencia os seres vivos. Essa temática, marcada por diversidade de interpretações, demonstra não apenas a relevância intrínseca do problema, mas também sua persistência ao longo da tradição filosófica, revelando-se como um dos pontos de maior debate e reflexão na história do pensamento.

Neste trabalho, o foco recai sobre duas abordagens distintas e, ao mesmo tempo, complementares: a concepção aristotélica de alma, apresentada no tratado *De Anima*, e a formulação contemporânea de Antonio Meneghetti, que define o *Em Si ôntico* como princípio formal e inteligente da existência. Ao considerar a alma como ato primeiro do corpo natural que possui vida em potência, Aristóteles inaugura uma compreensão científica e sistemática do princípio vital. Já Meneghetti, por meio da *Ontopsicologia*, propõe uma leitura fenomenológico-experimental que identifica no *Em Si ôntico* o núcleo essencial do indivíduo, orientando suas potencialidades e sua realização pessoal.

O objetivo geral deste estudo consiste em analisar comparativamente as concepções de princípio vital em Aristóteles e Antonio Meneghetti, destacando tanto suas aproximações quanto suas diferenças. Como

objetivos específicos, busca-se: a) identificar como Aristóteles define a alma em sua obra *De Anima*; b) apresentar a noção de *Em Si ôntico* formulada por Meneghetti; e c) evidenciar os pontos de convergência e divergência entre ambos os pensadores no que diz respeito à compreensão da vida.

A escolha desse tema parte de motivações que conjugam o interesse filosófico com a relevância científica. Além de um apreço pessoal pela filosofia e pela tradição clássica, entende-se que dialogar concepções antigas com perspectivas contemporâneas é de grande valor para o avanço do conhecimento. Tal diálogo é particularmente importante no caso da *Ontopsicologia*, ciência interdisciplinar ainda jovem, que se encontra em fase de vanguarda e que pode se beneficiar da aproximação com debates já consolidados na história do pensamento. Refletir sobre o *Em Si ôntico* à luz da filosofia aristotélica é, portanto, uma maneira de dissipar e legitimar essa ciência dentro do campo mais amplo da reflexão filosófica e científica.

A justificativa para este estudo abrange três dimensões. Do ponto de vista social, trata-se de um tema que contribui para a compreensão da vida e da identidade humana, possibilitando reflexões que atravessam a existência cotidiana e os modos de ser no mundo. No âmbito prático, a *Ontopsicologia*, enquanto ciência interdisciplinar, pode ser aplicada em diversos contextos não apenas clínicos ou educacionais, mas também culturais, organizacionais e científicos em geral, e o estudo do *Em Si ôntico* revela-se de importância para a produção científica. Já no aspecto propriamente científico, este trabalho contribui para o diálogo entre a filosofia clássica e uma ciência contemporânea em

desenvolvimento, fortalecendo a interlocução entre tradições distintas e oferecendo novas perspectivas para o entendimento do princípio vital.

Por fim, a estrutura do ensaio organiza-se da seguinte forma: em primeiro lugar, apresenta-se a concepção de alma em Aristóteles, com destaque para a definição proposta no *De Anima* e para os níveis da alma. Em seguida, expõe-se a noção de Em Si ôntico segundo Antonio Meneghetti, com ênfase em suas características e implicações. Posteriormente, são discutidas as convergências e divergências entre ambos os pensadores. Por fim, apresentam-se as reflexões finais, que retomam os principais resultados alcançados e apontam as contribuições do estudo.

2 Fundamentação Teórica

2.1 Aristóteles e o conceito de alma

No *De Anima*, Aristóteles³ apresenta sua definição clássica da alma como “o ato primeiro de um corpo natural que possui a vida em potência” (Aristóteles, 2006, p. 72). Tal formulação evidencia que a alma não é concebida como uma entidade separada ou transcendente, mas como princípio vital que anima e organiza o corpo.

Diferentemente da tradição platônica⁴, que considerava a alma como uma substância independente e superior ao corpo, concebendo este último como uma prisão ou limite da

alma, Aristóteles entende ambos como uma unidade inseparável. Além disso, sua concepção rompe também com as visões dos filósofos pré-socráticos⁵, que interpretavam a alma a partir de princípios materiais da natureza, como água, ar, fogo ou terra. Assim, a originalidade aristotélica está em propor que a alma é a forma que atualiza e estrutura a matéria do organismo, fundamentando o hilemorfismo, segundo o qual corpo e alma constituem um composto indissociável que permite compreender o ser vivo como uma totalidade estruturada e funcional. No trecho a seguir, essa ideia é apresentada de forma detalhada:

Se for o caso, portanto, de apresentar uma definição geral aplicável a todos os tipos de alma, diremos que esta é o *ato primeiro de um corpo natural organizado*. Assim podemos descartar a questão de se a alma e o corpo constituem uma unidade: seria como se indagássemos se a cera e sua configuração constituem uma unidade, ou, (em termos gerais) a matéria de uma coisa e aquilo de que é a matéria (Aristóteles, 2021, p. 72).

Nas passagens posteriores, Aristóteles aprofunda a concepção hilemórfica ao esclarecer que não é o corpo que confere ato à alma, mas a alma que atualiza e organiza o corpo, tornando-o um ser vivo. Dessa forma, ele se distancia das perspectivas de seus predecessores, que concebiam a alma como algo inserido ou acoplado a um corpo de maneira externa. Para o filósofo, a alma não se ajusta ao corpo, mas o estrutura desde dentro, definindo suas funções e particularidades. É ela que imprime as singularidades próprias de cada organismo, manifestando-se de modo específico conforme a natureza de cada corpo. Nesse sentido, a alma não apenas anima a

³ Filósofo grego (384 a.C. - 322 a.C.).

⁴ Segundo o pensador, em seu livro intitulado *Fédon*, “[...] a alma revelar-se-á como substância simples, não sujeita à corrupção e à morte, enquanto o corpo, sua contrapartida mortal, é a parte visível e terrena, de que a alma terá em princípio de desligar-se para existir em si e por si” (Platão, 1988, p. 25).

⁵ Para maior compreensão acerca do tema, recomenda-se a leitura de: LAKS, André. **Introdução à filosofia pré-socrática**. São Paulo: Paulus, 2013.

matéria, mas também materializa predisposições que já estão em potência, possibilitando que se atualizem de acordo com as condições próprias de cada ser vivo.

Ora, visto que o composto é o ser animado, concluímos que não é o corpo que não é o corpo que é o ato da alma, mas ao contrário, a alma que é o ato de um dado corpo. Daí o acerto da opinião segundo a qual a alma não pode existir sem um corpo, ainda que não possa ser um corpo: não é um corpo, mas algo relativo a um corpo (Aristóteles, 2021, p. 77).

Neste contexto, Aristóteles distingue os seres animados dos inanimados com base no conceito de viver, que permite identificar aqueles dotados de alma. O viver apresenta múltiplos sentidos, incluindo intelecto, percepção, movimento, nutrição, crescimento e decadência. Diferentes seres manifestam essas faculdades em graus variados: organismos mais simples, como as plantas, possuem apenas algumas destas funções, como por exemplo a de nutrição, enquanto seres mais complexos, como os humanos, apresentam também intelecto, percepção, movimento e outras faculdades superiores, relacionadas à razão e à experiência consciente.

Com base nisso, Aristóteles estabelece três níveis de alma. A primeira é a vegetativa, presente em todos os seres vivos e responsável pelas funções mais elementares, como nutrição e reprodução. A segunda é a sensitiva, própria dos animais, que acrescenta a percepção sensorial e o movimento. Por fim, a intelectiva, exclusiva do ser humano, engloba as demais e se distingue pela capacidade de raciocínio e conhecimento. Essa graduação evidencia como cada forma de alma inclui e supera a anterior, culminando na racionalidade como característica específica da natureza humana.

Dessa maneira, a concepção aristotélica da alma não se limita a uma definição abstrata, mas se concretiza na organização vital que diferencia os seres vivos em graus, articulando corpo e alma como dimensões inseparáveis da mesma realidade.

2.2 Antonio Meneghetti e a definição do Em Si ôntico

O Em Si ôntico, segundo Meneghetti⁶, “é um princípio formal inteligente que faz autóctise histórica” (Meneghetti, 2010, p. 157). Ele atua como um projeto específico que determina as peculiaridades de cada indivíduo, evidenciando suas potencialidades inatas e orientando a forma do corpo e da existência. Cada Em Si ôntico é único, configurando a singularidade do ser e seus pontos fortes, ao mesmo tempo em que evidencia a si mesmo e propicia o autoconhecimento. Dessa forma, ele não apenas organiza a matéria corporal, mas também revela as capacidades próprias de cada existência, funcionando como um princípio inteligente que, ao se desenvolver, evidencia o próprio ser e suas interações com o mundo.

Além disso, o Em Si ôntico realiza um fazer autóctise histórica, caracterizado pelo desenvolvimento criativo da existência ao longo do tempo. Nesse sentido, ele cumpre um papel duplo: por um lado, se manifesta fenomenologicamente no corpo, formalizando a matéria e tornando visíveis as peculiaridades que lhe são próprias; por outro, orienta o crescimento individual, permitindo que o ser se desenvolva plenamente em suas potencialidades e se concretize historicamente. Assim, o Em Si ôntico articula simultaneamente o caráter formal da existência

⁶ Pensador italiano (1936 – 2013), fundador da Ontopsicologia.

e o devir existencial, sendo causa e fenômeno, princípio e manifestação.

Ademais, Meneghetti (2014, p. 119) ressalta que o estudo do Em Si ôntico se dá por meio de uma abordagem fenomenológico-clínica, permitindo que mesmo um clínico externo possa identificar a causa primeira do homem. Embora o Em Si ôntico em si não seja diretamente fenomênico, não se apresenta como objeto observável no primeiro dar-se e pôr-se, ele manifesta-se por suas consequências: o corpo, as potencialidades, as predisposições e o desenvolvimento pessoal. Dessa forma, é possível tocar essa realidade interior por meio das fenomenologias, observando como o princípio formal e inteligente se expressa na existência concreta do indivíduo e orienta seu crescimento e evolução, especialmente quando a pessoa se encontra em saúde e harmonia consigo mesma.

Dentre diversas características do Em Si ôntico, uma interessante de se citar no corpo do texto é a virtualidade (Meneghetti, 2010, p. 163), a qual se manifesta como a capacidade de conter um projeto amplo e disponível para se realizar ao longo do desenvolvimento do indivíduo. Embora existam outras características igualmente importantes, a virtualidade evidencia de forma clara como o Em Si ôntico é essencialmente potencial, dependendo do concurso de outras causas para se concretizar e transformando o que existe apenas como essência em realidade plena. No sentido positivo, essa manifestação implica auto reforço da própria identidade e crescimento pessoal, nas mais diversas esferas que permeiam a vida individual, permitindo que o ser desenvolva suas potencialidades e se transforme progressivamente em um ser

humano mais autêntico e mais consciente de si mesmo.

Finalizando a análise do conceito de Em Si ôntico, percebe-se que ele representa a potencialidade essencial do indivíduo, funcionando também como orientação para seu desenvolvimento pleno. Ao seguir esse princípio, cada pessoa tende a se tornar progressivamente mais autêntica e mais centrada em sua própria identidade, ampliando assim a compreensão das múltiplas dimensões de sua existência.

2.3 Reflexões ontopsicológicas do livro De Anima

A respeito do princípio da vida, conforme observa Meneghetti (2010, p. 81), os filósofos gregos foram os primeiros intelectuais laicos da história. Diferenciaram-se por buscar compreender o mundo sem recorrer à religião ou às convenções sociais de sua época, confiando apenas na razão e na própria percepção. Nesse horizonte, Aristóteles, em sua obra *De Anima*, inaugura uma reflexão que se afasta das explicações míticas e religiosas, propondo a primeira tentativa sistemática de compreender a alma a partir de um viés científico.

O tratado é dividido em três livros. No primeiro, Aristóteles retoma as concepções de seus predecessores, os pré-socráticos, que procuraram identificar o princípio vital (*arché*). Cada um formulou sua própria hipótese: Tales apontava a água, Heráclito o fogo, Anaxímenes o ar. Essas tentativas, embora fragmentárias, revelavam a busca inaugural por compreender aquilo que faz viver. Ao compilar e examinar essas perspectivas, Aristóteles não apenas dá

continuidade a essa tradição, mas também estabelece um método crítico e investigativo que se tornaria marca de sua filosofia.

No segundo livro, o filósofo expõe sua própria concepção. Ele descreve a alma como princípio de vida do corpo, aquilo que lhe dá movimento e torna possível suas funções vitais. Diferentemente de uma substância separada, a alma é, em Aristóteles, inseparável do corpo, sendo aquilo que o anima e possibilita a existência concreta.

Além do aspecto vital, Aristóteles também investiga os modos de conhecimento da mente humana. Afirma que a mente é capaz de conhecer porque observa, organiza e classifica as informações recebidas pelos sentidos. A partir desse processo, torna-se possível alcançar conclusões que ultrapassam a experiência imediata, articulando o conhecimento de maneira racional. Essa ênfase na capacidade da mente de construir sentido a partir da realidade sensível constitui uma das contribuições mais originais de sua filosofia.

Ao abordar a questão da alma, Aristóteles ocupa um lugar singular na história do pensamento. Seu esforço em compreender a vida e a mente sem recorrer a instâncias religiosas marca um ponto de inflexão na tradição ocidental. Como lembra Meneghetti (2010, p. 82), nele se condensa a maturidade do espírito grego e o fundamento de uma racionalidade que, séculos depois, ainda sustenta o edifício da ciência e da filosofia.

2.4 Principais convergências/confluências entre Aristóteles e Meneghetti em relação ao princípio vital

Aristóteles compreende a alma como o princípio vital que anima todos os seres vivos,

manifestando-se em diferentes funções, como a nutrição, a percepção e o intelecto. Trata-se, portanto, de um conceito universal que engloba desde as formas mais básicas de vida até a racionalidade humana. Meneghetti, por sua vez, centra sua análise na dimensão especificamente humana, ao identificar o Em Si ôntico como núcleo essencial que orienta o projeto existencial de cada indivíduo. Ainda que reconheça a existência de um Em Si em todas as coisas, é no homem que ele encontra sua expressão mais complexa, atuando como guia para a realização pessoal.

No que se refere ao acesso a esse princípio, Aristóteles defende que a alma pode ser conhecida a partir de suas funções observáveis, enquanto Meneghetti sustenta que o Em Si ôntico, por não ser diretamente fenomênico, só pode ser apreendido mediante a leitura de seus fenômenos existenciais, como a saúde, as escolhas (de acordo com seus resultados), e o desenvolvimento ao longo da vida.

Por fim, pode-se observar que, embora Aristóteles aborde a alma como princípio vital que estrutura a ordem dos seres vivos em graus distintos, e Meneghetti concentre-se no Em Si ôntico como núcleo essencial do homem, ambos convergem na valorização da realização da natureza própria de cada ser. Enquanto Aristóteles descreve essa dinâmica de modo universal e hierárquico, no sentido de cumprimento de funções, Meneghetti enfatiza uma leitura personalizada, existencial e voltada ao processo de autoconstrução do indivíduo.

3 Método

O presente trabalho adota uma abordagem qualitativa e bibliográfica, tendo como eixo

principal a análise de obras de referência. A pesquisa fundamenta-se sobretudo na leitura da obra *De Anima*, de Aristóteles, e de textos de Antonio Meneghetti que tratam do conceito de *Em Si ôntico*, além de comentários que auxiliam na compreensão dessas noções. A partir dessa base textual, desenvolve-se uma análise interpretativa voltada a identificar e discutir aproximações e diferenças entre a concepção aristotélica de *anima* e a proposta de Meneghetti do *Em Si ôntico*.

O procedimento metodológico consistiu em leitura e fichamento dos trechos considerados centrais, que foram posteriormente organizados em eixos temáticos de comparação. A análise foi realizada a partir de uma perspectiva hermenêutica, buscando interpretar o sentido dos conceitos no contexto original em que foram formulados e, em seguida, relacioná-los em chave comparativa.

Por tratar-se de um estudo bibliográfico, não houve coleta de dados empíricos. A confiabilidade do trabalho se apoia no uso direto de fontes primárias e em comentários selecionados que oferecem suporte interpretativo.

4 Resultados e Discussão

A comparação entre o conceito de alma para Aristóteles e o conceito de *Em Si ôntico* para Antonio Meneghetti revelou tantas aproximações importantes quanto diferenças que ajudam a entender melhor como cada autor concebe o princípio que dá vida e sentido aos seres vivos, especialmente ao ser humano.

Os resultados mostram, antes de tudo, que os dois pensadores enxergam a vida como algo que nasce de um princípio interno que

organiza, orienta e atualiza o existir. Para Aristóteles, a alma é aquilo que faz um corpo vivo ser o que é: ela estrutura a matéria, dá forma e torna possível suas funções vitais. Já para Meneghetti, o *Em Si ôntico* é um núcleo inteligente e essencial, uma espécie de orientação interna que conduz o desenvolvimento humano e expressa o projeto singular de cada pessoa. Em ambos, portanto, aparece a mesma ideia central: o ser vivo não é apenas um conjunto de partes, mas uma unidade regida por uma força interna que lhe dá direção e coerência.

Ao aprofundar essa comparação, porém, surgem diferenças claras. Para Aristóteles, o princípio vital tem um caráter universal e se aplica a todos os seres vivos, cada qual com o tipo de alma que lhe corresponde, vegetativa, sensitiva ou intelectiva. Sua abordagem parte da observação da natureza e das funções que cada tipo de ser consegue desempenhar. Além disso, para Aristóteles, a alma e o corpo são inseparáveis: a alma é a forma do corpo e não existe desligada dele.

Meneghetti segue um caminho diferente. Seu foco não está em todos os organismos vivos, mas especificamente no ser humano. O *Em Si ôntico* é entendido como o centro essencial que orienta a vida de cada indivíduo de maneira única, impulsionando-o a desenvolver suas próprias potencialidades ao longo da história pessoal. Ele não descreve níveis ou funções vitais universais, mas busca compreender o ponto de inteligência que guia cada pessoa em direção à sua realização plena.

Outra diferença importante aparece na forma como cada autor propõe acessar esse princípio vital. Aristóteles parte das operações visíveis, como nutrir-se, perceber, mover-se ou pensar, para entender o que é a alma. Já

Meneghetti afirma que o Em Si ôntico não se mostra diretamente, mas revela sua presença por meio de efeitos concretos na vida: saúde, escolhas acertadas, coerência existencial e crescimento pessoal. Enquanto Aristóteles olha para a natureza e para o comportamento dos seres vivos, Meneghetti olha para a ação, para a prática clínica e para a fenomenologia.

Apesar dessas diferenças de método e de foco, há um ponto que une profundamente os dois autores: ambos entendem a vida como a realização da própria natureza de cada ser. Para Aristóteles, isso significa cumprir plenamente as funções que correspondem ao tipo de alma. Para Meneghetti, significa atualizar constantemente o projeto de vida inscrito no Em Si ôntico. Em outras palavras, viver é realizar aquilo que se é, no melhor e mais autêntico sentido possível.

Assim, os resultados indicam que o diálogo entre Aristóteles e Meneghetti não apenas é possível, como também revela-se teoricamente e cientificamente enriquecedor. A visão clássica oferece uma base sólida para compreender a estrutura da vida, enquanto a Ontopsicologia amplia essa discussão ao integrar a singularidade, a história pessoal e a experiência concreta do indivíduo. Essa interlocução contribui para o fortalecimento da Ontopsicologia como ciência e abre novas possibilidades de compreensão do princípio vital, articulando a tradição filosófica com as investigações científicas atuais.

5 Considerações Finais

O presente ensaio buscou analisar o princípio vital a partir das perspectivas de Aristóteles e de Meneghetti, destacando os pontos de convergência e divergência entre os

dois pensadores. Observou-se que, enquanto Aristóteles aborda a alma como princípio vital universal e funcional a todos os seres vivos, Meneghetti concentra-se no Em Si ôntico, enfatizando a dimensão humana como núcleo essencial de orientação para a realização pessoal e a construção da identidade. A análise evidenciou que ambos tratam da vida como realização, porém com enfoques distintos: Aristóteles de maneira voltada à ordem natural, Meneghetti com aplicação prática e interligada à identidade.

Ao retomar os principais argumentos apresentados, torna-se claro que a compreensão do princípio vital no contexto da Ontopsicologia oferece um olhar diferenciado sobre o desenvolvimento humano, ligando conceitos clássicos à ciência ontopsicológica. A abordagem de Meneghetti, em especial, reforça a importância de se reconhecer a potencialidade essencial do indivíduo e de estimular seu processo de autoconhecimento e expansão de si mesmo.

Para desdobramentos futuros, sugere-se a comparação do princípio vital com outros autores e correntes filosóficas ou científicas que abordem a vida e o desenvolvimento humano, possibilitando uma análise crítica e interdisciplinar. Além disso, pode-se explorar outras obras de Aristóteles sob a ótica ontopsicológica, ampliando o diálogo entre tradição filosófica e práticas científicas de compreensão do ser humano.

Referências

ARISTÓTELES. **Da alma**: De anima. 1. ed. 2. reimpr. Bauru: Edipro, 2021.

LAKS, André. **Introdução à filosofia pré-socrática**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2013.

MENEGHETTI, Antonio. **Da consciência ao ser: como impostar a filosofia do futuro.** Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia.** 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

PLATÃO. **Fédon.** Coimbra: Livraria Minerva, 1988.

ENTRE A PSIQUIATRIA E A PARAPSIKOLOGIA. TESTEMUNHO EXPERIMENTAL DE VON SCHRENCK-NOTZING, BLEULER E JUNG NAS SESSÕES DE RUDI SCHNEIDER

Tommy Akira Goto¹

Resumo: O presente artigo traz uma introdução e uma tradução de Albert Freiherr von Schrenck-Notzing (1862–1929), médico bávaro e pioneiro da investigação psíquica, ocupa posição central na passagem do “ocultismo científico” para a parapsicologia experimental no início do século XX. Formado pela Universidade de Munique, destacou-se por sua tese sobre hipnose (1888) e pela fundação, em 1886, da Sociedade Psicológica de Munique, espaço que reuniu importantes nomes da psicologia e da futura fenomenologia alemã. O seu trabalho sempre transitou entre o campo médico-psicológico e a pesquisa dos chamados fenômenos anímicos, defendendo a necessidade de controles rigorosos mesmo diante de manifestações consideradas marginais pela ciência da época. Embora compartilhasse com Freud o interesse inicial pela hipnose, tomou rumo distinto ao investigar de modo sistemático as ocorrências mediúnicas. Nesse contexto, tornou-se figura-chave no debate entre explicações espiritualistas e animistas, mantendo postura conciliadora, mas amparada por rigor experimental. Entre suas pesquisas mais notáveis está o estudo com os médiuns Willy e Rudi Schneider. Com este último, entre 1924 e 1929, conduziu oitenta e oito sessões documentando telecinesias, levitações e as chamadas “pseudopodias”. Apesar das suspeitas de fraude comuns ao período, Schrenck-Notzing considerou autêntica parte significativa dos fenômenos registrados. Após sua morte, seus manuscritos foram organizados por Gabriele von Schrenck-Notzing com apoio da fenomenóloga Gerda Walther, resultando na obra *Die Phänomene des Mediums Rudi Schneider* (1933). O volume destaca-se pelas sessões de 1925 em Zurich, às quais assistiram Eugen Bleuler e Carl Gustav Jung, que acompanharam de perto os controles experimentais. A presença desses dois expoentes legitima a relevância histórica da investigação e evidencia um momento singular em que psicologia, psiquiatria e parapsicologia dialogaram na tentativa comum de compreender experiências-limite da vida psíquica.

Palavras-chave: história da psicologia e psiquiatria; Telepatia; Psicopatologia.

Between Psychiatry and Parapsychology: An Experimental Testimony of Von Schrenck-Notzing, Bleuler, and Jung in Rudi Schneider's Sessions

Abstract: This article provides an introduction and translation of Albert Freiherr von Schrenck-Notzing (1862–1929), a Bavarian physician and pioneer of psychic research, who occupies a central position in the transition from "scientific occultism" to experimental parapsychology in the early 20th century. A graduate of the University of Munich, he distinguished himself with his thesis on hypnosis (1888) and the founding, in 1886, of the Munich Psychological Society, a space that brought together important figures in psychology and the future German phenomenology. His work always moved between the medical-psychological field and the research of so-called psychic phenomena, defending the need for rigorous controls even in the face of manifestations considered marginal by the science of the time. Although he shared Freud's initial interest in hypnosis, he took a different path by systematically investigating mediumistic occurrences. In this context, he became a key figure in the debate between spiritualist and animistic explanations, maintaining a conciliatory stance, but supported by experimental rigor. Among his most notable research is his study of the mediums Willy and Rudi Schneider. With the latter, between 1924 and 1929, he conducted eighty-eight sessions documenting telekinesis, levitation, and so-called "pseudopodia." Despite suspicions of fraud common at the time, Schrenck-Notzing considered a significant portion of the recorded phenomena authentic. After his death, his manuscripts were organized by Gabriele von Schrenck-Notzing with the support of the phenomenologist Gerda Walther, resulting in the work **Die Phänomene des Mediums Rudi Schneider** (1933). The volume stands out for its accounts of the 1925 sessions in Zurich, which were attended by Eugen Bleuler and Carl Gustav Jung, who closely monitored the experimental controls. The presence of these two leading figures

¹ Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Professor na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: tommy@ufu.br

legitimizes the historical relevance of the investigation and highlights a unique moment in which psychology, psychiatry, and parapsychology engaged in dialogue in a common attempt to understand the extreme experiences of psychic life.

Keywords: history of psychology and psychiatry; Telepathy; Psychopathology.

Entre psiquiatria y parapsicología: un testimonio experimental de Von Schrenck-Notzing, Bleuler y Jung en las sesiones de Rudi Schneider

Resumen: Este artículo ofrece una introducción y traducción de Albert Freiherr von Schrenck-Notzing (1862-1929), médico bávaro y pionero de la investigación psíquica, quien ocupó un lugar central en la transición del ocultismo científico a la parapsicología experimental a principios del siglo XX. Graduado de la Universidad de Múnich, se distinguió con su tesis sobre la hipnosis (1888) y la fundación, en 1886, de la Sociedad Psicológica de Múnich, un espacio que reunió a importantes figuras de la psicología y de la futura fenomenología alemana. Su trabajo siempre se movió entre el ámbito médico-psicológico y la investigación de los llamados fenómenos psíquicos, defendiendo la necesidad de controles rigurosos incluso ante manifestaciones consideradas marginales por la ciencia de la época. Si bien compartía el interés inicial de Freud por la hipnosis, tomó un camino diferente al investigar sistemáticamente los fenómenos mediúnicos. En este contexto, se convirtió en una figura clave en el debate entre las explicaciones espiritistas y animistas, manteniendo una postura conciliadora, pero sustentada en el rigor experimental. Entre sus investigaciones más destacadas se encuentra su estudio de los médiums Willy y Rudi Schneider. Con este último, entre 1924 y 1929, dirigió ochenta y ocho sesiones que documentaron la telequinesis, la levitación y los llamados "pseudópodos". A pesar de las sospechas de fraude, comunes en la época, Schrenck-Notzing consideró auténtica una parte significativa de los fenómenos registrados. Tras su muerte, sus manuscritos fueron organizados por Gabriele von Schrenck-Notzing con el apoyo de la fenomenóloga Gerda Walther, dando lugar a la obra **Die Phänomene des Mediums Rudi Schneider** (1933). El volumen destaca por sus relatos de las sesiones de 1925 en Zúrich, a las que asistieron Eugen Bleuler y Carl Gustav Jung, quienes supervisaron de cerca los controles experimentales. La presencia de estas dos figuras destacadas legitima la relevancia histórica de la investigación y resalta un momento único en el que la psicología, la psiquiatria y la parapsicología dialogaron en un intento común por comprender las experiencias extremas de la vida psíquica.

Palabras clave: historia de la psicología y la psiquiatria; Telepatía; Psicopatología.

1 Introdução

Albert Freiherr Schrenck-Notzing (1862–1929), barão von Schrenck-Notzing, médico e pesquisador bávaro, se destacou como uma das figuras centrais na transição do “ocultismo” para a “parapsicologia científica” no final do século XIX e início do XX. Formado em medicina pela Universidade de Munique, onde defendeu em 1888 uma tese pioneira sobre o uso terapêutico da hipnose, desenvolveu intensa carreira clínica e investigativa, aliando rigor experimental a interesses filosófico-psicológicos (Walther, 1966).

Desde cedo interessado pela sugestão, pelo sonambulismo e pelos fenômenos anímico-espirituais, aproximou-se do filósofo Carl du Prel e de círculos intelectuais munidos de sensibilidade para o estudo do inconsciente

e dos estados alterados da consciência. Assim, fundou em 1886 a “Sociedade Psicológica de Munique”, que se tornaria um espaço relevante para a psicologia e a nascente Fenomenologia na Alemanha, reunindo nomes como Theodor Lipps, Max Scheler e Moritz Geiger. Nessa sociedade, promoveu debates e experiências envolvendo hipnose, telecinesia, materializações e outros fenômenos psíquicos. A sua obra, contudo, oscilou entre o campo médico-psicológico e o território, então marginal, das ciências ocultas (Walther, 1966).

Nesse mesmo contexto, cruzou caminhos com Sigmund Freud, ambos discípulos das práticas hipnóticas francesas, embora tenham seguido rumos distintos. Freud rumo à Psicanálise e Schrenck-Notzing à Parapsicologia. A sua atuação o colocou no centro de polêmicas entre “espiritualistas”, que viam nos fenômenos a ação de espíritos, e

“animistas”, que os explicavam como expressão do inconsciente individual ou coletivo. Como comenta Walther (1960) Schrenck-Notzing manteve postura conciliadora, valorizando tanto as hipóteses espirituais quanto as psicológicas, mas sempre sublinhando a necessidade de investigações empíricas rigorosas.

É notório citar, dentre suas diversas pesquisas, que von Schrenck-Notzing manteve uma relação estreita de pesquisa com “Rudi Schneider”, considerado um dos médiuns mais notáveis do período. Inicialmente, Schrenck-Notzing havia trabalhado com o irmão mais velho de Rudi, Willy Schneider, mas, a partir de 1922, passou a concentrar-se também em Rudi, que se mudou para Munique e colocou-se à disposição do pesquisador enquanto se formava como mecânico de automóveis. Os fenômenos registrados com Rudi foram análogos aos de Willy, embora mais marcados, sobretudo, por levitações, telecinesias e a aparição de membros materializados (que Schrenck denominava “pseudopodias”). Apesar das acusações de fraude que cercavam o ambiente mediúnic da época, Schrenck-Notzing e seus colaboradores consideraram autênticas muitas dessas manifestações (Walther, 1966).

Após sua morte em 1929, parte significativa do legado científico de Schrenck-Notzing foi publicada em três obras póstumas. Entre elas, destaca-se “Die Phänomene des Mediums Rudi Schneider” (1933), que reuniu protocolos detalhados, relatórios de sessões e comentários críticos. Esse livro, organizado por Gabriele von Schrenck-Notzing – esposa de von Schrenck-Notzing –, foi feito a partir dos manuscritos deixados por seu marido,

organizado e copilado pela filósofa fenomenóloga Gerda Walther (1960, 1966), que constitui um marco fundamental na história da Parapsicologia experimental. O volume citado reúne protocolos detalhados de oitenta e oito sessões realizadas entre 1924 e 1929 com o médium austríaco Rudi Schneider, cuidadosamente anotados e enriquecidos por comentários críticos, observações externas e testemunhos de participantes.

Um dos aspectos mais notáveis dessa obra é a documentação das sessões ocorridas em Zürich, em junho de 1925, nas quais estiveram presentes duas figuras centrais da psiquiatria e da psicopatologia modernas: Eugen Bleuler (1857-1939), professor de psiquiatria da Universidade de Zürich, e Carl Gustav Jung (1875-1964), então *Privatdozent* na mesma instituição. Os registros aqui traduzidos indicam que ambos acompanharam de perto as medidas de controle rigoroso aplicadas às experiências, como a revista prévia do médium, a troca de roupas sob supervisão direta e o uso de faixas luminosas nos membros para impedir qualquer manipulação oculta.

A tradução e análise dessa sessão, em especial, têm um valor singular por dois motivos principais. Em primeiro lugar, porque evidenciam a abertura crítica de Bleuler e Jung ao fenômeno parapsicológico, em um momento em que tais temas eram geralmente rejeitados pelo meio acadêmico. Bleuler, que já havia se posicionado em favor da seriedade da investigação metapsíquica, aparece aqui não como teórico distante, mas como observador direto, empenhado em verificar a autenticidade das ocorrências. Jung, por sua vez, ao participar dessas sessões, testemunhou experiências que se aproximam de sua futura

concepção do inconsciente coletivo e de sua reflexão sobre os fenômenos da sincronicidade.

Em segundo lugar, porque a presença desses dois pesquisadores de renome científico legitima o esforço de Schrenck-Notzing em integrar a investigação dos fenômenos parapsicológicos ao campo mais amplo da psicologia e da psiquiatria. Ao traduzir esses protocolos, não apenas se preserva o registro histórico de experiências-limite, mas também se torna possível reconstituir o diálogo entre a Parapsicologia experimental e o nascente campo da Psicologia profunda.

Por fim, a obra de Schrenck-Notzing não deve ser lida apenas como testemunho de um interesse científico marginal, mas como documento essencial para compreender a interseção entre psiquiatria, psicologia e parapsicologia. A tradução da *Prefácio* (escrita por Bleuler) e das sessões assistidas por Bleuler e Jung revelam, em última instância, como os limites da ciência se mostraram permeáveis à investigação de experiências que, mesmo à margem, contribuíram para ampliar a compreensão da vida psíquica e de suas dimensões ocultas.

Referências

VON SCHRENCK-NOTZING, A. F. **Problemas Básicos de la Parapsicología**. Buenos Aires: Troquel, 1966.

WALTHER, G. **Zum anderen Ufer: Vom Marxismus und Atheismus zum Christentum**. Remagen, Otto Reichl, 1960.

WALTHER, G. Doctor en medicina Barón Albert de Schrenck-Notzing, su vida y su obra. In: von Schrenck-Notzing, A.F. **Problemas Básicos de la Parapsicología**. Buenos Aires: Troquel, 1966.

PREFÁCIO ²

Eugen Bleuer

[III] Rudi Schneider é, provavelmente, o mais célebre médium físico da atualidade — não porque tenha produzido fenômenos que outros já não tivessem igualmente mostrado, mas, porque possui paciência e interesse suficientes para se adaptar, na medida do possível, às exigências da investigação científica, de modo que, por fim, os requisitos mais rigorosos não apenas dos céticos, mas também dos incrédulos, puderam ser satisfeitos. Isso só foi possível porque ele encontrou em Dr. von Schrenck-Notzing um cientista que, mediante uma busca constante e cautelosa, acabou por abrir caminhos que permitiram, de um lado, não afastar o médium e nem torná-lo arisco e, de outro, assegurar o máximo possível de segurança contra qualquer “fraude”, consciente ou inconsciente. Assim, Harry Price — provavelmente um dos mais competentes conhecedores de truques ilusionistas — pôde afirmar, com base em suas investigações sobre Rudi no *National Laboratory for Psychical Research*, em Londres, que nenhum médium até então havia sido examinado com medidas de precaução tão rigorosas. Não apenas o médium, como já ocorria nas experiências de von Schrenck, mas todos os participantes foram submetidos a controle elétrico; e mesmo sob tais condições, Rudi não forneceu o menor indício que pudesse sequer sugerir uma suspeita de fraude.

Nos últimos tempos, graças ao aperfeiçoamento das medidas de segurança,

segundo o espírito científico de von Schrenck e ao auxílio de controles físicos engenhosamente concebidos, novos indícios das capacidades telecinéticas de Rudi foram apresentados por Harry Price, em Londres, e por Osty, em Paris. O primeiro conseguiu fotografar telecinesias no momento crítico, excluindo assim, de modo objetivo, a presença de quaisquer “auxílios”. E Osty encontrou, nos invisíveis raios infravermelhos, um meio de detectar as forças telecinéticas em qualquer ponto do espaço para o qual elas fossem dirigidas pelas representações de Rudi, mesmo quando não produziam efeitos visíveis ou táteis. Essas “forças” telecinéticas possuem, com efeito, a propriedade de absorver raios infravermelhos — algo que pode ser verificado de modo relativamente simples por procedimentos físicos. O alcance dessa descoberta ultrapassa, ao que tudo indica, [IV] o âmbito da parapsicologia, estendendo-se ao ainda oculto funcionamento normal da vida e da psique.

Infelizmente, Dr. von Schrenck já não teve a oportunidade de realizar as provas decisivas — por ele mesmo exigidas — para convencer todos os céticos acerca da autenticidade dos fenômenos. A sua última sessão com Rudi Schneider ocorreu onze dias antes de sua morte súbita, causada por uma apendicite. Para o ano de 1929, o incansável pesquisador havia planejado um programa de trabalho particularmente vasto. Observações recentes lhe haviam despertado a esperança de conseguir educar o médium a “trabalhar” em plena luz, circunstância pela qual a questão da autenticidade ou inautenticidade receberia a solução mais evidente possível. Além disso, no laboratório primorosamente equipado do psicólogo Karl Krall, em *Harlaching*, próximo

² Prefácio do livro *Die Phänomene des Mediums Rudi Schneider de A. Freiherrn von Schrenck-Notzing*. Berlin/Leipzig: Verlag Walter de Gruyter, 1933 (p. III-V).

a Munique — falecido também pouco antes, de maneira igualmente inesperada —, ele já havia preparado tudo para realizar diversos experimentos fundamentais que deveriam esclarecer alguns pontos ainda não estabelecidos com a desejada segurança (como as relações entre materializações e telecinesias, entre outros). O controle deveria ser substancialmente aprimorado mediante o uso de um dispositivo semelhante ao empregado na música de ondas etéreas de *Theremin*. Pretendia-se também tentar fotografar no escuro, com o auxílio de radiações ultravioletas e de outros tipos.

O falecido von Schrenck conversara diversas vezes com físicos renomados — entre eles o conselheiro áulico Prof. Graetz, de Munique — sobre a possibilidade de realizar tal tipo de fotografia, solicitando-lhes auxílio na construção de um aparelho adequado a esse fim. Contudo, durante sua vida não se encontrou uma solução realmente satisfatória para esse problema. Pretendia-se ainda, por meio dos mais variados experimentos, aproximar-se da natureza das energias mediúnicas e, sobretudo, determinar se estas conduziam ou não corrente elétrica. Além disso, planejavam-se telecinesias em pequenos gabinetes miniaturizados, providos apenas de uma pequena abertura — ou mesmo nenhuma — para os quais o Sr. Krall já havia realizado, no verão de 1928, ensaios preliminares bastante promissores. Após a conclusão dessas novas investigações, v. Schrenck esperava poder publicar uma obra abrangente sobre Rudi Schneider.

Von Schrenck havia deixado prontas para impressão, em sua maior parte, as atas das 88 sessões realizadas com Rudi; sua esposa assume agora a tarefa de publicar uma seleção

delas, em parte sob a forma de excertos. Naturalmente, tais protocolos [V], apesar de todas as reduções, contêm muitas repetições; mas, quando se trata de estabelecer algo novo, apenas o exame de um material o mais amplo e variado possível oferece alguma garantia quanto à correção das interpretações daí extraídas. Quem desejar formar um juízo próprio sobre a natureza dos fenômenos que até agora se poderia denominar “ocultos” precisa percorrer minuciosamente cada detalhe. Contudo, mesmo aquele cujo interesse principal é apenas conhecer as opiniões de outros e os fatos que as fundamentam encontrará muito de interessante — não apenas nas atas propriamente ditas, mas especialmente nas observações sintéticas do autor acerca das diferentes sessões e em diversas declarações, aqui igualmente reproduzidas, de outros observadores. De todo modo, as investigações de von Schrenck aqui registradas constituem um marco na pesquisa sobre o oculto, a qual, graças sobretudo ao seu trabalho pioneiro, começa a inserir-se progressivamente no âmbito das ciências.

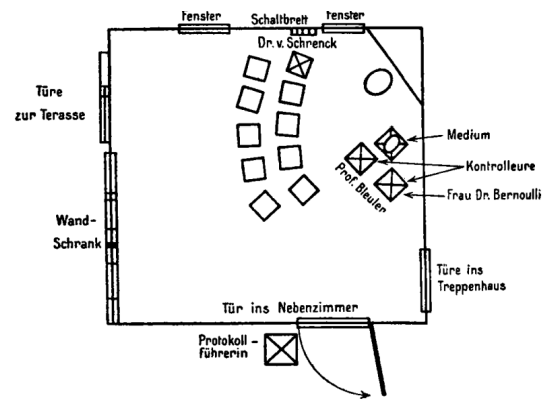
Zurique, Zollikon, em outubro de 1932.

**SESSÕES REALIZADAS NOS DIAS 20,
21, 22 E 23 DE JUNHO DE 1925 COM
RUDI SCHNEIDER, NA RESIDÊNCIA
DO LIVRE-DOCENTE DR. BERNOULLI
EM ZURIQUE³**

Observações introdutórias

[83] Como o Professor Bleuler, que precisou deixar Munique devido a um falecimento inesperado em 1º de junho, pôde participar em meu laboratório de apenas uma sessão com resultado positivo, achei-me levado, na segunda quinzena de junho, a viajar para Zurique com o médium e seu pai. O objetivo era realizar, [84] na residência de amigos em comum — os quais podiam disponibilizar os espaços necessários —, algumas sessões adicionais para o acadêmico suíço.

O local do experimento foi um quarto completamente esvaziado, localizado no primeiro andar. Um canto deste aposento (ver esquema) foi transformado em gabinete através da instalação de uma cortina. Na primeira sessão negativa de 20 de junho, esse espaço revelou-se demasiado pequeno, tendo sido ampliado consideravelmente para a sessão de 21 de junho, de modo que uma janela adjacente foi incorporada ao ambiente interno. Como medida extra de precaução, o médico-assistente Dr. Stähelin lacrou o fecho da janela com seu sinete.



A cortina era suspensa por roldanas numa barra metálica a 1,80 m de altura. A largura total das cortinas era de 2,10 m, e o diâmetro da profundidade, da quina do quarto à abertura da cortina, era de 1,20 m. Uma lâmpada de luz vermelha proveniente de Munique (equipada com roldana e reostato fixado na parede), com intensidade equivalente a 25 velas, pendia do teto, posicionada a 45 cm do centro da cortina. No cômodo anexo, cuja porta permanecia semiaberta, encontrava-se, sob luz vermelha, a laborantina de raios X, Elsy à Wengen, da Clínica Universitária de Ginecologia, atuando como secretária e registrando em ata o procedimento ditado pelo responsável pelo experimento.

Nas sessões dos dias 20 e 21 de junho de 1925, a troca de roupas do médium ocorreu em um quarto de hóspedes no mesmo andar, sob a supervisão do Professor Bleuler e do livre-docente Dr. Jung. Em ambas as noites, Rudi utilizava as mesmas meias, [85] botas de verniz com cadarço até o tornozelo, cueca curta, camisa listrada, além de um colarinho macio com gravata. O pijama, previamente inspecionado e de sua propriedade, era então vestido. Antebraços e pernas eram assegurados por tiras luminescentes em forma de anel.

Após entrar na sala de experimentos, Rudi se acomoda, como em Munique, do lado de fora da cortina, à esquerda da mesma, de modo que o encosto de sua cadeira fica

³ Capítulo do livro *Die Phänomene des Mediums Rudi Schneider* de A. Freiherrn von Schrenck-Notzing. Berlin/Leipzig: Verlag Walter de Gruyter, 1933 (p. 83-90).

aproximadamente 30 a 40 cm distante do canto mais externo do gabinete.

Ordem dos presentes:

De frente para o médium, em ambas as noites, está o Professor Bleuler; em ângulo reto em relação a ele, encontra-se a Sra. Dra. Bernoulli.

A pedido do responsável pelo experimento, há uma modificação no controle previamente praticado em Munique: o Professor Bleuler segura a perna direita de Rudi entre seus joelhos, enquanto a perna esquerda fica entre sua perna direita e os joelhos da controladora.

A seguir, temos os médicos-assistentes do sanatório psiquiátrico Burghölzli, Dr. Stähelin e Professor Maier; a Sra. Professora Bleuler (ausente em 20 de junho); Dr. Reichel (psiquiatra); Dr. Jung (livre-docente de psiquiatria); Dr. A. von Schrenck-Notzing (responsável pelo experimento, sentado junto ao reostato).

Na segunda fila: Dr. Bernoulli (livre-docente de história da arte), o pai de Schneider, Dr. Oberholzer (médico assistente do Burghölzli), o bibliotecário Sichler-Bern, Hans Reinhart (escritor, ausente em 20 de junho).

Disposição experimental:

Ambas as abas da cortina estavam, como no laboratório de Munique, marcadas por quatro tiras largas fosforescentes dispostas verticalmente, tornando-as visíveis na escuridão. A uma distância de 45 cm, havia, sob a lâmpada de luz vermelha, uma pequena mesa de fumo, sobre a qual foram colocados um sino, uma vara luminosa e um tamborim —

todos eles parcialmente recobertos com sulfato de cálcio.

Na primeira sessão, em 20 de junho, alguns presentes relataram ter sentido um sopro frio. Às 11h01, o professor Bleuler notou leves movimentos na cortina. Essa sessão teve início às 9h06 e terminou às 11h50, sendo, de resto, completamente negativa.

Aqui está a tradução detalhada, com ajuste para o público acadêmico, incluindo sugestões e explicações para trechos mais complexos:

[86] TRECHO DO REGISTRO DA SESSÃO DE 21 DE JUNHO DE 1925

Início da sessão: 8h44...

Após o segundo intervalo de 18 minutos:

10h47: Luz vermelha acesa.

10h48: Estado de transe, acompanhado de forte sacudida.

10h51: Primeiros movimentos da cortina.

11h02: No lugar do professor Bleuler, Dr. Oberholzer assume o controle. Bleuler passa a sentar-se ao lado do responsável pelo experimento.

11h34: A movimentação na cortina prossegue.

11h36: Os pés de Rudi estão... no chão, segundo relato dos supervisores, o controle permanece impecável. Subitamente, ambos os painéis da cortina se projetam para a frente, como se impulsionados, criando forte corrente de vento em direção à lâmpada, fazendo o sino ser arremessado da mesa.

11h37: Forte agitação das duas cortinas, as quais, conforme posterior inspeção, foram reunidas de ambos os lados de tal forma que as tiras brilhantes direcionadas para dentro não eram mais visíveis.

11h38: Um disco de papelão em forma de anjo, colocado sobre a mesa com a parte

luminosa voltada para baixo, é erguido e jogado ao chão de modo que a face luminosa fica voltada para cima. O tamborim sobre a mesa soa, ergue-se e voa em direção ao grupo de espectadores.

11h40: Nova movimentação intensa das cortinas, reconhecida pelo ruído dos anéis.

11h41: O bastão de 63 cm (fortemente luminoso) é mantido pelo professor Bleuler contra a cortina. Apesar de sua resistência, o bastão é arrancado de sua mão, movimentado vigorosamente para cima e para baixo e lançado ao chão. Uma vara luminosa atinge a cabeça da Sra. Bernoulli.

11h42: A mesa tomba e é recolocada no lugar pelo supervisor.

11h44: O sino recém-posicionado na mesa ergue-se, toca e também é lançado ao grupo de espectadores. Dr. Jung e Dr. Reichel relatam ter visto uma mão pegando o sino. Nova queda e reposicionamento da mesa.

11h45: O anjo de papelão, colocado com a face luminosa para baixo, ergue-se alto no ar, mostrando a parte iluminada aos participantes, e executa movimentos dançantes ao compasso da música do gramofone. A figura afasta-se consideravelmente da cortina (aproximadamente até 1,50 m) e cai no chão.

11h51: Dr. Oberholzer relata ter sido tocado no joelho esquerdo a partir da cortina. Batidas fortes na mesa.

11h53: A pedido de "Olga", o gramofone é colocado sobre a mesa de experimentos, com a tampa da caixa aberta e a alavanca voltada para o médium. A mesa é movida em direção ao médium por influência telecinética. O aparelho está pronto para uso, com um disco (polca-mazurca) no qual as madeirinhas do xilofone definem o ritmo. A agulha é posicionada no disco, mas é necessário acionar

uma alavanca para iniciar o mecanismo. Uma tira luminosa é posicionada sobre o aparelho.

11h55: Participantes sentados do lado do médium avistam um órgão escuro, semelhante a um membro, manipulando o gramofone. Subitamente, a música toca — variando entre alto e baixo conforme solicitações —, para, reinicia mediante comandos dos participantes, e então cessa antes de recomeçar. [87] Nota-se agora outra música, reconhecível pelo motivo do xilofone, ausente no número anterior. Conclui-se que o disco foi virado (o que exige levantar a cápsula com a agulha, parar o disco com a alavanca, girá-lo, recolocar a agulha e acionar a alavanca novamente).

Enquanto isso, outra tira luminosa ressurgue na cortina, movendo-se ritmicamente ao som da música. A cortina se infla fortemente, as portas do gramofone são abertas e fechadas. O funcionamento do aparelho segue comandos para tocar alto/baixo ou parar/retomar.

11h58: Dr. Bernoulli entra no campo de ação e, ao retirar o gramofone, é violentamente empurrado como que por um membro invisível.

12h00: Um disco de papelão luminoso é mantido pelo professor Bleuler e pelo supervisor junto à cortina, com a parte iluminada voltada para os observadores. Várias batidas são sentidas na parte de trás do disco, e então, no bordo superior do lado iluminado, aparecem quatro pontas de dedos cobertas pelo tecido da cortina. Esse fenômeno só se concretiza após forte sugestão do supervisor. Ao toque, o disco é pressionado para baixo.

O fenômeno se repete no centro da borda superior do disco, mas os dedos já não estão

cobertos pela cortina. Por nova sugestão enfática:

12h05: Uma mão surge de cima do disco luminoso, com os dedos bem separados, visíveis até a segunda articulação. Depois de alguns movimentos de tamborilar, e após permanecer visível por vários segundos, a mão desaparece. O supervisor, observando de proximidade extrema, atestou serem dedos plásticos, cor de carne, com unhas e tamanho similar aos de uma jovem, enquanto nas primeiras manifestações os dedos lembravam mais mãos masculinas.

12h06: Dr. Oberholzer relata ter sido atingido por um membro em formato de punho, embora segurasse firme ambas as mãos do médium.

12h21: O médium desperta com o habitual sobressalto, mas só recobra plena consciência às 12h25.

Após o restabelecimento da luz branca, mede-se a distância entre o médium e o local dos fenômenos: 1,20 m. A aba da cortina do lado do médium foi deslocada 80 cm em direção ao centro, e a outra, 60 cm.

12h30: Fim da sessão.

Verificação posterior do médium: resultado negativo.

SESSÃO DE 22 DE JUNHO DE 1925: NEGATIVA.

SESSÃO DE 23 DE JUNHO DE 1925

A disposição geral do experimento foi a mesma dos dias anteriores; no entanto, hoje os anéis mais externos das duas cortinas estavam presos à parede para impedir que cobrissem as tiras luminosas. Rudi trocou de roupa no cômodo ao lado, sob a supervisão dos professores Maier e Clairmont. O traje para a

sessão permaneceu [88] o habitual; anéis luminosos foram colocados em mãos e pés. O controle ficou a cargo do Professor Bleuler, sentado em frente ao médium, e da Sra. Professora Bleuler, posicionada em ângulo reto em relação ao mesmo.

Disposição dos participantes:

Primeira fila a partir do médium: Sra. Dr. Bernoulli, Sr. Reinhart, Sra. Professora Clairmont, Professor-assistente Maier, Professor Clairmont, Dr. Reichel, Dr. v. Schrenck-Notzing.

Segunda fila: Dr. Bernoulli, Dr. Stähelin, pai Schneider, Dr. Oberholzer.

A pedido de "Olga", não foi colocada uma mesa à frente da cortina nesta sessão, e a lâmpada foi pendurada um pouco mais baixa. A distância entre o médium e a lâmpada era de 1,15 m; do vão da cortina até o ombro de Rudi, 1,20 m.

8h49: Início da sessão...

Após o segundo intervalo de 16 minutos:

10h19: Luz vermelha acesa.

10h22: Início do estado de transe, conforme o habitual. A iluminação vermelha foi aumentada um pouco, por solicitação. Neste momento, o controle passa para o Dr. Oberholzer, substituindo o Professor Bleuler, que se senta ao lado do responsável pelo experimento.

10h55: Após aproximadamente 25 minutos de aumento dos movimentos das tiras luminosas na cortina, as cortinas se projetam até tocar a lâmpada, que estava alguns centímetros mais baixa (aprox. 45 cm).

11h09: As oscilações nas cortinas tornam-se mais intensas.

11h08: A Sra. Professora Clairmont e o Dr. Bernoulli percebem uma corrente de ar frio.

11h22: As cortinas apresentam inflamentos bruscos, repetindo-se como se fossem provocados de dentro da cortina.

11h25: Os inflamentos se acentuam ainda mais.

Aparentemente, a potência psíquica pretendia, ao retirar a mesa, criar espaço para algum fenômeno especial, possivelmente uma materialização, para a qual, contudo, a habilidade mediúnica naquele momento não foi suficiente. O responsável pelo experimento temia que, após duas horas e meia de espera infrutífera, as forças de Rudi se esgotassem em tentativas vãs de alcançar o objetivo desejado. Acrescente-se que, até então, a personalidade em transe se mostrava teimosa e rejeitava persistentemente todas as sugestões possíveis, insistindo em seus próprios propósitos.

Considerando isso, o Dr. von Schrenck sugeriu que o Professor Clairmont segurasse a prancheta direcionada à abertura da cortina, para que esta lhe fosse retirada das mãos.

11h26: A prancheta, segurada por Clairmont conforme descrito, é retirada de suas mãos, mantida por um momento em posição diagonal como que por um membro coberto pela cortina, e então arremessada ao chão. Esse fenômeno pôde ser observado com clareza, pois a tira luminosa larga da cortina e a tira luminosa igualmente comprida, de 63 cm, da prancheta formavam, para cima, um ângulo luminoso obtuso.

11h28: A lâmpada é puxada contra a cortina, aparentemente por um membro (alguns disseram ter visto uma mão), e colocada em movimento de rotação.

[89] 11h32: Uma mesa é posicionada sob a lâmpada e, sobre ela, o Professor Bleuler coloca um lenço previamente inspecionado (sem nós), de modo que estava bem visível sob a luz vermelha da lâmpada, que agora pendia mais baixo.

11h39: De repente, o lenço desaparece diante de nossos olhos, enquanto a cortina se move fortemente para frente.

11h42: O lenço reaparece sobre a mesa, e é tirado de lá pelo Professor Bleuler. Agora, apresenta um nó.

11h44: O sino colocado sobre a mesa pelo responsável pelo experimento é apanhado, se eleva vagarosamente, movimenta-se visivelmente pelo ambiente, toca e finalmente voa sobre os espectadores até o chão.

11h45: A lâmpada pendente volta a se mover. As tiras luminosas nas cortinas tornam-se invisíveis.

11h46: A mesa é derrubada.

11h47: Considerando a partida antecipada do médium na manhã seguinte, recomenda-se o encerramento da sessão.

12h02: O médium desperta. Luz branca acesa.

Agora observa-se que ambas as cortinas foram lançadas sobre a barra superior, de forma que a parte que mais se aproximava do chão encontrava-se 1,25 m acima do solo. Isso explica o desaparecimento das tiras luminosas. A distância entre o campo de ação e o ombro do médium é de 1,10 m. Dr. Stähelin verifica que o lacre da janela permanece intacto. A verificação posterior do médium não revela nenhuma irregularidade.

Considerações finais do responsável pelo experimento:

Os objetivos associados à realização de uma demonstração no exterior, em ambiente diferente e na presença, em sua maioria, de personalidades desconhecidas do médium, foram alcançados, uma vez que, das quatro sessões, duas foram positivas, sendo a primeira delas a que apresentou os fenômenos mais intensos. De todo modo, parece cientificamente relevante que, pela primeira vez na Suíça, tenha sido possível apresentar a notórios acadêmicos do país fenômenos telecinéticos, sob condições experimentais confiáveis, ainda que tais fenômenos eventualmente se apresentem em sua forma incompleta.

Ao avaliar o desempenho de Rudi, é preciso considerar que esse médium não se encontra, há vários meses, em sua melhor forma, não apresentando mais o desempenho máximo que exibia no ano anterior. Tal fato parece ser devido, em grande medida, ao período de intenso crescimento por que passa o jovem de 16 anos, que chega a crescer cerca de um centímetro por mês.

Assim como ocorria em Munique, também em Zurique a longa espera pelo surgimento dos fenômenos foi sentida como desconfortável. No entanto, é questionável se é possível esperar grandes resultados de quatro sessões realizadas em dias consecutivos, [90] visto que a energia despendida pelo médium em uma única sessão é suficiente para provocar um esgotamento temporário, que deveria ser compensado com sono e repouso adequados.

Atribuiu-se também, como causa do insucesso, a influência inibidora de alguns participantes, especialmente daqueles de postura cética, já que nada se sabe sobre o real processo de manifestação desses fenômenos.

Certamente, as impressões que o médium tem acerca de determinados participantes — independentemente de sua exatidão —, bem como suas simpatias e antipatias, desempenham papel importante e podem inclusive bloquear o processo de desenvolvimento psíquico. Contudo, acredito que esse fator limitador possa ser superado se o médium tiver oportunidade de travar maior contato com tais pessoas, sendo que a intervenção sugestiva da equipe do experimento pode também exercer efeito positivo sobre seu raciocínio. Por isso, em nenhuma hipótese é correto atribuir o insucesso de determinadas sessões a supostas influências negativas de alguns participantes, baseando-se apenas em suposições vagas. Afinal, mesmo em grupos nos quais o médium sente plena familiaridade, pode ocorrer fracasso absoluto.

Compreensivelmente, à medida que as condições experimentais se tornam mais rigorosas, os fenômenos manifestam-se de forma mais atenuada, sem, no entanto, desaparecer completamente. Assim, é compreensível que o médium procure, em períodos de menor desempenho, facilitar ao máximo as tarefas a serem realizadas, por exemplo, diminuindo a intensidade da luz vermelha e a utilização das tiras luminosas. Isso também explica o fato, constatado nas duas sessões positivas de Zurique, de que as tiras luminosas, aparentemente incômodas ao médium, tenham sido temporariamente inutilizadas — o que se deveu à natureza provisória da construção do gabinete experimental em Zurique, ao contrário do gabinete fixo do laboratório em Munique.

A personalidade em transe do médium, "Olga", muitas vezes tem a pretensão de

realizar feitos para os quais, em cada situação específica, as forças disponíveis não se mostram suficientes. Foi o que se verificou, como consta deste relatório, em 23 de junho do corrente ano. Caso se tivesse seguido apenas as vontades de "Olga", a sessão teria sido negativa. O papel da equipe dirigente, portanto, é exercer influência educativa e sugestiva sobre o médium em estado de autohipnose, [91] dialogando com a inteligência ativa neste estado. É importante destacar este ponto, pois tal influência evidentemente não ocorre na casa dos pais, em Braunau, onde uma fé cega em espíritos vê em "Olga" um ser superior, cuja vontade deveria ser acatada. Essa oposição de visões dificulta sobremaneira a formação de um médium enquanto instrumento de pesquisa cientificamente válido, como também se observou em outros casos.

Assim, permanece como ideal da pesquisa que os objetos de estudo — ainda que tenham sido desenvolvidos por meio da hipótese de trabalho espírita, demonstrada como eficaz — sejam colocados à livre disposição daqueles estudiosos que assumem como objetivo investigar a problemática parafísica.

Dos acadêmicos participantes dessas sessões, manifestaram-se da seguinte forma:

Dr. med. Oberholzer: "... exerci o controle por mais de uma hora; mantive contato constante com as mãos e os pés do médium, não consigo conceber de que forma o médium poderia ter libertado algum membro ou manipulado algum instrumento."

Dr. A. Reichel: "Nas sessões de 21 e 23 de junho, sob condições experimentais rigorosamente controladas do ponto de vista científico, testemunhei tanto fenômenos

telecinéticos autênticos quanto fenômenos de materialização genuínos."

(Nota do editor: A posição favorável do Professor Bleuler em relação à pesquisa parapsicológica em geral, bem como aos experimentos do Dr. v. Schrenck-Notzing em particular, é tão conhecida que se torna desnecessário detalhá-la aqui).